

ensaios 112

**OUTRA FACE DO
FEMINISMO:
MARIA LACERDA
DE MOURA**

ea
editora ática

01.412
1929L
2.5

Capa (layout):
Ary Almeida Normanha
Coordenação de Arte:
Antônio do Amaral Rocha
Produção Gráfica:
Elaine Regina de Oliveira
Preparação dos Originais:
Sueli Campopiano

CONSELHO EDITORIAL

- ALFREDO BOSI, *da Universidade de São Paulo.*
 AZIS SIMÃO, *da Universidade de São Paulo.*
 FLÁVIO VESPASIANO DI GIORGI, *da Pontifícia Universidade Católica.*
 HAQUIRA OSAKABE, *da Universidade de Campinas.*
 RODOLFO ILARI, *da Universidade de Campinas.*
 RUY GALVÃO DE ANDRADA COELHO, *da Universidade de São Paulo.*

83334920

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

L554o	Leite, Miriam Moreira.
	Outra face do feminismo : Maria Lacerda de Moura / Miriam Lifchitz Moreira Leite. — São Paulo : Ática, 1984. (Ensaio ; 112)
	Bibliografia.
	1. Feminismo — Brasil 2. Moura, Maria Lacerda de, 1887-1945 3. Mulheres — Brasil — Condições sociais I. Título.
	CDD—301.4120981 —923.781
84-2015	

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Feminismo : Sociologia 301.4120981
2. Brasil : Mulheres : Condições sociais : Sociologia 301.4120981
3. Brasil : Educadoras : Biografia 923.781

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
R. Barão de Iguape, 110 — Tel.: PABX 278-9322
C. Postal 8656 — End. Telegráfico "Bomlivro" — S. Paulo

POR QUE MARIA LACERDA DE MOURA?

Quando, durante 15 anos ininterruptos, dediquei-me ao estudo, e à prática da Pedagogia, Psicologia pedagógica e Higiene infantil, como professora em uma Escola Normal e diretora de um Pedagogium, ainda bem moça, nunca imaginei que fosse para sofrer agora, vindo por toda parte, em torno de mim, as crianças de hoje tão mal educadas... Naquele tempo, alimentei-me de todas as idéias pedagógicas contidas nos livros dos técnicos e filósofos chamados educadores, e repeti, como toda gente, as chapas e frases rotineiras e vulgares que toda gente continua a repetir como um éco, porque a humanidade tem horror à verdade e cultiva as ilusões e a mentira, com medo de ter necessidade de raciocinar. Muitas vezes em aula, repeti a frase bombástica de Locke, um dos filósofos educadores: "... a criança é uma página em branco, um bloco de cêra, na qual escrevemos ou no qual modelamos a imagem que quisermos".

Com que entusiasmo eu pensava que a gente, com uma penada, podia realizar a transformação radical do mundo: E que dolorosa experiência me aguardava, experiência cheia de riqueza, um tesouro de sabedoria, para que eu aprendesse a varrer do cérebro, todas as frases feitas e procurasse desaprender tudo quanto me ensinaram e fosse, por mim mesma, buscar e dizer corajosamente a verdade da minha consciência. Um tesouro que me caiu do céu, essa dolorosa experiência que me abriu os olhos para ver por mim mesma, deixando de lado os chamados mestres intelectuais, para me guiar pelo meu Mestre interior. Mas, no meio de todas essas cousas que a burguesia continua ensinando para tornar cada vez mais ignorante a humanidade... afirmo de que seja governada mais facilmente, através da imbecilidade e da estupidez das frases feitas, colhi algumas pedras preciosas, como por exemplo, a lição do silêncio de Montessori.

Si essa mulher notável como médica e como educadora, não tivesse na sua carreira brilhante de cientista até ao advento do fascismo, algo que a tornasse célebre, bastaria a lição do silêncio para a notabilizar. O que consegue ela, com crianças de 2 e 3 anos, nessa extraordinária manifestação do seu gênio e da sua intuição, prova apenas que não sabemos extrair as forças interiores, não sabemos fazer desabrochar-las dos pequeninos seres a nós confiados, porquanto o nosso comodismo solta-os para incomodar aos outros, nos hábitos ruidosos e nas gritarias com que se habitua a brincar violentamente, dispersando, adormecendo energias que são como tesouros ocultos, primorosos de frescura, no coração das crianças.

MOURA, Maria Lacerda de. *O silêncio*. Palestra realizada no Departamento Cultural da Fraternidade Rosa Cruz do Brasil, no dia 19 de julho de 1944. Rio de Janeiro.

Esta contribuição à história do feminismo no Brasil, através do pensamento/ação de Maria Lacerda de Moura, vem sendo realizada pelo levantamento de documentação oficial e pessoal, pela análise da imprensa em São Paulo, Rio de Janeiro e Barbacena e pela tomada de testemunhos de pessoas que conviveram com Maria Lacerda, constituíram seu público ou foram suas adversárias.

O acervo documental, que inclui a obra impressa e a produção jornalística, apontamentos, cartas e registros pessoais, referências impressas e depoimentos escritos, impressos, gravados e captados, encontra-se organizado, a fim de ser microfilmado, no Setor de Documentação do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Uma relação desse acervo consta dos anexos, no final do trabalho. Completa o acervo documental um acervo fotográfico, de reproduções de retratos cedidos pela família e amigos e reproduzidos do jornal O Combate (SP).

O trabalho de recuperação da vida e da obra e do contexto histórico a que aderiu e reagiu realizou-se pela análise do discurso de seus escritos, e pelos inter-relacionamentos de seu pensamento/ação como expressões de modalidades e dinamismo de rebeldia.

O grau de contradições, em todos os níveis da análise, constituiu o elemento básico de atração entre objeto e sujeito da pesquisa. A surpresa e a dificuldade de enquadrar Maria Lacerda entre as coordenadas sociais, políticas e históricas previamente conhecidas constituíram condições constantes deste trabalho, que provavelmente não poderia chegar a conclusões. A identificação entre autora e personagem só existiu na medida em que procurei me aproximar o bastante para entender e ligar variáveis inicial e aparentemente inconciliáveis. Essa aproximação me permitiu repensar a condição feminina, que é também a minha, e me revelou aspectos imprevistos de organização e desorganização social dela decorrentes, em termos individuais e coletivos. Os próprios contrastes entre meus quadros de referência e os parâmetros históricos, sociais e psicológicos revelados na pesquisa constituíram uma fonte constante de renovação de interesse e de acautelamento para o pouco que se sabe, habitualmente, a respeito de tantas camadas da população.

Freqüentemente o trabalho revela bifurcações em seu eixo principal. O processo de recuperação das lutas de Maria Lacerda com o contexto social e político em que viveu passa por mediações de tradição oral, de preconceitos sociais e religiosos, de hierarquização de saber e poder mal reconhecidos, de história do cotidiano e da mulher, e de mitificação da ciência ou da política partidária.

Essas mediações desviam a atenção do eixo em discussão. Os mecanismos de comunicação de crenças, culpas, normas e representações, nas famílias e comunidades, que se revelaram nos depoimentos e na correspondência contêm uma riqueza de conteúdo que mereceria análise mais detida.

Diversas vezes, essas camadas de saber romperam a apresentação cronológica de acontecimentos para enriquecê-la de aspectos fragmentários e dinâmicos de condições expressivas, que, acredito, lhes aumenta a inteligibilidade.

A formulação engenhosa da história dos vencedores não tem condições de reproduzir a dos esquecidos. A história destes, quando chega a ser tentada, só pode ser feita por superposições circulares do passado ao presente. O processo histórico de que participaram os depoentes constituiu a base de sua exposição, e o que transmitiram foram citações em sua realidade atual.

Ao me deter, no decorrer do trabalho, nos depoimentos e nas avaliações dos depoentes, ainda que nem sempre deixe explícito, procurei captar os universos a que Maria Lacerda de Moura aderiu ou reagiu e de que, em 1982, ainda restam ressonâncias.

*

Ao refletir e apresentar os problemas da condição feminina, ligados à luta contra o autoritarismo, na educação e na política, Maria Lacerda exprimiu, de 1919 a 1935, o pensamento e as aspirações de uma camada da população brasileira. O estudo de sua vida e de sua trajetória intelectual, por serem estas expressivas de tendências e aspirações difundidas até os dias de hoje, revela uma visão crítica dos universos de que participou e fornece perspectivas da história e do ideário de seu tempo, que foram, em parte, silenciadas pela história dos vencedores.

Com base em sua obra de jornalista e conferencista e, complementarmente, nos depoimentos informais de contemporâneos e leitores, foi possível delinear o perfil de alguém que refletiu sobre os diversos aspectos da condição feminina e tentou vivê-la de maneira consciente e declarada, com posições que a muitos parecem ter surgido apenas após os movimentos feministas da década de 60.

Embora se tenha procurado recompor a biografia de Maria Lacerda de Moura de 1887 a 1945, e seja possível afirmar que, entre 1919 e 1935, podia ser lida em uma variedade de periódicos e ouvida em lugares como Juiz de Fora, Santos, Sorocaba, Barbacena, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Rosário, este

estudo acaba se apoiando tanto nas idéias que expôs quanto nas versões polêmicas que deixou em cada um de seus contemporâneos.

Como foi preciso descobrir ou corrigir, um a um, os dados sobre a obra da autora, a repercussão que teve e em que núcleos da população, supõe-se que outras autoras, mais ou menos atuantes, possam ter existido e exercido atuação equivalente, articulando a luta contra o autoritarismo à esfera da família, da religião e do Estado, para chegar ao antifascismo e ao pacifismo. Se, por um lado, essa situação de ignorância simplifica a tarefa de lidar com Maria Lacerda de Moura, prejudica, de outro, uma perspectiva de análise em que ela seria vista em função de outras profissionais e intelectuais das primeiras décadas do século XX, o que só é feito de relance no capítulo "Fases do feminismo".

Este trabalho não pretende seguir a linha apologética dos autores do século XIX, que, ao entoar uma oração fúnebre, tinham o duplo propósito de perpetuar a memória e inculcar a virtude pelo exemplo do morto. Está longe também de julgar que conseguiu ter feito um levantamento completo. Alguns aspectos e momentos permaneceram desconhecidos ou obscuros e talvez outros estudos poderiam revelar imagens menos vacilantes e reflexos mais luminosos. Tentou-se estabelecer inter-relações sociais e históricas que os preconceitos do mundo atual e interesses econômicos e culturais admitem, sem omitir as contradições e perplexidades que provocaram.

Maria Lacerda de Moura nasceu em 1887, na fazenda Monte Alverne, em Manhuaçu, na então província de Minas Gerais. Aos 4 anos, em 1891, a família (pai, mãe, irmã e irmão) transferiu-se para a cidade de Barbacena, ainda em Minas, onde o pai conseguiu um cargo de oficial do Cartório de Órfãos, enquanto a mãe fazia doces. Sua escolarização iniciou-se no externato de freiras do Asilo de Órfãos da cidade. Aos 12 anos, Maria Lacerda matriculou-se na Escola Normal Municipal de Barbacena. Não teve filhos do casamento com um pequeno funcionário, Carlos Ferreira de Moura. Em 1912 adotou Jair, um sobrinho (V. Apêndice, tópico 1.2 Profissão de fé), e Carminda, uma órfã carente. Após o casamento, retomou a vida profissional de professora, em 1908, e de jornalista, em 1912, quando também passou a participar da Campanha Barbacense de Alfabetização e de obras de benemerência da cidade.

Em 1918, com o lançamento de *Em torno da educação* — crônicas e conferências realizadas em Barbacena — estabeleceu

contatos com jornalistas e escritores de Belo Horizonte, São Paulo, Santos e Rio de Janeiro que, após a publicação de *Renovação* (1919), a atrairão para fora da pequena cidade. As conferências que foi convidada a realizar em Juiz de Fora, Minas Gerais (1920), e Santos, São Paulo (1921), estabelecerão as pontes para a saída de Barbacena, em 1921 (V. *De Minas a São Paulo e Rio*).

A mudança para São Paulo, aos 34 anos, a inseriu nos movimentos associativos femininos, que se multiplicaram e diversificaram na década de 20. Sem abandonar o discurso espiritualista, a que anexara a formação técnica da Escola Normal e a orientação positivista de seus companheiros da Campanha de Alfabetização, em Barbacena, Maria Lacerda intensificou as convicções teosóficas, em contato com o poeta e pintor santista Ângelo Guido. Colaborador de *A Tribuna* (Santos), levou Maria Lacerda para um ciclo de conferências naquela cidade. Mais tarde colaboraria na revista *Renascença*, criada pela jornalista, nos cinco números publicados em São Paulo, em 1923. Encarregado da seção *Livros Novos*, era seu programador visual, sendo ainda o autor da capa da primeira edição de *Religião do amor e da beleza*, em 1926.

O período paulistano (1921-8) foi marcado pela Revolução de 1924, de Isidoro Dias Lopes, quando o sofrimento da população aturdida do bairro do Brás despertou as reflexões pacifistas de Maria Lacerda. A urbanização desigual da capital paulista e o distanciamento das classes sociais, para que foi ficando cada vez mais alertada, foram vividos e pensados em suas dificuldades cotidianas para se manter como professora particular e jornalista. Nas rupturas do sistema econômico e dos sistemas de poder público e privado da cidade industrializada é que parece ter se aberto o espaço para reflexões e práticas para a mulher das camadas médias, capaz de desempenhar outros papéis além dos tradicionais, de esposa e mãe.

A quantidade de associações femininas e feministas, que se multiplicaram na década de 20 (V. *Fases do feminismo*), de caráter filantrópico, político, sufragista ou profissional exprime uma situação nova, em que a mulher procurava novos caminhos para superar as condições tradicionais dentro da família, através do trabalho assalariado, acrescentado ao trabalho doméstico (V. *Focalização da condição feminina*), sob a orientação da Igreja e do Estado.

Maria Lacerda esteve ligada a algumas dessas associações, em Barbacena, Santos e São Paulo, e entrou em conflito com diversas outras, até concluir que as organizações femininas ou feministas não eram o caminho que procurava para uma vida mais justa

(1928) (V. *Faces do feminismo*). Sua participação e conflito com essas organizações não reduz o interesse, mas antes aprofunda a preocupação com o conhecimento e transformação da condição feminina no casamento, na família, no trabalho e diante da comunidade. Da participação e experiência com os diferentes movimentos associativos femininos, bem como de sua vivência em comunidades e cidades de composição e densidade diferentes reuniu material e refletiu sobre as diferentes condições e conseqüências de vida da mulher. As conferências, pronunciadas junto a uniões operárias de tendência anarquista e comunista, sindicatos profissionais, lojas maçônicas e fraternidades teosóficas, exprimiram o resultado de suas reflexões sobre a questão. O pioneirismo da sugestão da instituição de uma cadeira de história da mulher em escolas femininas indica, em 1922, quando fez os estatutos da Federação Internacional Feminina, a consciência da ignorância reinante a respeito da condição da mulher.

A mudança para Guararema (1928) (V. *Transmitir, transformar, transgredir*) reflete sua opção declarada final. Passou a viver numa chácara, próxima à cidadezinha que fica à margem do rio Paraíba, entre São Paulo e Rio de Janeiro. Afastava-se da opressão da vida urbana, em São Paulo, mantinha-se em contato com a natureza, as crianças e a população dos bairros rurais, numa fraternidade não-estruturada com outros idealistas e individualistas — objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, de origem francesa, espanhola e italiana.

Permaneceu em Guararema de 1928 a 1937. Foi o período de sua vida em que mais produziu e atuou, já em plena maturidade (41 a 50 anos). É de então a colaboração semanal no jornal *O Combate de São Paulo*, de onde estabeleceu a polêmica de maior repercussão com a imprensa fascista local (V. *Combates ao autoritarismo*); pronunciou as conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas; teve o encontro com Luiz Carlos Prestes, exilado em Buenos Aires; fez as conferências pacifistas e desencadeou a campanha antifascista em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba.

A repressão policial intensificada pelo governo de Getúlio Vargas em 1935 atingiu em cheio a comunidade de Guararema. Houve invasões de domicílio, apreensão e queima de livros, inquéritos, denúncias, prisões e deportações. Maria Lacerda manteve-se escondida na Freguesia da Escada durante meses e depois voltou a Barbacena, em 1937, para tentar recomeçar uma vida de professora de preparatórios, morando na antiga Rua da Boa Morte,

onde prosseguiria suas práticas e reflexões de ciências ocultas (V. *Apêndice, tópico 2.2 Depoimentos*).

A frieza e hostilidade com que a cidade recebeu a filha pródiga — que jamais ocultou o anticlericalismo e as convicções espiritualistas e esotéricas (V. *Apêndice, tópico 2.1 Documentação . . . — cartas*) — foram excessivas e marcam a correspondência pessoal que continuou mantendo com amigas fiéis da mesma e de outras gerações (V. *Apêndice, tópico 2.1 Documentação . . . — cartas, 1938, 1943*).

Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro. A alegria que a cidade lhe transmitiu inicialmente foi logo ofuscada pelo atordoamento com o ruído e o desgaste de uma vida com pouca saúde. Essas condições obrigavam-na a mudar constantemente de casa. Chegou a procurar refúgio na Ilha do Governador (1942), para morrer num apartamento central, da Rua Mem de Sá, sob os Arcos de Santa Teresa, em 1945, sem assistir ao fim da Segunda Guerra Mundial.

O período carioca foi marcado pela leitura de horóscopos, na Rádio Mairinque Veiga, aplicando seus estudos de astrologia, e pela colaboração com o professor mineiro de comércio internacional, Aníbal Vaz de Melo, que a cita em *Jesus Cristo*, o maior dos anarquistas e *O evangelho à luz da astrologia (As origens astronômicas do Cristianismo)* (V. *Reflexos da rebeldia e Apêndice, tópico 2.3 Referências impressas a Maria Lacerda de Moura*).

Permaneceu casada com Carlos Ferreira de Moura de 1905 a 1925, casamento prosseguido por uma sólida e documentada amizade que durou enquanto Maria Lacerda viveu (V. *dedicatória da 3.ª edição de A mulher é uma degenerada? e, no Apêndice, tópico 1.1 Autobiografia*). De 1926 a 1937 esteve sob a influência e colaborou com A. Néblind, mentor, de origem francesa, da comunidade agrícola de Guararema, preso e deportado em 1937 (V. *Apêndice, tópico 2.1 Documentação . . . — cartas*). Com o incentivo deste, desenvolveu e divulgou aspirações à resistência passiva (ao capitalismo industrialista) e à não-violência, à oposição à guerra e ao fascismo e se afastou de anarquistas e comunistas de São Paulo. Confundida ora com uns, ora com outros, acabou sofrendo a repressão equivalente por parte tanto de pessoas, como de grupos políticos, religiosos, e ainda do aparelho governamental.

*

As relações entre biografia e história nem sempre são muito claras e pacíficas. No caso da história política, o estudo de alguns

indivíduos parece justificado nos casos em que tiveram influência aparentemente direta sobre certos acontecimentos ou tendências econômicas e sociais. A história literária se interessa pelos autores, na busca da gênese e do desenvolvimento das obras e dos movimentos literários. No caso da história social e econômica, é mais difícil estabelecer pontes entre a história do indivíduo e a das camadas sociais e das relações econômicas. As normas, os objetivos e os mecanismos de controle dos agrupamentos formais e informais sobre os indivíduos variam, e se alteram, assim como são variáveis as modalidades de participação individual nos agrupamentos sociais — na família, na geração, até na comunidade nacional e nas relações internacionais.

São significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto. Raramente as particularidades do biografado deixam de ser desdobramentos de condições da vida coletiva de que participou, da cultura incorporada, do trabalho exercido e da influência real ou imaginária de multiplicador ou subversor que sua camada social, nacional, religiosa ou política exerceu. A aceitação, alienação ou negação do contexto social de origem se faz em função desse mesmo contexto.

Nem sempre os biografados são representativos de seu grupo ou camada social, no sentido de ser o indivíduo médio. Frequentemente são os que têm características ou recursos para se destacar da maioria, embora correspondam, em sua atuação, a necessidades históricas dessa maioria ou dos que detêm o poder. Dada a variabilidade de cada universo social, não é representativo apenas o indivíduo conformado, que recebeu, aceitou e desempenhou bem ou mal o seu papel social, reprimindo seu potencial renovador, mas também os rebeldes em diferentes graus, que receberam atribuições sociais e culturais, refletiram ou não sobre elas e as recusaram parcial ou totalmente, carregando consigo frações maiores ou menores de participantes. A proposta de respostas alternativas novas ou a recuperação de velhas respostas para as condições de vida e de trabalho podem exprimir uma recusa total ou parcial da estrutura social pelo indivíduo, sem que esta deixe de ser a matriz das reações.

Ao tentar compreender o processo de rebeldia e os níveis em que ela se opõe ao poder público e ao privado, a referência exclusiva ao biografado e ao seu caráter único e singular dá lugar aos elos que se estreitam entre o conteúdo e o objeto da rebeldia, a

fidelidade e a infidelidade às suas origens e a atribuição de relações entre os diferentes universos a que o indivíduo reage, com margem para as ocorrências casuais e específicas.

O indivíduo e sua biografia podem não exprimir toda a história. Contudo, como a incorporam, a ampliam e tendem a desviá-la, terminam por expressá-la através de sua ação e de seu pensamento. Entre a exigência de fidelidade ou a de ruptura para com os agrupamentos em que está inserido ou a que adere, é raro o indivíduo aceitar integralmente uma ou outra. No dizer de Merleau-Ponty, avança obliquamente "a vida pessoal, a expressão, o conhecimento e a história". Não se supõe mais que a história possa ser "a essência de inúmeras biografias", como queria Carlyle. Assim, como as peculiaridades pessoais são inegáveis, elas só poderiam ocorrer em determinadas condições sociais. A época, o lugar, a extensão das mudanças pleiteadas dependem das condições econômicas, mas também da ação recíproca dos interesses de classe derivados dessas condições, como queria Plekhanov; ou melhor, os próprios traços intelectuais e morais do biografado seriam produtos de uma interação contínua entre capacidades inatas e condições sociais, no dizer de Trotski.

A concretização de diversos níveis de rebeldia na trajetória intelectual e na atuação de Maria Lacerda de Moura justifica e completa uma face histórica das primeiras décadas do século XX, através do recrudescimento do feminismo que testemunhou e das formas de autoritarismo a que fez frente.

Seus anos ativos, considerados como o período de 1919 a 1935, com a mudança de Barbacena para São Paulo e a participação na comunidade agrícola de Guararema, correspondem a uma época crítica da história econômica e social brasileira, não só com reflexos na condição feminina, mas abrindo brechas para a movimentação e as propostas feministas.

O distanciamento entre as classes sociais e o acirramento de seus conflitos foram vividos por Maria Lacerda de Moura, que refletiu sobre eles ao examinar as categorias de mulheres que a industrialização e a urbanização estavam produzindo. Ao se mudar da pequena cidade mineira de Barbacena para a São Paulo que se industrializava rapidamente, aliou-se a anarquistas e socialistas em suas expressões culturais de reação ao modelo capitalista de sociedade industrial (V. *Combates ao autoritarismo e Transmitir, transformar, transgredir*).

A década de 20 corresponde a uma fase intermediária em que o sistema agrário-comercial que predominava no Brasil come-

çava a abrir espaços para a urbanização e a industrialização. É possível pensar em Maria Lacerda de Moura (e na faixa de população que a leu e dela se recorda) como alguém que exprimiu a crise de um sistema social tentando apresentar soluções educacionais e ruralistas, em comunidades agrícolas, para as condições da vida urbana e moderna das décadas de 20 e 30.

Essas novas condições resultaram de uma engrenagem circular, onde o processo de concentração da riqueza, atuando no domínio agrícola e industrial, além de ampliar o distanciamento entre as classes, conduzia a medidas educacionais e repressivas, através de instrumentos policiais, penais e legislativos. As escolas populares, os reformatórios, a estruturação da Força Pública e de organismos policiais foram utilizados para disciplinar e nacionalizar os trabalhadores e os sem-trabalho, em São Paulo. As reflexões de Maria Lacerda sobre os explorados e sobre a prostituição e as mulheres ociosas são uma resposta a essa situação.

Os dirigentes da economia cafeeira sempre utilizaram o aparelho governamental como seu instrumento econômico e, apesar de continuar difundida a idéia de que o Brasil era produtor do café, para Maria Lacerda e seus companheiros de Guararema o café era um problema exclusivo dos fazendeiros paulistas e só interessava ao povo brasileiro na medida em que este sofria, na carne, a "socialização dos prejuízos" que lhe impunha o governo. A reação às leis "dos homens", formuladas para defender os interesses dos poderosos, viu-se aqui reforçada.

A industrialização brasileira, acelerada, entre outros fatores, pela Primeira Guerra Mundial (1914-8), concentrou nas cidades não somente uma população operária, de origem escrava e imigrante, como camadas médias formadas por burocratas, funcionários civis e militares, pequenos comerciantes e artífices. Estas, além de serem compostas por brasileiros e estrangeiros quase na mesma proporção, encontravam-se muito divididas. Os valores e as aspirações de uma oligarquia rural muito poderosa conviviam, entre elas, com aspirações modernizadoras da vida urbana. Enfrentavam simultaneamente uma crise de habitações de pequeno e médio porte, as condições precárias de aglomerados urbanos e o impacto com que a modernização tecnológica requintava a vida da população de maior renda. Ficavam freqüentemente divididas entre as aspirações de ascensão social e a revolta contra a carência de recursos para atingi-la. Além de algumas das adesões políticas dessas camadas médias, sem outro poder além do acesso à educação, é pouco o que se sabe sobre elas. Esquecidas também pelo

saber dominante, elas se exprimem, em parte, através do pensamento e da obra de Maria Lacerda.

A industrialização do entreguerras foi basicamente de têxteis e produtos alimentícios, com mão-de-obra predominante de mulheres e crianças. Trabalhava-se por salários baixos e em condições precárias, sem regulamentação de horas de trabalho, ou prevenção de acidentes. Às duplas jornadas de trabalho da mulher, acrescentava-se a exploração sexual a que ficava sujeita por parte de patrões e contramestres. Apesar da existência de algumas leis de proteção ao trabalho, o Estado ainda não se preocupava em criar formas de implantação e de fiscalização da aplicação dessas leis. Os movimentos operários que, através de sucessivas greves parciais, tentaram reivindicar melhoria das condições de trabalho, eram tratados como infiltrações de estrangeiros anarquistas, que procuravam transplantar para terras brasileiras uma questão social aqui inexistente.

Aos anarcossindicalistas espanhóis, italianos e portugueses, que, nas fazendas e nas indústrias, tentaram criar uma consciência dos direitos do trabalhador, a classe dominante respondeu com instrumentos legais e policiais de repressão. Os imigrantes eram considerados perigosos para a ordem interna e era preciso expulsar os que levavam a população ordeira e satisfeita à anarquia (tomada aqui no sentido com que se popularizou, de desordem e destruição). O perigo representado pelos estrangeiros era localizado pelos governantes entre os imigrantes, que se incorporaram aos diversos setores da mão-de-obra.

Os contratos de grande porte que o governo fazia, na década de 20, com firmas estrangeiras para exploração do ferro, de portos e estradas de ferro, da pecuária, do trigo, do carvão e do rio Amazonas não lhes parecia representar qualquer perigo para a nacionalidade.

Como professora, em Barbacena (1918), Maria Lacerda participou dos esforços oficiais para enfrentar a questão social através de campanhas nacionais de alfabetização e reformas educacionais. Ao se mudar para São Paulo (1921), abandonou o ensino oficial e as associações femininas, para se envolver no movimento cultural que foi designado Proletcultura (V. Transmitir, transformar, transgredir).

Com relação à condição feminina, tomou consciência da questão numa pequena cidade onde o clero católico mantinha o controle sobre o ensino e as relações familiares e sociais. O positivismo dos primeiros republicanos, que procurou separar a religião do

Estado e criar o ensino leigo, teve repercussão nos setores públicos, mas não penetrou igualmente no setor privado. A liberdade de religião nunca vigorou, e os conflitos locais entre o clero católico, os positivistas, os espíritas e os maçons afluíram através da imprensa da Primeira República nas mais diversas localidades. Permeando, porém, as várias tendências, mantinham-se e reforçavam-se as crenças a respeito da fragilidade e incapacidade da mulher, cuja única função deveria ser procriar dentro do casamento. A educação da mulher deveria restringir-se a uma preparação para ser esposa e mãe. Havia um consenso social e religioso de que, sem condições naturais de se aperfeiçoar, era preciso proteger a mulher dos males da civilização pois, caso contrário, ela correria o risco de se perder.

*Desde 1918 Maria Lacerda manifestara sua preocupação com a condição feminina e com as maneiras de transformá-la. Procurou resolver o problema dos menores abandonados em Barbacena, despertando o interesse das alunas para a população desprovida de recursos. Divulgou as iniciativas associativas de alguns movimentos feministas de que tinha notícia pelos periódicos das cidades maiores. Em 1919, já se refere ao movimento sufragista no exterior e no Rio de Janeiro. Mas desde então, ao entusiasmo pela defesa dos direitos da mulher à cidadania, unia o interesse pelo estudo da condição feminina. Quando publicou seu livro mais famoso, *A mulher é uma degenerada?*, em 1924, já se afastara do movimento sufragista liderado por Bertha Lutz desde 1918, o qual obteve o direito de voto para as mulheres em 1932. Dedicava-se a examinar as formas de vida a que a sociedade sujeita a mulher, aquelas a que ela se apegava, e os meios de emancipá-la do medo, da resignação passiva e da subserviência, pela conscientização de sua participação social. Afastou-se ainda mais do movimento feminista sufragista ao considerar o voto um processo inadequado de luta pelo poder, que iria beneficiar umas poucas mulheres sem trazer coisa alguma à multidão feminina, vítima de uma organização social injusta.*

Embora seja mais lembrada pelas suas apresentações audaciosas do direito da mulher ao amor, de sua livre escolha e da maternidade consciente, talvez por terem proposto um desafio direto da esfera privada, no cotidiano da família e da escola, a linha de feminismo de Maria Lacerda é a da participação feminina na luta contra a tirania clerical e fascista.

Para haver condições de avaliar adequadamente a trajetória de Maria Lacerda de Moura é preciso verificar sua contribuição

levando em conta os universos de que partiu. Evidentemente, não é possível ligar mecanicamente o ambiente à produção intelectual e à atuação individual. Contudo o delineamento dos universos político, econômico, educacional e religioso em que viveu, e contra os quais reagiu, funciona como o quadro de referência de sua ação. Permite situar a convergência e a divergência de suas idéias e de sua atuação, em relação à sociedade de seu tempo e aos de sua geração. O individualismo de Maria Lacerda de Moura, sua recusa em participar de grupos literários ou partidos políticos e seu afastamento das realizações culturais da camada dominante tornam ainda mais complexas suas alianças e divergências com diversas instituições e grupos políticos e religiosos. Contudo uma especificação desses universos referente à condição feminina e aos movimentos associativos de mulheres pode funcionar como o solo de onde ela partiu.

A segunda parte deste trabalho — Conformados e rebeldes — designa a oposição de categorias psicossociais que atravessam a obra da jornalista. Transmite o par de opostos que destacou para compreender as contradições de seu tempo: os embates ao autoritarismo do Estado, dos partidos e da Igreja sobre a mulher e a criança, na vida pública e na vida da família. Maria Lacerda apresentou em seu legado temático pontos conservadores e místicos, ao lado de aspectos revolucionários e leigos. A análise temática revelou uma ampliação de seus horizontes ao tratar às vezes simultaneamente da mulher na família e na sociedade, da educação como instrumento de conscientização e de resistência ao clero e ao fascismo.

É possível pensar em seus livros, artigos, conferências e cartas como formas de combate ao autoritarismo, na família, na sociedade, na educação e na organização política.

Foi feita uma tentativa de incorporar às idéias apresentadas na obra a maneira com que foram transmitidas ou vividas. Um dado importante parece ter sido o fato de Maria Lacerda de Moura ter ficado longamente esquecida no registro histórico. Nos últimos cinquenta anos, apareceu apenas de relance em alguns depoimentos de ativistas políticos das décadas de 20 e 30 (V. Apêndice, tópico 2.3 Referências impressas . . .). Como a luta por formas alternativas de vida não se restringe à política partidária ou a movimentos sociais nas fábricas, que têm sido os mais estudados, pareceu esclarecedor o esmiuçamento de outros aspectos dessa luta no cotidiano feminino da classe média pobre.

No capítulo final, as expressões da rebeldia tentaram captar, através das contradições do individualismo, os pontos de convergência e divergência entre a história de vida e a posição social, a cultura e as práticas políticas. Ao privilegiar uma história de vida para exprimir o pensamento e a vida política na esfera do cotidiano feminino de uma camada da população, tentou-se recuperar o indivíduo, sem abandonar o que exprime, em sua modalidade de participação ou reação social aos agrupamentos de que se origina e os graus de adesão e repulsão simultâneas ou sucessivas a outros. A documentação pessoal e os depoimentos, ao descreverem e interpretar condições sociais, ultrapassam o nível da generalização e propõem questões novas e caminhos em outros níveis.

»

Na Bibliografia e agora nos agradecimentos, deixo de apresentar clássicos e contemporâneos que me inspiraram, esclareceram e apontaram caminhos. Estou consciente de minha dívida de gratidão a autores e pessoas que me auxiliaram através deste empreendimento, tanto por sua energia, erudição e capacidade de resolver problemas como, e não menos, pelos exemplos negativos, por comportamentos cotidianos, pelo desinteresse, pela negligência e pela apatia. Eu precisaria de um número de páginas equivalente ao já escrito para não cometer injustiças imperdoáveis.

SUMÁRIO

POR QUE MARIA LACERDA DE MOURA?	v
1 SOLO PERCORRIDO	1
1.1 De Minas a São Paulo e Rio	4
1.2 Focalização da condição feminina	20
1.3 Faces do feminismo	31
2 CONFORMADOS E REBELDES	47
2.1 Combates ao autoritarismo	55
2.2 Transmitir, transformar, transgredir	74
2.3 Nós e os outros	101
3 EXPRESSÕES DA REBELDIA	124
APÊNDICE	144
1 Registros biográficos	144
2 Acervo documental	153
BIBLIOGRAFIA	165

1 SOLO PERCORRIDO

Data	Conferência	Associação	Cidade	Salão
19/9/1915		"Hora Literária"	Barbacena	
1916		Liga Barbacenense contra o Analfabetismo	Barbacena	
1917		Escola Normal	Barbacena	
20/8/1917		"Soirée Literário-artística"	Barbacena	
24/2/1919	Porque vence o porvir?	Liga dos Homens do Trabalho	Barbacena	
29/10/1920	A mulher brasileira e o problema trabalhista	Federação Operária Mineira	Juiz de Fora	
30/6/1921	Idealismo	Real Centro Português	Santos	Salão principal
14/4/1922	A emancipação da mulher	Federação Internacional Feminina	São Paulo	Federação philosophica e espiritualista
17/9/1922	A fraternidade e a escola	União dos Trabalhadores Graphicos	São Paulo	Instituto Histórico e Geográfico
2/10/1922	A mulher e a maçonaria	Loja Maçônica Fraternidade 14 de julho	Santos	III Festa da Harmonia
1923	Uso e abuso do álcool	Ordem dos Bons Templários	São Paulo	
4/8/1923	A mulher hodierna e o seu papel na sociedade actual	Centro Internacional	Santos	
19/8/1923	e na formação da sociedade de futura	União dos Trabalhadores Graphicos	São Paulo	Celso Garcia

Data	Conferência	Associação	Cidade	Salão
25/8/1923	Os conformados e os rebeldes	União dos Artífices em Calçados	São Paulo	Salão Lyra
5/4/1924	O alcoolismo e a questão social	Elementos da Indústria Gasotronômica A Internacional	São Paulo	Salão Italia Fausta
23/6/1924	"L'anima della donna Gina Lombroso"	União dos Artífices em Calçados	São Paulo	Salão Italia Fausta
19/7/1929	O fascismo contra a evolução humana	Associação do Magisterio Americano	Buenos Aires	Casa Suiza
10/9/1929	A emancipação da mulher Feminismo? Caridade?	Alianza Antifascista Italiana Liga de Educacion Racionalista	Buenos Aires Buenos Aires	Salon Augusteo Biblioteca Anatole France
	O Moioch da Honra	Liga Internacional del Magisterio	Rosário	Escola de Medicina
	Han Ryner e o amor plural	Unión Latino-Americana	Buenos Aires	
	Psicologia pedagógica consciente e inconsciente	Sindicato Profissional de Educadores	Buenos Aires	
	Han Ryner, o Sócrates do século XX		Buenos Aires	
	Guerra à guerra!		Buenos Aires	
	O individualismo neo-estoico de Han Ryner		Buenos Aires	
	As palavras do quinto evangelho		Buenos Aires	

14/9/1929	A emancipação sexual da mulher	<i>Folha Acadêmica</i> Liga Antiumperialista Liga Antifascista	Rio de Janeiro	Assoc. Bras. de Educação (recusa) Syllgeu Brasileiro (recusa) Liga de Defesa Nacional (recusa) Operários da Construção Civil e Aliança dos Operários em Calçados
1931	Clero e Estado	Coligação Nacional pró-Estado Leigo	Rio de Janeiro	Liga Anticlerical
20/5/1933	O que é a guerra	<i>A Plebe</i>	São Paulo	Federação Espanhola
1933	A mulher e o fascismo	Sindicato dos Condutores de Veículos	Santos	
4/3/1934	O fascismo, filho dileto da Igreja romana	Liga Anticlerical	Campinas	
1934	Guerra à guerra!	Liga Anticlerical	Sorocaba	Soc. Ben. 25 de Dezembro (recusa) Centro Espírita Flamarion (recusa) Gabinete de Leitura (recusa) Cine Alhambra
15/6/1935	Clero e Estado	Liga Anticlerical	Rio de Janeiro	
1944	O silêncio	Fraternidade Rosa Cruz	Rio de Janeiro	Rosa Cruz Antiga, Tijuca

1.1 De Minas a São Paulo e Rio

Dos 4 aos 34 anos, Maria Lacerda viveu em Barbacena como aluna e professora primária (V. Transmitir, transformar, transgredir). Estava-se no primeiro período republicano, sob o governo dos grandes coronéis articulados às hostes do Partido Republicano Mineiro. Seu pai trabalhava no Cartório de Órfãos de Barbacena, e o marido foi um pequeno funcionário, depois de ter tentado abrir uma fábrica de meias no porão da casa em que moraram¹ quando casaram.

Barbacena manteve-se, entre 1889 e 1935, uma cidade predominantemente comercial². A população estrangeira, formada por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, embora tenha aumentado por volta de 1900, nunca atingiu os níveis a que chegou nas cidades do Estado de São Paulo. Como a posse da terra constituía a fonte predominante de poder, a autoridade municipal e estadual emanava dos grandes proprietários de terra e criadores de gado, que se aliavam e se combatiam em função dessas propriedades e poderes, transmitidos, através de troncos familiares, a descendentes e agregados.

Durante trinta anos, Maria Lacerda conviveu com esses conflitos das grandes famílias, tendo saído de lá antes de se polarizarem entre partidários dos Bias Fortes e partidários dos Andrada, em 1930. Seu contato com as famílias mais poderosas parece ter sido limitado, a não ser com um dos membros da família Armond (Honório)³, escritor de um livro de poesia e dedicado a obras assistenciais. O pai estava ligado às autoridades através da colocação no Cartório de Órfãos. Essa condição profissional não o fazia partilhar do prestígio das propriedades rurais, nem dos lucros produzidos pelo leite, pela manteiga e pelo queijo, de que, em 1920, Barbacena já era o maior produtor mineiro. Nem por parentesco a professora estava ligada às grandes famílias, permanecendo numa camada intermediária urbana do pequeno funcionalismo, onde, assegurando a ordem estabelecida pelos donos do poder, participava apenas de aspectos limitados desse poder, como o acesso à educação e a estabilidade num modesto emprego urbano.

¹ V. Apêndice, tópico 2.1 Documentação pessoal...

² CARVALHO, José Murilo de. Barbacena: a família, a política e uma hipótese. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, (20):125-93, jan. 1966.

³ MOURA, Maria Lacerda de, *Em torno da educação*, p. 107-14. Cf. CIDADE DE BARBACENA, 1 abr. 1937, ano 40, n. 3 310, p. 1.

As indústrias de transformação de maior vulto começaram a se instalar em Barbacena entre 1930 e 1940, atraindo a população rural e transformando a densidade e as condições de vida da cidade.

O condicionamento da vida política aos laços de família, muito marcante nas cidades mineiras, reduzia os partidos políticos, aos olhos da população, a enquadramentos artificiais e inexpressivos. Contudo, diante do poder federal, esses mesmos partidos, resultantes ou não de composições familiares, tiveram condições e força para canalizar para seus redutos inúmeros melhoramentos educacionais.

Foi graças ao sistema de favoritismo que Barbacena conseguiu um programa de ensino agrícola, uma escola de zootecnia, uma escola militar secundária e uma estação de pesquisa agrícola⁴. As escolas, os hospitais, os serviços bancários e as comunicações constituíam, antes de 1930, atrações fundamentais dos centros urbanos, tanto para as famílias abastadas, que mantinham casas montadas na cidade, como para as camadas médias, que aí buscavam novos empregos e possibilidades de ascensão social pela educação, e pelo desdobramento do setor de serviços, além de estabelecer ligações mais frequentes com a capital política e cultural, o Rio de Janeiro, e os grandes centros, São Paulo e Belo Horizonte.

Como aluna, professora e mulher de um pequeno funcionário, Maria Lacerda de Moura estava submetida aos conflitos das lutas eleitorais, e aos do poder privado, na área da escola e da família. O fato de ter vivido esta situação de poder político baseado mais no prestígio de família que no equilíbrio de forças sociais pode ter fornecido elementos para o seu descrédito no sistema eleitoral vigente.

A economia mineira não se expandiu no mesmo ritmo que a de São Paulo e do Rio, apesar da extensão e da população do Estado de Minas Gerais. A relação de dependência que vinha se estabelecendo desde o fim do século XVIII com os outros dois Estados acentuou-se no começo do século XX. Enquanto São Paulo atraía para suas indústrias e empreendimentos agrícolas, comerciais, financeiros e de serviços muitas levas de mineiros, a camada de maior renda era mais atraída pelo Rio de Janeiro, por suas oportunidades culturais e políticas e seus pendores cosmopolitas. Somente Juiz de Fora, considerada a Manchester mineira, e a capital do

⁴ WIRTH, John D., *Minas Gerais in the Brazilian Federation — 1889-1937*, p. 77.

Estado de Minas Gerais eram centros industriais. Mas suas fábricas eram pequenas e orientadas para o mercado local, com mão-de-obra reduzida. Desenvolveu-se rapidamente a indústria de tecelagem do algodão pernambucano, pulverizada também em fábricas pequenas, com equipamento defasado e ineficaz, sem condições de adquirir novos ou substituir peças. As ligações comerciais entre Minas, São Paulo e Rio de Janeiro se faziam não só através de mascates, tropeiros e cometas de casas dos vários Estados, que vendiam os produtos brutos e industriais, como também pela imprensa e pelas ferrovias e estradas de rodagem, que se alastravam⁶.

A atenção voltada para as cidades maiores, de onde vinham os periódicos, aparece nos artigos de Maria Lacerda de Moura escritos em Barbacena. Enquanto escrevia ou falava a suas alunas, estava freqüentemente revelando as informações que as capitais lhe forneciam. A primeira conferência que fez para trabalhadores foi ainda em Barbacena: a primeira fora de sua cidade, em 1920, já foi em Juiz de Fora, centro industrial, na Federação Operária Mineira. Em Barbacena, o operariado, entre o qual destacavam-se os tecelões, não rompera o tipo de relações patrimoniais com os detentores do poder, através de relações pessoais. A vida sindical era incipiente, enquanto já apresentava, em Juiz de Fora, manifestações de maior vulto.

A correlação entre a urbanização e a modernização das relações sociais e econômicas não foi idêntica nas diferentes regiões e nas várias cidades mineiras. A urbanização de Barbacena, anterior à década de 30, não trouxe modificações nas relações sociais, que continuaram sendo as tradicionais, do domínio agrário e patrimonialista. Essa situação permite compreender o impacto que representou a mudança de Barbacena para São Paulo na vida de Maria Lacerda de Moura. São Paulo se urbanizava rapidamente, revestindo-se do processo de modernização, que tornava mais agudos os contrastes entre as camadas sociais e deixava os conflitos econômicos e de poder na educação, como na economia e na política, mais sensíveis a quem provinha de uma realidade social onde as transformações lentas acabavam por legitimar o que sempre acontecera⁶ em matéria de desigualdades sociais.

⁶ Id., *ibid.*, p. 78.

⁶ LIMA, Alceu de Amoroso, *Voz de Minas*, p. 64. WIRTH, J. D., *op. cit.*, p. 31-64.

FEDERAÇÃO OPERÁRIA MINEIRA

Operários da gloriosa Princesa de Minas!

Devemos receber, domingo próximo, a honrosa
visita da prevecta educadora e exímia
jornalista patriota

D. Maria Lacerda de Moura
que aqui vem, especialmente, a convite da
"Federação Operária Mineira",
fazer uma conferência dedicada à classe prole-
tária, sob o thema

A Mulher Brasileira e o problema trabalhista

Devemos accorrer, unidos, coesos, ativos e
independentes a ouvir uma nossa distinta patri-
cia que ergue a sua voz em prol dos operários—
mostrando-nos o caminho a seguir, apontando-nos
remédios para os nossos males—e derramando
sobre os nossos sofrimentos, o bálsamo dulci-
ficante das suas palavras cheias de consolação. E
de lá, Mestreiros mais uma vez que o operariado
de Juiz de Fora cultiva o DIREITO, confia na JUSTI-
ÇA e anseia pela LIBERDADE!

A DIRECTORIA

PROGRAMMA

1 hora — Ao meio dia, reunião na sede social
A Directoria e o operariado dirigir-se-ão ao hotel
Rio de Janeiro, onde irão cumprimentar a conferen-
te.

2 horas — Conferência por D. Maria Lacerda de Moura,
no Theatro Juiz de Fora.

3 horas — Banquete nos salões do mesmo Theatro, dedicado à
classe proletária.

Os estudos sobre a família mineira salientam um conservantismo acentuado, além de seu papel político e uma mobilidade espacial que não impedia a conservação de laços entre uma vasta parentela dispersa. Apesar dos congressos de educação e dos grandes educadores mineiros, 1930 encontrou o Estado com dois terços de analfabetos na população com idade acima de 7 anos. As escolas educavam mal a população urbana e nada a população rural, que representava 80% da população do Estado, enquanto as poucas boas instituições escolares eram reservadas à camada abastada⁷. Apesar do cientificismo e do positivismo que impregnaram a Primeira República, a Igreja católica conservou em Minas um lugar predominante na educação pública⁸ até 1906. Manteve também o seu domínio sobre o comportamento da família, suas articulações com a educação e com a política. O temor à influência dos positivistas e dos elementos anticlericais funcionava principalmente como impulsor da recristianização de instituições leigas e clericais, sem reduzir a influência que a Igreja sempre exerceu junto à sociedade civil e ao Estado. Tanto é assim que foi restabelecido o ensino religioso nas escolas públicas, com o governador Antônio Carlos, em 1928.

Uma tendência de revitalização social e política da Igreja católica⁹ foi contemporânea dos primeiros estudos de Maria Lacerda de Moura, em Barbacena. Sendo de uma família espírita (V. Apêndice, tópico 1.1 Autobiografia) e anticlerical, recebeu o tratamento de minoria perigosa que os bispos mineiros reservavam para os protestantes e os espiritualistas de várias tendências, que proliferavam em Minas¹⁰.

Desde o período colonial, a Igreja católica sempre controlara com recursos e cuidados extremos os padrões de constituição da família. Embora a República tenha estabelecido a necessidade do casamento civil, o casamento religioso, nas camadas dominantes, conservou-se como a legitimação mais valorizada das uniões conjugais. As versões dessacralizadas e leigas das uniões nunca excluam a importância da Igreja e de seus processos de divulga-

⁷ WIRTH, J. D., op. cit., p. 86-90.

⁸ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. A Igreja e as classes populares em Minas na década de vinte. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 49:71-98, jul. 1919.

⁹ IGLESIAS, F. Vida e obra de Jackson de Figueiredo. In: —, *História e ideologia*, p. 109-59.

¹⁰ LIMA, A. de Amoroso, op. cit., p. 203. WIRTH, J. D., op. cit., p. 92.

ção e mobilização doutrinária, através das escolas, confissões e missões, por periódicos e movimentos, no estabelecimento das atitudes em relação à procriação, ao modelo de família desejável e à moral sexual vigente. A eficácia dos métodos da Igreja católica que manipulam sentimentos de culpa e estabelecem tabus demonstra-se pela profunda incorporação da tradição cristã no estabelecimento do que é vício e virtude, da diferenciação de papéis entre o homem e a mulher, mesmo em populações desligadas ou indiferentes à religião.

Na distribuição de papéis dentro da família¹¹, esperava-se que a mulher dependesse do pai e a ele obedecesse. Deveria obedecer, em segundo lugar, aos irmãos e ao marido, cumprir as tarefas domésticas e, inspirada na paciência e na parcimônia, tornar-se o esteio da unidade de produção doméstica, de que é a mão-de-obra auxiliar. Como a Igreja não leva em conta o sistema competitivo, as contradições de classe, nem sequer a expectativa de ascensão social, supõe um equilíbrio da aceitação da pobreza honesta com a generosidade sóbria dos mais favorecidos.

As organizações espíritas¹² entraram no Brasil na segunda metade do século XIX. Até hoje são minoritárias, embora em expansão nos núcleos urbanos, através de formas de terapia e atividades assistenciais, resultantes da prática da virtude fundamental: a caridade. Os fundamentos racionais e evolutivos da crença levam a uma experiência religiosa direta. Baseando-se em crenças orientais, os espíritas acreditam que os seres humanos estariam em processo de evolução, não limitado aos vivos, mas incluindo todos os que já viveram e os que viverão. Desses, Cristo seria uma das grandes entidades encarnadas. O progresso cósmico seria regido por uma lei imutável, que recompensa diretamente cada uma das opções individuais. A mediunidade seria a capacidade de comunicação com espíritos desencarnados, que podem auxiliar ou perturbar as opções individuais. Na procura de integrar o científico e o sagrado, as diferentes modalidades do espiritismo passaram por reelaborações, como também as demais religiões, a partir de um ideal racionalista e positivista. No começo do século XX atingiram as pequenas cidades do interior, resistindo e se opondo à liderança de pensamento exercida pela Igreja católica, que nunca deixou de hostilizá-las. Sem levar em conta o processo histórico

¹¹ PRANDI, J. R. Catolicismo e família: transformação de uma ideologia. *CADERNOS CEBRAP*, (21), 1975.

¹² CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de, *Católicos, protestantes, espíritas*.

a que a Igreja católica também está submetida, consideram-na defasada e indiferente à vida no mundo, supersticiosa e incapaz de avaliar o progresso científico. Dado o poder político e a atração que a Igreja nunca deixou de ter, o anticlericalismo dos espíritas desenvolveu-se como força de oposição clandestina, abrigada por sociedades secretas, principalmente através de lojas maçônicas, que, em muitas cidades brasileiras, contrapunham à Igreja a liberdade de pensamento, a tolerância religiosa e uma visão científica do mundo.

Entre esses sistemas de crença e poder, a sociedade teosófica apareceu também como uma forma de doutrina secreta, resultante de antiga tradição hindu de ocultismo, de domínio da natureza por forças espirituais. Explica as desigualdades da vida, na distribuição da felicidade e seu contrário, por um princípio de merecimento, através de opções feitas pelos indivíduos. O alvo da teosofia é atingir uma sabedoria que leve à auto-realização, através do conhecimento do verdadeiro ser.

Os diversos tipos de religiões mediúnicas espíritas, desde as mais ligadas ao estilo de vida urbano industrial às conservadoras de uma tradição africana, reúnem funções terapêuticas e de integração social que respondem pela adesão crescente que vêm recebendo.

Dentro da famosa palavra de ordem de Antônio Carlos — “Façamos a revolução, antes que o povo a faça” —, tanto as forças políticas, quanto a Igreja católica tentaram, nos anos 20, uma incorporação das diversas camadas sociais à vida política, não como um meio de renovação social, mas para preservar condições sociais que pareciam estar em perigo¹³. Para isso mobilizavam forças leigas e clericais em seu benefício e combatiam a veiculação de idéias opostas, como as do anarquismo e do comunismo. A ação conciliadora da Igreja conseguiu desativar conflitos sociais em algumas regiões mineiras, tentou desmobilizar os operários têxteis e criar uma oposição sistemática ao anarquismo.

Na região industrializada de Juiz de Fora, contudo, a situação era diferente. Nos anos 20 chegou a contar com 106 estabelecimentos industriais. A Federação Operária Mineira¹⁴, organização formada por operários de diversas indústrias e de orientação ideológica variada, conseguiu publicar entre 1920 e 1924 o jornal *O*

¹³ PEIXOTO, Anamaria Casassanta. Minas Gerais na década de vinte. In: —, *A reforma educacional Francisco Campos*.

¹⁴ VOZ DO POVO, Rio de Janeiro, 29 out. 1920. ano I, n. 265, p. 1.

Operário e promoveu onze movimentos grevistas, reivindicando aumento de salário, respeito ao dia de oito horas e o barateamento do custo de vida.

Talvez maior que a oposição da conferencista às medidas de um governo conservador, que desejava, através de medidas conciliadoras na política e na educação, impedir mudanças estruturais na sociedade, tenha sido a oposição que manifestou contra a Igreja, o^o, mais especificamente, contra o clero católico, que desenvolvia e impunha, com grande eficácia, seu poder sobre as famílias, as escolas e os operários¹⁵. O jornal, também chamado *O Operário*, da Confederação Católica do Trabalho revela que, além de propar pagar os princípios da *Rerum novarum*, procurava “arrancar o operário da inércia e da indiferença” e orientá-lo para uma ação não-violenta, em harmonia com as demais classes¹⁶. É difícil saber até que ponto a propaganda sistemática contra o anarquismo e o socialismo e suas “publicações incendiárias” como inimigos perigosos da fé católica e da ordem não acabaram por canalizar para essas tendências o pensamento e a ação dessa mineira consciente das injustiças do regime capitalista, aproximando-a dos estrangeiros “perigosos”, que a segurança pública e a Igreja procuravam expulsar do país.

Enquanto São Paulo tomava a dianteira, entre os Estados brasileiros, pela aceleração¹⁷ do ritmo de sua economia, a concentração industrial provocava novas condições de vida urbana, dobrava ajustamentos e criava novas estratégias de sobrevivência, tanto para os envolvidos no processo produtivo, como para os marginalizados e os excluídos. Como já vinha ocorrendo nas fazendas de café, a aceleração da produção industrial paulista contou com grande participação de mulheres e menores — com salários ainda inferiores aos recebidos pelos homens —, com grande ampliação do setor de serviços e altas margens de lucro para os capitalistas nacionais e estrangeiros.

Entre 1907 e 1919, a economia paulista ampliou e dinamizou a agricultura, os transportes, a indústria, o comércio e as finanças, com uma população imigrante estrangeira e de outros Estados, cujas precárias condições de produção expulsava, intermitentemente, levas da população local. De 1919 a 1929, a indústria

¹⁵ DUTRA, E. R. F., op. cit., p. 71-98.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 80-1.

¹⁷ CANO, Wilson. Introdução. In: —, *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, p. 127, 227-44, 257-9.

paulista, até então restrita à produção de bens de consumo, passa, aos poucos, aos bens de produção. São Paulo passa a suprir o mercado interno nacional, abastecendo seu parque industrial e os dos outros Estados, também com produtos de sua agricultura.

O Rio de Janeiro — sede administrativa e bancária do país, inclusive da política econômica governamental —, com o grande porto de escoamento da produção brasileira para o mercado exterior, desenvolveu antes que o eixo São Paulo—Santos, uma estrutura urbana e uma indústria¹⁸. A vida cultural também se concentrava no Rio de Janeiro, já desde o final do Império, com jornais e revistas de grande circulação, atraindo os homens de letras, artes e ciências para a máquina governamental e o ambiente da cidade cosmopolita.

Embora superasse o Rio como centro industrial, São Paulo não atingiu tão rapidamente o desenvolvimento e a modernização que o Rio já ostentava como “sala de visitas” do Brasil na primeira década do século XX. Também com relação à população das camadas médias, a ampliação do setor de serviços e as oportunidades de empregos públicos e educacionais mantiveram-se maiores no Rio de Janeiro.

Em 1920, o Estado de São Paulo estava com 4 592 188 habitantes (101% mais que em 1900)¹⁹. A vida urbana que ali se desenvolveu era um indicador do mercado interno formado pela população ampliada pelos imigrantes. A economia de subsistência permaneceu ao redor dos núcleos urbanos e não desapareceu, mesmo durante o fastígio da agricultura e da indústria, voltadas para o comércio exterior. Como cidade comercial, São Paulo já possuía alguns serviços de infra-estrutura necessários à indústria, que, por sua vez, favoreceu a criação de uma série de novos serviços (de educação, pesquisa científica, governamentais e financeiros). A aglomeração e diversificação espacial das atividades atraíram migrações internacionais e internas, como também fluxos de investimento de capitais expressivos, geradores de um nível técnico superior e de novas exigências da população nele implicada.

No centro da capital começavam a aparecer os arranha-céus, que iluminavam a noite com anúncios coloridos de produtos denunciadores da modernidade²⁰, a proclamar São Paulo o maior centro industrial da América Latina. Do outro lado do Tamanduateí e

¹⁸ SINGER, Paul I., *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, p. 19-79.

¹⁹ Id., *ibid.*, op. cit., p. 52.

²⁰ ALCÂNTARA MACHADO, A. *Cavaquinho e saxofone*.

ao longo das vias férreas, uma falta de habitações estimada em 15 mil unidades²¹ redundava em casas de cômodos e cortiços, onde se comprimiam as levas de imigrantes sem recursos e os migrantes do interior do Estado. Ocupando as zonas alagadas e mais desvalorizadas próximas às fábricas, os operários e os migrantes recentes viviam numa área semi-urbana, sem os melhoramentos que a cidade ainda não tinha condições de proporcionar, numa miséria agravada pelo crescimento acelerado da população e pelos baixos salários.

Conservando um padrão tradicional de manufaturas e práticas comerciais rotineiras, os industriais criaram um centro de atividades que, ao suprir o mercado interno, produziu uma acumulação de capital capaz de contribuir para a criação dos complexos industriais posteriores.

Foi a época da criação das lendas sobre os homens que “se fizeram por si mesmos” e dos valores contraditórios entre os imigrantes.

A mobilidade social nunca foi simples, nem se realizou por um único caminho. Enquanto parte dos trabalhadores empenhava-se no processo de conquista de seus direitos, outra acreditava no esforço e na poupança cumulativa do grupo familiar ou de origem comum ou ainda nos laços de solidariedade com os membros abastados da mesma proveniência. Havia os que se apegavam às possibilidades da educação como meio de ascender socialmente, como havia os que apostavam na sorte e no jogo todas as esperanças. Os esforços do governo estadual paulista procuraram prover a população de escolas primárias e profissionais. Contudo a situação dos trabalhadores urbanos continuava pior que a dos trabalhadores rurais e do sertão, e era bem precário seu acesso à informação e à educação.

Havia camadas médias que se colocavam como porta-vozes das aspirações e frustrações das camadas mais desfavorecidas através da imprensa e da luta política, ou através da atuação educacional e religiosa; outras camadas médias incorporavam a ideologia das dominantes e afastavam-se rigorosamente dos que se encontravam sem recursos ou excluídos do processo produtivo.

Além dos jornais diários informativos, de maior circulação, como *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*, São Paulo contava com jornais das diferentes colônias de imigrantes. Contava também com uma imprensa operária, precária e com jornais de

²¹ CARNEIRO LEÃO, A., *São Paulo em 1920*, p. 11-3.

curta duração, que se multiplicavam em diversas tendências e com um ideário nem sempre muito bem definido, que desempenhava uma função doutrinária e educativa, como o fazia também a imprensa religiosa ou a imprensa negra²². Essa imprensa de grupos limitados exprime as representações coletivas, os sentimentos gerais, características, atitudes e aspirações comuns dos grupos: e ainda que sua tiragem nunca seja grande e sua vida, na maioria dos casos, mantenha-se efêmera e frágil, pois carece freqüentemente de recursos financeiros suficientes para o empreendimento, parece ter fôlego inesgotável. Tanto assim que sempre acaba reaparecendo sob outro nome, ou em outras condições. Essa imprensa exprime o pensamento de uma classe média alfabetizada e profissionalizada, com acesso aos processos gráficos e capaz de mobilizar os recursos necessários para fazer funcionar o jornal — ainda quando defenda os interesses dos operários, dos assalariados de um setor ou dos oprimidos.

Além desse veículo educativo, Maria Lacerda de Moura encontrou, em São Paulo, um conjunto de grupos de trabalho que se entrecruzavam, em alianças e dissidências amargas, de socialistas, anarquistas e comunistas, a cujos projetos educativos se incorporou, nem sempre de maneira pacífica. Seja como for, a mudança para São Paulo proporcionará ambiente para o desenvolvimento de suas idéias e ação educativa, fora dos quadros oficiais do Estado (V. Transmitir, transformar, transgredir).

Como de 1882 a 1930 São Paulo recebera 2 223 000 imigrantes e os estrangeiros passaram a constituir quase a metade da população do Estado, estes muitas vezes eram confundidos com operários e colonos, em todas as camadas da população, inclusive entre negociantes e empresários poderosos. Os italianos, portugueses, espanhóis, sírios, libaneses, judeus russos, poloneses e alemães, isolados ou com a família, passaram a participar da vida do Estado, trazendo uma cultura diferente, novos padrões de comportamento e trabalho, e procuraram se incorporar ou se manter à margem da vida social e política brasileira.

Nesse período da Primeira República, para grande parte dos imigrantes, a educação consistia num elemento decisivo de mobilidade social. Para os republicanos, a função educativa deveria caber ao Estado e não à família. A cidadania não se limitava, com

a República, aos proprietários de bens, mas à população alfabetizada do país, e cabia ao Estado criar, pela educação, os homens capazes de governá-lo. Na realidade, a rede escolar oficial, em todos os níveis, apesar do aumento do número de escolas particulares e confessionais, sempre esteve muito aquém da população, que crescia. O Recenseamento de 1920 revelou uma população de 4 592 180 habitantes, no Estado de São Paulo, com 829 851 estrangeiros²³. No primeiro Recenseamento Escolar, realizado também em 1920, obteve-se a revelação de 80,7% de analfabetos entre crianças em idade escolar²⁴. A existência de densas colônias estrangeiras era vista com suspeita crescente pelos nacionalistas, dado o quê, delineou-se um projeto de *educação popular*. Por seu lado, o governo republicano, apesar de suas aspirações democráticas, não estava proporcionando à população um ponto de partida comum pela educação. O movimento desencadeado pela Liga Nacionalista, em torno da "salvação" da população brasileira do atraso econômico e cultural, incentivou a criação de ligas contra o analfabetismo, que atingiram as localidades mais povoadas do território, fizeram das professoras primárias as transmissoras e praticantes de seu ideário ufanista e patriótico e tinham em mira a população estrangeira e a necessidade de lhes impor um ideário nacionalista.

Contudo o analfabetismo brasileiro não se alterou de 1900 a 1920, apesar de em alguns Estados, como São Paulo, o desenvolvimento da rede escolar e a alfabetização ter acompanhado a aceleração do desenvolvimento econômico²⁵, expresso pelo adensamento da população, pela produção agrícola, industrial e comercial.

A crença no poder regenerador da educação não era privativa dos nacionalistas e educadores brasileiros. Herança muito difundida e incorporada do Iluminismo, floresceu em vários momentos e veio a se exprimir e ser posta em prática de forma, às vezes, contraditória por conservadores, católicos, positivistas, liberais e anarquistas. No caso da educação da mulher, a reativação dessa crença na educação foi da maior importância, pois acabou por legitimar um campo profissional e um papel de alcance social para a mulher, fora da família, antes desempenhado unicamente no âmbito familiar — o magistério.

²³ RECENSEAMENTO DO BRASIL, v. IV, 6. parte, p. 13, 26.

²⁴ COSTA, Ana Maria da, *A educação em S. Paulo na República Velha*, p. 204.

²⁵ LOURENÇO FILHO, M. B. Evolução da taxa de analfabetismo de 1900 a 1960. Apud COSTA, A. M. da, op. cit., p. 84.

²² Cf. BASTIDE, Roger, *O negro na imprensa e na literatura*. Cf. também jornais e panfletos do Arquivo E. Leuenroth estudados por FERREIRA, Maria Nazareth, *A imprensa operária no Brasil — 1890-1920*.

Em São Paulo, além de uma camada da população capaz de examinar criticamente a realidade social em que estava inserida, manifestam-se, na década de 20, aspirações de transformação dessa realidade, pela escolarização dos excluídos da escola, ou por transformações da estrutura social. Há os que propõem chegar a uma unidade nacional através da "educação" popular, enquanto outros temem as limitações de uma população letrada, que se esterilizaria na burocracia das cidades, sem ser capaz de produzir riqueza²⁶.

Ao se voltar contra os padrões de educação e cultura dos fins do século XIX, os remodeladores das instituições escolares, além de desejar ampliar a população escolar, procuraram introduzir uma aprendizagem feita pela ação, em que o aprender se fizesse pela observação, pela pesquisa e pela reflexão. Era essa a proposta das escolas integrais, de oito anos. Contudo o que ocorreu, de fato, nas redes escolares estaduais foi uma alfabetização mal consolidada, numa escolarização de dois anos e até menos. Os descompassos freqüentes entre os planos e as reformas educacionais e a sua prática são igualmente constantes nas informações e análises consultadas. Assim é que houve uma ampliação real da rede escolar no Estado de São Paulo durante a Primeira República e um aperfeiçoamento e certa modernização de alguns institutos de ensino, fundamentalmente na capital e nas cidades mais prósperas. Contudo a taxa de analfabetismo não desceu a menos de 52% e a população beneficiada por tais esforços limitou-se ainda a uma proporção reduzida dos habitantes do Estado.

A escola normal foi também revista, nesse período, ao se considerar que o ensino primário valeria o que valessem seus professores. Procurou-se profissionalizar o curso normal, definindo, dentro do que se considerou um curso de humanidades de segunda classe, um preparo técnico e pedagógico, com grande carga de psicologia e sociologia. A fim de abandonar o ensino livresco e abstrato e tornar mais eficaz o trabalho docente, estimularam-se atividades extracurriculares, o estabelecimento de bibliotecas, laboratórios e museus. Ao lado da escola normal, de nível mais elevado, as escolas complementares foram criadas para atender às necessidades prementes do ensino primário²⁷.

²⁶ NAGLE, Jorge. O otimismo pedagógico. In: —, *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 109-10.

²⁷ TANURI, Leonor Maria, *O ensino normal no Estado de São Paulo — 1890-1930*, p. 123 et seq.

Ainda assim, apesar da distância entre padrões de ensino renovado, condições reais e sua implantação, a escola normal ganhou uma categoria profissional e técnica que não tinha antes, e que marcou profundamente as alunas de então, que assimilaram a missão civilizadora que lhes era atribuída.

Acrescente-se a essa profissionalização, ao sentido político da nacionalização da população imigrante e à disciplinação da população inculta, uma concepção tradicional da educação feminina, que negligenciava uma realidade social, onde parcela da população feminina já se integrara ao mercado de trabalho também através do magistério primário.

*"Entretanto, ainda mesmo que nem todos os diplomados venham a ser aproveitados no ensino público ou particular, a admissão na escola normal de um grande número de candidatas só poderá ser socialmente benéfica. De fato, não há melhor educação para ser mãe, educadora dos próprios filhos e a melhor colaboradora da obra da escola do que a recebida num estabelecimento no qual, a par de uma cultura geral, regular, se obtém uma preparação para conhecer a criança, educá-la e conduzi-la."*²⁸

Não será exclusivamente para uma minoria, com ideais humanistas, que estão funcionando esses graus de ensino. Embora longe de pretender alcançar toda a população, aumenta a orientação para o trabalho e divulgam-se ideais liberais entre as camadas médias da população, de onde provêm as professoras mulheres, encarregadas de identificar os filhos de imigrantes com um projeto nacional e criar, pelo ensino, novos ufanistas.

É de 1921 o artigo de Lourenço Filho onde constatou que o magistério já se tornara, em todos os países, uma função feminina, e, ao apresentar o grau de profissionalização da mulher em São Paulo, considerou que lhe deveria caber também postos técnicos e administrativos, ainda reservados aos homens²⁹.

A separação da Igreja do Estado, consagrada pela Constituição de 1891, que estabelecia a liberdade do ensino, não impediu que a educação feminina ficasse monopolizada por ordens religiosas, na maioria, francesas. Em muitos casos, as escolas de freiras para meninas ricas sustentavam asilos e escolas para meninas pobres, onde a escolarização feminina sofria limitações e discrimi-

²⁸ CARNEIRO LEÃO, A., *Planejar e agir*, p. 93.

²⁹ LOURENÇO FILHO, M. B., *As mulheres no magistério. O Estado de S. Paulo*, 5 dez. 1921. n. 15 666, p. 2.

nações ainda mais agudas que nas escolas religiosas masculinas. Antes da profissão de professora ter sido aceita como compatível com os encargos maternais, e das escolas normais terem se expandido o suficiente para prover as escolas primárias de profissionais capacitadas, foi preciso defender longamente a idéia de que a mulher deveria ser educada, para ter condições para educar os filhos³⁰. As ordens religiosas, seus colégios, asilos e hospitais, criaram canais de profissionalização feminina, enquanto as escolas criadas pelas congregações protestantes, ou pelas colônias urbanas de imigrantes, embora em número bem mais reduzido, completavam o quadro da ampliação das oportunidades de escolarização e de trabalho e lhes davam o pólo modernizador³¹.

Muitas mulheres das famílias de alta renda contavam com governantes estrangeiras ou com a possibilidade de estudar na Europa ou nos Estados Unidos; as moças das famílias de média renda, em São Paulo, tinham na escola normal ou na escola profissional o máximo de suas aspirações educacionais, quando suas mães mal haviam sido alfabetizadas.

O distrito do Brás, por volta de 1920³², tornara-se o principal bairro operário, construído na baixada pantanosa do Tamanduateí. Como ele, o Bexiga abrigava os trabalhadores estrangeiros e o Bom Retiro, a Mooca, o Ipiranga e o Belenzinho eram seus prolongamentos. As zonas residenciais ricas foram sendo construídas em regiões mais altas e saudáveis, que, de Higienópolis, se alongavam pela Avenida Angélica à Avenida Paulista, com uma outra distribuição de espaço e de serviços públicos urbanos.

Os grupos imigrantes criaram, nos bairros em que predominavam, algumas formas de recreação. O Teatro Colombo, na Praça da Concórdia, foi um dos locais de concertos e espetáculos muito apreciados pelos italianos. Os anarquistas tinham grupos de amadores de teatro social, e os vários salões do Brás, do Bom Retiro e do Belenzinho eram ocupados, em muitos sábados, pelos extensos festivais em que as peças italianas ou brasileiras, sempre

de fundo social, eram representadas³³. Maria Lacerda participou de alguns desse festivais, além de ter escrito o prefácio à peça de Marino Spagnolo, *Bandeira proletária*³⁴. O espaço de desenvolvimento da arte erudita, cultivada pelos intelectuais paulistas, mantém-se do outro lado do vale. Apesar do projeto de unificação cultural, procurando ligar a arte popular à arte da elite, a produção cultural dos habitantes dos bairros operários foi ignorada, passando unicamente o pitoresco e o humorístico do linguajar desses bairros para a literatura contemporânea. Somente alguns atores e jornalistas tiveram trânsito livre entre esses universos, que se conservaram paralelos, com apenas alguns encontros ocasionais.

621

³⁰ MACHADO DE ASSIS. *Cherchez la femme* (1881). In: —, *Obra completa*, v. III, p. 1016-7. Cf. também POLIANTEIA comemorativa da inauguração das aulas do sexo feminino. Rio de Janeiro, Liceu de Artes e Ofícios, 1881.

³¹ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Educação. *Mulher brasileira*; bibliografia anotada, (2):211-307. POLIANTEIA comemorativa 1846-1946. 1.º Centenário do Ensino Normal de S. Paulo. São Paulo, Brescia, s/d.

³² LOVE, Joseph L. Society and culture. In: —, *São Paulo in the Brazilian Federation — 1889-1937*, chap. 3.

³³ VARGAS, Maria Thereza & ALVES DE LIMA, M. *Teatro operário na cidade de São Paulo*.

³⁴ PENTEADO, Jacob, *Belenzinho, 1910*, p. 260-4.

1.2 Focalização da condição feminina

A mulher patriciã não pode penetrar os arcanos da questão, na sua maioria escrava da religião, dos trapos, das joias, dos bombons e do salário — não pode pensar senão pela cartilha dos dogmas, das modistas, das vitrinas e da luta pelo estomago.

A religião, em constante conflito com a ciência, tem na mulher a alavanca reaccionaria contra a evolução para feitos mais altos.

Cumpra desembaraça-la das peias que a encarceram mentalmente.

Enquanto não souber pensar será instrumento passivo em favor das instituições do passado. E ella própria, inconsequente, trabalha pela sua escravidão.

E o captivo é tal que se revolta si outras mulheres querem eleva-la à altura dos seus direitos clamando contra a violação do pensamento feminino.

Enquanto não pensur, em vão tentaremos quebrar os grilhões para a nossa independência individual; a mulher ainda é escrava; depende do salário, do homem, do seu capital. Assim, é impossível a libertação.

Seu cérebro foi conservado infantil pelo egoísmo masculino dos ancestrais.

Falta derradeiro lampejo para que a intelligencia da mulher patriciã se abra a illimitadas aspirações.

A brasileira ardente, altiva, intelligente, idealista, generosa, num impulso final, por entre relampagos da consciencia adormecida, perceberá.

E a sua dedicação eloquente completará a obra magnífica.

Faltam-nos escolas.

Faltam-nos educadores na acceção mais ampla da expressão.

Faze-os nascer deste mesmo povo — eis o que é preciso.

As nossas professoras primárias executam prodígios.

Que mais podemos exigir dellas? se lhes não distribuíram alimento espiritual para a exciu são portentosa aos picos mais altos da alma infantil, illuminuras mysticas...

MOURA, Maria Lacerda de. A mulher brasileira e os problemas sociais. O *Corymbo*, Rio Grande do Sul, 15 jun. 1922. n. 200, p. 1. Publ. quinzenal.

A vida política, econômica e cultural das localidades onde Maria Lacerda viveu não repercutiu diretamente na atividade que exerceu e nas idéias que expôs. Evidentemente, as oportunidades de trabalho e de atuação profissional em São Paulo, de 1921 a 1928, eram mais amplas e diversificadas que na Barbacena das primeiras décadas do século. Contudo o recolhimento de Maria Lacerda a Guararema, numa tentativa de participar de uma comunidade agrícola, vai corresponder ao seu período de maior produtividade intelectual, tanto em número de artigos e conferências,

como em sua maior repercussão (1928-35) — pelo número de livros publicados e depoimentos de leitores e público das conferências. E se a volta a Barbacena foi assinalada por uma intensificação do espiritualismo, que sempre transpareceu em seu discurso, a vida no Rio de Janeiro vai ser marcada por interesses cada vez mais avessos à atuação pública, aos contatos políticos e ao trabalho educacional — a astrologia e as ciências ocultas.

Na realidade, o pioneirismo de Maria Lacerda se deu basicamente na área de estudos sobre a condição feminina. Embora São Paulo, como cidade que crescia, lhe desse um reforço de oportunidades na imprensa, de casas publicadoras e de público, pela diversidade social de sua população, possivelmente a cidade pequena de onde provinha, e a região decadente do Vale do Paraíba para onde se mudou lhe proporcionaram maiores oportunidades de observação das relações sociais no casamento, na família, do trabalho cotidiano da mulher e de sua participação social. Como regiões de grande conservantismo, onde o controle social é mais penetrante e se impõe sobre os dominados e as minorias, com a população submetida à tutela da Igreja católica, os papéis tradicionais femininos eram incorporados e aceitos como indiscutíveis, quaisquer que fossem as situações concretas das mulheres existentes dentro e fora da família, ou no trabalho executado na casa, na lavoura, no artesanato, no comércio, na educação e no funcionalismo. A coexistência de padrões ideais e reais contraditórios passou a constituir uma tônica dos escritos de Maria Lacerda, que a considerava como hipocrisia social.

Ao tentar caracterizar a sujeição feminina que pouco a pouco procurou especificar nos diferentes aspectos, refletia sobre um terreno tornado privado, excluído do saber reconhecido e a que não se admitiu, durante muito tempo, sequer a qualificação de conhecimento social. Para muitos, é ainda uma área sujeita à normalização e ao controle social, mas não passível de reformulação — o controle e as normas devem impedir a desorganização social que mudanças ou desvios acarretariam numa "condição natural".

A partir de seu primeiro livro, em 1918, Maria Lacerda começou a examinar a condição feminina e a bibliografia em português ou traduções existentes a respeito da mulher. Nas obras subsequentes passou a divulgar a luta pelo direito à cidadania, à educação; a necessidade de resistência à redução da vida da mulher ao papel de procriadora, aos preconceitos existentes contra a mulher escritora, à legitimação da inferioridade feminina na sociedade

vigente; o direito ao amor e ao casamento por livre escolha, a necessidade da maternidade consciente, o problema da solteirona e da prostituta, as situações criadoras dos crimes passionais e as formas do trabalho doméstico e repercussões do trabalho assalariado feminino.

Com algumas exceções que a inspiraram, Maria Lacerda estava cercada por um mundo que marginalizava os setores femininos da população e do processo produtivo e, ao subentender a participação feminina na família, na educação, no trabalho e na política, confirmava uma crença na existência de um gênero humano, em que uma parte específica, subalterna e inferior, existe em função de outra, superior, ativa e atuante, "por natureza".

Somente a partir da década de 70 é que uma série de estudos, predominantemente femininos e feministas, vai examinar o trabalho feminino, o trabalho doméstico e os tipos de articulações da mulher, entre o domínio privado e o domínio público, utilizando esquemas teóricos diversos: funcionalista, marxista, estrutural ou psicanalítico¹.

A partir de 1921, Maria Lacerda de Moura se desinteressou da luta pelo sufrágio feminino, que reivindicava direito político de voto para a mulher. Essa conquista foi realizada por Bertha Lutz² e suas companheiras da Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino, que, desde Barbacena, Maria Lacerda acompanhava e admirava, em sua capacidade de se organizar em associações que, por um entrosamento com associações feministas americanas e negociações com os políticos brasileiros, obtiveram o direito de voto para a mulher, em 1932.

Desde seus últimos tempos, em Barbacena, nos artigos que enviara para o jornal *O Corymbo* (RS), Maria Lacerda desviara o seu interesse da cidadania da mulher para as discriminações por ela sofridas, examinando as condições da formação da família, dos mecanismos de criação do conformismo feminino e daqueles capazes de reproduzir essa condição subalterna, tanto no trabalho doméstico quanto no trabalho assalariado.

Até chegar a seu livro mais comentado, *Religião do amor e da beleza* (1926), Maria Lacerda trabalhou numa área pouco

¹ Como é o caso dos trabalhos de Heleieth Saffioti, Felicia Madeira, Danda Prado, Maria Moraes, Eva Alterman Blay, Carmen Barroso, Neuma de Aguiar, Arakcy Rodrigues, Fany Tabak.

² ALVES, Branca Moreira, *Feminismo e ideologia*.

circunscrita e bastante polêmica, onde normas e preconceitos muito arraigados exigiam de seus recursos de autodidata uma extraordinária energia para atingir o objetivo: conscientizar as mulheres da situação em que se encontravam e dos caminhos que havia a percorrer para uma efetiva participação social. O esquecimento em que caíram seus escritos, apesar de uma repercussão plena de mal-entendidos e de breve duração, talvez se ligue ao espaço que tentou abrir prematuramente para um saber visto com desconfiança e soterrado por todas as formas de repressão: da ridicularização à repressão médica ou policial. Ainda que esse saber sobre a condição feminina estivesse sendo acumulado e articulado, aos poucos, sob muitas perspectivas, a força de suas conotações morais e políticas mantinha seus detentores no silêncio e seus adeptos à distância ou numa atitude de descomprometimento. A redução da mulher a seu sexo, o peso das confusões entre problemas sexuais e pornografia e uma forte tendência a manter as mulheres "caladas e sofridas" não eram certamente condições propícias para uma leitura adequada da mensagem de Maria Lacerda. Com a agravante de ela provir de uma camada de poucos recursos da classe média, de não ter se articulado a um grupo de apoio e de ter pretendido atingir a camada de que proveio (a mulher "sem recursos e sem biblioteca").

Maria Lacerda assumiu uma posição anticlerical do maior radicalismo em seus trabalhos sobre a condição feminina, atribuindo ao clero católico, por seu poder junto às famílias e, em particular, junto às mulheres e às escolas, o exercício e a propagação da situação subserviente da mulher, como observou em Minas e São Paulo. A verdade é que trabalhos acadêmicos recentes, vindos dos países desenvolvidos (Inglaterra, França e Estados Unidos), sobre as condições de vida da mulher e da família antes e logo depois da revolução industrial revelam características equivalentes nas relações entre a mulher, o casamento, a educação, o trabalho e a política, nem sempre por força do aparelho clerical.

Mesmo os positivistas brasileiros, que exerceram papel significativo na laicização da Primeira República e tiveram alguma influência sobre a autora, consideravam que

"a Mulher sabe que a moralidade humana supõe a submissão, que é a base do aperfeiçoamento físico, intelectual e moral". (...)
"O primeiro dever da massa ativa é sustentar a massa feminina. A função da Mulher é ser Mãe, Esposa, Filha, Irman. A domesticidade é um complemento dos laços domésticos nas famílias excepcionais. Só Excepcionalmente a Mulher pode exercer funções

intelectuaes ou praticas destinadas ao Homem". / "Mas, por ser a sua função no recinto modesto do lar, segue-se que ela não precisa ter instrucção? Não; a sua função é formar os homens. Preciza, pois, uma educação tão completa quanto possível" ³.

Os trabalhos que vêm sendo realizados de história da medicina social ⁴ têm fornecido recursos do maior interesse para a compreensão da legitimação científica (e não apenas moral e religiosa) da condição feminina na sociedade. Os métodos comparativos e estatísticos desenvolvidos no século XIX foram fartamente utilizados para definir a mulher e estabelecer como deveria viver.

O trabalho pioneiro de Tito Lívio de Castro ⁵, citado em diversas passagens por Maria Lacerda, reveste-se desse teor científico para demonstrar a inferioridade feminina, sugerindo, contudo, que a educação poderia reduzir essa inferioridade.

Como alguns médicos dedicaram-se ao estudo de doenças femininas, foram os veiculadores e legitimadores de um amplo ideário sobre a mulher, o casamento e a prostituição, fornecendo o lampejo de verdade dos estereótipos que não se referem à mulher como ser físico, mas como ser moral. Como o normal e o patológico no tratamento de questões como a menstruação, a gravidez e a menopausa confundiam-se muito e não se levava em conta as inter-relações entre o biológico, o psíquico e o social em tais exames, o resultado era acabar considerando a mulher como uma doente permanente dentro de parâmetros "masculinos". Fizeram-se comparações do esqueleto, dos músculos, das fibras e do cérebro da mulher, que comprovaram-se menores e mais fracos que os dos homens. Ao comparar a mulher com outras fêmeas de mamíferos, verificou-se que ela sofre maiores riscos de aborto, de varizes e de uma série de condições, que a devem destinar a uma atividade limitada e a uma vida abrigada. Como a mulher é encerrada em seu sexo, o seu psiquismo é julgado de acordo com ele, para justificar todos os lugares-comuns aceitos de inferioridade feminina, que são utilizados conforme as necessidades sociais.

A imposição às mulheres, em sua própria defesa, de um resguardo e de uma austeridade monacal tem uma tradição cristã vulgarizada de que, como a mulher é responsável pela tentação e o pecado, deve-se cobrir e encobrir, e não se expor, para não

³ TRIKEIRA MENDES, R., *A preeminência social e moral da mulher*, p. 49, 103.

⁴ MACHADO, Roberto et alii, *Danação da norma*. DONZELOT, Jacques, *A política das famílias*.

⁵ CASTRO, Tito Lívio de, *A mulher e a sociologia*.

desencaminhar o homem. Atravessando todo um arcabouço de técnicas científicas e quantitativas, essas representações voltam a se tornar correntes. Apesar de se verificar que estavam sujeitas à histeria tanto virgens, quanto prostitutas, religiosas e senhoras casadas, mantinha-se a idéia de um caráter feminino imaginado com base numa maior freqüência de neuroses entre as mulheres. A urbanização do século XIX forneceu a concentração necessária para esse reforço da discriminação da mulher. A cidade degradou o papel social feminino. Retirou o seu papel econômico e cultural básico e a reduziu de produtora a reprodutora. Passou a ser a executante isolada de serviços domésticos, tanto no caso das mulheres burguesas, como no das empregadas ou das operárias. O sofrimento e as limitações dessa situação, que para muitos estava na base das neuroses femininas, levava os médicos a reforçar a necessidade e as virtudes do confinamento feminino às suas casas.

Embora não se conheça a extensão efetiva do público desses trabalhos médicos, uma pesquisa em andamento ⁶ nos Anais da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, no século XIX e início do século XX, revelou um discurso semelhante com referência à mulher, no Rio de Janeiro. Tal semelhança pode significar observação de situação equivalente, mas pode ser um desdobramento das formas de dominação capitalista através da importação de idéias dos países desenvolvidos.

No decorrer do século XIX, transformaram-se os papéis e as ocupações sociais da mulher, em função da penetração irregular, mas crescente, do capitalismo industrial, cujos níveis demográficos, sociais e econômicos alteraram, de diferentes maneiras, o cotidiano da vida das populações. As transformações provocadas na vida das famílias, tanto de trabalhadores, como da burguesia e das camadas médias, sofreram acomodações, rupturas e alterações distintas, que não dispensaram restrições legais, atitudes repressivas e exclusões da mulher, numa sociedade com um patriarcalismo arraigado ⁷. Contudo, apesar de haver uma legislação e uma política social que exprimem tais situações, os cientistas não a mencionavam através dessa perspectiva, como os autores atuais. A condição feminina ficava relegada à literatura médica e jurídica, a obras doutrinárias ou morais ou a conselhos publicados (e estu-

⁶ NUNES, Silvia Alexim. *Medicina social e regulação do corpo feminino*. In: FUNDAÇÃO FORD/CARLOS CHAGAS, *Pesquisas do 2.º Concurso sobre a Mulher*.

⁷ PENA, Maria Valeria Junho. *Mulheres e trabalhadoras*.

dados nas escolas) de como se tornar uma "boa" moça ou uma mulher "completa", dentro das expectativas tradicionais.

A explosão demográfica que marcou o século XIX fez também surgir trabalhos de economistas, jornalistas, ensaístas e reformadores tentando reconciliar as expectativas tradicionais e sugestões inovadoras, com relação aos papéis sociais da mulher. Mas, durante o período vitoriano, na Inglaterra, essas reformulações da vida social das populações focalizavam as responsabilidades e as obrigações, ignorando todas as condições sociais e econômicas que impediam as mulheres de assumir tais responsabilidades⁸. Até no caso mais estudado das operárias de indústrias, os empregos sempre foram insuficientes para a quantidade de mulheres que deles necessitava. As operárias eram obrigadas a suportar a competição e os baixos salários ao mesmo tempo que a perda de posição proveniente tanto do salário inferior quanto do ideal feminino de não trabalhar em troca de salário. A estrutura social tradicional continuava a transmitir e reforçar a crença nos perigos morais, para a mulher e para a família, provenientes do mundo do trabalho fora do ambiente doméstico.

Mesmo nos Estados Unidos, onde soaram mais fortes os ecos de uma transformação da condição feminina, a submissão, a pureza e a religiosidade eram considerados e louvados como os atributos esperados de uma boa educação da mulher: "O seu trabalho devia ser silencioso e omissivo, como o da natureza"⁹. Como a mulher é mais vulnerável, mais doentia e mais mortal que o homem, seu melhor refúgio deve ser o calor e a segurança do lar, no papel de filha, irmã, e principalmente esposa e mãe. O estado da mulher casada seria o adequado para exercer as virtudes domésticas, o que criou o estigma da solteirona e o avesso da prostituta. A solteira louvada era apenas a que se sacrificava pela família ou por uma missão superior. Os movimentos de reforma social, as migrações, a atividade missionária, as comunidades utópicas, a industrialização e a guerra civil norte-americana exigiram novas posições e atitudes, que se superpuseram às tradicionais, produzindo, ainda assim, uma enorme carga de culpa e confusão na

introdução de novos papéis, que se contrapunham sem dispensar os tradicionais. Como quase sempre se exigiam atitudes contraditórias, o comportamento reprimido, o movimento proibido, a manifestação frustrada apareciam nos tipos específicos de doença mental das mulheres e em atitudes permanentes de dubiedade e autodestrutividade como meios de conciliar o desempenho satisfatório de papéis impostos. Como o casamento era o alvo a atingir para a completa adequação social, o divórcio — a dissolução de um casamento — foi longamente visto como algo imoral, destruidor da família, célula social e reguladora do indivíduo. Mesmo quando se reconhecia que o casamento tradicional era tirânico, repressivo e discriminatório das mulheres, o divórcio, embora fosse um meio de permitir que mulheres maltratadas escapassem a situações insustentáveis, era visto mais como instrumento de emancipação feminina que como forma de proteger as mulheres dos maridos. Alegava-se que a industrialização e outras pressões da vida urbana estavam rompendo a instituição familiar e provocavam mais divórcios que um novo tipo de casamento, que se marcasse por novos padrões e por maior liberdade dos implicados.

Paralelamente aos movimentos reivindicatórios dos operários, inspirados ou contrários ao programa e à atuação do Partido Bolchevista, a partir da Revolução Russa de 1917, desenvolveu-se na classe média brasileira um interesse fascinado e horrorizado pelo que ocorria na União Soviética. Afora os programas políticos do Socorro Vermelho e de agrupamentos diretamente vinculados aos partidos comunistas, criaram-se periódicos e coleções de opúsculos e livros com a finalidade de ultrapassar as barreiras de informação que os governos, as empresas e a imprensa de grande circulação do sistema capitalista periférico estabelecera na década de 20. Desenvolvia-se simultaneamente, através de canais de informação formais e informais, oficiais e religiosos, uma campanha anticomunista muito abrangente, capaz de atingir amplas camadas da população. Nessa campanha, um anticomunismo global atribuía ao anarquista a capacidade de exterminar a família, criar o caos social e eliminar da vida social as virtudes consagradas, e ao comunista, a criação da depravação e da morte das criancinhas, que poderia chegar a conduzir ao despovoamento. O amor livre e o neomalthusianismo foram, portanto, preocupações muito generalizadas nessa época — ou como meios de sanar imperfeições da dinâmica social ou como sementes de uma propaganda anticomunista indiscriminada e avassaladora.

⁸ KANNER, S. Barbara. The women of England in a century of social change — 1815-1914; a select bibliography. In: VICINUS, Martha, ed., *Suffer and be still: women in the victorian age*, p. 173-206. Id., *ibid.*, in VICINUS, Martha, ed. *A widening sphere changing roles of victorian women*, p. 199-270.
⁹ WELTER, Barbara. The cult of true womanhood — 1820-1860. In: GORDON, Michael, ed., *The American family in social historical perspective*, p. 313-33.

Maria Lacerda de Moura publicou uma parte de seus livros antes da tradução da obra de Alexandra Kollontai¹⁰ e traduziu, em 1929, a obra do argentino Julio Barcos, *Liberdade sexual das mulheres*. Antecipou-se e foi contemporânea de uma série de traduções de higienistas, sexólogos e reformadores que marcaram o mercado editorial brasileiro no fim da década de 20 e início da de 30, como Augusto Forel, Marie Stopes, Havelock Ellis, J. R. Bourdon, T. Van der Velde, Paolo Mantegazza, Jean Marestan e Gregorio Marañon, muitos dos quais a inspiraram nos trabalhos que se seguiram.

Refletia um aspecto das mudanças estruturais da família burguesa tradicional, que preocupava então conservadores, liberais e revolucionários. Não abria uma área ainda não percorrida. A singularidade de seu trabalho provém da articulação que estabeleceu entre o problema da emancipação feminina e a luta pela emancipação do indivíduo no capitalismo industrial, cujo recrudescimento ela apontou nos regimes fascistas que então se estruturavam. É também singular o leque de frentes que ousou abrir, provindo, como proveio, de um grupo minoritário e conservador, aspirando ter esse mesmo grupo por público.

A Biblioteca Social A Inovadora, na Ladeira do Carmo, durante vários anos da década de 20 foi um dos agrupamentos culturais anarquistas em São Paulo. Como um gabinete de leitura, abria das 8 da manhã às 9 da noite; fazia empréstimo e venda de livros, folhetos e revistas, anunciando seus títulos na imprensa operária. De 1920 a 1923, *A Plebe*, o quinzenário anarquista de mais longa vida, incluiu os livros e conferências de Maria Lacerda entre as publicações de cunho social recomendadas por A Inovadora, ao lado de folhetos em italiano e espanhol e traduções do francês. Entre os livros insistentemente anunciados estava o de J. Novicow, *A emancipação da mulher*. Esse livro, numa tradução anônima impressa em Lisboa, embora nunca tenha sido citado pela autora, reúne os elementos fundamentais de seus escritos a respeito da mulher. Trata-se de um livro com todas as características dos trabalhos de difusão cultural, de um período em que o culto à ciência e ao progresso tomou a educação como sua bandeira e instrumento de aperfeiçoamento humano e de luta contra os vários tipos de injustiça.

A emancipação da mulher era considerada sob os aspectos do martírio, da inferioridade natural, da igualdade social dos sexos,

¹⁰ KOLLONTAI, Alexandra, *A nova mulher e a moral sexual*.

da superioridade da união livre, da supressão da família, dos filhos, do desregramento dos costumes, das objeções de ordem política e ética à conquista da felicidade. E a partir dessas objeções proclamava-se a grande esperança do período entreguerras — a reunião do socialismo, do pacifismo e do feminismo em oposição às instituições sociais conservadoras. Era um produto típico de um movimento neomalthusiano que, embora limitado a publicações, tentou incorporar a higiene e o controle da natalidade ao funcionamento das instituições sociais¹¹.

Um pequeno *Compêndio de civilidade para uso das famílias e dos institutos educativos*, que em 1926 estava em sexta edição e no trigésimo segundo milheiro, revela o comportamento que se esperava das pessoas consideradas “educadas”:

“A primeira prova de amor para com os paes é prestar-lhes obediência e submissão em tudo, salvo no que não for licito. Não debes manifestar os seus defeitos ou critical-os, mas sim encobril-os ou excusal-os, compadecel-os. Infeliz do que se arvora em censor dos defeitos dos seus paes!

A obediencia aos Superiores é para o jovem o fundamento de toda virtude, e por isso o seu primeiro dever. ‘Obedecei aos que vos são dados por guia e sede-lhes submissos’, diz o Apostolo S. Paulo, ‘porque elles deverão dar de vós cõntas a Deus.’ Obedecei não à força, mas de bom grado, para que os vossos Superiores possam cumprir os seus deveres com alegria e não entre lágrimas e suspiros. A virtude que de modo especial se inculca aos estudantes é a humildade. Estudante soberbo é synonimo de ignorante.

De modo todo especial, fuge e abomina as conversas immorales ou mesmo só inconvenientes, que poderiam ferir um ouvido innocente e puro e despertar nos outros imagens perigosas. Um jovem christão nunca será por demais prudente nisto. Longe de ti, pois, toda palavra obscena ou ambigua, toda historia picante ou anedocta escandalosa. Isso tudo é indício de coração corrompido e produz tristes ruínas nos outros. Nem se deve falar com levandade ou desrespeito das pessoas de outro sexo; graçolas e chalaças licenciosas destoam completamente na boa sociedade.

Não te abalances a visitar pessoas de moralidade duvidosa. Não é sufficiente não ter más informações; é preciso tel-as boas e de fonte certa; do contrário andarás às cegas com manifesto perigo da tua virtude.

A verdadeira educação consiste em ouvir contar coisas que nós sabemos perfeitamente, por pessoas que as ignoram.

¹¹ DONZELOT, Jacques. O padre e o médico. In: —, *A policia das famílias*, p. 155-70.

Nas visitas é preciso ainda evitar as seguintes coisas: (...) Levar a conversa para o lado da religião ou da política. As discussões sobre estes assumptos são frequentemente causa de irritação; por esse motivo vale mais evitá-los (...) As divergências de opinião offendem, mas a contradição immediata a qualquer coisa que se diz, é de pessimo effeito. O sorriso ou o riso devem vir em occasião apropriada, pois rir constantemente e sem motivo é signal de pouco siso. Nunca é demasiada a reserva, sobretudo com estranhos; portanto não fales das tuas cousas intimas e familiares ou de cousas de cuja revelação te possas arrepender.

Tenha em vista a grande obrigação do segredo sobre os negocios da familia. Quem convive por muito tempo com uma familia, chega a ter noticias sobre os haveres, interesses, relações, ás vezes pequenas minucias e particularidades que não devem de modo algum ser divulgadas.

Guardem-se os rapazes de diminuir a polidez e a consideração que a todos se deve, com a idéia falsa de parecerem affectados ou effeminados.

Guardem-se as meninas de ser egoistas. Para sermos verdadeiramente bem educadas devemos sempre pensar nas conveniencias dos outros antes de pensarmos nas nossas (...) Devemos ser simples e naturais (...) Devem-se guardar de dizer coisas desagradáveis as companheiras de brinquedo e mostrar inveja de vestidos e chapéus usados por outras meninas. É possível termos tudo quanto desejamos, e é doidice ter um grande desgosto, por vermos as outras mais bem vestidas do que nós.

Guardem-se as meninas de não desobedecer aos paes e professores, não mostrar obediência a todas as pessoas de respeito, não ser bondosas para as companheiras e criadas, não ter consideração pelos desejos e sentimentos dos outros, não ser modestas no porte e, finalmente, não observar as pequenas regras que constituem a boa educação de uma menina".

Evidentemente, a existência desses preceitos não significa uma prática de acordo com eles. O interesse dessas normas é revelar valores e ideais — indícios indiretos de sua distribuição — de comportamento desejável para o bom funcionamento social, pelo menos da camada dominante. Os preceitos citados foram selecionados não por serem os mais praticados, mas por terem sido aqueles contra os quais Maria Lacerda de Moura praticou transgressões implícitas e explícitas.

1.3 Faces do feminismo

O Sr. Arão Rebêlo (SC) — Devo dizer que pouca fé tenho na democracia.

O Sr. Levi Carneiro — Ah! Isso é outra coisa. (...) V. Ex., então, não dá voto de espécie alguma a todos os homens.

O Sr. A. Rebêlo — Não creio nos resultados da democracia.

O Sr. José Carlos (SP) — O orador é pelo Estado corporativo masculino?

O Sr. L. Carneiro — As diferenças entre os homens são maiores do que entre homens e mulheres.

O Sr. A. Rebêlo — Entre os homens, não há fronteiras possíveis que possam separar os capazes dos incapazes; não há meios para distinguir quem deva de quem não deva votar. Mas, entre mulher e homem, há os sexos que os distinguem...

O Sr. L. Carneiro — V. Ex. é freudiano...

ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. Anais... (4 abr. 1934) Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1935. p. 183.

O Sr. A. Rebêlo — Assim ... pergunto: quem desejará para suas mães, irmãs e esposas a licenciosidade que impera nos Estados Unidos, inspirada por uma civilização postiça? (Vários não apoiados).

O Sr. Cristóvão Barcelos (RJ) — O exercício do voto não chega a tanto.

O Sr. A. Rebêlo — Com licença: não estou dizendo isto. No meu discurso, está tudo determinado. Falo sobre o que se denominou — feminismo.

O Sr. C. Barcelos — Ai, sim.

O Sr. Moraes Andrade (?) — O orador está combatendo uma coisa que não existe.

O Sr. A. Rebêlo — Chegarei lá. Direi a V. Ex. que o voto extensivo à mulher é o primeiro passo para o feminismo. (Não apoiados).

A mulher quando vence, vence pelo coração, sua bússola; nunca pelo cérebro. A mulher vive a vida do sentimento... por isso, sabe chorar, sabe comover-se...

A exceção disso encontra-se nas degeneradas, que esqueceram a honra, apodreceram o caráter no bátrio do vício.

Id., *ibid.*, p. 185.

O Sr. A. Rebêlo — (...) Entretanto, com o direito de voto, corretamente, a mulher adquire a obrigação de prestar serviço militar... porque "quem diz direito, diz obrigação". (...) Não posso, por isso, furtar-me ao desejo de ler o discurso do Ministro Goebbels sobre tão palpitante questão: "... Quanto mais concentrar-se cada sexo no círculo de sua missão natural, tanto mais força encontrará para cumprir com seus deveres".

Id., *ibid.*, p. 187.

O que teria levado a imprensa a caracterizar a década de 20 como a do aparecimento da mulher moderna? As transformações do cotidiano feminino, com a divulgação do automóvel e a frequência ao cinema, a comunicação rápida e a prática de esportes seriam suficientes para modernizar a mulher? Os aperfeiçoamentos tecnológicos introduzidos nas cidades e o consumo ávido da vida de outros lugares, provido pelos filmes e noticiários e pelas revistas, teriam o poder de transformar a figura tradicional da mulher brasileira, subordinada e indiferente à realidade social que ultrapassasse a vida da família? A criação de uma grande quantidade de associações femininas e feministas seria também resultante da crise dos mecanismos econômicos e políticos, como os movimentos populares e militares que afloraram na década de 20? Ou as mudanças na mulher e nas idéias sobre o papel feminino viriam das levadas de profissionais que começavam a conquistar postos, num mercado de trabalho até então exclusivamente masculino?

Não é possível sequer saber se as questões a serem formuladas seriam exatamente estas. Mas eram as veiculadas pela imprensa contemporânea. Existem, contudo, algumas indicações de que a urbanização crescente da população e a especialização de inúmeras áreas da produção econômica e da educação proporcionaram à mulher oportunidades de diversificação profissional, tempo e necessidade de interromper os deveres absorventes e "improdutivos" na área da família, para participar ou refletir sobre seus papéis e direitos no domínio social.

Freqüentemente a referência à mulher moderna era feita diante de mudanças na moda e no comportamento, mais desenvolvido em locais públicos, antes não freqüentados, senão à custa da perda da boa reputação. Os cabelos curtos e alisados; a pintura do rosto e a roupa masculinizada com que se vestia a mulher moderna significava, para uns, a libertação do sexo feminino de um jugo secular, sendo, para outros, a própria expressão da corrupção e da imoralidade desses mesmos tempos modernos.

Embora essas aparências correspondam, até certo ponto, a uma adaptação da mulher a novos hábitos de comunicação e transporte, decorrentes de exigências da vida urbana, elas não penetraram homogênea e em todas as camadas sociais, havendo quase uma penetração diretamente proporcional à renda, como se dá também com o acesso ao progresso tecnológico e científico, tão propalado como resultado promissor da industrialização e da modernização da vida brasileira.

Houve também diferentes reações feministas e uma aceitação social diferenciada dessas reações às transformações das condições de vida, na década de 20.

As idéias sobre o que a mulher deva ser estão presentes em todos os grupos sociais, de maneira implícita, quando não explícita, ainda que ela desempenhe papéis diferentes, em diferentes momentos de sua vida. A diversidade de funções e trabalhos exercidos não impede a permanência e a difusão de certos ideários. O ideário cristão e conservador, por exemplo, que privilegia os papéis de mãe e esposa para a mulher, tem um vigor tal que acabou se transformando, para a maioria, numa expressão da realidade social. A confusão entre o papel ideal e a realidade vivida sempre permeou as referências à mulher, desde as apologias dos pioneiros do século XVII às detrações e comprovação de inferioridade, que ganharam corpo no século XIX, até os trabalhos sobre a mulher como propriedade, do fim do século XIX e começo do XX¹. A opressão diferenciada, e praticada isoladamente, a que esteve sujeita dificulta o seu tratamento como grupo social. Como participa de todos os grupos, dos mais privilegiados aos mais oprimidos, lidar com um feminino genérico acaba provocando a confusão do natural com o social e suprimindo aspectos muito diferentes.

A consciência da opressão da mulher e da mística² que a rodeia favoreceu os primeiros passos para a luta pelos seus direitos. Mas esta luta avançou muito lentamente, com marchas lentas e recuos forçados. Também no Brasil, na década de 20, os esforços feministas foram diversificados, conforme as causas atribuídas à diferenciação de situação social e política entre homem e mulher. Para os conservadores, que consideravam que a situação natural da mulher provém da missão educativa, intelectual e moral da esposa e mãe³, a tendência é impedir a degradação provocada pela vida moderna e pelo ateísmo na vida da família. As décadas de 20 e 30 assistiram a um debate jurídico e ideológico sobre o papel social da mulher. O movimento sufragista (a luta pelo voto feminino) limitou estrategicamente suas reivindicações⁴, enquanto os grupos anarquistas e comunistas empenhavam-se na discussão da família burguesa e na criação de uma nova moral.

¹ ABENSOUR, Leon, *La femme et le féminisme avant la Révolution*. LEGOUVÉ, Ernesto, *História moral das mulheres*.

² SAFFIOTI, Heleieth, *A mulher na sociedade de classes*.

³ SALGADO, Plínio, *A mulher no século XX*.

⁴ ALVES, Branca Moreira, *Feminismo. Mulher brasileira*; bibliografia anotada, p. 209-70. Id., *Ideologia e feminismo*.

Os mecanismos de controle social foram mais atingidos pelos movimentos feministas que agiram através de exigências sobre a educação da mulher. Através de jornais e escolas, desde o século XIX, mulheres brasileiras vêm discutindo o papel tradicional da mulher, enfrentando uma opinião pública que a desconsiderava quando ingressava no mundo do trabalho, afastando-se, mesmo que levemente, do ambiente doméstico. As mulheres abolicionistas, as republicanas e as positivistas frequentemente trabalharam paralelamente pelos direitos da mulher à educação que ultrapassasse a chamada educação doméstica e atingisse um nível profissional. O anonimato das colaboradoras de jornais e o uso de pseudônimo indicam, de um lado, a timidez e insegurança de suas portadoras, mas, de outro, a consciência da falta de aceitação pública de sua atuação em defesa da educação feminina, por mais moderadas e inócuas que fossem suas reivindicações. Ainda que as mulheres de classe média e alta, letradas, considerassem fundamental a educação de todas as mulheres para misteres outros que a vida doméstica, pensavam na educação como um recurso eventual, para o caso de lhes faltar o arrimo masculino.

As associações femininas nem sempre foram feministas. Embora constituídas por mulheres, não se empenhavam na defesa de seus direitos, como tais. Criadas com intenções beneficentes, manifestavam uma atuação classista e conservadora, inclusive de proporcionar e estabelecer a proteção de "desprotegidos", por um sistema fechado de filantropia.

Apesar disso, essa condição de trabalho não-remunerado, no exercício da caridade, em associações de assistência a pobres e desvalidos constituiu e ainda constitui entre as mulheres de alta renda uma ponte socialmente aprovada entre o exercício das funções na esfera doméstica e a participação social e política. A atividade filantrópica levou inúmeras a ver na educação feminina, além da possibilidade de emancipação da mulher, um passo para a regeneração da sociedade brasileira — evidentemente de maneira muito discreta e parcial, na linha do Abade de Saint-Pierre, do século XVIII, que considerava que a melhor educação das mulheres aumentaria a felicidade da sociedade.

Contudo, dado o isolamento das mulheres em suas casas (com exceção das que eram reunidas nas fábricas, nas plantações e nas repartições), o simples movimento associativo, ainda que de atuação limitada, permitiu ultrapassar a instância da família e estabelecer novos vínculos sociais, tendo em vista uma população mais ampla. Mesmo as associações já declaradamente feministas, que

se organizavam em torno da reivindicação política do voto, estavam longe de desejar vingar as injustiças sociais sofridas e ignoravam ou tratavam como alheia a condição feminina nas camadas de baixa renda e o problema da prostituição, que sempre rondou todo o problema econômico da mulher.

As mulheres de maior renda que tiveram uma educação aperfeiçoada no estrangeiro ou tiveram governantes européias contratadas pelas famílias eram também as que tiveram condições de exercer profissões liberais e formar associações femininas, inicialmente. Praticamente emancipadas, não julgavam oportuno, nem possível, lutar contra o preconceito antifeminista. O horror à mulher que, em seu gênero de vida, imitasse o homem e não apresentasse a reserva "natural" de seu sexo era tão difundido entre as mulheres quanto a consciência da queda de posição social que envolvia a confusão entre a mulher emancipada e a prostituta.

O casamento e o divórcio, os problemas da mãe solteira, da sexualidade feminina, dos infanticídios e do menor abandonado não entravam em cogitação, a não ser como patologia social dos outros. A ignorância, a miséria e a prostituição eram vistas como problemas morais dos desprivilegiados, a que as mulheres das camadas médias e altas não estavam sujeitas e diante dos quais se propunham, em alguns casos, atenuar de passagem um sofrimento quase irremediável. Contudo a atuação acabava desenvolvendo e favorecendo uma formação profissional de administradoras, o aperfeiçoamento de parteiras, enfermeiras e professoras fora das ordens religiosas, que, paradoxalmente, foram as grandes pioneiras do que hoje é chamado de feminismo econômico⁵, ou seja, da defesa do direito da mulher exercer uma profissão além de seus encargos domésticos.

O feminismo político não se limitou ao sufrágismo. Este foi sua principal tendência e talvez tenha sido a forma que provocou reação mais virulenta. Seria possível sistematizar o anti-sufragismo de diversos níveis através das caricaturas que Guevara Storni e J. Carlos publicaram em *O Malho* (RJ), de 1923 a 1931⁶. Seus desenhos expressivos, sublinhados por legendas bem presas ao momento, permitem verificar o nível de preconceitos raciais, classistas

⁵ CRESENTI, Maria Thereza Caiuby. A profissionalização da religiosa. Apud CADERNOS DO CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS. *A mulher na sociedade brasileira*, (8):4-31, out. 1975. Número especial. MOREIRA LEITE, Miriam L., *Aspectos da condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX*. ⁶ *O Malho* (RJ), fundado em 1902 como revista humorística, oscilou entre um antifeminismo grosseiro e a louvação das lideranças sufragistas.

e sexistas que atuaram aliados ao anti-sufragismo, atribuindo às feministas traços de homens ou acentuando suas condições de fragilidade, paixão, incapacidade de raciocínio e decisão, o gosto da palavra inútil etc. A temática antifeminista tomou conta, na década de 20, dos desenhos, das anedotas de almanaque, dos *sketches* do teatro de revista e das quadrinhas dos semanários de menor tiragem. As discussões parlamentares referentes ao direito de voto giravam em torno da argumentação de que, sem prestar serviço militar, a mulher não poderia ter o direito de escolher seus governantes⁷. Embora a argumentação se apoiasse no pacto de sangue, das sociedades feudais, de que só poderiam governar os que apresentassem armas em defesa do senhor, degradingolava facilmente para os estereótipos da mulher, os inconvenientes sociais e a dissolução da família decorrentes de sua participação no poder político.

No Brasil, como em outras partes do mundo, os interesses municipais foram vistos como uma "extensão da esfera doméstica"⁸. Foi nas profissões consideradas especializações de atividades domésticas (parteira, enfermeira, professora, hoteleira) que as mulheres começaram a conquistar um espaço público; foi nos centros urbanos que a mulher começou a ver no voto (como eleitora, candidata e vencedora) uma extensão de seus direitos.

O voto feminino foi discutido já na Assembléia Constituinte de 1891 e considerado o caminho da dissolução da família brasileira, pois, para a maioria dos deputados dessa assembléia, era indiscutível e inapelável o papel da mulher no lar e na família, e o sufrágio feminino parecia-lhes uma ousadia anti-social. Apesar de algumas vozes de protesto, as mulheres não foram incluídas (nem sequer as alfabetizadas) entre os eleitores brasileiros em 1891, mas o sufrágio feminino passou a fazer parte das preocupações políticas.

Evidentemente, as vitórias sufragistas nos Estados Unidos e na Europa, as inovações culturais e tecnológicas das cidades maiores e a difusão acelerada dessas transformações pelos meios de comunicação de massa, no século XX, ampliaram o movimento pelos direitos da mulher e sua aceitação. Médicas, advogadas, farmacêuticas, dentistas e escritoras, ocupando cargos públicos,

foram aos poucos se organizando para defender mudanças que levariam à conquista do voto feminino em 1932, por táticas bem conduzidas de utilização da imprensa e dos políticos atuantes no Legislativo e no Executivo. Sendo em sua maioria mulheres de famílias ricas, com acesso à educação superior e força política dadas as ligações familiares e de classe, tiveram meios e capacidade para se valer das brechas políticas proporcionadas pelo anti-sufragismo e criar condições para participar do sistema eleitoral vigente, escolhendo seus representantes. Os argumentos teológicos e biológicos dos anti-sufragistas sempre mobilizaram a opinião pública contra essa invasão indevida da mulher numa esfera considerada masculina⁹. Acreditava-se que a interferência da participação política na maternidade deixaria as mulheres sem casar e sem filhos. Essa postura antifeminista, talvez mais que a participação social da mulher fora do âmbito doméstico, é que resultou, de fato, em toda uma geração que conseguiu impor a sua profissionalização à custa da perda da vida familiar, sendo vista com suspeitas ambivalentes pelos contemporâneos e pela própria família de origem. O anti-sufragismo apoiava-se, em parte, no argumento de que as mulheres não desejavam votar, sob a alegação de consciência de seu papel e por não querer declarar a falência masculina na função de proteger seus interesses.

Antes do artigo de Bertha Lutz, publicado na *Revista da Semana* (RJ) de 28 de dezembro de 1918, Maria Lacerda de Moura se sentira atraída, em Barbacena, pelo movimento associativo de mulheres em busca de uma saída para a condição "parasitária" e "dependente" da mulher brasileira. Em seus primeiros livros, *Em torno da educação* (1918) e *Renovação* (1919), incluiu referências positivas aos esforços de Bertha Lutz na criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. June Hehner¹⁰ refere-se à correspondência entre as duas em 1920 e à colaboração mantida na criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Em 1922, Maria Lacerda delegou a Bertha Lutz a representação da Federação Internacional Feminina, que criara com mulheres de São Paulo e de Santos, na Conferência Pan-Americana de Mulheres, em Baltimore. Essa colaboração, todavia, não deve ter durado muito, pois nem é mencionada na autobiografia que Maria Lacerda escreveu em 1929. O interesse fundamental do

⁷ CONGRESSO CONSTITUINTE. *Anais*... 1891, v. II. ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE. *Anais*... 1934, v. VIII-XVI.

⁸ HAHNER, June E., *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas — 1850-1937*, p. 77 et seq. BLAY, Eva Alterman, *As preferidas*.

⁹ KRADITOR, Aileen S. The rationale of anti-suffragism. In: —, *The ideas of the woman suffrage movement — 1890-1920*, p. 12-37.

¹⁰ Op. cit., p. 102-3.

Movimentos Associativos Femininos

1910-9	Partido Republicano Feminino	<i>Tribuna Feminina</i> Leolinda Daltro	RJ
1917	Associação da Mulher Brasileira	Selda Potocka	
1918	Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher	<i>Revista da Semana</i> Bertha Lutz	RJ
1919	Confederação da Mulher Brasileira	Maria Lacerda Moura	MG
1919	Liga Comunista Feminina	<i>O Corymbo</i>	RS
1919	Aliança Feminina	<i>Revista Feminina</i> Amélia Rodrigues	SP
1919	Federação Bandeirantes do Brasil	<i>Revista Bandeirantes</i>	RJ
1919	Universidade Feminina Literária e Artística	<i>O Estado de S. Paulo</i> Júlia Lopes de Almeida	SP
1920	Grupo Feminino de Estudos Sociais	<i>Voz do Povo</i>	RJ
1920	Centro Feminino Jovens Idealistas	<i>A Plebe</i>	SP
1920	Legião da Mulher Brasileira	<i>Revista Feminina</i> Mary Siação Pessoa	SP
1920	Núcleo Feminino	<i>Voz do Povo</i>	RJ
1921	Federação Internacional Feminina	<i>O Estado de S. Paulo</i> <i>A Tribuna</i> (Santos) Maria Lacerda de Moura	SP
1921	"As mulheres no magistério", Lourenço Filho	<i>O Estado de S. Paulo</i>	SP
1922	Centro Feminino de Educação	<i>A Plebe</i> Isabel Cerrutti	SP
1922	Federação Brasileira para o Progresso Feminino	Bertha Lutz	RJ
1922	Liga Paulista pelo Progresso Feminino	Carlota P. Queiroz	SP
1922	Associação Christã de Moças	A. Carneiro Leão	RJ
1923	União Feminina Paulista	<i>Renascença</i> Jovina Rocha Alvares	SP
1923	Liga das Senhoras Católicas	<i>Revista Feminina</i>	SP
1923	Grupo de Emancipação Feminina	<i>Nosso Jornal</i>	RJ

1925	Partido Liberal Feminista	<i>Revista Feminina</i> Julieta Monteiro Soares da Gama	SP
1929	Federação Internacional de Mulheres Universitárias (XII Congresso)	<i>O Mulho</i>	RJ
1931	Aliança Cívica das Brasileiras	<i>Diário da Noite</i>	RJ
1935	Comitê Feminino contra a Guerra	<i>A Lanterna</i> Maria Lacerda de Moura	SP

Os movimentos associativos femininos enumerados têm um cunho educativo, religioso ou político e vieram mencionados nos periódicos consultados. As associações de beneficência ou socorro mútuo femininas encontram-se cadastradas nos Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo, 1.^a fase (1898-1929), Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de S. Paulo.

movimento feminista de Bertha Lutz, analisado minuciosamente no livro de Branca Moreira Alves, *Ideologia e feminismo*, concentrou-se na luta pelo voto como instrumento de progresso feminino e símbolo dos direitos de cidadania. Maria Lacerda de Moura aprovava essa iniciativa, que ultrapassava, de um lado, as escolas domésticas e os estabelecimentos de filantropia e, de outro, queria conquistar para a mulher uma nova posição, sem o paternalismo e os termos religiosos das Associações Cristãs, da Legião da Mulher Brasileira ou da Federação das Bandeirantes do Brasil. Contudo esbarrou rapidamente com os limites políticos da instituição. Tinha trabalhado ativa e pacificamente, divulgando esforços de legisladores e iniciativas em favor dos direitos da mulher; criara mesmo em São Paulo e Santos a Federação Internacional Feminina, em 1921. Embora essa instituição fosse paralela à carioca, logo ficaram patentes as reservas da líder do Rio de Janeiro diante do radicalismo que se acentuava em direção diferente na escritora mineira, já então residindo em São Paulo. Apenas esporadicamente Bertha Lutz e as Ligas pelo Progresso Feminino se preocupavam com as operárias e assalariadas brasileiras¹¹. As questões que interessavam às feministas ligadas à Associação Pan-

¹¹ REVISTA FEMININA 9 (103), dez. 1922, BUTONI, Dulcília, *Mulher de papel*, p. 60-2.

-Americana de Mulheres eram o ensino, métodos para evidenciar o desenvolvimento, progresso e organização feminina, condições de trabalho e carreiras abertas à mulher, assistência e proteção à mulher, funções e responsabilidades da mulher no lar e na comunidade, na aproximação de nações e manutenção da paz. As diretorias da federação e das ligas do Distrito Federal, São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, publicadas na *Revista Feminina* (SP), eram ocupadas todas por senhoras da camada abastada, já colocada em postos de mando desde o início do período republicano.

A *Revista Feminina*, mensário fundado por Virgínia de Sousa Sales em 1918 e que ultrapassou o número 100, coincidia no propósito de lutar por um

*"feminismo puro, christão, apoiado nas nossas tradições, reclamando para a mulher os direitos que lhe competem, nivelando-a ao homem, exigindo uma igualdade necessária, sempre visando a felicidade colectiva e o progresso da pátria, procurando instruir a mulher a fim de que ela, se compenetrando dos seus deveres, os pudesse cumprir com elevação de vistas e de intelligencia"*¹².

Isabel Silva assinou dois longos artigos em *A Plebe*, a respeito da atuação feminista de Maria Lacerda de Moura:

*"(...) D. Maria Lacerda fazia longa e franca propaganda do suffragio femenino. E eu, como mulher, combatia essa campanha pois aspiro a minha integralização nos direitos sociais, mas a quero completa e de facto. (...) D. Maria Lacerda analysou os característicos da mulher burgueza, da media burgueza e da proletária, terminando numa apoteose ao delicado problema da emancipação feminina de accordo com os mais altos ideais humanos (...) É que ella se havia feito oradora culta e excellente, na contemplação da tragédia social para, obedecendo a um impulso d'alma generoso, desistindo dos louvores e incenso da aristocracia, vir comungar o seu pensamento no seio dos humildes, onde não existe exageração de gestos louvaminheiros mas de onde transuda perfeita sinceridade, leal e carinhosa camaradagem e a exacta compreensão pelo que a vida tem de sério, de grave e de meditativo"*¹³.

A *Revista Feminina*, que resenhara o primeiro livro de Maria Lacerda e dera notícias das reuniões de estudo da Federação Internacional Feminina, noticiou a sua exoneração da presidência, em 1922, e em setembro desse ano, em editorial, sublinhou a diferença entre os feminismos:

¹² REVISTA FEMININA, 9 (100), set. 1922, s/p.

¹³ Ponderando... *A Plebe*, ano VI, 27 set. 1923, n. 221, p. 3, parte I; 30 out. 1923, n. 222, p. 2, parte II.

*"O feminismo entre nós, presentemente, é um facto, ninguém o nega. Não esse feminismo revolucionário, que prega a destruição da família, que nega a idéia de Deus, que desconhece o sentimento da honra e prega uma liberdade que forçosamente se transformará em servidão"*¹⁴.

Já publicara, em abril, os cursos que a Federação Internacional Feminina organizava: português, declamação, francês, inglês, datilografia, esperanto, economia doméstica, bordados e confecções, e o funcionamento nas feiras livres de uma barraquinha permanente da "Federação", para venda de flores, doces, confecções, refrescos, conservas. A outra iniciativa que marca o distanciamento dos dois organismos (ainda que não tenha tido êxito) foi a criação de postos médicos para aconselhamento de higiene de mães e nutrizes.

Mesmo nesse período (1922) em que Maria Lacerda ainda se associava a mulheres da classe média de pequenos recursos, professoras e funcionárias, essas iniciativas da Federação Internacional Feminina estabeleciam uma ação feminista híbrida, com aspectos da filantropia conservadora, enquanto parecia responder aos artigos de Maria A. Soares, colaboradora constante da imprensa anarquista, em *O Grito Operário*:

"Não seria melhor que em vez de pedir que nos fosse concedido o direito de voto, exigíssemos o direito à mais ampla instrução, cousa que ainda não nos foi concedida?

Pretendemos ser deputadas, senadoras, qualquer cousa de pomposo, e não sabemos qual o medicamento que devemos dar ao nosso filho quando está com diarrhéia.

*A moriantade infantil é causada mais por ignorancia das mães que por outra qualquer cousa, e nós queremos que as mulheres desperdicem o seu precioso tempo em campanhas eleitoraes"*¹⁵.

Mas é o artigo de Isabel Cerruti, colaboradora de *A Plebe*, que exprime com a ênfase de seu discurso outras nuances dos feminismos presentes na década de 20:

"Chocou-me os sentimentos, ao ler em a circular expedida pela redação da Revista Feminina, de que sou assídua leitora, a referência que faz das teorias libertárias.

Não sei em que vos apoiaes para dizer que as correntes anarquistas pretendem fazer ruir a moral dos lares. Como mulher, protesto contra essa aberração de raciocínio. E como anarquista, o

¹⁴ REVISTA FEMININA, 9 (100), set. 1922.

¹⁵ *O Grito Operário* (Órgão semanal da Liga da Construção Civil e operariado em geral), São Paulo, 17 jan. 1920, ano I, n. 7, p. 1.

dever me impõe, não posso deixar passar, em silencio essa alusão tão injusta a uma das mais nobres e galhardas aspirações do ideal que professo, que é justamente aquella que quer garantir, com bases seguras, a moral nos lares...

A Revista Feminina em seu programa propõe-se a propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitoraes. É só a isso que chamam emancipação feminina?

Como se a emancipação da mulher se resumisse em tão pouco... O programa anarquista é mais vasto neste terreno; é vastíssimo: quer fazer compreender à mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar, como factora histórica, para a sua inteira integralização na vida social (...)

Antes de tudo, e isso é o essencial, ela deve fazer uso do seu raciocínio para se despir dos vãos temores, dos tolos preconceitos e dos ridículos escrúpulos que lhe incutiu a falsa moral de Deus e da Pátria, para assim obter o seu pensamento emancipado. Uma vez com o pensamento emancipado a mulher deve estudar, ha de investigar a causa de sua escravidão social e ha de, sem grande esforço, comprehender que essa causa tem sua razão de ser nas cadeias do capitalismo que a prende ao homem, constrangida a mover-se com ele num círculo vicioso, num ambiente saturado de dor e imoralidade (...). Qualquer reforma nas leis vigentes que venha a conferir-lhe direitos políticos iguaes ao homem não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constrange e protege a prostituição.

Nós, os anarquistas com clara noção da verdadeira e sã moral, esforçamo-nos para que um dia seja realidade uma organização social mais perfeita, do que a atual, para que a honra das famílias seja assegurada ao amor livre"¹⁶.

Quando Bertha Lutz, acompanhada pela líder americana Carrie Chapman Catt, com quem se aliara no Congresso de Baltimore, foi a São Paulo, em 1923, depois de ter feito um congresso brasileiro que incluía delegados oficiais, senadores e governadores, não mais se dirigiu a Maria Lacerda de Moura, nem às instituições de que participava.

Embora considere a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, cuja força propulsora nunca deixou de ser a Dra. Bertha Lutz, como tendo uma predominância de profissionais (que mantinham ocupações remuneradas), June E. Hahner aceita a opinião de Branca Moreira Alves de que as ligações de parentesco das

sufragistas brasileiras com a elite política "teriam facilitado a obtenção do voto feminino no Brasil"¹⁷ em 24 de fevereiro de 1932, confirmada na Constituição de 1934. Nesse ano foi eleita a primeira mulher deputada do Corpo Legislativo — a médica e educadora Carlota Pereira de Queiroz, de São Paulo. O Estado Novo, em 1937, terminou com a participação feminina na política eleitoral e em várias áreas de trabalho governamental, esvaziando as árduas conquistas do feminismo sufragista.

Na lembrança dos que não participaram de qualquer dos esforços feministas, a não ser como contemporâneos, o feminismo das décadas de 20 e 30 continuou a ser um movimento de uma minoria de mulheres masculinizadas e estereis, que não sabia direito o que queria.

Contudo a preocupação com o caráter da feminilidade e com as mudanças no papel social da mulher é uma constante através da imprensa diária ou das revistas semanais mais populares. Afora os artigos esporádicos nos jornais de pequena e grande circulação e a frequência com que o problema é discutido na imprensa operária, a revista *Fon-Fon*, em 1923, trouxe a notícia "O feminismo triunpha" e manteve durante meses, em 1925, um concurso para seus leitores¹⁸. Encobertos por pseudônimos, estes revelavam as idéias correntes sobre os papéis femininos e masculinos aceitos e renegados. Em São Paulo *A Vida Moderna*, fundada em 1920, realizou uma enquete entre "os intellectuaes de mais destaque do paiz", que deveriam responder às seguintes perguntas: "1) Como encara a emancipação da Mulher? 2) Para a Mulher a verdadeira felicidade estará no explorar a cadeia doirada em que vive, ou deve preferir as agruras da luta?"¹⁹

Na impossibilidade de agrupar adequadamente respostas muito heterogêneas, nem mesmo como respostas masculinas e femininas, pois as variações não correspondem a uma diferença sexual, apresenta-se o nome dos autores das respostas. Responderam à enquete Couto de Magalhães, Belmiro Braga, Rubens do Amaral, Moacyr Chagas, Francisca de Bastos Cordeiro, Assis Cintra, Aureliano Leite, Maria Eugenia Celso, Oswaldo Chateaubriand, Braz Arruda, Laurindo de Brito, Mario Pinto Serva, Ana Amélia de Queiroz

¹⁷ HAHNER, J. E. op. cit., p. 110-1.

¹⁸ *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 6 out. 1923. ano XVII, n. 40, "Novo Concurso de *Fon-Fon*: Que pensa da Mulher? que pensa do Homem?", de junho a novembro de 1925. O semanário *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro, traz no nome a referência popular à buzina do automóvel, símbolo da vida moderna.

¹⁹ *A VIDA MODERNA*, São Paulo, dez. 1927—jul. 1928.

¹⁶ A moral nos lares. *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920. ano IV, n. 90, p. 3.

Mendonça, Conde de Affonso Celso, Stunirio Gama, Bias Bastos, Goulart de Andrade, Cecília Meireles, Veiga Miranda, Luiza P. C. Branco, Oleno Vieira, Lauro Margarida e Leopoldo de Freitas. A lista de nomes permite que se verifique quem foram os intelectuais que responderam e entre eles a revista incluiu Maria Lacerda de Moura.

A escolha da resposta do professor da Escola de Direito Dr. Braz Arruda²⁰ foi feita por abranger uma variedade dos aspectos do feminismo de então, e com ela se poderá confrontar a resposta de Maria Lacerda de Moura²¹, transcrita em seguida. Escreveu o professor:

"A emancipação da mulher depende da solução de dois problemas: casamento e divórcio.

O Casamento

Quanto ao casamento, tenho as opiniões que passo a expor:

1.º) *O casamento deve ser a união de corpos e de almas, mas não de fortunas. Devemos basear-o em vínculos affectivos e não económicos.*

2.º) *Deve haver absoluta igualdade entre os conjuges quanto às relações conjugaes e direcção dos filhas.*

3.º) *Os paes devem exercer os direitos de pae e mãe conjunctamente, como se faz na Russia e é a tendencia victoriosa em vários estados canadenses e americanos.*

O antigo patrio poder assim modificado, será em proveito unicamente dos filhos e sem caracter lucrativo.

4.º) *Equiparar a familia natural à legitima, como na Russia, o que já foi proposto na recente conferência de Havana.*

O Divórcio

O divórcio deve ser fundado ou no consentimento mutuo ou no desejo de um unico dos conjuges, sem que seja permitido allegar as causas ou motivos de separação.

A Emancipação da Mulher

Só assim a mulher poderá emancipar-se e viver em igualdade de condições com o homem e votar livremente, tomando parte activa na direcção dos negócios públicos. Fui sempre favorável ao voto feminino, achando que a mulher deve ser em tudo equiparada ao

homem. O momento não é próprio para digressões juridicas. Responderei comtudo a duas objecções contra a concessão do direito de voto às nossas patricias.

Corrupção dos Costumes

Com a concessão do direito de voto às mulheres, augmentaria a immoralidade, a corrupção já assustadora das nossas patricias. Ora, este argumento não passa de um desaforo contra a mulher brasileira. Em primeiro lugar, é preciso que o diga francamente, não vejo immoralidade nos costumes e modas actuaes.

Não é por usar a mulher cabellos curtos, vestidos praticos, ou fumar que deixará de ser dedicada companheira do homem. Observando a nossa sociedade é verdadeiramente notável a superioridade intellectual e moral das moças sobre os moços.

As jovens paulistas estudam, trabalham, fazem sport, divertem-se...

Os nossos almofadinhas... nem é bom falar! A immoralidade está em regra na malicia e na perversão dos censores erotomaniacos e hypocritas.

Deveriam antes de criticar a mulher lembrarem-se de que nas nossas sociedades ainda existe a prostituição...

Em segundo lugar, não sei porque que cumprir um dever cívico, como votar, degrade, tire o brio, o pudor...

A mulher não está preparada. Dizem os reaccionarios que o povo brasileiro não está preparado para o voto secreto e que a mulher não está preparada para o voto, nem secreto nem a descoberto.

Ora, assim sendo, devemos continuar escravos... pelo mesmo motivo, homens e mulheres.

O ideal é, pois, sermos governados indefinidamente pelas "élites" de cabos eleitorais analphabetos e feitores prepotentes que dirigem esta vasta fazenda.

Confiança

Não! Tal não acontecerá felizmente. Conquistaremos a nossa liberdade e seremos dignos della. Espalhemos por todo o Brasil as idéias liberaes. Só o amor pode vincular os homens. Baseemos portanto a familia no amor, a sociedade no altruismo, ensinemos ao povo a solidariedade humana e tenhamos confiança no futuro. Respondendo, pois, a 2.ª pergunta, direi que a mulher deve, em synthese, ser a companheira do homem, luctar, trabalhar, soffrer, e gozar com elle, em pé de absoluta equaldade, sob todos os pontos de vista.

É preciso que se possa de futuro gravar sobre as sepulturas de ambos os sexos, com verdade e exactidão, o epitaphio: Viveram, soffreram, amaram e morreram juntos.

São Paulo, Dezembro de 1927
Braz de Sousa Arruda"

²⁰ Resposta do Dr. Braz Arruda em "Enquêtes d'A Vida Moderna" (A Vida Moderna, 24 (529), 17 mar. 1928).

²¹ Resposta da escritora Maria Lacerda de Moura em "Enquêtes d'A Vida Moderna" (A Vida Moderna, 24 (527), 31 dez. 1927).

Enquanto as respostas de Maria Lacerda de Moura foram:

1) "Não há emancipação feminina sem emancipação humana. Nesta organização social burguesa — capitalista, baseada na exploração do homem pelo homem, todos são escravos, todos são explorados pelo industrialismo absorvente, pelas necessidades desnecessárias, criadas pela cupidez do capitalismo.

Para o homem se emancipar do regimen de patrões e exploradores e para a mulher se emancipar do mesmo regimen e emancipar-se da protecção masculina, seria preciso que a actual organização social de privilégios e preconceitos desaparecesse pela substituição de outra sociedade mais equitativa. Isso é lá possível? ... A sociedade é sempre uma limitação".

2) "A solução para a mulher, como para todo individualista livre — é a deserção da sociedade, é o collocar-se fora da lei e dos preconceitos.

Nada de reivindicações civis ou políticas — brinquedo de gente grande.

A reivindicação verdadeira e de que a mulher se esquece — é o direito de ser dona de seu proprio corpo.

Para isso, que trabalhe e se baste a si mesma na luta pela subsistência.

A felicidade só pode existir para o individuo anti-social, para o que não tem medo do que 'poderiam dizer'.

É a unica emancipação possível dentro da civilização — mercado de escravos."

2 CONFORMADOS E REBELDES

Tudo é artificial, é fictício, é enervante, desde a concorrência louca no afan de assaltar um lugar no "coche social", até os perfumes artificiaes e aphrodisiacos, os cigarros de opio ou os appetitivos do estomago e dos sentidos: tudo, absolutamente tudo tende a degenerar a especie humana, a desfibrar-la inteiramente no organismo e na individualidade.

Dentro dessa engrenagem sórdida, feroz, assassina, burguêza, capitalista, — denominada civilização — não ha para o individualista senão um meio de defesa: a fuga, a deserção da sociedade, o collocar-se inteiramente isolado contra a corrente, desfiando-a com a sua altivez, a sua nobreza de caracter, com o desprezo aos preconceitos e às exigencias do meio social.

Ser livre, absolutamente livre das leis e de todas as superstições politicas, religiosas e sociaes — para sentir a alegria intima de viver, para vibrar em harmonia com as leis naturaes, um sonho mais alevantado.

E são os individualistas, os desertores como Socrates, Christo, Epicteto, Epicuro, Han Ryner que deixam ainda, generosamente, um traço de luz do seu genio fecundo a illuminar as inquietações das almas atormentadas.

E esse evangelista de um Evangelho maior, esse apostolo do Sonho, do Amor e da Belleza, symbolo da Bondade, esse grande amoroso cuja sabedoria fascinante empolga, arrebatá, emocioa, santifica, cujo apostolado todo subjectivo é como uma benção de luz por sobre as nossas duvidas e as nossas amarguras, esse maravilhoso estylista é conhecido apenas pela minoria intellectual dos não domesticados, porque uma campanha de silencio tem sido feita em torno da obra-prima desse genial amoroso cuja voz irradia-se do alto dos seus sonhos de precursor de uma ethica maior e desce até a planicie da nossa pequenez, essa voz primaveril às vezes fluidica como a propria sabedoria, profunda e ondulante como a vida que agita no seu mundo interior de sabio, de philospho e de artista, forjador de um Sonho maior — a synthese dos sonhos sonhados por todos os precursores.

Ninguém mais, póde perdour a Han Ryner o haver culminado a essas alturas incomparáveis, aonde apenas sobem os eelectos do Amor e da Belleza.

Dentro da concepção luminosa do individualismo neo-estoico, Han Ryner resolve o problema da sua vida, o problema da vida humana. E a conclusão ryneana é scientifica: "Do mesmo modo que, para chegar a resolver o problema da navegação aerea, era preciso consentir no

paradoxo do mais pesado que o ar; assim também, para resolver o problema da fraternidade, é preciso consentir no paradoxo do despreendimento de seus irmãos, da separação, é preciso consentir no paradoxo do individualismo".

MOURA, Maria Lacerda de. O individualismo neo-estoico de Han Ryner (Estudo). *Feira Literária*. (Publicação mensal laureada pela Academia Brasileira de Letras). São Paulo, 11:79-80, nov. 1929.

As pequenas cidades brasileiras e os subúrbios de algumas das grandes conservam o bucolismo das cidades anteriores a 1930. Os veículos eram poucos e lentos. As calçadas, em alguns lugares, chamavam-se passeios. Há cinquenta anos, por esses passeios não só passavam os transeuntes. Nos bairros populares usava-se pôr cadeiras na calçada para a prosa do fim da tarde. Havia crianças brincando na rua e homens se agrupando na farmácia e no botiquim. A conversa, que entre os abastados se entretinha nos salões, em outros bairros, entre os pobres e remediados, se processava na porta de casa e no passeio¹.

Entre os brinquedos infantis havia um que era especificamente feminino. Como muitos outros, esse folguedo constava de uma toada e uma quadrilha dançada por uma fileira de meninas, de mãos dadas, de frente para uma menina isolada. No vaivém das duas fileiras, as crianças trocam de posição e é uma que canta:

*Eu sou pobre, pobre, pobre
de ma ré, ma ré, ma ré,
Eu sou pobre, pobre, pobre
de ma ré, de si*

A menina isolada, se aproximando e se afastando:

*Eu sou rica, rica, rica
de ma ré, ma ré, ma ré,
Eu sou rica, rica, rica
de ma ré, de si*

*Quero uma de vossas filhas,
de ma ré, ma ré, ma ré,
Quero uma de vossas filhas
de ma ré, de si*

¹ VERGUEIRO, Laura. O lazer e diversão em São Paulo — o entreguerras. *O Caderno de São Paulo*, :37-54, 1979.

*Que ofício dareis a ela
de ma ré, ma ré, ma ré,
Que ofício dareis a ela
de ma ré, de si*

*Dou o ofício de cozinheira,
de ma ré, ma ré, ma ré,
Dou o ofício de cozinheira,
de ma ré, de si*

*O ofício lhe agrada
de ma ré, ma ré, ma ré,
O ofício lhe agrada
de ma ré, de si*

Quando todas as meninas passaram para o lado da rica, fazem uma roda, cantando em coro:

*Vamos fazer a festa juntas!
de ma ré, ma ré, ma ré,
Vamos fazer a festa juntas!
de ma ré, de si*

Embora a maioria das crianças participassem sem sequer atentar para a letra da canção, a difusão do brinquedo atesta sua aceitação. Exprime, com rara nitidez, a consciência das desigualdades sociais² da população e a proporção inversa entre a riqueza e o número de filhos. Por outro lado, o brinquedo reflete, pelo movimento das crianças, a apropriação do trabalho das filhas da mulher pobre pela mulher rica.

Na maioria dos contos populares urbanos aparece também a divisão das pessoas em pobres e ricos. No folguedo descrito existe movimento dos pobres para o lado dos ricos e dos ricos para o lado dos pobres, mas na maioria dos contos populares as pessoas são inapelavelmente ricas ou pobres. A narrativa costuma girar em torno de um ser isolado que conseguiu passar de um mundo para o outro.

Esses dois canais de transmissão cultural elaboram, como nos textos sagrados, condições sociais diferenciadas, que correspondem a papéis, valores e reconhecimento. Embora em alguns casos fossem colocadas as dificuldades para os ricos entrarem no reino dos

² FERNANDES, Florestan. *As "trocinhas" do Bom Retiro*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1947, 124 p. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, 113.

céus, em muitas outras narrativas a riqueza é o prêmio da virtude, e a miséria, o castigo do pecado.

Entre os revolucionários românticos³ do século XIX, trabalhou-se essa oposição e ela foi transposta na de explorados e exploradores, criando um vínculo, inexistente antes e depois, entre situações estanques e separadas de pobreza e riqueza. Agora, uns são pobres, não mais por defeitos morais ou castigo divino, mas porque os ricos extraíram deles sua riqueza. Ainda existe uma distância para a teoria de classes, mas já se admite uma relação social de dependência entre as diferentes condições sociais. Na divisão do mundo entre ricos e pobres, a mobilidade social se processa por bafejos da fortuna, benevolência ou castigo dos céus. A não ser nesses casos, o destino estava traçado, e cabia a cada um aceitá-lo como pudesse.

O par de opostos seguintes não é predeterminado. A relação entre os grupos humanos tem condições de se alterar pela vontade ou pela luta dos explorados. Implica ainda a disseminação de outros valores. Não se propõem mais a obediência e o conformismo como preceitos morais, mas a energia criadora e a independência de pensamento, capazes de descobrir meios de transformar a situação indesejável.

Os exploradores podem desenvolver novos recursos para reprimir os explorados e forçá-los a aceitar as condições impostas. Os explorados, por sua vez, podem considerar positiva a servidão ou continuar a criar condições de luta contra a exploração; uma terceira alternativa seria o caso dos grupos da não-violência e da suprema resistência. Recusam a luta nestes termos, retirando-se para outra esfera da vida — para a natureza, com desprezo às leis humanas estabelecidas pelos exploradores a fim de desenvolver a exploração, afastando-se, na medida do possível, das atividades da civilização, que reforça a exploração.

Maria Lacerda de Moura individualizou a oposição exploradores e explorados e elaborou através de sua vida/obra a oposição conformados e rebeldes, onde se acentua ainda mais o teor voluntário dos opostos. Essa posição permeia todos os seus escritos.

O texto da conferência *Os conformados e os rebeldes*⁴ não foi encontrado. Mas a oposição explicitada para a compreensão da obra de Maria Lacerda e do relacionamento ambíguo e polêmico que estabeleceu com os diversos agrupamentos culturais e

políticos torna importante a descrição minuciosa do festival em que a pronunciou:

"Aproximadamente às 8 1/2 perante numerosíssima assistência proletária, teve início o festival que, ao som vibrante da Internacional, executada pela orchestra, dava o aspecto de uma reunião familiar em que as pessoas que lá se encontravam, através da alegria irradiante manifestada em seus semblantes, deixavam transparecer ineludivelmente a felicidade que lhes ia na alma, nessa comunhão de cordialidade proletariana sem os miasmas impuros das reuniões burguesas.

*Em seguida, foi dada a palavra à conferencista da noite, sra. D. Maria Lacerda de Moura que, por uma meia hora mais ou menos, suggestionou a assistência com a empolgação de suas idéas repassadas de um vivo rubro de rebeldia, cujas scintilações vermelhas se irradiavam de cada vocábulo que de seus lábios se desprendia e, espraiando-se pelo ambiente que nos rodeava, enchia-o do mais vibrante entusiasmo"*⁵.

Ou como Isabel Silva, colaboradora do quinzenário anarquista *A Plebe*, apresentou em seus dois artigos de 27 de setembro e 10 de outubro:

"Uma onda de entusiasmo envolveu a todos quando D. Maria Lacerda assomou ao palco para discorrer sobre o empolgante thema 'Os conformistas (sic) e os rebeldes'.

De subito, porem, quando todas as atenções se deliciam de arrebatamento e entusiasmo, perpassa pela assistência como que uma brusca surpresa, ressentindo-se todos de uma desagradavel impressão. É que a oradora, em um bellissimo e elegante estylo oratorio, farpeando com destemida energia a constituição social vigente e enaltecendo o espirito de revolta, passou de repente a falar sobre a Russia, comprovando com estatisticas o que há por lá hoje, muito além do que havia no tempo de Nicolau II.

A impressão geral foi que D. Maria quizesse fazer a apologia da Russia bolchevista.

Creio ter havido equívoco.

No meu entender, e no que depreendi do final da palestra, D. Maria, para demonstrar o seu pesar na verificação de dispendio de energia que se nota entre os camaradas que se detêm em meio da propaganda em discussões que além de estereis redundam em prejuizo da causa, pois representa inavaliavel enfraquecimento de força, alludiu ao caso da Russia que tem suscitado renhida discussão entre a phalange avançada da causa revolucionária.

³ CARR, Edward Hallet, *Estudios sobre la revolución*, p. 91-106.

⁴ A PLEBE, 6 (215):2, 4 ago. 1923.

⁵ A PLEBE, 6 (217):2, 4 set. 1923. (Artigo não assinado.)

No que diz respeito às discussões estereis, às polemicas inuteis extemporaneas e fora de propósito, parabens a D. Maria Lacerda. Estou de pleno acordo.

Em relação à Rússia, porem, a oradora errou detendo-se naquellas apreciações. (...) O regimen da Russia após o estrangulamento da revolução pode ser o que houver de excellente, mas o certo é que move atroz perseguição aos propagadores, não só do anarchismo como outros principios que não se cinjam a seu programa — isso já ninguém mais ignora e está mais que provado (...) Enquanto houver obrigatiedades impostas por hierarquias de uns individuos sobre outros individuos, de uns seres humanos sobre outros seres humanos, perdurará a escravidão.

"Podemos registrar, fora de duvida, a decisão e grande vontade do grande espirito feminino que é D. Maria Lacerda de Moura — o exemplo da mulher pensadora e estudiosa — em reforçar as fileiras dos arautos da grande causa que, aliás, não importa só a uma determinada classe social, pois que o inteiro convívio humano, compreendendo pobres, ricos e remediados, se debate no tremendo círculo da dor universal.

Na conferência do dia 25 de Agosto, D. Maria Lacerda deixou bem patente os sentimentos que exornam o seu carater, nesta simples phrase que ella frisou com bastante energia: — "Paz entre nós, guerra aos exploradores do Homem!"⁶

Não se obteve dessas transcrições um aprimoramento dos conceitos de Maria Lacerda. Todavia elas contribuíram para o seu esclarecimento através de elementos expressivos, de um lado, na descrição do festival e do impacto causado pelas colocações inesperadas e equívocas da conferencista e, de outro, por elementos documentais, comprovando as atitudes e as práticas de rejeição da situação social e de estimulação do espírito de revolta, enquanto traça aspectos da cisão, que se aprofundava, entre comunistas e libertários.

Observe-se que persiste nos artigos uma retórica rebuscada, composta por vocabulário precioso e expressões superlativas, como em muitos trabalhos da escritora⁷ (V. Expressões da rebeldia). A persuasão é tentada menos por encadeamentos lógicos do discurso que por suas qualidades expressivas. A precisão e a economia da linguagem passam a segundo plano, dando-se prioridade aos efeitos sonoros. A rebeldia é de um "vivo rubro, com scintil-

lações vermelhas" e o "entusiasmo é vibrante". A conferencista é sempre tratada como "Dona" (D.) Maria Lacerda, o que indica deferência e distanciamento. Não é uma das nossas. As outras colaboradoras dos jornais operários são chamadas simplesmente por seus nomes. Os três artigos escritos sobre o "incidente" indicam, de um lado, que Maria Lacerda era uma aliada, pois fora convidada a participar, com destaque, nos festivais pró-*A Plebe*. Mas, de outro, refletem que havia pressuposições a respeito do que seria dito e como seria dito. Após o desconcertante pronunciamento, que rompeu "as atenções (que) se deliciavam de arrebatamento e entusiasmo" o público se ressentiu "de uma desagradável impressão". Apesar dessa atitude inesperada de Maria Lacerda em relação à "assistência", os artigos referentes a essa atuação não são hostis; parecem mais esforços de esclarecer o público a respeito do "incidente", chamado por alguns depoentes de "gafe". O esclarecimento envolve, além do reforço da oposição anarquista à ditadura do proletariado e a seus processos de repressão violenta na União Soviética — que implicava hostilidades intermitentes entre anarquistas e comunistas brasileiros —, a admissão de Maria Lacerda como neófita, pretendendo sanar dificuldades da prática libertária. Não lhe é atribuída má-fé.

Os artigos de *A Plebe* atribuem o ocorrido a

*"informações duvidosas, improcedentes e falhas da verdade verdadeira, porquanto são dados fornecidos por todos aquelles que se empenham em apresentar a Russia bolchevista através de um espectáculo grandioso, uma maravilha a assoberbar o resto do mundo com os seus methodos administrativos que, no fundo, veem a ser os mesmos que de qualquer governo capitalista"*⁸.

E, em parte, apóiam-na:

*"Mas também é certo que, como notou D. Maria Lacerda, se perde precioso tempo, em detrimento da propaganda, em discussões extemporâneas e muitas vezes em litígios puramente pessoais, o que sempre lastimamos entre os companheiros e que é duplamente lamentavel pois além de deprimir as nossas forças, repercute fora de nosso meio, avantajando os adversários que seguem à porfia da victoria"*⁹.

⁸ O FESTIVAL de 25 de agosto. *A Plebe*. Provavelmente Maria Lacerda de Moura falou sobre "O Sovietismo e a sua grande obra escolar", publicado em *Clarté* (Revista de Sciencias Sociaes), Rio de Janeiro, (1):27-9, 1 set. 1921.

⁹ SILVA, Isabel. Ponderando... *A Plebe*, 10 out. 1923. ano VI, n. 222, p. 2, parte II.

⁶ Ponderando... *A Plebe*, ano VI, 27 set. 1923, n. 221, p. 3, parte I; 10 out. 1923, n. 222, p. 2, parte II.

⁷ BURTONI, Dulcília H. S., *Mulher de papel*. OSAKABE, Haquira, *Argumentação e discurso político*, p. 131-66.

Sem contar com o texto da conferência, a partir da repercussão provocada e dos depoimentos¹⁰, a conferencista marcou, por sua atuação, a independência de suas convicções diante dos agrupamentos políticos que freqüentava. Recusou-se a participar dos partidos e agremiações que se estruturavam e a estudar o marxismo¹¹. Elaborou a oposição de exploradores e explorados até chegar à tipologia psicossocial de conformados e rebeldes. E, se nesse episódio de 1923 exprimiu aspectos de sua rebeldia contra o agrupamento político, que retomaria, de diversas maneiras, frente às várias expressões do poder, exprimiu-a, em outras circunstâncias, frente à educação e à condição feminina.

2.1 Combates ao autoritarismo

No momento do "raid" Roma-Natal, "raid" admirável, não é preciso reafirmar-o, mas, muito mais ruidoso e tanto mais para uma nação de luto, compreendi, vi, senti que as asas victoriosas do "Savoia 64" aportavam, não o esplendor do verdadeiro progresso humano ou a aproximação fraternal de dois povos amigos.

Tive a idéia de escrever um artigo, e já, na minha correspondencia particular, faláa a amigos.

Quando a Italia inteira, que digo eu? quando o mundo inteiro tinha os olhos voltados para o Pólo, quando, ansiosos, os membros das familias italianas esperavam noticias e a volta de seus paes e irmãos e companheiros perdidos por entre as immensas geleiras polares, quando, do mundo inteiro partiam soccorros aos desgraçados passageiros do "Itália", quando Amundsen, Guilbaud e seus companheiros já eram considerados como perdidos — meu coração soffria atrocmente e aguilhoava a minha razão para uma analyse fria.

A Italia parecia haver deixado o luto e abandonado os seus proprios filhos no Pólo, perdidos na atrocidade da sua desgraça.

Todas as fanfarras fascistas entoavam o hymno da victoria e pareciam querer abafar os gritos de appello vindos do Pólo, e abafar a indignação mundial causada pela conducta de Nobile.

Depois do desastre do "Savoia 64" na Bahía de Guanabara, quéda que nada tem que vêr com o "raid" Roma-Natal, consequencia de um banquete e de acrobacias e não um "raid" scientifico; quando quizeram fazer de Del Prete, um martyr, um santo, um apóstolo maior do que Budha, maior do que Christo ou maior do que Mahatma Gandhi, vi, claramente, o desfraldar da sombra negra do fascismo por sobre as nossas plagas hospitaleiras.

Vimos organizarem-se as sociedades fascistas, vimos apparecerem as camisas pretas, vimos a milicia fascista impôr a todos os italianos o seu rito e ameaçar de maltratar aos seus compatriotas que se não curvavam docilmente aos seus caprichos imperialistas.

Vi a imprensa fascista manejar por entre os dedos do "olho que tudo vê e que não brinca", vi essa imprensa do Papão italiano explorar os sentimentos de generosa hospitalidade da Imprensa e do povo brasileiro, vi, claramente, o imperialismo fascista estender-se por sobre nós e impôr-se através da nobreza dos sentimentos de hospitalidade dos meus compatriotas.

Vi tudo isso e é a razão por que protestei, sentindo o drama atroz, o drama sem precedentes em suas consequentas trágicas e que se desenrolava no Pólo Norte.

Sim. Tive a coragem de ir contra a corrente, consciente e individualmente, tive a coragem de dizer que a minha piedade humana, a minha razão, o meu coração se indignava por vêr abandonado no Pólo, o heroico Amundsen, velho e sabio, cuja memoria, "Il Piccolo" pretendeu ultrajar. ("Il Piccolo" 25/8/1928.)

E foram os meus tres artigos "De Amundsen a Del Prete" que desencadearam a reacção da mocidade, da Imprensa, do povo paulista e de todo o Brasil.

Depois do primeiro artigo, uma voz veio juntar-se à minha voz.

¹⁰ Depoimento de D. Jovina Alvares Pessoa. São Paulo, 1979, 1982.

¹¹ Depoimento de Octavio Brandão. Rio de Janeiro, 1978.

O Sr. A. Néblind, em "O Combate" de 29 de Agosto, em um artigo intitulado: "Pátria ou Humanidade?" — concluía:

"Não, Monsenhor Lari, Del Prete não foi o enviado de Deus, mas o representante de Mussolini que se acredita um Deus.

Del Prete foi representante e vítima da tyrannia fascista que quer obscurecer, com a sua negra sombra a terra toda, para fazer reinar a religião dos padres da nova Inquisição".

Foi o primeiro aperto de mão solidário que veio juntar-se ao meu protesto.

Certos jornaes acharam inoportuna a minha attitude e, francamente, lamentaram que eu não tivesse calado.

Os acontecimentos provam o contrário. Sinto que eu tinha e tenho razão: o "raid" Roma-Natal foi concedido e a morte de Del Prete e a piedade brasileira foram exploradas — para permitir ao imperialismo mussolinesco estender as suas garras tragicas por sobre o nosso immenso Brasil.

E repito: longamente, silenciosamente, analysei todos os acontecimentos e maduramente reflecti antes de deixar irromper a minha dôr e o meu grito de revolta, toda a minha piedade humana dilacerada.

Foi justamente uma analyse detida da psychologia collectiva que me fez dar à publicidade os meus tres artigos "De Amundsen a Del Prete".

São Paulo, 27 de Setembro de 1928

(Publicado em "A Esquerda")

MOURA, Maria Lacerda de. *De Amundsen a Del Prete*. São Paulo, Secção de Obras d'O Combate, 1928. p. 62-3.

Um operário de construção civil que, entre 1932 e 1933, leu e ouviu Maria Lacerda de Moura, relatou que se lembrava dela numa palestra realizada no Sindicato dos Condutores de Veículos, em Santos. Ela lhes falou a respeito da libertação da mulher e denunciou o fascismo. Durante quarenta anos, ele guardou três livros dela. Diante de um esboço biográfico que lhe foi enviado, comentou:

"Fosse eu o autor, com todo este entusiasmo que sempre me suscitaram as idéias pelas quais lutou a pessoa em foco, daria ênfase maior ao fato de ser Maria Lacerda de Moura a primeira mulher antifascista da América e uma das mais conseqüentes lutas pela igualdade de direitos entre homem e mulher"¹.

Segundo ele, o então secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, Luís Carlos Prestes, ao sair da prisão, em 1945, teria comparecido ao enterro de Maria Lacerda, no Cemitério de São

¹ Correspondência. Salvador, BA, 24 jan. 1982.

João Batista, no Rio de Janeiro, para homenageá-la nessa condição de antifascista².

Em 1979, no suplemento especial do *Jornal do Brasil* (RJ) dedicado ao Partido Comunista, seu atual secretário-geral, Giocondo Dias, declarou:

"Seria muita pretensão minha dizer que estudei marxismo. Eu leio e continuo a ler. Antes do movimento de 1930 li meu primeiro livro, um livro de Maria Lacerda de Moura, 'Civilização — Tronco de Escravos', que me impressionou bastante. Maria Lacerda de Moura era uma anarquista. Dias depois, minha segunda leitura foi um discurso de Stalin ao Exército Vermelho. Essa foi toda a minha primeira teoria"³.

Como encadear tais repercussões com o neomalthusianismo com que foi ridicularizada em 1931⁴ e a identificação de Maria Lacerda ao feminismo burguês? (V. Nós e os outros e Expressões de rebeldia.)

A própria Maria Lacerda, em um livro de 1932, explicita essa aparente indefinição:

"Não é de agora que se exige de mim um programa ou a ingresso 'corajosa' em um partido (...). Fazer parte de um partido é ter amigos e defensores incondicionais. É estar, docilmente, servilmente, domesticadamente ao lado de alguém. É ter valor, portanto, é ter 'autoridade'..."⁵

Sua atuação, como desencadeadora da frente antifascista, se deu precocemente e corresponde a um período de sua vida rico em alianças, sempre transitórias, com grupos políticos aparentemente incompatíveis: os anarquistas e os comunistas. Paralelamente à atuação de Clara Zetkin⁶ entre os comunistas soviéticos, se bem que com a tendência da não-violência, Maria Lacerda desencadeou uma polémica de grandes proporções com os jornais da colônia italiana em São Paulo *Il Piccolo* e *A Fanfulla*, em 1928. Essa polémica chegou a movimentar estudantes de direito, pro-

² Correspondência. Salvador, BA, 26 jul. 1979.

³ DIAS, Giocondo. O PCB encara a democracia — O homem da segurança só fala no Comitê Central. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1979. p. 3. Suplemento especial.

⁴ GALVÃO, Patrícia [Pagu]. Maltus-Alem. In: CAMPOS, A., org., *Pagu: vida e obra*, p. 81.

⁵ Um programa? Declaração de princípios? ... In: —, *Amai e ... não vos multipliqueis*, p. 11-23.

⁶ ZETKIN, Clara. Nota Biográfica (1857-1933). In: —, *La cuestión femenina y la lucha contra el reformismo*, p. 11.

vocou comícios e o empastelamento de jornais, em sua defesa. Em 1933, respondeu a um inquérito, realizado entre intelectuais brasileiros, sobre o anti-semitismo⁷. As conferências que pronunciou contra a guerra, em São Paulo, Sorocaba, Campinas, Santos e Rio de Janeiro e em cidades argentinas, eram sempre um posicionamento diante das conseqüências do fascismo. Em 1934 e 1935, escreveu seus dois livros antifascistas, *Clero e fascismo — horda de embruteceadores!* e *Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital*, provocando nova polêmica com os anarquistas, colaboradores de *A Plebe*.

Essas publicações, de teor mais panfletário que analítico, não deixam, contudo, de atingir o objetivo de procurar compreender a natureza do fascismo para poder combatê-lo. Maria Lacerda manifestou mais freqüentemente oposição ao fascismo italiano e a seus processos violentos de manipulação e repressão, sem deixar de exprimir o repúdio ao integralismo nacional e ao nazismo alemão. O paralelo que estabeleceu entre os métodos fascistas de ação e os métodos inquisitoriais da Contra-Reforma ampliou seu anticlericalismo. A partir de 1928, da esfera da defesa da mulher e da criança, submetidas dentro da família e da escola a um jugo tirânico, passou à esfera da defesa do indivíduo diante do Estado e da Igreja.

*

No Brasil, houve uma simetria e uma aliança entre os esforços de revitalização da Igreja católica, empreendida por leigos e pelo clero nas décadas de 20 e 30, e o desenvolvimento de agrupamentos integralistas, que adotaram os métodos e a ideologia fascista. Para Maria Lacerda de Moura, essa ligação fez recrudescer um anticlericalismo latente, que a acompanhava desde a infância a partir da filiação espírita de sua família, passando a uma reação ao ambiente conservador e clerical de sua educação em Minas Gerais. Identificando sempre a atuação do clero às piores formas da repressão, criadas pela Inquisição e praticadas no controle da formação, composição e ampliação das famílias em nome da salvação e de Jesus Cristo, Maria Lacerda via no fascismo uma forma de concentração do capital sempre ligada à hierarquia tentacular do clero católico. Explicava assim sua capacidade ofensiva, consi-

⁷ MOURA, Maria Lacerda de. Escuta Israel!. Um inquérito entre intelectuais brasileiros: Por que ser antissemita?, p. 39-52.

derando a aliança entre Igreja e Estado das mais perigosas e sinistras.

Desde a infância, um estado de indignação crônica empolgava Maria Lacerda. Esse estado de indignação tinha raízes na observação de injustiças do cotidiano, nas repressões da vida de família e nas discriminações percebidas no Colégio das Irmãs⁸, a que reagiu com

*"A palavra vigorosa, do protesto enérgico, da revolta do verbo candente de indignação, arremessando dardos de fogo nas consciências adormecidas sob a influência ancestral, contra o peso hercúleo do passado (...) Tenho o direito de deixar um traço de meu protesto consciente: não faço parte da mentira legalizada e social"*⁹.

Não chegou a entender o fascismo como Reich, que escreveu sua *Psicologia de massas do fascismo* em 1933 e a viu incinerada em 1935. Mas em diversos momentos tentou esboçar a origem da força explosiva do fascismo na repressão das necessidades e impulsos pelas funções autoritárias da família e da Igreja. Até seria possível deduzir de seus escritos que considerava

*"o fascismo, como a atitude emoclinal-básica do homem, autoritariamente subjugado da civilização da máquina e de sua concepção vital místico-mecanicista"*¹⁰.

Para ela, a ligação do fascismo à hierarquia clerical implicava uma cisão entre Cristo e a hierarquia eclesiástica autoritária. Cristo estaria estreitamente ligado, em diversos momentos, a Sócrates, como figura exponencial da não-violência e guia do espírito humano. Já o sistema eclesiástico, que se expandiu e ganhou poder político de diversos níveis, deu origem ao proselitismo, à intolerância e à oligarquia sacerdotal, onde se liquidam os vestígios da vontade, da opinião e se estabelece o dever da obediência cega ao chefe. Considerava a falha fundamental do sistema o fato de converter o desprezo do homem em base de uma fé autoritária. Esta recaí sobre ele como uma lei exterior. Como a perda da liberdade obrigava a salvar o absoluto da vida na divindade, foi

⁸ Id., *Em torno da educação*, p. 93-5. Id., *O problema da educação. A Tribuna*, Santos, 12 set. 1921. *A mulher é uma degenerada?*, p. 113. Id., *Religião do amor e da beleza*, p. 206.

⁹ Id., *A mulher é uma degenerada?*, p. 144.

¹⁰ REICH, Wilhelm, *Psicologia de masas del fascismo*, p. 11. Id., *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?*

crescendo a objetivação desta divindade e sua representação em fórmulas. Por este Deus se matou, roubou e enganou.

Haveria condições e interesse em se verificar se Maria Lacerda teria sido realmente das primeiras a examinar, pela imprensa, o fascismo como reação armada do capitalismo e como manipulação do inconsciente das massas? Os grupos anarquistas e socialistas, além do Partido Comunista, fundado em 1922, vinham se dando conta das forças antagônicas (políticas, econômicas e militares) que o fascismo representava, mas a sua infiltração na imprensa, pelos grupos operários e pelas instituições educacionais teve em Maria Lacerda de Moura a voz mais ouvida. Mesmo se considerando a estruturação oscilante dos campos políticos e de sua consciência social; mesmo se levando em conta as vias nacionais do fascismo, é discutível uma cronologia dos confrontos culturais dos grupos de esquerda com as tendências da direita de então.

*

A violenta polêmica de 1928 originou-se num dos artigos semanais de Maria Lacerda de Moura em *O Combate*, jornal da frente democrática, fechado em 1930¹¹. Que dizia o artigo? Trata-se de um texto sarcástico e imoderado a respeito das homenagens prestadas pela imprensa e pelo clero brasileiros a um ás da aviação italiana que morreu ao fazer um *raid* Roma-Natal. A mensagem do artigo está diluída na multiplicidade de focos. A crítica violenta aos termos da homenagem ao aviador morto une-se a reprovação aos motivos da viagem, rejeitando-se a ostentação desviada para feitos esportivos e demagógicos. Os valores condenados na homenagem — a religião, a família e a pátria — são substituídos pela adesão e apoio aos heróis obscuros, representados pelos imigrantes, trabalhadores italianos.

Os protestos foram muitos. *A Nota-do-Dia*, *Il Piccolo* e *A Fanfulla* revidaram em termos violentos e chulos às "blasfêmias proferidas". Maria Lacerda contou com a defesa solidária de *O Combate*, jornal paulista que abria suas páginas a uma conjugação de forças políticas que incluíam desde as oposições ao poder dominante do Partido Republicano Paulista aos agrupamentos operários e sua agremiação partidária, o Bloco Operário e Camponês¹².

¹¹ De Amundsen a Del Prete.

¹² DE DECCA, Edgar, 1930: o silêncio dos vencidos, p. 93 et seq., sobre o papel e o sentido de *O Combate*.

A partir da publicação de *Religião do amor e da beleza* (1926), Maria Lacerda de Moura vira se fechar a grande imprensa a seus escritos e iniciativas. O comparecimento semanal a *O Combate*, de 1927 a 1929, não foi a única forma de apoio que lhe foi prestado. *O Combate* anunciava previamente as suas colaborações, assumiu integralmente a responsabilidade pelo trabalho da colaboradora, publicou a plaquete que ela organizou a respeito do incidente e seus entendimentos com os revolucionários brasileiros, exilados na Argentina, em 1929. Em meio à polêmica explicitou-se:

"O Combate acha que *Il Piccolo* tem o direito de viver, e se tivesse a intenção de provocar a sua ruína material — que a intellectual não existe — já o teria feito, convidando o povo de São Paulo a descobrir nas suas páginas quanto de injúria assacam os estrangeiros contra a mulher brasileira, representada na pessoa de Maria Lacerda de Moura"¹³.

Neste incidente, aos poucos foi sendo abandonada a diferença de intenção entre o norueguês Amundsen (cientista que se perdeu nos gelos polares, em busca de seu antecessor) e o italiano Del Prete, de um lado, e as injúrias à jornalista, de outro; surgiram instigações a uma represália da colônia italiana e referências explícitas ao Fâscio de São Paulo, liderado pelo cônsul da Itália, "porque nós queremos obedecer e servir, em nome da Patria e do Duce!", conforme termina o artigo de *Il Piccolo* de 18 de setembro de 1928. As reações sucessivas estampadas em todos os jornais de 24 de setembro, a que se dedicou quase todo o número, ilustrado, de 25 de setembro de *O Combate*, permitem distinguir a coexistência, na colônia italiana, de fascistas e antifascistas; enquanto se explicitaram posições nacionalistas, anarquistas e antiimperialistas entre os brasileiros, que se sentiram atingidos pelos jornais ítalo-brasileiros.

O apoio de Maria Lacerda à Liga Anticlerical fez com que proferisse inúmeras conferências a respeito da conquista da liberdade de consciência, ameaçada pelo revigoramento das forças católicas. Chegou até a representar a Liga Anticlerical, apesar de seus propósitos de se responsabilizar unicamente por si mesma e nunca por qualquer "entidade abstrata" como a "mulher brasileira"¹⁴. Diante da notícia da fundação de um Partido Católico Brasileiro, por iniciativa do cardeal D. Sebastião Leme, a Coligação Nacional

¹³ O COMBATE, 21 set. 1928. Apud MOURA, M. L. de, *De Amundsen a Del Prete*, p. 40.

¹⁴ *Clero e Estado*.

Pró-Estado Leigo foi mobilizada a fim de arregimentar as "consciências livres contra o fortalecimento das forças reacionárias da Igreja e do Estado". Talvez tenha sido através da Coligação que Maria Lacerda manteve, na década de 30, seus maiores contatos com grupos intelectuais e políticos anticlericais declarados.

SOROCABA EM CHEQUE. A CONFERÊNCIA DA LIGA ANTICLERICAL.

AS MANOBRAS DO ESPÍRITO SANTO... DE ORELHAS

Fundada recentemente, a Liga Anticlerical de Sorocaba já foi batizada, entrando em contacto com o inimigo e pondo em reboliço o redil da Sorocabana.

Embora ainda em período de ultimação dos trabalhos relativos à sua constituição, julgaram (e muito bem) os companheiros que estão à frente do novel núcleo de combate à cleresia que era preciso desde logo dar vida pública a sua tão importante (não para os papa-hostias) iniciativa, concitando, com um ato de propaganda os homens livres de Sorocaba a cerrarem fileiras em defesa da liberdade de consciência ameaçada pelos agentes do governo do Vaticano.

Essa primeira iniciativa foi a realização de uma conferência sobre temas de atualidade relacionado com a obra da L.A.S., sendo convidada para oradora d. Maria Lacerda de Moura.

Dando uma prova de sua dedicação pela causa da libertação das consciências da tirania dos preconceitos da igreja, a consagrada escritora accedeu ao convite, sendo a conferência marcada para o domingo passado, 4 do corrente, tendo por tema "O fascismo, filho dileto da Igreja Romana".

Preparados os aprestos para a "batalha", partiu de S. Paulo a caravana anti-clerical, cheia de contentamento pela magnífica obra de irradiação do movimento libertador.

Como o que é bom não deve ser desperdiçado, os companheiros de Sorocaba, acharam que, em vez de uma, pode-

riam ser realizadas duas conferências, aproveitando a noite de sábado para a outra.

Não tendo ainda sede própria, os companheiros da L.A.S. trataram de conseguir um dos varios salões que existem na cidade.

E meteram mãos à obra, mas aí é que o espírito santo de orelha clerical começou a por em ação a influencia de seu dominio.

Seriam precisas algumas colunas para podermos descrever em todas as suas interessantes minucias os incidentes verificados nos preparativos para a realização das conferências, incidentes esses provocados pelo tal espírito santo de orelha clerical que não queria que se fosse discutir naquela cidade sobre a obra nefasta da gente do Vaticano.

Dispondo de um magnífico salão, os companheiros sorocabanos dirigiram-se ao S.B. 25 de Dezembro, onde foram bem acolhidos. A concessão do salão dependia, entretanto, de uma assembléa. Reunida para resolver foi feita a votação.

Venceu a corrente favoravel ao pedido. Os contrarios lançaram mão de um recurso extremo: por sua vez, queriam o salão para a conferência de um padre. Estava certo. Ideias combatem-se com ideias. Mas, por fim, foi julgado prudente não provocar discussões *extranhas* entre os associados. E a conferência ali não pode ser realizada.

Outro bom salão da cidade é o do Centro Espirita Flamarion. Para lá se dirigiram os companheiros sorocabanos, sendo igualmente bem recebidos, mas o salão não foi cedido porque isso poderia trazer complicações com o espírito santo... de orelha clerical.

Mais outro bom salão é o do Gabinete de Leitura. Solicitaram-no os companheiros sorocabanos. Foi bem acolhida a solicitação. O salão foi cedido. Distribuiram-se boletins pela cidade convocando a conferência. Nada mais natural: num centro de estudos e de cultura parece ter sempre cabimento uma conferência de illustre escritora de renome internacional e cujas obras são divulgadas por toda a parte.

Grande era a expectativa. Sábado à noite, antes da hora anunciada, já as imediações do salão estavam cheias de gente. Notava-se a presença de senhoras e senhoritas.

A oradora já havia saído do hotel dirigindo-se para o salão quando se espalhou a notícia de que a conferência não se realizaria mais no salão do Gabinete de Leitura. E a má notícia foi confirmada. Como cada qual manda em sua casa, não comentamos.

— Mas se a conferência não pode ser realizada em salão, espalhemo-la pelo espaço livre como livre são as idéias que ela contém. E um distinto moço da cidade gentilmente se prontificou a conseguir que a conferência fosse irradiada por uma das estações locais.

O pedido foi acolhido solitamente. D. Maria Lacerda de Moura dirigiu-se para a estação irradiadora. Anunciou-se: Alô! Alô! As 22 horas, falará ao nosso microfone a distinta escritora d. Maria Lacerda de Moura, discorrendo sobre o tema: "Guerra a guerra!"

A notícia ouvida em toda cidade, despertou interesse. Os cafés e bares que tem aparelhos de rádio ficaram cheios de gente à espera da conferência.

Aproxima-se a hora tão esperada, quando se ouviu, na sede da estação irradiadora tilintar a campainha telefônica.

— Acabam de telefonar sobre a conferência, dizendo não nos ficar bem fazer a sua irradiação!

E o microfone anunciou: "Alô! Alô! A conferência de d. Maria Lacerda de Moura será realizada amanhã, às 10 horas, no Cinema Alhambra". E o povo que se aglomerava junto aos aparelhos esperando a irradiação da conferência dissolveu-se, pensando, certamente, no espírito santo... de orelha clerical.

Domingo, 10 horas. Cinema Alhambra. Salão repleto. Multidão ansiosa. Uma salva de palmas e d. Maria Lacerda de Moura demonstra, com a clareza que lhe é peculiar que o fascismo é filho dileto da igreja e do capitalismo, arrancando aplausos entusiásticos da multidão.

Exito completo. A multidão dissolve-se vagarosamente, como que lamentando não poder continuar a ouvir a palavra da verdade.

No salão havia fascistas com más intenções, reveladas por esta frase de um agente de polícia dirigida a um camisa preta da cidade: "Você contou muita garganta aqui fora, mas lá dentro não fez nada!"

E que a missão do espírito santo de orelha clerical fahou desta vez.

A LANTERNA, 8 maio 1934. ano XI, n. 373, p. 3.

A preocupação em não representar a mulher brasileira liga-se a um episódio específico, além de provir de suas tendências individualistas. No segundo semestre de 1929, fora convidada por uma série de entidades para fazer conferências no Uruguai e na Argentina¹⁵. Entre as instituições educacionais que a convidaram destacam-se a Liga Antifascista Italiana e a Liga Antiimperialista Argentina; o ciclo de conferências seria aberto com "O fascismo contra a evolução humana"¹⁶. Ao voltar, declarou-se, como já o vinha fazendo, "voz única", "isolada" do "rebanho social domesticado".

*"Sou individualista e faço absoluta questão de só representar a mim mesma, 'conscientemente', sem subterfúgios (...). A mulher brasileira, na sua totalidade, está aqui, como Pilatos no Credo. É a minha irmã, a quem quero muito humanamente. Mas não sou a sua Embaixatriz. A Embaixatriz 'nata, natural', da mulher brasileira e que tem credenciais para representá-la é Bertha Lutz, é Maria Eugênia, é Rosalina, é Jeronyma Mesquita, é Santos Lobo, é Olívia Penteado, é Helena de Magalhães Castro, é Telles de Menezes, é Olga Bergamini, é Alice Tibiriçá — são as embaixatrizes da graça e da helezza, as embaixatrizes do voto e da caridade, embaixatrizes da poesia e dos salões elegantes..."*¹⁷

¹⁵ AS CONFERÊNCIAS de Maria Lacerda de Moura na Argentina e no Uruguai. *Diário de S. Paulo*, 2 jul. 1929. n. 150, p. 11.

¹⁶ O ALARME produzido nos meios fascistas. *O Combate*, 17 jul. 1929. ano XV, n. 5 095, p. 6.

¹⁷ MOURA, M. L. de. Embaixatriz! — Não! *O Combate*, 18 set. 1929. ano XV, n. 5 149.

E revelou que, enquanto Luís Amaral, redator do *Diário da Noite*, protestara contra a má representação que ela faria da mulher brasileira, fora proclamada, em nome da Internacional do Magistério Americano, no Prata, como "pensadora sul-americana".

As conferências, pronunciadas em Buenos Aires, versaram sobre aspectos da emancipação da mulher, a obra de Han Ryner e o amor plural, o fascismo e a guerra. Algumas já tinham sido formuladas como artigos ou livros, outras foram transformadas em livros anos depois.

É dessa viagem ao Prata um diálogo que manteve a bordo do navio:

"— *Somos inimigos... disse (o italiano) num sorriso forçado.*

— *Porque?*

— *Sou fascista.*

— *Não tenho inimigos pessoas. E nem lhe quero mal. Estendo-lhe a mão com prazer. Sou anti-fascista, contra todas as tyrannias e contra todas as prepotencias. Mas, não quer sentar-se? Conversou durante duas ou tres horas. — Quer convencer-me antes que eu faça a conferencia... Dei-lhe ampla liberdade. Contou-me as maravilhas da 'Italia d'oggi'.*

Apertei-lhe a mão e me despedi.

Veio de novo procurar-me esta manhã.

Insiste para eu ir à Italia, ver de perto o que é o fascio e o que tem feito Mussolini. A minha ingenuidade não iria tão longe... Tive de dizer-lhe que não recebo dinheiro de ninguém para ter idéias anti-fascistas.

Talvez fosse o que eu lhe tenha dito de grave... " 18

Pelas notícias dos diários de Buenos Aires, pode-se avaliar a repercussão de suas conferências:

"Alguns fascistas quiseram provocar desordens quando Maria Lacerda de Moura lia sua conferencia. Um público numeroso e entusiasta encheu o amplo salão da Casa Suíça, público sereno e inteligente, que soube não só ouvir como castigar a meia dúzia de fascistas que lá estavam, com o propósito evidente de fazer fracassar a reunião. (...) expulsos os lacaios de Mussolini, o ato prosseguiu e terminou sem acidentes" 19.

Em 1933, a resposta de Maria Lacerda de Moura ao inquérito entre intelectuais brasileiros, "Por que ser anti-semita?", condensa

em poucas páginas as suas idéias sobre o capitalismo, o fascismo e a guerra. Utilizando o que conhecia dos recursos que a psicanálise proporciona para análise da vida psíquica do indivíduo, Maria Lacerda procurou fazer uma análise sociológica das condições que provocam o anti-semitismo.

Numa apresentação dividida em quatro partes — o despertar do troglodita, o capitalismo fareja os seus filhos diletos, o ídolo da raça e as bases modernas do anti-semitismo —, onde se evidenciam o conhecimento antropológico e a participação política, Maria Lacerda escreveu:

"O objetivo máximo é desviar as consciências que despertam; é reacender os instintos ferozes dos ancestraes — afim de adormecer a razão humana — para continuarem a dominar os 'super-elefantes' do capital e os tubarões do poder".

(...)

"E o povo de Israel colocou-se em primeiro plano no mundo das idéias. Os dois nomes mais altos do pensamento científico moderno — Einstein e Freud — desafiam os séculos e a caricatura servil dos Hitler da ignorância e da crueldade sádica do fascismo — herança ancestral do homem pré-histórico."

(...)

"Um dia, todos os homens e mulheres da terra, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo ou de nacionalidade — sem pátria, sem fronteiras, sem família e sem religião, — serão irmãos no auxílio mútuo e no respeito mútuo à dignidade da consciência livre — para mais alta evolução — através do tempo e para além do espaço..." 20

Quando, em 1935, publicou *Clero e fascismo — horda de embrutecedores!*, o livro teve uma tradução castelhana, em Rosário, em 1936²¹, com prólogo de Juan Luzarte, autor de *Sociedad y prostitución*, para o qual, por sua vez, Maria Lacerda de Moura escrevera o prefácio. Logo após publicava *Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital*.

O que diferencia estes dois livros, publicados um em seguida ao outro, é a ênfase do primeiro no caráter trágico e ameaçador do fascismo italiano e a do segundo, nos instrumentos de poder e repressão da Igreja.

²⁰ ESCUTA Israel! *Um inquérito...*, p. 50, 51, 52, respectivamente.

²¹ *Clericalismo y fascismo "horda de embrutecedores!"*. Próf. Juan Luzarte. Rosário, Argos/Librería Ruiz, 1936. 167 p.

¹⁸ Id. Mais um dia a bordo. *O Combate*, 18 jul. 1929. ano XV, n. 5096, p. 4.

¹⁹ O COMBATE, 20 jul. 1929. ano XV, n. 5098, p. 1.

Clero e fascismo . . . compõe-se de diversas partes, frequentemente redundantes, sobre diversos aspectos do fascismo: sua origem intelectual, marcos de sua expansão, as contradições e o oportunismo nos discursos de Mussolini e a aliança do fascismo com o papado.

Fascismo . . . , composto igualmente de artigos e conferências, procura mostrar essa organização política como expressão de uma nova Contra-Reforma, capaz de engendrar uma Inquisição com recursos multiplicados, para fazer frente à revolução social. Sob a influência direta da obra prolífica de Han Ryner, Maria Lacerda de Moura conclui que o ideal de "associar o individualismo dos espíritos e o comunismo das mãos" estaria afastado para quando se suprimissem a autoridade e a violência.

Nos dois livros, uma quantidade de informações de nível muito heterogêneo, como afirmações pessoais, notícias de jornal, relatos históricos, citações de enciclopédias e de autores populares, confundem o leitor. Dessa disposição assistemática de dados e idéias, é possível extrair, de um e de outro, algumas condições da vida política brasileira e projetos políticos que a envolviam. No primeiro existe, sob a forma de citação, informações sobre os ideais de expansão fascista em São Paulo, em função da populosa colônia italiana e referências à colaboração dessa colônia à "guerra civil" de 1932. No segundo, além da parte referente à atuação política do clero (também na Revolução de 32) na vigência de D. Sebastião Leme, encontram-se referências reverentes, embora distantes, ao comunismo da União Soviética e aplauso incondicional à anarquia, seguido pela afirmação de que ainda não houve anarquistas.

Embora recebidos como formas de combate ao fascismo, esses livros marginalizaram ainda mais a autora, afastando-a definitivamente de marxistas²², comunistas e anarquistas. A polêmica desencadeada no quinzenário *A Plebe*, embora não tenha assumido as proporções da de 1928 em *O Combate*, traduz as perspectivas e as suspeitas que as posições de Maria Lacerda provocavam. Foi criticada pela prolixidade, por inconsistência teórica e política, por imprecisões e contradições. E, acima de tudo, interpelou-se o apoio implícito à União Soviética e ao comunismo, já manifestado

²² XAVIER, Lívio. Maria Lacerda de Moura: "Clero e fascismo — horda de embruteceadores!". *Diário de S. Paulo*, 5 fev. 1935. ano VII, n. 2 113, *Livros Novos*, p. 5. BRANDÃO, Octávio, *Combates e batalhas*, v. 1, p. 264-5.

em 1923, numa conferência em benefício de *A Plebe*, enquanto negava a existência de anarquistas, excetuando Cristo.

Embora o calor da polêmica acabe revestindo o discurso de cores e intensidade, tem o poder de fazer aflorar indicações, aspectos e tendências que o discurso moderado dissimula. Foi nesta polêmica em *A Plebe* que apareceram explicitadas, por escrito e pela primeira vez, as preocupações espiritualistas da jornalista, que já deviam ser, a essa altura (1935), de domínio público. Não só seu interesse pelas ciências ocultas foi questionado, como as ligações com a Fraternidade Rosa Cruz e com o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento²³.

*"E lastimamos que o único jornal quinzenal anarquista do Brasil fosse utilizado por camaradas anarquistas, para achincalhar a única escritora de talento que tem o desassombro de fazer pela palavra, pela pena, nos jornais, nas revistas, nas platéas, a propaganda apolítica, amoral que luta com todas as suas forças contra o Estado, a Igreja, contra o Fascismo, contra a guerra, contra a exploração do homem pelo homem e que sacrifica tudo para viver o seu ideal."*²⁴

Como na polêmica de 1928, André Néblind — que se assina também A. N. ou Paul Laurent (V. Transmitir, transformar, transgredir) —, companheiro da comunidade de Guararema, veio a público defendê-la. Fazia jus à dedicatória e às inúmeras referências feitas com ou sem propósito, a ditos seus, semeados pelos escritos de Maria Lacerda.

Complementarmente às atuações antifascistas, e, da mesma forma que estas, funcionando como elos com o público mais amplo e os grupos políticos de esquerda, figuram os seus pronunciamentos pacifistas.

A guerra seria o resultado inevitável da política fascista, através da luta física. Como afirmou em 1931:

*"Todo o genero humano prepara-se, cada vez mais rapidamente, para o suicídio coletivo, através das guerras científicas. E tudo envolvido na hipocrisia das expressões de paz e intercâmbio e fraternidade"*²⁵.

²³ SALGUEIRO, Osvaldo. Crítica e doutrina: "Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital". *A Plebe*, nova fase, 19 set. 1935. ano III, n. 97, p. 4.

²⁴ NÉBLIND, André. Maria Lacerda de Moura e o seu último livro. *A Plebe*, nova fase, 28 set. 1935. ano III, n. 98, p. 4.

²⁵ *Civilização — tronco de escravos*, p. 62.

Inspirada em Tolstói, Mahatma Gandhi e em Romain Rolland²⁶, Maria Lacerda escreveu diversos artigos sobre aspectos da

²⁶ Dentre os "mestres" de Maria Lacerda, alguns são personalidades muito conhecidas: Romain Rolland, Tolstói e Gandhi. Outros, indivíduos deslembados do período entre as guerras mundiais e que, sob diversos aspectos, se situam, como ela, entre os não-reconhecidos. Sem se ter dissolvido no anonimato da cultura popular, não se alçaram à cultura erudita, permanecendo num plano intermédio e marginal, com um maldelimitado espaço entre a religião, a política e a educação, como Han Ryner e Francisco Ferrer.

Leão Tolstói (1829-1910) é o autor de *Guerra e paz*, aceita indiscutivelmente como uma das maiores obras da literatura mundial. Conservou-se até quase seus últimos anos como um aristocrata, senhor de terras e homem de letras. São as obras da fase posterior a 1880 que influenciaram Maria Lacerda. Baseando-se nos ensinamentos de Cristo e rejeitando a autoridade da Igreja e do Estado, Tolstói optou por uma exaltação do ascetismo, pelo repúdio da propriedade hereditária, aderindo à vida camponesa. Menos conhecidos que sua obra literária, seus escritos sobre a lei, o Estado, a propriedade e a religião é que o incluem entre os anarquistas. *O que fazer?*, por exemplo, é um relato vivo de suas experiências nos cortiços moscovitas e uma análise das causas da pobreza. Considera que o movimento para uma condição sem classes e sem Estado depende do aperfeiçoamento moral de cada indivíduo, através da observância da lei do amor e pelo conseqüente repúdio de toda forma de violência. Renegou nesses últimos anos as obras anteriores de ficção, por não se ajustarem aos propósitos morais, que passou a considerar indispensáveis, para uma verdadeira obra de arte.

Romain Rolland (1866-1944), romancista francês, foi professor de história da arte na Sorbonne até 1912, quando se aposentou para se dedicar à obra escrita. Durante a Primeira Guerra Mundial manteve-se na Suíça, de onde escreveu a famosa série de artigos, louvada e ridicularizada: *Au-dessus de la mêlée* (1915), em que instiga a França e a Alemanha a respeitar a verdade e a humanidade, acima da guerra — origem de sua atuação pacifista.

Sua obra é formada por peças históricas e biografias, tendo-se tornado internacionalmente conhecido pelo romance psicológico *Jean Christophe*, que lhe valeu o prêmio Nobel. Nele, descreve poeticamente a amizade entre um jovem alemão e um jovem francês, amizade simbólica da "harmonia dos contrários" que pregou, e que deveria ser conseguida interiormente, entre indivíduos e nações. Suas outras obras, em consonância com a atuação junto a instituições internacionais pela paz, continuaram a denunciar a guerra e o egoísmo nacional.

Depois da Primeira Guerra Mundial dedicou-se ao estudo da filosofia oriental, tendo acompanhado a luta da Índia pela emancipação, ao escrever, em 1924, uma biografia do Mahatma Gandhi.

Mohandas Karamchad Gandhi (1869-1948), o criador da revolução não-violenta pela libertação da Índia, nasceu na casta de comerciantes e estudou na Inglaterra. Da "resistência passiva" passou à "força nascida da verdade e do amor ou a não-violência" e abandonou a prática da advocacia pela pobreza voluntária. Suas idéias aproximaram-se das dos anarquistas, pela condenação da civilização industrial moderna.

Foi promovido a *Mahatma* (Grande Alma) em 1915 e criou a associação de cultores da verdade, da não-violência, do celibato e do destemor. Com práticas de autocontrole, lutou pela retirada da "intocabilidade" entre

guerra²⁷, fez conferências e assinou manifestos chamando a atenção pública para seus perigos e a necessidade de romper a mística de sua inevitabilidade; dois livros e um opúsculo²⁸ seus denunciam as conquistas do capitalismo e da ciência aplicados ao extermínio humano. Propôs à mulher um papel decisivo contra as guerras — a recusa de serviços diretos e indiretos aos preparativos e aos combatentes e a greve dos ventres, impedindo o nascimento de uma população que o Estado incorporaria aos exércitos. Afastou-se claramente dos comunistas, para quem "a propaganda pacifista esconde (dentro de si) a grave insídia de tranquilizar e paralisar as energias revolucionárias de luta do proletariado"²⁹. É em sua propaganda pacifista que se delineou com mais clareza a posição assumida, a partir de 1926. Considerava o uso da força para resistir à força um mal maior, aderindo à doutrina da suprema resistência e da não-violência, "o único e último caminho aberto no mundo do capitalismo industrial".

Em seus trabalhos, pôs em prática a conclamação de fazer guerra à guerra, de Romain Rolland e dos livres-pensadores. Di-

as castas, pela educação em língua materna e pela vestimenta fiada e tecida a mão. Ridicularizado por muitos por suas práticas (a favor do artesanato, da pobreza e da abstenção), conservou-as como adequadas à população e à situação de desemprego. Suas denúncias do imperialismo inglês começaram a ter uma repercussão cada vez maior, o que determinou várias de suas prisões, como inimigo do Império Britânico.

Suas campanhas de desobediência civil e contra a guerra, por greves de fome e preces, tornaram-no uma figura sagrada e temida. Após um atentado em que impediu que se prendesse o autor, foi morto por um fanático, quando ia rezar. Sua influência moral sobre os pensadores foi e continua extensa, através de formas de pensamento ligadas à ação e pela aspiração máxima à verdade.

²⁷ Guerra à guerra. *O Combate*, 19 nov. 1927. ano XIII, n. 4 560; Guerra à guerra. *O Combate*, 20 dez. 1928. ano XIV, n. 4 895; Guerra à guerra. *A Lanterna*, 2 nov. 1935. ano XII, n. 402.

Conviria acentuar um dos veículos inspiradores do pacifismo de Maria Lacerda — o grupo Clarté, criado em 1919 por Henri Barbusse e Raymond Lefèvre, de que Anatole France foi figura exponencial; pretendia fazer a "revolução dos espíritos" por uma organização apartidária, ligada aos esforços de Romain Rolland de mobilizar os intelectuais contra a guerra. Cf. HALL, Michael M. & PINHEIRO, P. S. The Clarté group in Brazil. *Mouvement Social*, (111):217-34, avr.-juin 1980. Cf. tb. CLARTÉ (Revista de Ciências Sociais), Rio de Janeiro, (1), 1 set. 1921. *Ibid.*, (2), 15 set. 1921.

²⁸ *Civilização — tronco de escravos*, p. 65-103; *Amor e... não vos multipliqueis*, p. 219-41; *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-mé! Denúncia!*

²⁹ ZETKIN, Clara. La lucha de los partidos comunistas contra el peligro de guerra y contra la guerra. In: —, *La cuestión femenina y la lucha contra el reformismo*, p. 222.

vulgou sistematicamente as formas de oposição e de precipitação da guerra; a recusa ao serviço militar, a objeção de consciência; os imperialismos europeu e norte-americano na América Latina; a invasão da Abissínia pela Itália; os recursos da química, da física e da bacteriologia aplicados ao que chamou de Internacional Armamentista, e o poder e interesse das finanças internacionais em conflitos nacionais. Sem deixar de difundir a oposição da Internacional do Pensamento, constituída por escritores, educadores e cientistas europeus à Internacional do Armamento.

Escreveu dois artigos denominados "Guerra à guerra" (1927, 1928), um manifesto (1935) e, entre os livros a publicar, em 1931, havia um com esse nome. Com relação a Mahatma Gandhi, afora menções freqüentes em seus artigos e livros, pretendia publicar um livro sobre ele. Em 1931, o livro teria por título "Krishnamurti, Mahatma Gandhi e Han Ryner" e, em 1932, fora reformulado como "A Grande Alma — esboço da filosofia prática de Gandhi". Além de anúncios, houve depoimentos a respeito dos originais desses trabalhos⁸⁰.

Para tentar acorrentar o novo Prometeu (a ciência a serviço do progresso material) Maria Lacerda considerou utópico querer exterminar a ciência e a indústria com fins militares.

"O meio de combater a guerra não se resume em colocá-la fora da lei, nem na 'defesa nacional' ... dos pacifistas da Sociedade das Nações, nem no desarmamento.

*O meio único, eficaz, é individual, é a objeção de consciência, é a deserção heroica, é a proteção aos objetores, é a assistência aos desertores. É não contribuir, de nenhum modo, para a loucura coletiva do massacre do genero humano."*⁸¹

O uso da força para resistir à força é um mal maior para os adeptos da doutrina da não-resistência, entre os quais a individualista se incluía explicitamente.

Entre 1931 e 1938, Maria Lacerda teve o desgosto de ver o filho adotivo ingressar nas hostes integralistas⁸², Hitler chegar ao

⁸⁰ Em seu depoimento, D. Zizi (Hideuzuita Guimarães, Barbacena, 1979) mencionou ter passado a limpo um trabalho sobre Gandhi, para a amiga. O depoimento do Dr. Attila da Cruz Machado, Rio de Janeiro, 1980, revelou que a correspondência de Maria Lacerda de Moura fora incinerada por vontade expressa da escritora. Os originais do livro não foram encontrados.

⁸¹ *Civilização — tronco de escravos*, p. 100-1.

⁸² MOURA, Maria Lacerda de. Profissão de fé. *A Lanterna*, São Paulo, 9 fev. 1935. ano XII, n. 388, p. 3. V. Apêndice, tópico 1.2.

poder, o agrupamento de Guararema⁸³ ser dizimado por prisões, deportações, fugas e confisco. Após verificar ser impossível tornar a viver em Barbacena, mudou-se para o Rio de Janeiro no início de 1938. É da correspondência com uma amiga barbacenense o trecho da carta que se segue, às vésperas da Segunda Guerra Mundial:

*"Você me pergunta se a guerra virá. Não tenho a menor dúvida. Nunca tive. Aliás, entre as duas calamidades: a guerra mundial ou o domínio medieval do fascismo eu escolho a guerra, de olhos fechados! Porque a humanidade chegou a tal grau de baixeza e covardia e estupidez, que é preferível o seu desaparecimento a um mergulho ainda maior na bestialidade"*⁸⁴.

É de 11 de maio de 1938, a menção da tentativa integralista de tomada do poder:

*"Felizmente a intentona integralista desta madrugada já foi abafada. Mortos e feridos ... Até quando tudo isso? Chegaram a atacar a Guanabara e tomar alguns postos. Penso que agora não de prender de vez os chefes e acabar com essa 'volontã de potença' dos 'salvadores' fascistas desta terra. Tudo está calmo, pelo menos nas aparencias da cidade"*⁸⁵.

*

Sem os recursos de uma prática médica e psicanalítica e de uma tortuosa militância comunista, como a de Wilhelm Reich, Maria Lacerda propôs a família e a escola como canais da educação autoritária, criadora do conformismo e da submissão, pela Igreja e pelo Estado. A obediência e a fé das massas amedrontadas, de um lado, e a vazão de sentimentos irracionais e instintos agressivos, de outro, seriam os ingredientes da adesão entusiástica à guerra, que lhes é imposta. Quando os poderes estimulam, por processos discriminatórios e pressões sociais, nacionais, raciais, religiosas e sexuais, a implantação da humildade e da resignação, acabam estimulando, em contrapartida, o desenvolvimento e a explosão de formas agressivas e armadas para manter essa submissão. Foi nessa linha de raciocínio que Maria Lacerda de Moura se propôs lidar com a educação e a situação da mulher, na família e na sociedade.

⁸³ Cartas de A. Néblind a E. Armand. Orleans (1937-8).

⁸⁴ Carta a Albina Moreira Lima. Rio de Janeiro (1938-43), 8 out. 1938, p. 2 (manuscrita).

⁸⁵ Carta a Albina Moreira Lima. Rio de Janeiro, 11 maio 1938 (manuscrita).

2.2 Transmitir, transformar, transgredir

A escola racional, idealista, guarda avançada dos princípios ecumênicos de todos os séculos — é revolucionária, é apostolado, é daí que não de surgir novas e vibrantes vozes de combatentes para entoar o hino augusto de redenção social.

Também dentro da escola tem sido ultrajada a verdade.

E mudanças de governos, de formas estataes não solucionam o problema da felicidade humana, dentro, já se vê, das contingências da vida terrena. A escola é a força.

As revoluções degeneram em selvagerias se não há ideal, se as almas não têm disciplina interior, se as consciências não estão à altura dos grandes sonhos renovadores.

Enquanto a percentagem de analfabetos fôr a que conhecemos em todos os países, e enquanto a instrução permanecer o que é e acessível apenas a uma parte da humanidade, enquanto o proletariado não cuidar das suas escolas, da sua cultura, num surto titanico contra a exploração do homem pelo homem, — inútil pensar na equidade social porquanto haverá sempre uma facção mais esperta a qual tomará as redes dos governos e os lugares privilegiados, em detrimento de outros sonhos mais altos. É preciso, pois, a mentalidade individual, a noção de responsabilidade.

O nosso enseio vai bem mais longe. A educação é uma das mais extraordinárias energias conducentes às grandes transformações sociais, ou melhor: é a mais poderosa força revolucionária.

MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada?* São Paulo, Typ. Paulista, 1924. p. 99.

E a educação — para o socialista radical, para o comunista, para o anarquista tem uma aceção muito diversa de todos os outros sistemas educativos.

Assim, entre nós mesmos, dentro desta civilização e individualmente, as definições da educação se multiplicam, subjetivamente, segundo os conceitos, os ideais philosophicos e religiosos, patrióticos, políticos e sociaes.

Mas, qual deve ser o objectivo da educação? Deve ella repousar sempre sobre uma mesma base: ha preceitos que convêm a todos os povos, a todas as sociedades. Qualquer que seja a classe social a que pertença o individuo, elle precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar os outros individuos, a só dizer a verdade, a reprimir paixões grosseiras, as más tendencias, a cultivar os sentimentos nobres, a vislumbrar preceitos moraes a serem observados numa sociedade futura, sempre melhor que a actual; não explorar o proximo, ser util, solidario com os outros homens, ser uma fonte de amor, de heroísmo, de abnegação, de paciencia em vez de respirar irritabilidade e máu humôr e odio; fazer crescer dentro da alma um nobre ideal de equidade em vez de constituir-se em fonte perenne de egoísmo individual.

Id., *Lições de pedagogia*. São Paulo, Typ. Paulista, 1925. p. 10.

Os depoimentos das ex-alunas de Maria Lacerda de Moura, de Barbacena (1908-21) e os das de Guararema (1928-35) guardam uma semelhança: referem-se todos às qualidades expressivas de sua voz. A voz agradável passa também através dos depoimentos dos que assistiram às conferências. As alunas referem-se a outros detalhes — à elegância e à simplicidade do vestir, à alegria e às inovações das atividades didáticas.

As alunas de Barbacena frequentavam a Escola Normal, onde, após ter ensinado trabalhos manuais, Maria Lacerda dirigiu o *Pedagogium*. Algumas foram alunas de psicologia experimental, outras participaram das iniciativas extracurriculares. Na cidade menor, o relacionamento social anterior à situação escolar prolongava-se depois do curso, abrangendo duas gerações — na família da aluna e na da professora.

"Eu frequentei a casa dela, porque ela fazia muito teatro quando estava na Escola Normal, como professora e como diretora e os ensaios eram em casa dela, ali naquela rua do teatrinho São José (já demolido). Ensaiávamos comédias que ela escrevia... de maneira muito engraçada... falando das pessoas da cidade. (...)

D. Mariazinha perguntou: 'Você é capaz de se vestir de menino?' Quantos anos se passaram! Eu estou com 73. Naquele tempo menina vestir de menino era um escândalo. O que vale é que meus pais eram liberais.

'Eu me visto...' E ela: *'Então você vai fazer o papel do Otó'...* Nunca mais deixei de entrar nos teatros dela. (...)

Continuaram sempre amigos, sempre papai admirando a inteligência de D. Mariazinha. Quando papai morreu, nós recebemos uma carta muito bonita dela."

Contudo as semelhanças entre os depoimentos das alunas de Barbacena e de Guararema param aí.

Para as de Barbacena, uma espécie de pudor retrospectivo parecia fazer com que desejassem preservar a imagem da professora e conterrânea. Declaravam não saber ou não lembrar o que aconteceu "depois" com ela. "Ninguém fala mesmo nem de quem se aposenta, quanto mais de quem morre"; ou declaravam que "era uma pessoa de idéias, assim, um pouco avançadas para a época, porém muito criteriosa..."; "na parte da didática, os livros dela eram bons, segundo dizem, eu não tenho conhecimento..."; "Sabe que, quando muda o professor, muda o ponto de vista, né?"

Algumas fizeram referências às idéias da ex-professora:

"Depois, parece que ficou com a cabeça meio virada, era comunista, mas não sei".

"A senhora sabe, nós somos a tradicional família mineira e ela achava que não havia necessidade propriamente de um casamento. Desde que a pessoa gostasse de outra, poderia viver com aquela outra, mas não essa questão de hoje com um, amanhã com outro."

Uma apenas parece ter lido a obra escrita:

*"De fato, ela era a favor da emancipação total da mulher, era abertamente favorável ao regime comunista. Depois, ainda tinha o agravante de ser anticlerical de uma maneira total, mas acho que, no começo da década de 20, os padres não davam muita confiança"*¹.

Uma delas observou que "Barbacena é madrastra de seus filhos", e nas cartas do Rio de Janeiro Maria Lacerda refere-se a seu ajustamento à então capital do país, persuadindo a amiga a deixar Barbacena:

*"Você não pode ficar em Barbacena. O Rio tem o magnetismo da alegria... da coragem, do bom humor. Aí — todos estão insatisfeitos. Não saem porque não podem. Cada vez mais desejo ver você em um ambiente maior e cheio de outras possibilidades"*².
*"Que pobreza nisso tudo! O 'perigo' que descobriram em mim é justamente a minha capacidade de compreensão humana e o meu desejo de fraternismo. Constitue crime ser humano. Cristo, Sócrates — que o digam e toda a coorte dos que tiveram a capacidade de amar ao próximo como a si mesmos, aceitando-o com todos os seus defeitos e com todas as suas qualidades ou melhor — capacidades de realização. Não há ninguém perigoso: todos os seres humanos são partículas ou teem uma chispa da divindade"*³.
*"O interior é atrasado e linguarudo."*⁴

Exclui o que uma aluna descreveu "na cidade menor, em que todos se conhecem, todos se cumprimentam amavelmente, mas não têm assim, algo como amizade, um conhecimento social mais íntimo".

Em Barbacena, as alunas estavam integradas na organização social da cidade e lembravam de Maria Lacerda de Moura como alguém que fizera parte de seu mundo e fora excluído.

¹ Depoimentos de Barbacena (1979 e 1980).

² Carta (manuscrita) de MLM a Albina Moreira Lima. Rio de Janeiro, 16 mar. 1938, p. 2-3 e 11 maio 1938, p. 1.

³ Ibid., 20 maio 1938, p. 1-2.

⁴ Ibid., 8 out. 1938, p. 3.

As ex-alunas de Guararema não estavam integradas na população local. Moram hoje no Rio de Janeiro⁵ e, mesmo quando moravam em chácaras, no Vale do Paraíba, eram filhas de estrangeiros, vivendo na zona rural, em relativo isolamento. A condição de seus pais de objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, procurando uma nova vida, afastada do capitalismo industrial, não propiciava sua integração.

Maria Lacerda morava numa chácara entre outras pequenas chácaras de um grupo de italianos, espanhóis e franceses, e ensinava as crianças. Alfabetizava, ensinava história, lia poemas, explicava a natureza e os problemas sociais. Como recebiam revistas e jornais da Itália, França e Espanha, aprendiam o francês na leitura, tendo horas fixas para falar italiano. Os depoimentos mencionaram o gosto pelo estudo e as idéias contra a exploração e a injustiça que eram veiculadas nas conversas. Sabiam das idéias avançadas da professora quanto à emancipação da mulher. Depois de sair de Guararema para estudar em centros maiores, souberam de sua morte pelo jornal. Não pareciam ter muito claro o projeto de vida dos pais. Lembravam-se com ternura de alguns aspectos, como a importância dada ao estudo e à educação sexual; desaprovavam o apego à vida agrária e limitadora, só rompida pela perseguição política, em 1935. Era um mundo esquecido e superado, de que Maria Lacerda fizera parte.

Alguns depoimentos de leitoras acrescentam novos dados: referem-se todos à coragem da escritora. Essa coragem, adjetivada por alguns de desassombada, referia-se principalmente ao fato de expor a condição servil da mulher numa sociedade de escravos e a necessidade de emancipação sexual e intelectual da mulher em ambiente de comportamento tradicional muito rígido. As leitoras revelam aprovação às idéias de Maria Lacerda, mas de maneira cautelosa. Frequentemente admiram surpreendidas o arrojo com que a jornalista se expunha num ambiente masculino, francamente hostil. Mesmo nos depoimentos, procuram manter um distanciamento discreto das afirmações lidas. Acrescente-se que uma leitora revelou que sua mãe só lia e fazia referências a esses escritos na ausência do pai⁶, e outra revela que levava o livro de Maria Lacerda debaixo do braço, ao culto, para escandalizar o pastor protestante⁷.

⁵ Depoimentos de Guararema. Rio de Janeiro, 1980.

⁶ Correspondência. Porto Alegre, 19 set. 1978, p. 2.

⁷ PEREIRA, Maura de Senna, A nova mulher. In: —, *Nós e o mundo*, p. 57-8.

Conquanto fosse ouvida e lida por determinado período, em diversas cidades e através de jornais diferentes, a aceitação pública de Maria Lacerda não correspondia à penetração de sua mensagem. A discussão de questões como casamento, prostituição, maternidade consciente, felicidade e educação realizava-se em termos normativos e morais ou sob formas do imaginário popular, na literatura. O seu questionamento em termos racionais sofria, e talvez continue a sofrer uma repressão tanto maior, quanto era reforçada pelo consenso.

Nestas circunstâncias todas, como professora do ensino oficial, como professora do ensino renovado ou como jornalista e conferencista, Maria Lacerda se identificou com os que viam na educação um processo de modificação da sociedade. Em nenhum momento a educação e a cultura tiveram, para ela, funções de ilustração e ornamento. Conquanto tenha considerado a educação ora como essencial, ora como um processo negativo, ou ainda como um processo impossível, o certo é que dedicou a ela toda a sua vida.

A doutrina da não-violência, de que foi adepta, converteu a educação (em suas diferentes modalidades) em seu processo de luta social — contra a injustiça e por um mundo de relações harmônicas. Transferiu sempre a ação revolucionária para o nível verbal, onde atuou intensamente, quantitativa e diversificadamente. Como professora de Escola Normal Municipal, foi entusiasta das campanhas contra o analfabetismo, quando se propunha “o reerguimento do carácter nacional”⁸, em resposta aos apelos de Olavo Bilac “em enlevos de patriotismo, em extases de solidariedade nacional”⁹.

Como conferencista, em São Paulo, propunha que

*“(...) dessa concepção do pensamento moderno e muito humano mas também quasi divino, dado o ideal pelo qual floriu, — do grito de Clarté alistando nas suas fileiras a elite eloquente e libertaria de todos os países, da Internacional do Ensino, surgiu a ideia da necessidade da Proletocultura ou cultura dos proletários cujos resultados serão de efeitos assombrosos e muito graves. É justo que deixemos aqui os protestos das nossas homenagens aos operários que se erguem em o nosso país reivindicando os seus direitos, o direito de se instruir, o direito da cultura sociológica, organizando reuniões nas quaes se discutem questões palpitantes e momentosas”*¹⁰.

⁸ Em torno da educação, p. 6.

⁹ Ibid., p. 5.

¹⁰ A fraternidade e a escola, p. 25.

Embora tivesse se envolvido, em sua primeira fase, num projeto nacionalista, de preparar “os homens para produzirem economicamente (visando) tornar (a educação) o aparelho de equalização de oportunidades econômicas e sociais de cada indivíduo”¹¹, prestou-se melhor à denúncia da mística educacional, difundida pelo sistema escolar brasileiro posterior a 1920. Apesar de seus esforços de renovar o ensino e de aparente adesão a um sistema patriótico de educação popular, declarou, na instalação solene da Liga Barbacenense contra o Analfabetismo:

*“Tanto vale o homem que assigna o seu nome como aquelle que o não sabe assignar. Não são as estreitas noções de Leitura, Escripta, Arithmetica e Desenho que vão salvar o Paiz”*¹².

Para Maria Lacerda,

*“A educação científica e racional para ambos os sexos, é o mais perfeito instrumento de liberdade. É a extinção da miséria universal, é o accumulo de riquezas, é a contribuição para a solidariedade — a moral do futuro”*¹³.

“(...) E emquanto a percentagem de analphabetos fôr a que conhecemos em todos os países, e emquanto a instrução permanecer o que é e acessível apenas a uma parte da humanidade, emquanto o proletariado não cuidar das suas escolas, da sua cultura, num surto titanico contra a exploração do homem pelo homem, — inutil pensar na equidade social porquanto haverá sempre uma facção mais esperta a qual tomará as redeas dos governos e os lugares privilegiados, em detrimento de outros sonhos mais altos. É preciso, pois, a mentalidade individual, a noção de responsabilidade.

*O nosso anseio vae bem mais longe. A educação é uma das mais extraordinarias energias conducentes às grandes transformações sociaes, ou melhor: é a mais poderosa força revolucionaria.”*¹⁴

Cumprir lembrar que a adesão a uma confiança generalizada no poder da educação como instrumento de ação já se fundamentava na crítica ao ensino oficial de que participara e cujos métodos procurara transformar.

“Nas escolas officiaes ensinam-se prejuizos e superstições, respeito às autoridades constituídas e às leis — discutidas sempre em proveito de uns, e, cá fora, as crianças ouvem criticas acerbas e justas

¹¹ TEIXEIRA, Anísio, Educação para a democracia, p. 352-3.

¹² Em torno da educação, p. 22.

¹³ A mulher é uma degenerada?, p. 34.

¹⁴ Ibid., p. 99. Epígrafe deste capítulo.

aos actos nada probos dos encarregados da machina governamental... E que autoridades devem ser reconhecidas, senão as autoridades da verdade, do talento e da virtude? (...) Eu diria: não foi da escola allemã que nasceu e vicejou o sonho de predomínio, — foi de todas as escolas officiaes na ansia de nacionalismo de cada uma das nações poderosas, na idéia anti-fraternal de que cada povo merece mais porquanto é melhor ou maior, no delirio do capitalismo accumulando para poucos em detrimento de muitos, na educação dos homens para a chacina — irmãos que nem sequer se conheceram." 15

E como a encerrar uma etapa, de que faz parte seu primeiro livro, renegado posteriormente, acrescentou:

"A Escola Official, a Universidade é tradicionalista, antiga, reaccionaria, é a escola do passado, com os seus erros, absorvente, cheia de velharias poeirentas, incapaz de um sonho, incapaz de um protesto consciente, incapaz de um surto renovador... O académico invulgar, emancipado, eloquente, idealista — é desviado, sorratamente, posto de lado, escorraçado mesmo, acuado para a possível domesticidade, em favor da reacção" 16.

Vem desde essa primeira etapa a preocupação com a educação da mulher, que será considerada sob vários ângulos, através da trajetória de Maria Lacerda.

Em seu período inicial, a educação feminina estimularia a participação social, rompendo o servilismo e a reclusão, ainda nestes termos:

"Sou mulher e, como mulher, procuro tratar de assumptos educativos, de assumptos patrióticos, clamando a mulher à compreensão dos seus deveres" 17.

"A co-educação (é) o meio único de elevar o nível moral das sociedades desvendando o misterio que envolve a questão sexual na ignorancia da única razão de ser da vida, num eterno pesadelo do desconhecido, do proibido." 18

Partindo de reflexões e leituras sobre a condição feminina na família, na educação e no trabalho, reformulou as idéias a respeito dos deveres e obrigações da mulher. Através desse caminho é que combateu outras formas do autoritarismo, na esfera do pequeno grupo e na esfera privada, como o combateu na esfera pública, com relação ao poder político e econômico.

15 *A fraternidade e a escola*, p. 10.

16 *A mulher é uma degenerada?*, p. 98-9.

17 *Em torno da educação*, p. 110.

18 *Renovação*, p. 242.

"E educação pela liberdade e para a liberdade, apontando o interesse que ha em manter na ignorancia e na fé a maioria commodista e pobre de meios para enxergar mais longe."

(...)

"A docilidade, o servilismo e a indiferença é a causa das tyrantias dos grandes e poderosos a sugar a massa ignara." 19

E observa:

"(...) a mulher estão sendo entregues os destinos da educação popular. E a instrução e a educação que recebe estão longe de tão alta responsabilidade" 20.

"(...) no fundo, ninguém quer sinão a educação artistica e literaria superficial, isso mesmo que ha por ahi: 'falar linguas como papagaios, sem pensar em nenhuma dellas', tocar, cantar, dançar, pintar e... pintar.

Mesmo porque a maioria dos homens basta o bibelot ou a dona de casa." 21

"As meninas não brincam mais com bonecas e nas casas de commercio quasi se não vêem aquellas carinhas rosadas e as cabelleiras douradas das bonecas que fizeram o encanto de outras meninas.

Não lhes dão tempo e tiraram-lhes esse gosto. As longas horas de estudo de piano, os bordados, a pintura (tudo muito superficialmente), as lições escolares, o rigor dos exames, o estudo precoce, os trabalhos para as exposições vistosas de fim de anno ou a vida mundana precoce, com todas as suas consequencias funestas — cinematographo, bailes, flirts, visitas, chás, recepções, absorvem as horas destinadas aos folguedos infantis." 22

Com referência à educação escolar das moças, considera que:

"A escola tem effeito deprimente no organismo e na psychose (sic). É o regimen do temor, da emulação, de castigos e premios, de oppressão, de esforço, de exigencias (...). As estatísticas affirmam que as meninas são as mais prejudicadas e isso desenvolve nellas e aperfeição mais, se é possível, a tendencia para a historia, para as nevroses e para o servilismo, a sujeição, a resignação passiva. Donde se conclue que a escola actual é instrumento reaccionario do passado conservador e rotineiro, é inimiga da civilização de liberdade e continuadora da escravidão feminina" 23.

"E a mulher e a criança são modeladas pelas mãos poderosas do Clero na educação religiosa que se apodera da razão humana e a

19 *Ibid.*, p. 246.

20 *A mulher é uma degenerada?*, p. 66.

21 *Ibid.*, p. 39.

22 *Lições de pedagogia*, p. 87.

23 *Ibid.*, p. 224-5.

estrangula na intenção de a vacinar contra o livre exame, contra a expansão das forças latentes do ser no desabrochar da consciência livre."²⁴

Faz referências esporádicas ao estímulo da competição na educação burguesa e à condição operária, onde a criança é explorada pelos pais e pela fábrica, sem direito à infância. Contudo seu objeto de ponderação é basicamente a escola de classe média, exclusivamente masculina ou feminina. A escola que abandona a idéia da educação como instrumento de progresso econômico nacional, para se transformar em intermediária do Estado, na imposição de transformações do comportamento social e econômico. Embora tenha lutado pela co-educação, voltando-se contra preconceitos burgueses de defesa da "sagrada família afortunada", a maior parte de seus escritos educacionais referem-se à educação na classe média desafortunada.

Dois pareceres educacionais dessa fase mostram a oscilação de suas idéias entre o ideário nacionalista e o ideário libertário. Como presidente da Federação Internacional Feminina, de 1921 a 1923, criada com o fim de "tornar a mulher brasileira um elemento activo da formação nacional", fez constar dos estatutos uma cláusula pioneira: "Trabalhar pela criação de uma cadeira de História da Mulher, sua evolução e sua missão social, em todas as escolas femininas"²⁵.

O outro parecer vem justificado no livro didático *Lições de pedagogia*:

*"Escrevi principalmente para as alumnas de Escolas Normas e para professores primários; para a educação popular. Não há livros didacticos senão para mestres, senão para estudiosos de gabinete, entre nós"*²⁶.

Sem tê-los publicado, Maria Lacerda projetou alguns, interessados num ensino ativo, com uma preocupação didática com a linguagem e com a divulgação científica, como é possível verificar a partir dos dois que chegaram a ser editados. Entre os livros projetados havia uma cartilha, *Quero aprender a ler, mamãe!* (1933), uma *Historia da pedagogia feminina* (1929) e um segundo volume de *Lições de pedagogia* (1931). Os dois restantes são

coletâneas, bem ao gosto dos trabalhos de divulgação cultural dos anarquistas: *Uma nesga de idealismo para os nossos filhos* (série de livros para adolescentes — enfeixando todos os ramos de conhecimentos) (1924) e uma *Anthologia rebelde* (florilégio contendo trechos escolhidos de autores revolucionários) (1924).

São trabalhos que implicam um alinhamento aos anarquistas de São Paulo e, em termos doutrinários, opõem o ideal nacionalista ao ideal humanitário. A autoridade do grupo dominante através da imprensa, da escola, da família e da onipresença do Estado, contrapõem, com os anarquistas, uma imprensa, círculos literários, centros de estudos, um teatro doutrinário e as escolas libertárias (modernas ou racionalistas)²⁷.

As soluções alternativas que Maria Lacerda apresentou, desde o início de sua prática educacional, a aproximavam da Escola Nova, difundida pelos Pioneiros da Educação na década de 20. Revestiam-se de um projeto de unificação nacional, pressupondo

²⁷ Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), o idealizador das Escolas Modernas, nasceu numa família pobre e numerosa. Trabalhou em diversos officios rurais e urbanos, enquanto procurava se educar. Entre suas atividades, enquanto esteve ligado à maçonaria, destacam-se a criação de uma biblioteca circulante para operários, a organização de uma greve e a elaboração de uma circular tiranizada, que, dezessete anos depois, constituíram prova contra ele no Conselho de Guerra, que o fuzilou na prisão.

Seu pendor educativo manifestou-se nas reflexões que fez sobre a educação que recebeu, imaginando as escolas racionalistas modernas como o seu oposto — não um domar da infância, por castigos e pancadas, mas condições para se extrair do cérebro dos homens tudo o que os divide, "substituindo-as por condições de fraternidade e solidariedade indispensáveis para o bem-estar de todos"; na elaboração de um livro didático de língua coloquial espanhola e na rede de instituições complementares, para prover material para as Escolas Modernas, que, a partir de 1901, espalharam-se por toda a Espanha.

São Paulo teve várias escolas racionalistas, na capital e no interior, fechadas pela policia, e sabe-se da existência de uma, no interior do Paraná.

Em 1909, Francisco Ferrer foi preso e fuzilado como elemento altamente perigoso. Transformou-se num dos mártires mais cultuados entre os anarquistas brasileiros. As homenagens a Francisco Ferrer abrem quase todas as edições dos jornais anarquistas, nos dias 13 de outubro — dia do seu fuzilamento.

Ao escrever sobre Ferrer (1934), Maria Lacerda tentou indicar as limitações racionalistas de sua obra, que negligenciam as tendências humanas de sonho e fantasia. Mas, para isso, volta a apoiar-se nas palavras de outro inspirador: Max Stirner (1806-56), o pioneiro do anarquismo individualista, tão violentamente ridicularizado por Karl Marx, na *Ideologia alemã*, e que vem sendo reabilitado pelos movimentos sociais pós-1968.

²⁴ Clero e Estado, p. 22.

²⁵ CARNEIRO LEÃO, A., *Os deveres das novas gerações brasileiras*, p. 171-4.

²⁶ p. 263. Uma reunião da Federação Internacional Feminina, de que se teve notícia, fora realizada para discutir o livro de Tito Lívio de Castro, *A mulher e a sociologia*.

concessões dos donos do saber, capazes de reabilitar os destituídos. Com o aperfeiçoamento dos métodos de ensino, a população brasileira seria abrangida e totalmente educada. Observe-se que muitos dos métodos ativos e da utilização da experiência de vida preconizados pela Escola Nova, dos reformadores do ensino, na década de 20, foram aplicados pelas Escolas Modernas, difundidas pelos anarquistas na década anterior²⁸, e voltaram a aparecer nas Escolas Experimentais, criadas na década de 50.

A formação de grupos de estudos sobre a mulher e a proposta da abertura de espaços para esses estudos em escolas femininas esboçavam uma perspectiva diferente. Não se tratava mais de esclarecer "a massa", como vinha sendo (e continua a ser) colocado por políticos e educadores. Não se trata também de evitar o "transplante estrangeiro de ideologias", utilizado como fundamentação da educação moral e cívica da década de 20 e da deportação de opositores do governo. Tratava-se de implementar e desenvolver formas alternativas de saber e cultura que proporcionassem meios e informações para que os subalternos resistissem à dominação e satisfizessem suas necessidades culturais.

Como no caso de grupos minoritários da população, no de agrupamentos sociais, políticos e religiosos ou ainda no de agrupamentos pouco ou mal estruturados, a falta de recursos econômicos, as mudanças constantes, a clandestinidade, a dependência dos dominantes e a maior utilização da comunicação oral constituem entraves à recuperação e compreensão da cultura e educação

²⁸ "Grossoni — socialista italiano fundou uma escola no bairro Água Branca — (Capital de S. Paulo), hoje fechada, tendo sido deportado o seu fundador. Em 1912 o professor João Penteadó fundou a *Escola Livre* hoje Escola Moderna N.º 1, da qual é ainda o director. No Braz funciona a Escola Moderna N.º 2 sob a direcção do professor Adelino de Pinho. Diversas tentativas para a abertura e funcionamento de outras têm sido frustradas por falta talvez de recursos e de educadores competentes, de abnegação e de coragem. Em Candido Rodrigues (povoação do interior do Estado) foi criada uma por Angelo Bandoni, dirigida depois por Elvio Nervi, e outros, fechou-se. Em Baurú, ha 3 annos, foi regida uma escola por José Jobert.

Tambem em Campinas houve outra sob a regencia do professor Adelino Pinho.

Em S. Caetano (povoação), foi criada a 3.ª Escola Moderna sob a direcção de José Alves.

O 'Comité Pró Escola Moderna' não existe hoje e as escolas são mantidas por um grupo de boa vontade naturalmente à custa de esforço maravilhoso de perseverança." MOURA, M. L. de, *Renovação*, p. 250, 251.

dos dominados²⁹. Por um desses paradoxos frequentes, a escassez de documentação escrita, referente ao funcionamento das instituições culturais anarquistas, pelo menos, foi compensada pela existência, entre eles, de uma vocação inequívoca de documentalista. Apesar dos limitados recursos financeiros e de uma vida agitada pela militância política e pela perseguição policial, Edgar Leuenroth (1881-1968) reuniu e conseguiu manter um precioso arquivo com documentação de origem variada para a história social das classes subalternas, que hoje pode ser consultado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Jornais e opúsculos encontrados no Arquivo Edgar Leuenroth, na Biblioteca Nacional e no Arquivo do Estado de São Paulo, indicados ou completados por depoimentos de contemporâneos, às vezes de maneira ainda insatisfatória e fragmentária, permitem recuperar algumas das manifestações da Proletcultura e a atuação de Maria Lacerda nesse campo³⁰. Maria Lacerda fez referência à Proletcultura como forma alternativa à cultura educada, mas quem procurou defini-la foi José Carlos Boscolo numa série de artigos em *O Combate*³¹.

"A Proletcultura não é odio — é Amor a tudo quanto é útil, bello e elevado. Exalta o trabalho fecundo dos homens de genio que beneficiam a humanidade, fortifica os brios individual e colectivo para o respeito e o cumprimento do dever social; estimula, fortalece, emancipa, sob todos os pontos de vista, todas as pessoas de ambos os sexos, collocando-as acima de todas as paixões estereis, de todos os preconceitos fúteis, de todos os sectarismos da exaltação nefasta."

Em seus artigos de jornal, conferências e prefácios, Maria Lacerda identifica-se com os explorados e denuncia as práticas pelas quais os exploradores mantêm o saber e o poder sobre a

²⁹ TEIXEIRA, Amélia Rosa Sá Barretto & RIBEIRO, Ana Clara Torres, *Cultura e organização popular*. LUIZETTO, Flavio, *Cultura e educação libertária no Brasil do século XX*. PINHEIRO, Paulo Sergio & HALL, Michael M., *A classe operária no Brasil — 1889-1930*, v. I, II.

³⁰ *A fraternidade e a escola* (1922, cf. p. 25) é posterior a "O problema da educação" (*A Tribuna*, Santos, 28 ago. 1921, p. 5), onde ela já se refere à questão.

³¹ BOSCOLO, J. Carlos. *Proletcultura*. *O Combate*, ano XV, 21 maio 1929, n. 5 046, I. Sociologia, p. 2; 22 maio 1929, n. 5 047, II. Arte, p. 6; 23 maio 1929, n. 5 048, III. História, p. 4; 24 maio 1929, n. 5 049, IV. História moral, p. 4; 25 maio 1929, n. 5 050, V. Dictadura, p. 8; 27 maio 1929, n. 5 051, VI. Educação, p. 4; 28 maio 1929, n. 5 052, VII. Ensino de ódio — ensino de amor, p. 5; 29 maio 1929, n. 5 053, VIII. Soldadinhos de chumbo, p. 4; 30 maio 1929, n. 5 054, IX. Uma nesga de luz... , p. 4.

mulher e a criança. Os escritores, jornalistas, educadores e cientistas da cultura dominante fazem parte apenas ocasionalmente de suas cogitações — ignora-os quase tanto quanto foi ignorada, pelo menos a partir de 1926.

Simultaneamente a essa produção cultural intensa, participou da colônia em Guararema (1928-35), considerada pelo líder Émile Armand⁸² como forma alternativa de educação.

Na produção cultural adotou o discurso e a prática pedagógica dos anarquistas, que justapôs à ideologia dominante. A sociedade burguesa, com seus valores, suas discriminações e a transmissão dessa herança cultural, teve na professora primária um de seus instrumentos de ampliação de poder. Ao tentar transformar essa herança e seus processos de hierarquização, respondia-se ainda a um desafio estabelecido pela cultura hegemônica, em sua linguagem, lógica e tabus sociais. As concepções renovadas e regeneradoras dos agrupamentos sociais procuravam pôr em prática os ideais de solidariedade, fraternidade, internacionalismo, auto-responsabilidade e liberdade individual, que o capitalismo industrial transformara em competição, exploração, nacionalismo, alienação e servidão. Era preciso contrapor instrumentos e mecanismos sociais articulados aos interesses e à vida dos dominados aos instrumentos e mecanismos deteriorados, mas extremamente eficientes, de implantação do poder dos dominantes.

Maria Lacerda não criou um jornal, nem freqüentou as redações, mas colaborou na imprensa operária, com assiduidade (V. Expressões da rebeldia, Produção jornalística), e a aparente diversidade de questões abordadas nos artigos não os afasta, antes os esclarece, se forem tomados, de fato, como resultantes de uma prática pedagógica.

Em grande parte das conferências e dos prefácios escritos para um público de militantes de esquerda — socialistas, anarquistas e comunistas (V. Apêndice, tópicos 2.1 Documentação pessoal... e 2.2 Depoimentos) — desenvolveu, com igual zelo, seus recursos pedagógicos. Propagou dessa forma os conhecimentos sobre a condição e a participação social da mulher, os efeitos do álcool e sua relação com a questão social e, simultaneamente à

⁸² Émile Armand (1872-1962), colaborador da *Encyclopedia Anarchiste*, de Sebastien Fauré, foi autor de grande número de brochuras de doutrinação anarquista e editor da revista, em língua francesa, *En dehors*, que se transformou num órgão de comunicação entre os anarquistas e seus agrupamentos no mundo todo. Cf. ARMAND, E., *Milieux de vie en commun et "collonies"*. Paris, l'en dehors, 1931.

luta antifascista, iniciou a divulgação da obra de Han Ryner⁸³. De certa forma, conservou-se fiel, nessa prática, aos princípios de Maria Montessori (psiquiatra-educadora italiana, criadora das *Case dei Bambini*), citada de 1918 a 1944, no sentido de

"encaminhar a criança (ou audiência) dando-lhe instrumentos necessários para o próprio desenvolvimento, através dos estímulos que acordam associações e despertam a sua vida interior, para a auto-educação... O educador deve ter o espírito de abnegação do cientista que prepara uma experiência e espera o que ella lhe revelará, o amor e essa curiosidade sagrada e aspiração do mais alto ideal"⁸⁴.

A par do discurso anarquista, começa a se intensificar a intercalação de temas e expressões do espiritualismo que sempre existira, desde suas primeiras manifestações públicas. Também aqui, a crença existente manifestou-se em práticas individuais e coletivas.

⁸³ Jacques Elie Henri Ner (1861-1938) assinou como Han Ryner seus setenta livros em francês. Professor até 1912, aposentou-se para se dedicar à obra escrita. Viviu com um despojamento quase ao nível da miséria, suprindo apenas as necessidades físicas mínimas. É colocado por seus tradutores entre as figuras máximas do anarquismo individualista, ao lado de Max Stirner, Walt Whitman, Henry David Thoreau e Benjamim R. Tucker. Grande número de suas obras foi apresentado por Maria Lacerda de Moura aos brasileiros em artigos depois enfileirados no livro *Han Ryner e o amor plural*. Em conferências no Brasil e na Argentina, analisou o neo-estoicismo de Han Ryner, e o apêndice que escreveu à tradução da *Apologia de Sócrates*, para a Atena Editora, é calcado na *Apologia de Sócrates de Antístenes*, criada por Han Ryner.

Nesse apêndice, conservado na reedição da Coleção de Ouro, Maria Lacerda se refere a Han Ryner como o Sócrates moderno, e a última conferência que pronunciou, em 1944, é ainda uma reflexão sobre as *Viagens de Psicodora*, de Han Ryner.

Em 1961, a Editora Germinal publicou a tradução de *O quinto evangelho*, onde Han Ryner criou um Jesus rebelde e individualista.

O livro que inspirou a Maria Lacerda de Moura está escrito através de uma série de transcrições e comparações, ligadas por afirmações laudatórias e de identificação de idéias. O que parece tê-la marcado foi o horror de Han Ryner a doutrinas, a teses e a afirmações sentenciosas, aproximando-se pelo ascetismo e pelas idéias dos valores da natureza em oposição aos da sociedade. Essas idéias o levam a conceber a pobreza do amor único e exclusivo que é exigido das mulheres e a superioridade do respeito à liberdade do companheiro sexual. "A sabedoria hanryneriana penetrou todos os arcanos dos sentidos, da emoção, do amor, para procurar decifrar os segredos da esfinge humana, até os da auto-destruição, implícitos no processo civilizatório." (*Han Ryner e o amor plural*. São Paulo, Unitas, 1933.)

Segundo Maria Lacerda de Moura, a conspiração de silêncio em torno de Han Ryner provinha do fato dele condenar a literatura sem idéias.

⁸⁴ MOURA, M. L. de, *Lições de pedagogia*, p. 33.

Nem sempre esteve ligada ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento ou à Fraternidade Rosa Cruz — praticando, por vezes, ciências ocultas através de estudo e meditação³⁵. A descoberta da extensa obra do anarquista individualista Han Ryner funcionou como um elo e um apoio de coesão entre a sua prática educacional, de cunho político, e suas aspirações místicas de autoconhecimento. Ao aceitar Han Ryner como “mestre” e integrar-se na comunidade de Guararema, ao lado de A. Néblind, as práticas pedagógicas de Maria Lacerda de Moura foram perdendo as dimensões de transformação para adquirir, paulatinamente, os contornos e o distanciamento da trans-gressão. Não se tratava mais de opor a prática do explorado à do explorador, mas de recusar e ignorar suas regras e forjar outras, nem sempre nestes termos:

“Guerra ao analfabetismo, sim, porém, guerra sem treguas à ignorância presumida, à tibieza de carácter, ao orgulho tolo, à vaidade vulgar, à pretensão, à ambição pessoal, ao egoísmo sordido, à intolerância, ao sectarismo absorvente, aos preconceitos de uma civilização que se desmorona, em suma, guerra à mediocridade, à vulgaridade e à prepotência assegurada pela autoridade do diploma, do bacharelato incompetente, nullo e jactancioso”³⁶.

*

No Institut Français d'Histoire Sociale (Archives Nationales), Paris, o fundo documental Émile Armand inclui cartas de Guararema, de 1925 a 1938, que foram copiadas por Arturo Bernardi, em 1977. Interessado em recuperar a história da colônia agrícola, Bernardi retratou e entrevistou remanescentes do grupo inicial. Nesse trabalho, inédito, o capítulo referente a Guararema chama-se “Casas vazias” e a epígrafe de García Lorca acentua o tom de parábola com que foi concebido:

“Ninguém te conhece. Não. Mas eu te canto
Eu canto sem demora teu perfil e tua graça
A maturidade insigne de teu conhecimento
Tua avidez de morte e o gosto de tua boca
A tristeza que teve tua alegria valente”³⁷.

³⁵ “(...) hoje só creio mesmo em Cristo, nas Forças Cósmicas, nas Idéias Forças, como denominava Henri Bataille, nas Forças ou Energias Divinas, mas fora de quaisquer organizações religiosas, acima da bestialidade humana.” Carta a Albina Moreira Lima. Rio de Janeiro, 22 set. 1943, p. 3.

³⁶ *Lições de pedagogia*, p. 76.

³⁷ Lamento por Ignacio Sanchez Neijas (1935). In: —. *Obras completas*; Alma ausente. 7. ed. Buenos Aires, Losada, 1950. v. 4. p. 162.

(Arquivo) 12-24

Armand

Perde-me e a Néblind. Do Brasil, neste período de crise, desde 1930, não pode sair dinheiro para o estrangeiro. E não podemos pagar nem l'en dehors... De há muito estou tentando ver se o consigo. Já me breve saldaremos. Meus débitos para com o nosso jornal — a melhor publicação que nos vem de lá, mas, faz bem feita, tão agradável e instructiva esta leitura. Por intermédio de um grande amigo ^{intermediário de um amigo} estou tentando e acho que conseguirei permitir a quantia para dois ou três jornais da Europa que me interessam muito. A transacção deverá ser feita por intermédio de uma única pessoa. Entre os interessados, a sua faz as “demarches” e faz as publicações que me permitis explicar o motivo do nosso atraso. É o meu débito de reconhecimento para com Armand nunca será saldado.

Cordialmente, Maria Lacerda

Carta de Maria Lacerda a É. Armand. Guararema, 1932. Cópia do Fonds Armand, do Institut Français d'Histoire Sociale, Paris — III. Por obséquio do Sr. Giuseppe Arturo de Bernardi.

Edgar Rodrigues, o pioneiro dos estudos do movimento anarquista, fala vagamente de uma colônia, fundada pelos irmãos Campagnoli³⁸, e Eduardo Maffei, num artigo rememorativo, comenta que Maria Lacerda teria ido convalescer aí de uma tuberculose³⁹. Em 1929, Maria Lacerda declarou simplesmente que residia em Guararema, "logarejo próximo desta Capital, onde (vivo) apenas em contacto com os livros e com a Natureza"⁴⁰, enquanto na brochura, já citada, de Armand, entre informações sobre as colônias no Brasil, constam: "Cecilia", no Estado do Paraná, 1890-1891: uma centena de participantes, Dr. Giovanni Rossi inspirador; 'Kosmos', desaparecida em 1904, tendo dado origem a uma outra colônia, 'Hansa', cujos membros moram em Blumenau e Joinville (Estado de Santa Catarina); 'Guararema', no Estado de São Paulo, sob inspiração de Néblind; os colonos vão e vêm, sem prolongar a estada"⁴¹.

Sabe-se que objetores de consciências refugiaram-se à beira do rio Paraíba, para aí viver em liberdade e sem hierarquias, entre o trabalho manual e o intelectual ou entre homens e mulheres, recusando as normas tradicionais da sociedade abrangente e exercendo um pacifismo ativo, ao se opor a todas as formas de violência e de guerra ou ao serviço militar.

As cartas e os depoimentos exprimem aspectos da vida na colônia e alguns dos problemas de sua prática.

"No meu pedaço de terra tenho laranjeiras, bananeiras, ananazes, figueiras bravas, figueiras brancas e pretas, pessegueiros, pereiras, mangueiras, abacateiros, goiabeiras, (...) palmeiras, caquis, maracujás, limoeiros, ameixeiras, como laranjas tenho 12 espécies, vindas em épocas diferentes, me dão frutos continuamente. A frutapão e uma série de árvores tropicais podem ainda aumentar o seu dia a dia. Como legumes, cultivo batatas, (...) mandioca, batata doce, (...) repolhos, alfaces (...) tomates, pimentões, arroz e milho.

Por isso pago 7\$000 de imposto, perto de 10% de nossa moeda. Legalmente não tenho necessidade de papéis; quem nada possui pessoalmente, não tem declarações a fazer, o estado não o conhece. Isso quanto a legalidade, contudo quem faz propaganda pode ter de se haver com a polícia, mas isso não é novo. Contudo,

*a liberdade de reunião é absolutamente livre de formalidades. Voltemos ao meu trabalho. Dos meus produtos pouco tenho a ver com o mundo exterior. A propaganda, pois é a minha vida, meu exemplo para todos os que vivem ao meu redor — Não desertei da luta. Não fugi, parece-me que me refugiei de um meio onde estava, além das circunstâncias (autoridade toda poderosa (...)) para a guerra de aniquilação, numa palavra, do indivíduo."*⁴²

*"No caso de minhas experiências pessoais de libertação, pela volta à terra, devo revelar que sozinho, sem poder contar com a cooperação efetiva de indivíduos da mesma tendência, praticamente nada existe a fazer, a não ser condenar-se a uma existência extra-vegetativa, vivendo como um miserável (...) por mais que as circunstâncias me obriguem a recorrer à mão de obra, em vez de fazer como determinados camaradas que eu conheço, por aqui, que cantam as belezas, vantagens e possibilidades que oferece a natureza, mas procuram não dizer o número de negros que têm a seu serviço..."*⁴³

*"Não queremos nos tornar nem chefes, nem proprietários exploradores. Queremos viver por nossos esforços, nosso trabalho pessoal."*⁴⁴

Para Maria Lacerda "o sonho de Guararema" representou a transgressão, ou seja, a passagem da crítica ao existente, à vivência da Utopia. Apoiada em Néblind, que conheceu como leitor de *Religião do amor e da beleza*, pareceu-lhe que respirava "livremente mais uma etapa de vida". Quantos prejuízos, quantos preconceitos, quanta "ideologia, quanta idéia errônea, sob a forma de arte, de beleza, de grandeza moral nos escraviza na razão e no coração!" ou, ainda em seus termos, era "uma escalada mais alta" ... Estava agora "livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais"⁴⁵.

No período de 1926 a 1937, em que viveu em Guararema, Maria Lacerda pôs em prática a sua modalidade de educação racionalista, com os companheiros e seus filhos, publicou mais livros, manteve uma coluna/rodapé semanal em *O Combate*. É de então o maior número de conferências e a viagem à Argentina.

³⁸ Carta de A. Néblind a Émile Armand, s/d, p. 5-7 (manuscrita).

³⁹ Carta de Jean Moura a Émile Armand, Guararema, 7 nov. 1926 (manuscrita).

⁴⁰ Carta de Louis Uhr a Émile Armand, Montereau, 13 jun. 1930 (manuscrita).

⁴¹ Auto-biographia, *O Combate*, 3 ago. 1929. ano XV, n. 5 110, p. 3. (V. Apêndice.)

³⁸ RODRIGUES, Edgar, *Nacionalismo e cultura social — 1913-1922*, p. 333.

³⁹ MAFFEI, Eduardo. Gigi Damiani e outros. *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, (5):93-124, 1979.

⁴⁰ O individualismo neo-estoico de Han Ryner. *Feira Literária*, São Paulo, 11:59, nov. 1929.

⁴¹ ARMAND, É., op. cit.

Nem todos os seus contemporâneos perceberam o sentido da vida em Guararema. No necrológio que Affonso Schmidt lhe dedicou, Guararema, onde "construiu um casebre", aparece como tendo sido um retiro, onde "passou alguns anos em silêncio, no convívio de seus amados livros"⁴⁶. Outros moradores da Freguesia da Escada e de Guararema conservam lembranças fragmentárias: "era mulher muito evoluída e reformadora"; "muito educada e simpática, nem parecia comunista"; "era professora e jornalista"; "bonita, altona, se vestia bem"; "tinha muitos livros e ainda escrevia outros. Chegou a me emprestar. Meu marido, que não gostava que eu lesse, quanto mais essas coisas de amor livre, me fez devolver pra polícia o livro dela"; "escrevia ali, debaixo da janela; minha mãe tinha até livro dela, mas eu nem ligava".

Somente um ferroviário aposentado, que em 1928 era telegrafista na estação de Guararema, conserva lembrança de outra natureza. Aos 16 anos conheceu Maria Lacerda

*"quando chegaram à estação os pacotes do folheto De Amundsen a del Prete: um dos pacotes abriu e eu me pus a ler, interessado. (...) D. Maria tinha um sítio, pegado aos Campagnoli, a uns três quilômetros da estação. Vivia numa casa de caboclo, muito limpa mas bem simples. Era muito bonita e estava sempre vestida simplesmente, de saia e blusa. A voz era maravilhosa, suave e serena. Quando ela veio buscar correspondência, viu o meu interesse, conversou comigo e me convidou a aparecer na chácara. Ali eu ia sempre lá. Ela me deu a Religião do amor e da beleza com dedicatória: 'Ao rapaz mais inteligente que conheci'. O marido aparecia de vez em quando, mas não tomava parte na conversa dos outros. Eles conversavam às vezes em francês, às vezes em italiano e eram muito cultos. Tinham uns modos livres, achavam tudo natural. Meu pessoal perguntava o que que eu ia fazer lá, no meio daqueles comunistas! Eu ficava empolgado com as idéias de lutar pela justiça social. Meu pai tinha sido anarquista, mas, com o tempo, perdi as ilusões. Hoje sou maçom, não acredito em mais nada. Ela acreditava no amor livre e em que a mulher não devia ser escrava do homem"*⁴⁷.

Em *O Combate* foi publicada uma "Auto-biographia"⁴⁸ de Maria Lacerda, em que ela analisa as influências sucessivas que sofreu até a revelação que teve com a leitura dos livros de Han

⁴⁶ Maria Lacerda de Moura. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1945, ano LXXI, n. 23 165, p. 6. Esse artigo foi ampliado em *Bom tempo* (São Paulo, Brasiliense, 1958, p. 362-8).

⁴⁷ Depoimentos de Guararema (1979 e 1980).

⁴⁸ *O Combate*, São Paulo, 3 ago. 1929, n. 5 110, p. 3.

Ryner. O artigo é anterior a outro encontro decisivo, este com Luís Carlos Prestes.

Na Argentina, onde estavam exilados os tenentes brasileiros que tinham participado dos levantes de 22 e 24, chamados por *O Combate* de "os oficiais revolucionários dos dois 5 de julho", Maria Lacerda entrevistou Luís Carlos Prestes a bordo do Alcântara. A entrevista recebeu manchetes, um retrato de Prestes do tempo da Coluna, de farda e barbas, um retrato da entrevistadora e foi impressa em tipos bem maiores que toda a matéria restante. Afastando as ilusões do Partido Democrático de canalizar para si o prestígio do tenente, tornado Cavaleiro da Esperança, as letras garrafais diziam:

"Não ha alliança possivel para nós (...) Nem temos nada pessoalmente com Arthur Bernardes ou Epitácio Pessoa, ou Washington Luis, Antonio Carlos, Julio Prestes ou qualquer outro, mas, sim, vemos como todos elles, em bloco, porque cada qual faz parte da olygarquia que opprime e suffoca o Brasil (...)

E a nossa revolução também não é a revolução burguesa do sr. Antonio Carlos. O nosso ponto de vista é bem outro. E é a revolução que há de começar por S. Paulo, com os fazendeiros de café, senhores feudaes do moderno feudo da agricultura industrializada a custa da escravidão do colono (...)

Revolução econômica. No Norte, temos que ver com o senhor de engenho.

Para isso, não se pode fazer nenhuma alliança política. Somos nós. E nem será revolução militar, já o disse (...)

*Que o compreendam e o sintam todos os que crêem na nossa severidade e desinteresse"*⁴⁹.

Dois alentados artigos de Maria Lacerda, intitulados "Conservadores ou revolucionários?"⁵⁰, tentaram explicar as posições assumidas ou delegadas diante de um autógrafo, também publicado:

"Buenos-Aires, 24/8/1929.

Os revolucionarios brasileiros desejam (...) poder contar com a intelligência e a coragem de Maria Lacerda de Moura na defesa intransigente das aspirações dos dois cinco de julho.

Luiz Carlos Prestes".

⁴⁹ A última palavra do General Prestes; "A revolução há de começar por S. Paulo", diz, em entrevista para *O Combate*, o general Luiz Carlos Prestes. *O Combate*, 30 ago. 1929, ano XV, n. 5 133, p. 1.

⁵⁰ Conservadores ou revolucionários? — em torno de Luiz Carlos Prestes. *O Combate*, ano 15, 20 set. 1929, n. 5 151; 28 set. 1929, n. 5 158, p. 3.

Não se suponha que esse encontro tenha feito com que Maria Lacerda retrocedesse às práticas políticas referentes aos mecanismos eleitorais então acionados. O que aconteceu foi o inverso. Tentou interpretar o revolucionário através de seus quadros de referência:

"Todavia, a maneira mais vulgar de procurar comprometer alguém, perante a burguezia credula e apavorada ante o scenario das transformações sociaes rapidas e successivas, é, hoje, chamal-o de comunista ou até de bolchevista, como se a palavra bolchevista significasse alguma coisa, como se tivesse um sentido feitichista de bruxaria social.

Tambem eu, não sou comunista, affirmo de passagem e convem repetir, como tambem não sou do bando político do sr. Julio Prestes e Washington Luis.

Que se não busque diminuir o prestigio de alguém attribuindo-lhe, facilmente, idéas que não defende (...)

Luíz Carlos Prestes é um espirito amplo, aberto a todas as virtudes, e cultiva a sua mente através de leituras serias, variadas, onde colhe o que lhe parece melhor e sempre com as vistas voltadas para as necessidades do nosso paiz (...)

Nada tem de sectarista, de dogmatico, de categorico. (...)

O prestigio desse moço notável é o seu raide, que opoz em contacto com os nossos caboclos, os nossos sertanejos e é a sua 'enquete' pessoal em torno dos sofrimentos do nosso povo, 'enquete' realizada de Norte a Sul e de Sul a Norte, a pé, a cavallo, por vezes descalço, a verificar por toda parte, como um apóstolo, a miseria e a mitigal-a pregando o advento de uma nova era, confortando a todos pela esperança de uma transformação social que deve começar pelo exterminio da otyarquia oppressora dos humildes e dos trabalhadores"⁵¹.

Maria Lacerda comprovava o jugo oscilante de forças entre conservadores e liberais, em maquinações e arranjos sucessivos, alheios ao "povo suffocado", necessitado de "ações transformadoras"...

A partir do encontro com Luís Carlos Prestes, na Argentina, uma nova dimensão proporciona a Maria Lacerda condições para ver "o povo" com outros olhos. Após tê-lo visto como o rebanho e a massa informe, ele passa a ser a nossa gente. Absorvera o ideário sobre o primeiro Jeca-Tatu e suas outras versões em prosa e caricatura⁵². O povo parecia comprazer-se na apatia, na igno-

rância e na superstição — com conotações moralmente negativas. A colônia de Guararema e o convívio mais próximo com a população rural deram a Maria Lacerda condições para, a partir do encontro com o revolucionário, tentar concretamente a autogestão em núcleos de horticultura e fruticultura. Começou a surpreender uma cultura popular, com uma dinâmica e uma lógica peculiares, por detrás da apatia e da superstição, capaz de sustentar uma vida alternativa alheia aos núcleos urbanos, oprimida e sufocada, suportando e resistindo às medidas eficientes e disciplinadoras do capitalismo e do poder dos grandes centros. Talvez tenha visto nela a realização da resistência não-violenta, notando explicitamente a distância desse povo da posição em que se percebia.

*"O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto
É um Deus que para nós, há muito que está morto"⁵³.*

(...)

Que gente boa que é a nossa gente!

(...)

São elles, são esses bons caboclos brasileiros, desprezados de toda gente, ridicularizados pelo colono estrangeiro, são elles os párias, os ilotas do Brasil (...) E são o arcabouço social; são os unicos productores, os homens que lavram a terra. Tudo repousa por sobre os seus braços de briareus escravizados."

Se bem que não tenha alterado sua divisão do mundo em exploradores e explorados, alterou-se, para ela, a ligação entre os termos da proporção. A conjugação e inter-relacionamento entre conformados e rebeldes, que não se sobrepõem à outra, criou-lhe novos desdobramentos e relações.

Com a percepção renovada, Maria Lacerda escreveu os artigos sobre a crise, no limiar de 1930, em função de uma revolução econômica que se iniciaria com a oposição à plutocracia do café paulista:

"(I) (...) Não ha tal crise. Ha super-produção do café brasileiro (...) / A valorização ou a alta do café brasileiro só serve para que fazendeiros e commissarios atirem uma fortuna em Monte Carlo ou em Paris, nos 'cabarets' e na roleta, nos hotéis ou nos Clubes de jogo (...) / Suba ou desça o café brasileiro, a alta ou a baixa, a valorização ou não do café não influe muito na vida do colono ou do povo, o eterno explorado pela aquisição do

⁵¹ Ibid., 28 set. 1929, n. 5 158, p. 3.

⁵² MONTEIRO LOBATO. Velha praga. In: —, *Urupês*, p. XXV, 118-34. SILVA, Marcos A. da. *Humor e política na imprensa*.

⁵³ GUERRA JUNQUEIRO. Aos simples. Apud MOURA, Maria Lacerda de. Santo Antonio. *O Combate*, 18 jun. 1929. ano XV, n. 5 070, p. 4.

ouro, pelo Santo Officio moderno / (...) Os colonos começam a ser despedidos das fazendas de café: a vida vai baratear, dizem, mas, tanto faz ser cara ou barata para os sem trabalho, para os que não vivem de rendas". / "(II) Em vez de interessar ao Brasil produzir muito, bom e barato — para vender facilmente, é o contrário; produzir pouco e caro — para satisfazer interesses imediatos dos plutocratas de café. / (...) O colono que, acalenta a esperança do plantio do seu pequenino cafezal, vê com uma lei esboroarem-se todos os seus castellos. / O fornecimento de algum dinheiro aos colonos, visa apenas 'manter a ordem' / Ou são despedidos sem piedade, ou, para 'manter a ordem' dá-se-lhes o absolutamente indispensável e promete-se mais, para um dia, que não virá nunca. /

Ha tres annos vejo apodrecerem-se por aqui (Guararema) alguns milhares de repolhos, tal a baixa de preço. Ha occasiões em que o repolho está a 2\$000 o jacá e o transporte de um jacá de repolhos para o Rio de Janeiro é de 2\$500. (...) / De modo que o pequeno lavrador comprou a sua terra, lavrou-a, adquiriu a semente e adubo, pagou a 'camaradas' e durante 4 ou 5 mezes só se occupou daquelle trabalho arduo de capina, planta e rega, para, no fim das contas, ter nas mãos 5\$000. / O proprietário do caminhão ou o 'chauffeur' em tres horas de transporte percebe 80\$000. E o intermediario, em meia hora ou em huma hora, talvez, ganha, à custa do lavrador, 70\$000." / "(III) (...) ha tempos um modesto agricultor, tendo mandado para o Rio, durante mezes a sua mercadoria e não havendo meios de receber seu dinheiro, após a série clássica das reclamações para a casa de comissões, no Rio, resolveu ir pessoalmente buscar a importância que lhe era devida. O portuguez enriquecido à custa do 'jeca', fez-o ir parar na cadeia por dois ou tres dias (...) / Ha tempos, me venho empenhando para conseguir no Mercado de Verduras de S. Paulo uma ou duas barracas destinadas aos pequenos agricultores de Guararema, os quais se revezariam para venderem pessoalmente os seus productos e se livrarem do intermediario. Inutil o meu esforço. / (...) Todas as barracas existentes estão em poder dos 'atravessadores' que não abrem mão dellas por dinheiro nenhum. E, em certos casos, a 'luva' é prohibitiva (...) / Essa é a situação do pequeno agricultor no Brasil. E si em S. Paulo é assim, imaginemos a tragedia dessa gente toda pelo interior do paiz (...) / E a mim me parece que arroz, batata, repolhos, tomates, feijão e fructas teem mais valor alimenticio que o café. / Mas no regimen social capitalista não se trata do que é mais util ao organismo humano ou às necessidades vitais das criaturas; a preocupação única é o dinheiro. / (...) Augmentar a producção. Polycultura. Plantar muito, facilitar o transporte, preços módicos: vender barato para vender muito. / Exportar. Importar o menos possível. / A mim me parece que, mais o individuo faz por si mesmo o que de si depende para

viver, e mais é independente e feliz. / A nação procura produzir tudo para o seu consumo e depende o menos possível do commercio exterior, naquillo que o seu solo e a sua mão direita pode produzir, é uma nação que se liberta do jugo estrangeiro / (...) / "(IV) E note-se que o cuidado dos fazendeiros em não carregar por sobre o governo: a culpa não é de ninguém. Elles se entendem e se defendem, solidarios mutuamente. / E supõem lidar com pouco mais do que animaes, o colono é assim uma especie intermediaria entre o homem e o bicho. / (...) Mas, toda a lógica do boletim-circular é para communicar ao colono que o seu salario vai ser diminuido de 40%; que os fazendeiros não cumprirão os contractos já assignados para 1930, que é inutil o colono protestar, porquanto ha compromisso entre os fazendeiros para não receber colonos vindos das fazendas dos signatarios do boletim-circular, e que a medida vai ser geral. / (...) / "(V) Os fazendeiros de café desse immenso Brasil são verdadeiros revolucionarios, inconscientemente estão armando o braço do colono e dos operarios contra a sua plutocracia odiosa (...)." ⁵⁴

Era o ano da Grande Depressão de 1929.

A partir de então, o fascismo e a guerra tomam um espaço cada vez mais amplo no pensamento de Maria Lacerda, e nos acontecimentos em toda parte.

Em carta de 1932, Maria Lacerda faz referência a restrições governamentais à remessa de fundos para a Europa (para pagamento de publicações e periódicos) ⁵⁵. É das vésperas do Estado Novo (10 de novembro de 1937) a carta em que Néblind passou o atestado de óbito da colônia de Guararema:

"Caro Armand

Há cerca de um mês você deve ter recebido aviso de nossa chegada a Barcelona. Fui denunciado como comunista por um fascista e, sem processo, fui expulso após 11 meses de prisão. Enquanto estou sem endereço fixo, dei o seu para correspondência. Por favor, guarde o que receber para mim. Agradeço desde já. Não estou muito tranqüilo pois deixo no Brasil meu filho e Maria Lacerda, de quem estou sem notícias desde 8 de maio, pois ela também foi denunciada pelo mesmo fascista. Desse patife que foi ao Brasil declarando-se antifascista falaremos depois, pois, no

⁵⁴ A crise do café. *O Combate*, ano XV, 12 nov. 1929, n. 5 195, p. 3; 18 nov. 1929, n. 5 199, p. 3; 20 nov. 1929, n. 5 201, p. 3; 9 dez. 1929, n. 5 217, p. 3; 11 dez. 1929, n. 5 218, p. 3, respectivamente.

⁵⁵ Carta de Maria Lacerda a Émile Armand. Guararema, dez. 1932 (manuscrita).

momento, ele mora na França. Por enquanto, é melhor não tocar no assunto.

Vários companheiros foram presos pela repressão de 35, feita pelo ditador fascista Getúlio Vargas. Muitos foram soltos nos últimos dias, com o fim do estado de sítio. Maria Lacerda conseguiu fugir, mas foi obrigada a se esconder por muito tempo.

Espero poder escrever mais longamente e fornecer um endereço quando tiver encontrado trabalho.

Fraternalmente
A. Néblind⁵⁶.



BARCELONA 12-8-37
PLAZA CATALUÑA, 12 Y 13
RONDA PERSEI SALVOCHA, 2

TELÉFONO 12183
ARARIADO 401

Mon cher Armand

Il y a un mois environ tu as dû recevoir une lettre d'un certain nombre d'amis à Barcelone. Ayant été dénoncé comme communiste par un fasciste j'ai été sans autre procès ou peine après 11 mois de prison. J'avant par d'adresse définitive j'ai donné ton adresse pour ma correspondance avec tes amis. Ceci t'obligeait de me garder jusqu'à ce que j'ai une adresse définitive. Merci d'avance. Je me suis pas très tranquille car je laisse au Brésil mon fils et Maria Lacerda dont je suis sans nouvelles depuis 8 mois car elle aussi fut dénoncée par le

⁵⁶ Carta de A. Néblind a Émile Armand. Barcelona, 12 ago. 1937 (manuscrita).

2.3 Nós e os outros

Todas as mulheres que conseguiram ser "ellas mesmas" ou foram solteiras ou viúvas ou divorciadas ou mal vistas pela família inteira. E a sociedade?

Exemplifiquemos um unico caso, digno de nota: Blavatsky, uma das mulheres mais assombrosas destes ultimos dois seculos, pela cultura, pelo talento e pela coragem de convicção, mais pura na elevação dos seus sagrados ideaes de Fraternidade Humana, Blavatsky, cujo nome deveriamos pronunciar respeitosamente, — em alguns dictionarios bibliographicos é considerada como "uma aventureira".

Na luta, quasi todas succumbem porque cederam.

Uma mulher que escreve, o simples facto de uma mulher escrever, entre nós, é motivo de ridiculo, de zangas, discussões, de má vontade da família inteira, de cotoveladas e protestos, porquanto, toda gente se julga com direito à direcção espiritual, aos conselhos interminaveis, às demonstrações de cultura e erudição que nunca em tempo algum vieram à lume... E a antipathia dos amigos mais velhos, dos conselheiros, daquelles que nos viram nascer?...

Já não é apenas o companheiro que se insurge; é toda uma legião de parentes, são os padrinhos, é toda a família e mais as famílias dos amigos e contraparentes, porque — procuramos dissabores e vamos de encontro aos gostos da maioria e podemos ficar mal vistas e a sociedade ainda não admitiu umas tantas cousas, e toda essa enfiada de raciocínios vulgares e commodos.

Ideas? É imperdoavel e até impertinente na mulher. "Ninguém te compreende", dizem de todos os lados. Como si escrevessemos para ser comprehendidas por toda gente...

A reacção é tremenda. E como o "mediocre é solemne", na phrase do querido e inesquecivel Ingeneros, e "Acompanha com foja retórica los minimos actos y pronuncia palabras insubstanciales como si la humanidad entera quisiese oirlas y las mediocracias exigen de sus actores cierta seriedad convencional, que dá importancia en la fantasmagoria colectiva", o espectáculo é aterrador para os tímidos.

Enquanto o Idealista olha pelas frestas do porvir, os cem olhos que o espreitam só veem o passado e só pensam nos applausos de occasião, no interesse immediato, nos successos transitorios, nas palmas da Inconsciencia e na possível exploração de mais um...

Toda gente tem horror às ideás e é melhor fossilizar-se nos habitos ancestraes.

Pensar? — Dá trabalho e, si os outros pensam, dá inveja.

*

Dentro da actual organização social só é possível a independencia da mulher quando ella é de uma tempera de ferro e corta relações com o passado e faz a sua vida como a quer, mas, sempre, a todo transe, na attitude aggressiva de defesa.

Tudo conspira contra essa independencia. A maternidade (isto é, a legal), cantada em prosa e verso e sandices e conselhos accacianos e hypocritas muito calculada e muito commoda, dentro deste regimen, é

meu fascista - de a salaud
qui veun au Brasil avec Doude
sa disail anti-fasciste nous ce
parleron un jour mochaun
l'après, car il habite la France
de ce moment. Mais pour le mo-
ment jusqu'a nouvel ordre il est
de nous de faire le dilemme
du moment de répression de
ny 35 par le dictateur fasciste
Getulio Vargas, de nombreux cama-
rades avaient été arrêtés. Un grand
nombre a été mis en liberté
en juin dernier quand fut fin
l'état de guerre. Maria Lucinda
a en la chance de pouvoir échapper
mais elle a du se cacher pendant
longtemps

Suis fin fasciste fasciste
plus longtemps et le donne
une adresse quand j'aurai trou-
vé du travail

A toi fraternellement

A Néblind

Carta de A. Néblind a E. Armand. Barcelona, 1937. Cópia do Fondo Armand, do Institut Français d'Histoire Sociale, Paris — III. Por obséquio do Sr. Giuseppe Arturo de Bernardi.

a maior peia à independência feminina, uma das armas dos homens — os fortes — que abusam das suas prerrogativas physiologicas para escravizarem o sexo fraco.

Casada, solteira ou viuva a mulher é escrava do salario, do pae, do marido, patrão, director espirital ou sociedade.

MODRA, Maria Lacerda de. *Religião do amor e da belleza.* São Paulo, Typ. Condor, 1926, p. 95-8.

Nós somos os que nos identificamos com as características do eu; os próximos, os que temos um passado conjugado e supomos um futuro comum; os que partilhamos dos mesmos interesses, fazemos parte de um universo único e com quem temos o mesmo universo de discurso.

Os outros são os (às vezes próximos) que não partilham da mesma natureza. Talvez sejam "gente" ou "seres humanos", embora muitas vezes até essa condição acabe sendo discutida. Os outros são os de fora, os gentios, os pagãos, os bárbaros, os perigosos, os anormais, os monstruosos.

O que talvez tenha sido difícil de captar, sendo fundamental para a compreensão menos fragmentária de Maria Lacerda e das idéias que manifestou, foi toda uma variação de quem são os "nós" e de quem são os "outros", nos diferentes momentos de sua trajetória. Como também não foi simples identificar as formas de encontro e afastamento entre os nós e os outros sucessivos.

Freqüentemente, essa divisão é acentuada e alimentada como uma preparação para o conflito entre grupos nacionais. Em seu interior, essa divisão se estabelece entre as classes sociais. Através das classes, grupos raciais e profissionais e agrupamentos sociais ou religiosos estabelecem oposições, que incluem desde desentendimentos diante do mundo, através do discurso, até a intolerância e a hostilização, que exige o extermínio de um dos termos.

No domínio privado — no interior das famílias — desenvolve-se, de maneira semelhante, uma estrutura de coesão e solidariedade, em oposição aos que não pertencem à família, a alguém de fora, indefinido, que não pertence ao universo da casa, constituído por um corpo único, estruturado, conhecido e aceito, que desconfia e se mantém afastado dos outros, cultivando seus mortos, suas crenças, sua atividade e suas crianças.

Dentro da família e fora dela, existe um nós referente a uma homogeneidade biológica — nós, as mulheres, e eles, os homens.

A coesão interna se realimenta, freqüentemente, à custa de um reforço da estranheza do outro, do de fora. E a sobrevivência do indivíduo, do eu, dentro do nós muitas vezes implica graus de infidelidade ou é vista como tal pelo agrupamento de origem dada a transposição de lealdades para outra área. A intolerância e a hostilidade crescentes para com os outros podem ser anuladas, controladas, canalizadas, reforçadas ou estimuladas a ponto de exigir a extinção do outro, para a sobrevivência do nós. Ocorre o mesmo com o processo de encontro entre nós e eles. O estímulo à coexistência, através da cooperação e da tolerância da heterogeneidade, não tem sido uma constante nas sociedades humanas, embora entre os mais diferentes povos e em momentos diversos ressurgja em formas comunitárias ou no interior de movimentos sociais restritos.

Nenhum dos nós, quer se refiram à sociedade burguesa, quer se refiram à sociedade comunista, admite pacificamente o indivíduo independente. Como ele abre caminhos alternativos entre agrupamentos para uma transferência de lealdades, propõe a recusa de uma fidelidade aceita e indiscutida e a aspiração a novas lealdades. Embora possa levar também a uma substituição de fanatismos, que hostilizem outras diferenças.

As características do eu, na adesão ao nós e na oposição a eles, ou aos outros¹, contribuíram para um entendimento da imagem que a jornalista construiu de si mesma e dos caminhos que traçou ao lidar com a mulher na família, no trabalho e em agrupamentos sociais mais amplos.

As rupturas provocadas nos diferentes agrupamentos em que viveu e com que se aliou provêm de um nós em constante ampliação. Ao procurar abranger uma fraternidade de eus, terminou por contrapor à solitária a mulher solidária.

E observe-se que procurou tenazmente os caminhos da comunhão, em contradição com a insistência mantida num individualismo que, não contente de sublinhar o livre-pensamento, se adjetivava de anti-social. Ao buscar o nós entre as mulheres e entre os explorados, tentou cultivar os caminhos do amor, em suas várias formas, e o da não-violência. Privilegiou os meios persuasivos às alternativas mais atuantes de luta. O que não impediu que esbarrasse e embaraçasse sempre os outros, ampliados proporcionalmente e cada vez mais poderosos.

¹ ENTRALGO, Pedro Lain, *Teoría y realidad del otro.*

"O que seria necessário é a solidariedade de todos no gesto individualista... contra a bastilha burguesa das quatro castas parasitárias: políticos, clero, militares e exploradores industriais. Mas, não para formarem outras castas com outros nomes. Seria a não-cooperação com o Estado, com a religião, com a caserna e com os exploradores do proletariado."²

*

Uma leitora de Maria Lacerda de Moura, professora de sociologia, que encontrou *Amai* e... não vos multipliqueis por acaso, em 1975, numa biblioteca de Uberlândia (MG), forneceu um depoimento comovido sobre a força que lhe transmitira o texto sobre o amor, copiado cuidadosamente numa folha de papel, que carrega consigo. O que a tocou nesse livro, escrito há cinquenta anos? Vivendo num mundo permeado pelos movimentos de 1968 e pela maior crise do capitalismo selvagem, o que poderia tê-la impressionado naquela passagem de teor aparentemente ultrapassado?

A surpresa desse encontro do livro foi sucedida pela esperança do encontro de um caminho. Se uma mulher, cinquenta anos atrás, conseguiu formular os problemas que percebia no relacionamento homem/mulher e mulher/família, dentro da esfera cerrada da dinâmica social de uma pequena cidade mineira, a jovem professora se reassegurava para passar do nós da família mineira para o nós do professorado brasileiro. Se uma mulher mineira, cinquenta anos atrás, era capaz de pensar no amor com seriedade, livre do lirismo convencional e pueril com que ele foi relegado a "interesse feminino", uma jovem professora podia copiar e reproduzir:

"Para mim, o amor completo, integral, tem de realizar a afinidade mental, espiritual, sentimental, afectiva e sexual. Mas, cada um com as suas características de sexo e suas qualidades específicas sem que um tente modelar ao outro pelo seu temperamento ou pelos seus atributos pessoais e pela sua individualidade.

Cada qual, sendo o que é, verdadeiramente, e com coragem heroica de se apresentar tal qual é.

Demais, queremos o impossível, queremos a felicidade a dois. A felicidade não existe a dois; só há momentos de felicidade, instantes de harmonia a dois.

E é o suficiente para alcançarmos o paraíso"³.

² Fascismo, filho dileto da Igreja e do capital, p. 202.

³ *Amai* e... não vos multipliqueis, p. 197.

Não só o amor, mas a beleza também foi tomada como processo de encontro entre o nós e os outros. O amor e a beleza são criadores de energia, ao favorecer a aproximação. O prazer provocado pela beleza e pelo amor está na origem da atração de pessoas, coisas e trabalhos, enquanto a ausência dessa harmonia de arranjos e sentimentos provoca indiferença, mal-estar ou repulsa. A beleza, como "unidade de relações formais entre percepções sensíveis"⁴, precisa ser repensada como elemento fundamental das relações sociais. Tem sido utilizada amplamente para discriminar, dentro do feminino, a figura da mulher jovem, com capacidade procriadora, e para mantê-la circunscrita nessa área. Não foram poucas as mulheres que se apropriaram dessa tendência social, com suas variações históricas e culturais, utilizando a beleza física para alterar seus quadros sociais e o espaço entre o nós e os outros. O culto da beleza, em alguns casos, implica um culto místico da perfeição. Na mulher bela podem-se supor qualidades psicológicas e espirituais inexistentes.

Maria Lacerda deteve-se mais explicitamente no amor que na beleza. Cuidou principalmente da beleza do amor, embora tenha expressado que "a mulher tem sido corpo apenas"⁵. Dessa constatação partiu para outras indagações, em que procurou os elos e rupturas entre a beleza física e a psicológica. Um dos objetivos da revista *Renascença* (1923) fora o culto à beleza, principalmente a espiritual. É aí que chega a atribuir a uma vencedora de um concurso nacional de beleza a perfeição rara da "mulher espiritual, subtil, quasi incorporea"⁶.

Os depoimentos e os dados autobiográficos forneceram indicações da significação que teve para ela a beleza da irmã mais nova e o sofrimento que lhe causava o estrabismo⁷, curado em 1927.

Em 1926, ao publicar a *Religião do amor e da beleza*, Maria Lacerda de Moura propôs, em termos místicos, os problemas do amor e do sofrimento, para discutir o que chamou de "maternidade consciente". *Civilização — tronco de escravos* (1931) e *Amai e... não vos multipliqueis* (1932) foram coletâneas de artigos

⁴ READ, Herbert, *The meaning of Art*, p. 16, 17.

⁵ *Religião do amor e da beleza*, p. 51.

⁶ RENASCENÇA. São Paulo, fev. 1923. V. BURTONI, Dulcília, *Mulher de papel*, p. 80-94.

⁷ "Até há um ano atrás, fui estrábica e o simples olhar, dos que me olhavam com pesar, me humilhava até a revolta." MOURA, M. L. de. Leoncio Correia versus M^{me} Chrysantheme. *O Combate*, 12 abr. 1928. ano XIII, n. 4 686, p. 3.

previamente publicados em *O Combate*, com ligeiras alterações. *Han Ryner e o amor plural* (1933), se bem que tenha tido a mesma origem, tem maior unidade que os livros anteriores. Estes talvez pudessem ser caracterizados como obras de desmistificação do capitalismo industrialista de tendência neomalthusiana. Apoiando-se na obra do anarquista individualista francês, Han Ryner, continua a pensar numa evolução humana, possível apenas através do amor — do amor plural.

"Como é difícil, porém, a solução do problema amoroso, como cada ser tem as suas preferências e uma criatura sozinha não pode reunir o complexo afetivo e psicológico de todos os seres e duas criaturas dificilmente se completam em um todo harmonioso, só o amor plural nos ensina a colher o ser ideal através dos seres a quem amamos.

Não é indispensável sempre entrar a sexualidade: no verdadeiro Amor, a sexualidade vem em terceiro lugar. A ordem é a seguinte: cérebro, coração, sentidos ou segundo outros temperamentos: coração, cérebro, sentidos. Também há amigos que se amam (...)

*E penso que amaremos tantas vezes quantas forem necessárias à nossa evolução para uma finalidade mais alta (...) cada Amor e cada etapa de realização interior nos faz entrever uma realização mais bela e uma alegria mais doce e uma serenidade mais imperturbável e uma pureza mais harmoniosa."*⁸

*"Quero provar que me não revolto, nem protesto contra a minha natureza de mulher: sou mulher na mais ampla acepção da palavra."*⁹

Revoltoou-se, sim, com o tratamento mascarado que a mulher vinha recebendo como corpo, espetáculo e objeto de uso e troca. Ao reivindicar o direito de usar o próprio corpo, de escolher o pai de seus filhos, de pensar por si mesma, desejava manter a condição feminina. Não pretendia adotar padrões e valores considerados masculinos, mas fazer valer a natureza feminina diante deles.

Ao tratar do amor e do problema sexual em 1926, não estava em absoluto sendo a voz única, que foi em algumas de suas lutas. Cientistas e pensadores de diferentes áreas vinham se dedicando, com resultados variáveis, ao problema. E uma leva editorial brasileira vinha traduzindo e distribuindo amplamente obras e opúsculos sobre educação sexual, o amor e o casamento, a psicanálise e a

⁸ *Han Ryner e o amor plural*, p. 74, 76, 77.

⁹ *Religião do amor e da beleza*, p. 9.

maternidade consciente¹⁰. Não só feministas, como comunistas e anarquistas, psicólogos e educadores estavam se propondo, em diversos níveis, esse tipo de questões correlacionadas, que abalavam fortemente os limites entre o nós da família burguesa, baseado na dupla moralidade e na propriedade privada, e os outros da comunidade social mais extensa.

Freud, Havelock Ellis, Julio R. Barcos, Edward Carpenter, Émile Armand, Ellen Key, Augusto Forel, Alexandra Kollontai, Federica Montseny, Malthus e George Drysdale, Gregorio Marañón, Anatole France, Henri Barbusse, Henryk Ibsen, George Bernard Shaw e acima de todos Han Ryner percorrem os escritos de Maria Lacerda. Ainda em Barbacena lera aplicadamente Tito Lívio de Castro e M. F. Pinto Pereira (V. Focalização da condição feminina), que difundira entre as companheiras da Federação Internacional Feminina. Identificou-se inteiramente com Han Ryner (1861-1938) e manteve com os demais um diálogo menos crítico que acrimonioso ou admirativo.

*"Para que cada um de nós se realize, é necessário, antes de mais nada, o desprezo aos bens materiais, às necessidades inúteis, ao superfluo, a tudo quanto divorcia da vida simples, da volta à natureza e da obediência às leis cósmicas." "(...) que cada um busque a sua realização, por si mesma, através do esforço interior, para escalar perfeição sempre e cada vez maior." "(...) Quando deixamos de atender a um desses seres profundos, interiores — é o sacrifício na acepção da palavra, é quase sempre o sacrifício inútil para a nossa felicidade e para a felicidade de terceiros. É a renúncia, quase morte moral." "Ambos (homem e mulher) atados à geena desse doloroso cativo, criado pela ignorância, pela perversidade do senhor absoluto, baseando-se no desfibramento comodista, no servilismo da sua companheira. Substituir essa mentalidade de escravos pela concepção de liberdade — é trabalho de titãs e só o gênio tem a coragem para arrostar com o passado reacionário e brandir o camaleão das verdades vivas contra o peso milenar das verdades mortas."*¹¹

¹⁰ Foram levantados, de 1925 a 1935, livros e traduções de Sigmund Freud, Augusto Forel, Marie Carmichael Stopes, Havelock Ellis, J. R. Bourdon, Th. Van de Velde, Pierre Vachet, Paulo Mantegazza, Jean Marestan, Gregorio Marañón, Francisco Figueira de Mello e Vasconcellos, Lemos Britto, Elise Mazza N. Machado, Pedro de Alcântara Marcondes Machado, Celina Padilha, José de Albuquerque, Roberto Lyra, J. P. Porto-Carrero, Afrânio Peixoto, A. Austregésilo Lima, P. Pascoal Lacroix, Julio R. Barcos, Alexandra Kollontai, William Harrison, G. V. Hamilton e Gilbert van Tassel Mac Gowan.

¹¹ *Han Ryner e o amor plural*, p. 211, p. 46, p. 47, p. 56, respectivamente.

Ainda que não o cite, concordava com a afirmação de Carl Gustav Jung em 1912:

*"apesar de todos os protestos indignados, continua a ser verdade que o amor, seus problemas e conflitos têm importância fundamental na vida humana e, como se verifica consistentemente em pesquisa cuidadosa, têm significação muito mais ampla do que supõe o indivíduo"*¹².

Com Alexandra Mikhailova Kollontai (1872-1952), de que conheceu apenas más e truncadas traduções de *A nova mulher e a moral sexual* (escrito em 1919), mantinha uma relação ambivalente (partilhada, aliás, pelos partidos comunistas brasileiro e soviético¹³). Se, de um lado, sentia-se apoiada por uma representante da Revolução Russa ao tratar "dessas coisas"¹⁴ de amor, de outro, negava-se a aceitar que o amor na classe operária, o companheirismo da "nova" moral resolvessem os problemas das relações homem/mulher.

*"Mas, sonhar com o 'domínio' de um partido ou de uma ideologia para todo o orbe e 'organizar' o amor segundo os interesses desse partido ou dessa classe ou ideologia — é sufocar a liberdade, é forjar e cultivar a luta sem treguas, desprezar as experiências do passado e conservar indefinidamente o mesmo caos social. Se Kollontai está convencida de que o amor é um sentimento de feição orgânica — como imaginar organiza-lo segundo os interesses de uma classe? Se as sociedades vivem em luta aberta contra a biologia, contra todas as leis naturais? Se a burguesia compreendeu também o poder que tem o amor de aproximar os homens uns dos outros, e, nessas condições, procurou sujeitá-las aos seus interesses — não será um erro, a repetição de um crime contra a natureza, o marxismo forjar e organizar uma moral nova em relação ao amor, para a impor a todo orbe, como defesa de luta de classes? Se a burguesia errou, não é razão para o marxismo seguir caminho idêntico, perpetuando os erros e os crimes de lesa-humanidade."*¹⁵

*"Deixem o amor livre, absolutamente livre. Homens e mulheres encontrarão, nas leis biológicas e nas necessidades afetivas e espirituais, o seu caminho, a sua verdade e a sua vida. A solução só pode ser individual. Cada qual ama como pode..."*¹⁶

¹² Citado por Dante Moreira Leite em manuscrito sem referência bibliográfica.

¹³ SCHLESINGER, Rudolf, ed., *The family in the USSR*.

¹⁴ *Han Ryner e o amor plural*, p. 123.

¹⁵ *Ibid.*, p. 129.

¹⁶ *Ibid.*, p. 132.

Ao penetrar e tentar compreender as especificidades da condição feminina e as diferentes soluções sociais aplicadas, desde os primeiros artigos em Barbacena (1918) e nos escritos para *O Corymbo* (RS) (1919-22), Maria Lacerda se integrara num nós, mulheres, que se distinguiam dos outros, homens, a que o amor poderia ligar. Essa identificação foi assim explicitada:

*"O medo, a resignação passiva, a subserviência de escrava foram sempre as armas de seu escudo (do escudo da mulher). E com esse escudo quem já venceu na vida? / A causa da mulher é como a causa dos párias de todas as civilizações: é causa internacional"*¹⁷.

*"Sinto-me constrangida quando me falam de uma queda de mulher. Parece que quando uma mulher desce um degrau abaixo da sua dignidade, todas as outras se humilham, ella como que conduz consigo, todos os nossos nomes e toda a lembrança dos nossos seres. / As mulheres não são como os homens — independentes entre si. / As nossas almas são elos umas das outras e essa corrente enorme, cheia de electricidade, estremece quando um elo se parte. / (...) enquanto houver na terra uma mulher sacrificada, as outras não têm o direito de cruzar os braços indiferentes."*¹⁸

*"Dentre todos com os rótulos os mais variados, conheço-os que não se interessam senão pela própria liberdade e pelo advento do seu partido, sem a menor preocupação pela mulher, desconhecendo totalmente os seus direitos e as suas necessidades. São libertários e a sua família legal é burguesíssima (...) E os homens mais liberais, os que prezam a emancipação e a liberdade para as mulheres... são os mesmos trogloditas quando as suas mulheres resolvem por em prática as suas teorias libertarias."*¹⁹

Distingue, porém, dentro desse nós, tipos de mulher que mantêm relações diferentes entre si e com os outros. Esses tipos diferentes de mulher, nem sempre muito bem caracterizados, são os de mãe, esposa ou amante e hetaira²⁰.

"(...) a mãe (...) é o typo de horizonte cerceado por uma quasi ausencia de individualidade, é o typo que a natureza espalha por

¹⁷ *A mulher é uma degenerada?*, p. XVIII.

¹⁸ *Em torno da educação*, p. 96; *A mulher e a maçonaria*, p. 31.

¹⁹ *Amal e... não vos multipliqueis*, p. 48, 49.

²⁰ "Essas hetairas, ou 'boas amigas' não eram apenas o que este apelido significa na sociedade moderna... Essas mulheres graciosas, inteligentes, instruídas sem serem pedantes, tem a arte de excitar o engenho dos homens cultos, que as cercam e adulam." PEIXOTO, Afrânio, *A educação da mulher*, p. 14, 15.

toda parte em defesa das leis de multiplicação da espécie e cuja intelligencia se embotta para enriquecer os órgãos de reprodução. (...) a esposa (...) é a amante, que colloca o marido, um unico homem acima de todos os homens e até acima de todos os filhos. / É a mulher que se faz submissa conscientemente, que nasceu para adorar, que se escraviza por amor e vive da vida do seu companheiro a quem ama religiosamente, a quem admira a ponto de abdicar do seu raciocínio, por quem se sacrifica e por quem é capaz de sacrificar todos os filhos desse grande amor." 21

"(...) / A hetera (sic) não inspira porque é hetera: se ella falla ao coração do homem é porque é mulher (...) Ha, na cultura superior, na intellectualidade feminina, algo de extraordinario que vem de sua sensibilidade, uma como que aureola circundando o ser; a significação do seu prestigio vem de qualquer cousa extranha a belleza physica." 22

"Somos sexo a parte, nós as intellectuaes. / Não ha duvida que os homens nos admiram, nos respeitam, tem por nós consideração especial, mas — praticamente, injustamente, para esposas, preferem as melindrosas. / Uma mulher invulneravel, incorruptível, é virago para os homens." 23

"E mulher emancipada, para esses epicuristas às avessas, é synonymo de mulher facil e accessivel. / É por isso que elles se achegam às escriptoras com tanto entusiasmo e tanta desenvoltura. (...) Supõe-se geralmente que o fato de se emancipar de prejuizos e convenções e o fato de proclamar os seus sonhos de emancipação humana — significa o desejo ou a busca imediata do gozo pessoal ou uma corrida, através da imprensa e da tribuna, atrás da satisfação dos instintos vorazes." 24

Como observou diante de um comentário surpreendido a uma conferência sua sobre a liberdade sexual da mulher: "Mas dizem que esta senhora é tão honesta!" 25

Talvez, cinquenta anos depois, o comentário possa parecer descabido.

Quando foi registrado (1932), indicava a existência de dois mundos hostis e isolados — o das mulheres de família, com preocupações domésticas e desligadas tanto do mundo de fora de suas casas como de seu mundo interior, e o das mulheres "da vida", as "deshonestas", as "da rua", que deviam ser mantidas a distância

e policiadas para a manutenção da ordem. Aquela conferencista que falava em público da liberdade sexual das mulheres, apesar da "boa" aparência, da voz educada, da retórica persuasiva, tornava-se um problema insolúvel e incômodo. A que mundo pertenceria?

Preocupou-se com a família e a prostituição e examinou-as como instituições sociais complementares, capazes de conter e reprimir a liberdade do corpo e do pensamento feminino. Enquanto atribuiu fundamentalmente à Igreja católica e ao Estado o poder implantador e fortalecedor de uma família sagrada, complementada por uma família profana, analisou a caridade e a participação política como engrenagens de passagem do nós-família para o nós-cidadãos, em caminho da fraternidade universal.

Apoiando-se em *O quinto evangelho*, de Han Ryner, mostrou como a família e a sociedade entravavam ação, pensamentos e sonhos individuais, estando, ao mesmo tempo, em guerra aberta uma com a outra, em competição e mandonismo 26.

"A monogamia indissolúvel, a familia legal defensora da propriedade privada, defensora dos privilegios que constituem a nossa organização social de senhores e escravos, de exploradores e explorados é uma fraude e, como tal, incompatível com os direitos individuais, incompatível com a evolução para uma liberdade mais ampla, para uma noção mais larga do respeito devido aos direitos do semelhante." 27

"De ha muito me preocupa o problema doloroso da prostituição. Estudei-o sob todos os aspectos, na sua historia e na sua psicologia social, e até, com Bernard Shaw e outros iconoclastas do moraliteismo, na sua profunda filosofia." 28

Como no livro do argentino Julio R. Barcos, *Liberdade sexual das mulheres*, que traduziu e prefaciou, Maria Lacerda de Moura faz extensas citações comentadas de *A profissão de Mrs Warren*. Nessa peça, Georg Bernard Shaw consegue, com seu domínio da carpintaria teatral, transmitir os vários níveis de entendimento através de um diálogo de mãe e filha, onde afloram o valor venal da beleza da mulher, a tragédia da pobreza mediada pela repressão da mulher, sujeita ao que hoje se denominaria a micropolítica da prostituição, reflexo da micropolítica conjugal e familiar, em sua dinâmica econômica de relações 29.

21 *Religião do amor e da belleza*, p. 32.

22 *Ibid.*, p. 34.

23 *A mulher é uma degenerada?*, p. 39.

24 *Religião do amor e da belleza*, p. 101.

25 *Amai e... não vos multipliqueis*, p. 191-2.

26 O individualismo neo-estoico de Han Ryner; estudo. *Feira Literária*, 11 (7):81, 82. nov. 1929.

27 *Amai e... não vos multipliqueis*, p. 69.

28 *Civilização — tronco de escravos*, p. 207-8.

29 GUATTARI, Felix, *Revolução molecular*, p. 36-7.

Para Maria Lacerda, o amor plural suprimiria os crimes passionais, as mentiras e concessões indignas do casamento monogâmico, exterminaria a prostituição e sua exploração econômica. Podendo escolher o companheiro e capaz de se bastar na luta pela subsistência, a mulher seria livre e feliz.

*"Que direito tem a sociedade, que se diz civilizada, de exigir que certo número imenso de mulheres se preste a servir de pasto à sensualidade de milhões de homens, insensibilizando-se na profissão mais 'necessária' e mais degradante, sofrendo a humilhação dolorosa de cada instante e a dor de insatisfeitas, enquanto outro número imenso de mulheres, igualmente insatisfeitas, não pelo excesso, porém, pela carência, se estiola no tipo 'solteirona'?"*³⁰

E para resolver a oposição entre o nós da família e o nós social propôs duas saídas que não excluem o sofrimento:

"Se a minha família não quer ou não pode seguir os meus sonhos de libertação humana, um dilema traça à minha consciência uma base de conduta.

Duas dedicatórias

A primeira voz que veio juntar o seu protesto ao meu protesto contra o imperialismo tragi-cômico de Mussolini em terras Brasileiras, ao meu querido e nobre Amigo Mr. A. NEBLIND, grande carácter de neo-estoico, alma profundamente humana, imenso coração aberto para as verdades subjectivas de cada criatura, cuja vida simples, quasi anonyma, é um esforço magnífico para a bondade, para a beleza, para uma purificação interior cada vez mais alta, cuja divisa pode resumir-se em uma Lei Cósmica: — pelo Amor e para o Amor —, a esse ser eleito,

a minha homenagem maxima de profunda admiração.
Outubro de 1928.

M.L.M.

MOURA, Maria Lacerda de. *De Amundsen a Del Prete*. São Paulo, Secção de Obras d'O Combate, 1928.

³⁰ Han Ryner e o amor plural, p. 153.

A Carlos Moura

A primeira e a segunda edição deste livro te são dedicadas, meu grande amigo. Também a terceira. As condições de nossa vida conjugal modificaram-se totalmente. Somos hoje apenas dois grandes e verdadeiros amigos. Somos apenas dois bons irmãos, absolutamente solidários em todas as contingências da existencia trabalhosa e cheia de surpresas, para as quaes nem sempre estivemos preparados.

Entretanto somos hoje mais amigos que hontem. A tua dedicacão para comigo é notabilíssima e muita vez me tem comovido profundamente.

Quero apresenta-la ao meu publico, como uma homenagem do meu coração ao teu coração generoso e forte, à tua alma estoica.

Que exemplo o teu, meu nobre amigo!

MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada?* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932.

Si sou fraca e dominada pelos sentimentos afetivos limitados ao egoismo da familia de sangue — que nem sempre é a nossa familia — não tenho o direito de pregar ou exigir dos outros aquilo que eu mesma não fui capaz de realizar. Retiro-me. Não me posso fazer agitador e militante.

Nada posso exigir, si não dou o exemplo integral.

O segundo caminho é mais ingreme, é mais doloroso, é mais escarpado: coloco os interesses humanos, coloco a minha consciencia acima da familia, não a acuso nem a defendo e reivindico para mim o direito à deserção.

*Isolo-me da familia e, pelo exemplo, demonstro que vivo individualmente em harmonia comigo mesma e ponho de acordo o pensamento e a acção"*³¹.

A caridade como virtude é preceito fundamental de quase todas as religiões, inclusive o espiritismo. Foi sempre uma prática considerada feminina, individual ou coletiva. A década de 20 apresentou um enorme florescimento de associações femininas, muitas confessionais, de mútuo socorro e beneficência, algumas

³¹ Ferrer, o clero romano e a educação laica, p. 83-4.

com longa existência e extensa folha de serviços prestados³². Através do trabalho em instituições de benemerência, muitas mulheres das camadas médias e altas da população conseguiram ultrapassar o círculo fechado da família e exercer sua cidadania de maneira legitimada socialmente (V. Faces do feminismo).

Contudo, ao deixar Barbacena, em 1921 e ao se identificar com os trabalhadores, em São Paulo, Maria Lacerda captou e desmistificou algumas das características dessa virtude burguesa:

"Não é caridade e nem é justo darmos caridosamente aquilo que nos sobra e que accumulamos, às vezes, ou quasi sempre, à custa do trabalho e da miséria alheia".

*"A caridade não só humilha como é anti-progressista. Caridosos, não; solidários, sim; egoísmo colectivo. A desgraça de A ou B me deve ferir: somos todos irmãos."*³³

*"Quando novas formulas de uma ética mais humana se apresentam para outra organização social de mais equidade ainda a mulher está convencida de que a sua mais alta missão na vida é a caridade e só conhece a questão social através da caridade de chás e tangos e requebros declamatorios nos salões."*³⁴

*"O pauperismo e a prostituição só serão extirpados no dia em que as mulheres compreenderem que só a liberdade do amor pode por termo a todos os flagelos sociais."*³⁵

Baseando-se principalmente em *L'encyclopédie anarchiste*, organizada por Sebastien Fauré, conclui que "toda e qualquer tentativa para a paz, para a diminuição da miséria, para o bem-estar, para a fraternidade é impossível, sem a restrição conciente da natalidade e a maternidade livre e conciente e limitada"³⁶, que considera uma oposição aos postulados burgueses-capitalistas-religiosos de que "A patria precisa de soldados, a usina de trabalhadores, a igreja tem necessidade de fiéis".

Ainda nesta linha, muito generalizadora, foi capaz de distinguir as diferenças de relações e transgressões na família rica e na família pobre, em que a mulher se vê enredada.

"A superioridade manifesta da mulher como a criadora da vida para perpetuar a espécie, a maternidade, o aleitamento, os cuidados para com a criança e todas as consequências dessa escravidão que a sociedade faz pesar, por isso mesmo, sobre os frageis hom-

³² O *Anuario Estatístico de 1921* editado pela Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo traz o seu registro.

³³ *A mulher é uma degenerada?*, p. 77, 78 e 104, respectivamente.

³⁴ *Amai e... não vos multipliqueis*, p. 71.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Amai e... não vos multipliqueis*, p. 122.

*bro femininos — deveriam bastar para dar à mulher o direito de viver integralizada na comunhão político-social."*³⁷

"Como temos duas raças sociaes: a dos pobres e a dos ricos, não é de estranhar que os crimes da maternidade sejam julgados por dous pesos e duas medidas.

O mesmo acto praticado em uma mansarda ou numa luxuosa casa de saúde tem significações oppostas.

*Se a mulher do povo lança mão do mesmo recurso da alta burguesia essa mesma burguesia lhe atrai o anathema de 'desalmada'. A diferença está apenas no seguinte: a mulher do povo assume, sozinha, a responsabilidade de seu crime, as grandes damas teem, por cumplices, os maridos que piscam o olho para as convenções sociaes, acenando com bolsa farta para os 'humanitarios clinicos', para os 'faiseurs d'anges' que teem diploma... e que operam officialmente, legalmente, nas casas elegantes ou nos Institutos e Casas de Saude."*³⁸

A própria subjetividade expressa em passividade e submissão se processa e manifesta de maneira distinta, ainda que o objetivo seja o mesmo — evitar o nascimento de um filho. Em relação ao acesso à medicina e à higiene, Maria Lacerda acena para o quanto é subordinado às condições econômicas, o que redundava em desfavor ainda maior da mulher pobre, para ter e para não ter os filhos.

O nós mulheres, através da obra de Maria Lacerda, oscila entre um nós genérico e uma identificação com as mulheres sem recursos econômicos, médicos e psicológicos, diante dos outros, homens e mulheres que possuem e desejam sempre mais recursos.

Ex-professora de higiene da escola normal, Maria Lacerda manteve sua confiança no controle científico e secular da família. E apesar de sua independência de pensamento, foi levada a ver na prolicidade dos pobres uma das causas de sua miséria³⁹. O programa de educação sexual, controle da natalidade e do aborto terapêutico fora incorporado por anarquistas, socialistas e comunistas na década de 30, embora mantivessem especificidades em suas perspectivas, e na prática Maria Lacerda, em seu neomalthusianismo, chegou a identificar a questão social à sexual, estabelecendo princípios da maior rigidez para a sexualidade.

Ao mesmo tempo que considerava "a mulher fabricadora de carne para canhão, é também máquina de guerra"⁴⁰, vinha descre-

³⁷ *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!*, p. 12.

³⁸ *Religião do amor e da beleza*, p. 145.

³⁹ V. GALVÃO, Patrícia [Pagu]. *Mulher do povo*, 27 mar. 1931, p. 2. DONZELOT, Jacques, *A polícia das famílias*, p. 158-70.

⁴⁰ Carta de Maria Lacerda a Albinha Moreira. Rio de Janeiro, 31 dez. 1938.

vendo desde os escritos de Barbacena (1919) a escravidão da mulher ao salário, ao jugo do trabalho doméstico obrigatório e ao homem autoritário. Contudo, à medida que passou a considerar "A solução para a mulher, como para todo individualista livre — a deserção da sociedade, colocar-se fora da lei e dos preconceitos"⁴¹, deteve-se em aspectos considerados, até há bem pouco, irrelevantes — o trabalho doméstico e a liberação de algumas mulheres através da sujeição de outras.

*"Do que vale a minha emancipação económica pelo trabalho, se continuo a explorar torpemente o serviço de minha própria irmã? (...) / (...) E todas atiram às costas da proletaria o serviço braçal pesado e incommodo, o trabalho arduo de que cada criatura humana tem necessidade para a sua hygiene pessoal e para a sua propria subsistencia. / O trabalho é o exercicio natural. Jardinagem, horticultura, o ferro de engommar, a pequena lavanderia para uso pessoal, a cozinha sobria e ligeira, os arranjos de casa — hoje sei por experiencia propria — ahí ha exercicio para fazer transpirar por todos os poros, para obrigar os pulmões a se lavar em ar puro, para por os pés em brasa e para fazer dormir a noite inteira... / Cada qual que busque o seu caminho e as suas verdades interiores. / Cada individuo tem a sua esphinge a decifrar e o seu problema a resolver por si mesmo..."*⁴²

Dando, em seu último ano de vida (1944), um testemunho do nós que a confundia:

*"Não resido nos bairros elegantes, onde as casas confortáveis e os grandes terrenos nos protegem dos vizinhos e das suas misérias; resido num bairro da pequena burguesia sem educação, e, embora fechada dentro de minha casinha, minhas antenas percebem coisas desagradáveis da vida real. Vejo e ouço heroísmos e misérias tais, que me recuso a descrever. Custei a me habituar à pancadaria, aos gritos dos meninos vadios, aos nomes feios, aos uivos das mães dando nos filhos pequeninos, tão encolerizadas que parecem feras. Custei a crer que as manchas roxas nos rostos das mães à espera de filhos, fossem pancadas brutais de maridos bem colocados em empregos públicos... ou dos carvoeiros e carroceiros, todos agindo da mesma maneira, os mesmos trogloditas ferozes para elas, enquanto elas se vingam do mesmo modo nos filhos pequeninos..."*⁴³



Maria Jacorta de Moura

¹ *A Vida Moderna*, São Paulo, 31 dez. 1927, ano XXIV, n. 527, s.p.

² O trabalho feminino na comunhão social/Qual a aspiração da mulher na sociedade actual. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 31 (41), 27 set. 1930.

³ *O silêncio*. Rio de Janeiro, Dept.º Cultural da Fraternidade Rosa Cruz do Brasil, 1948. p. 20.



Família Modesto Lacerda,
em Barbacena. 1891.



Casal Carlos Ferreira de Moura, Barbacena. 1905.



Formatura na Escola Normal
Municipal de Barbacena. 1904.



Casal Carlos Ferreira
de Moura, Barbacena. 1905.



Carlos Ferreira
de Moura, o marido.



Maria Lacerda em
São Paulo. *A fraternidade
e a escola*. 1922.



Maria Lacerda no
lançamento de *A mulher é
uma degenerada?* em
O Internacional. 1924.



Maria Lacerda em *A Palavra*. 1925.



Maria Lacerda na 3.^a edição de
Religião do amor e da beleza. 1927.

3 EXPRESSIONES DA REBELDIA

Livros

- Em torno da educação. *São Paulo, Teixeira, 1918.*
 Renovação. *Belo Horizonte, Typ. Athene, 1919.*
 A mulher é uma degenerada? *São Paulo, Typ. Paulista, 1924.*
 Lições de pedagogia. *São Paulo, Typ. Paulista, 1925.*
 Religião do amor e da beleza. *São Paulo, Typ. Condor, 1926.*
 De Amundsen a del Prete. *São Paulo, Secção de Obras d'O Combate, 1928.*
 Han Ryner e o amor plural. *São Paulo, Unitas, 1928.*
 Civilização — tronco de escravos. *Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1931.*
 Amai e... não vos multipliqueis. *Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932.*
 Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio! *São Paulo, A Sementeira, 1933.*
 Clero e fascismo — horda de embrutecedores. *São Paulo, Editorial Paulista, 1934.*
 Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital. *São Paulo, Editorial Paulista, s/d.*
 Ferrer: o clero romano e a educação laica. *São Paulo, Editorial Paulista, 1934.*
 Português para os cursos comerciais. *Rio de Janeiro, Muniz, 1940.*

Conferências

- Porque vence o porvir. *Barbacena, Liga dos Homens do Trabalho, 1919.*
 A mulher e a maçonaria. *São Paulo, Typ. do Globo, 1922.*
 A fraternidade e a escola. *São Paulo, União dos Trabalhadores Gráficos, 1922.*
 A mulher hodierna e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização futura. *Santos, Estado de S. Paulo, 1923.*
 O individualismo neo-estoico de Han Ryner; estudo. *Feira Literária, 11: 59-104, nov. 1929.*
 Clero e Estado. *Rio de Janeiro, Liga Anticlerical, 1931.*
 Escuta Israel! Um inquérito entre intelectuais brasileiros: Por que ser anti-semita? *Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1933, p. 39-52.*
 O silêncio. *Rio de Janeiro, Dept.º Cultural da Fraternidade Rosa Cruz do Brasil, 1948.*

Traduções e prefácios

- SPAGNOLO, Marino. Bandeira proletária (texto teatral). *Encenado em 23/9/1922 e 24/7/1923. Pref. Maria Lacerda de Moura. Apud VARGAS, Maria Tereza. Teatro operário na cidade de S. Paulo. São Paulo, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, Sec. Municipal de Cultura, 1980, p. 75-6.*

- BARCOS, Julio R. Liberdade sexual das mulheres. *Trad. e pref. Maria Lacerda de Moura. 4. ed. São Paulo, Editorial Paulista, s/d.*
 RYNER, Han. No país dos homens livres [Les Pacifiques]. *Trad. Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932.*
 MELO, Anibal Vaz de. O evangelho à luz da astrologia (As origens astronômicas do Cristianismo). *Pref. Maria Lacerda de Moura. Belo Horizonte, ed. do Autor, s/d.*
 PLATÃO. Apologia de Sócrates. 6. ed. *Trad. e pref. Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Atena, 1955. (Col. Biblioteca Clássica). Em 1971, as Edições de Ouro limitaram-se a acrescentar à tradução e apêndice de Maria Lacerda de Moura uma introdução de Alceu Amoroso Lima.*

Produção jornalística

- Educação e ensino. *Voz do Povo, Rio de Janeiro, 6 fev. 1920.*
 Feminismo. *O Corymbo, Porto Alegre, 15 maio 1921.*
 Palavras de carinho e gratidão. *A Tribuna, Santos, 20 jul. 1921.*
 O problema da educação; ao jovem philosopho Angelo Guido. *A Tribuna, Santos, 28 ago. 1921.*
 O problema da educação. *A Tribuna, Santos, 12 set. 1921.*
 Para o despertar da mulher. *A Tribuna, Santos, 8 out. 1921.*
 O problema da educação; prêmios e castigos. *A Tribuna, Santos, 16 out. 1921.*
 O problema da educação. *A Tribuna, Santos, 24 out. 1921.*
 A mulher brasileira e os problemas sociais. *O Corymbo, Porto Alegre, 30 abr.-15 jul. 1922.*
 Conferencia contra o alcoolismo. *A Plebe, São Paulo, 27 jan. 1923.*
 Renascença. Nosso Jornal, *Rio de Janeiro. Número único. Editorial. Renascença, São Paulo, fev. 1923.*
 Aos intelectuaes. *Renascença, São Paulo, mar. 1923.*
 Que é educação?. *Renascença, São Paulo, mar. 1923.*
 Eva. *Renascença, São Paulo, abr. 1923.*
 Como escolher um bom marido. *Renascença, São Paulo, jul. 1923.*
 O alcoolismo e a questão social. *O Internacional, São Paulo, 1 maio 1924.*
 Das vantagens da educação intellectual e profissional da mulher na vida pratica das sociedades. *O Internacional, São Paulo, 15 maio 1924.*
 Sciencias basicas e auxiliares da pedagogia. *A Plebe, São Paulo, 10-24 maio 1924.*
 La victoria. *A Palavra, São Paulo, 1 set. 1925.*
 Guerra à guerra. *O Combate, São Paulo, 19 nov. 1927.*
 O voto feminino. *O Combate, 8 dez. 1927.*
 Seduzidas e deshonradas. *O Combate, São Paulo, 15 dez. 1927.*
 Honra de Gallo. *O Combate, São Paulo, 22 dez. 1927.*
 Abolição legal do direito de paternidade (Congresso Pan-Americano da Criança). *O Combate, São Paulo, 29 dez. 1927.*
 Como encara a emancipação da mulher?. *A Vida Moderna, São Paulo, 31 dez. 1927.*
 Feminismo? Caridade?. *O Combate, São Paulo, 5 jan. 1928.*
 A emancipação feminina. *O Combate, São Paulo, 12 jan. 1928.*
 Carpe horam. *O Combate, São Paulo, 19 jan. 1928.*
 Amor plural. *O Combate, São Paulo, 26 jan.-2 mar. 1928.*
 O dragão e as virgens. *O Combate, São Paulo, 8-15 mar. 1928.*

- El hijo de Clara.* O Combate, São Paulo, 22 mar. 1928.
Han Ryner. O Combate, São Paulo, 5 abr.-31 maio 1928.
Leonico Correia versus M^{me} Chrysanthème. O Combate, São Paulo, 12 abr. 1928.
Ibsen e a Academia de Letras. O Combate, São Paulo, 10 maio 1928.
Domesticando. O Combate, São Paulo, 11 jun. 1928.
 Revista Blanca, Barcelona.
Carta aberta a Cid Franco. O Combate, São Paulo, 15 jun. 1928.
O México e a Associação Internacional Biocósmica. O Combate, São Paulo, 21-28 jun. 1928.
A sciencia a serviço da degenerescência humana. O Combate, São Paulo, 6-12 jul. 1928.
Banditismo? Legalidade?. O Combate, São Paulo, 24 jul. 1928.
Voronoff. O Combate, São Paulo, 30 jul.-15 ago. 1928.
As idéias-forças. O Combate, São Paulo, 22 ago. 1928.
De Amundsen a Del Prete. O Combate, São Paulo, 23 ago.-29 out. 1928.
Manifesto aos estudantes brasileiros — Alerta! Mocidade. O Combate, São Paulo, 12 out. 1928.
Anita Garibaldi. O Combate, São Paulo, 21 nov. 1928.
Jinarajadasa e Mussolini. O Combate, São Paulo, 5 dez. 1928.
Guerra à guerra! O Combate, São Paulo, 20 dez. 1928.
Sandino. O Combate, São Paulo, 16 jan. 1929.
A política clerical do Sr. Antonio Carlos. O Combate, São Paulo, 30 mar. 1929.
Notas de psychologia. O Combate, São Paulo, 3 abr.-11 jun. 1929.
Boa sorte — cadeia perpétua. O Combate, São Paulo, 13 abr. 1929.
O extermínio da civilização incásica. O Combate, São Paulo, 24 abr. 1929.
A tragédia do magistério chileno. O Combate, São Paulo, 2-18 maio 1929.
De Amundsen a Del Prete. O Combate, São Paulo, 4 maio 1929.
Homenagem a Séverine. O Combate, São Paulo, 12 jun. 1929.
Aos estudantes de São Paulo. O Combate, São Paulo, 14 jun. 1929.
Santo Antonio. O Combate, São Paulo, 18 jun. 1929.
As conferências de MLM na Argentina e no Uruguay. Diário de S. Paulo, 2 jul. 1929.
Um dia a bordo. O Combate, São Paulo, 17 jul. 1929.
Mais um dia a bordo. O Combate, São Paulo, 18 jul. 1929.
Intercambio intellectual brasileiro-uruguayo. O Combate, São Paulo, 3 ago. 1929.
Autobiografia. Voluntad, Montevidéu.
Auto-biographia. O Combate, São Paulo, 3 ago. 1929.
Entrevista a "A Crítica". O Combate, São Paulo, 22 ago. 1929.
A última palavra do general Prestes. O Combate, São Paulo, 30 ago. 1929.
Os revolucionários no exílio. O Combate, São Paulo, 31 ago. 1929.
Uma entrevista. O Combate, São Paulo, 14 set. 1929.
Embaixatriz? — Não! O Combate, São Paulo, 18 set. 1929.
Conservadores ou revolucionários? O Combate, São Paulo, 20-28 set. 1929.
O alcoolismo e a questão social. O Combate, São Paulo, 19 out.-7 nov. 1929.
A crise do café. O Combate, São Paulo, 12 nov.-11 dez. 1929.

O trabalho feminino na comunhão social/Qual a aspiração da mulher na sociedade actual. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 27 set. 1930.
Profissão de fé. A Lanterna, São Paulo, 9 fev. 1935.
Declaração. A Lanterna, São Paulo, 18 maio 1935.
Guerra à guerra! A Lanterna, São Paulo, 2 nov. 1935.
Cenit, Toulouse, jan. 1955.

Um programa?
 Declaração de princípios? . . .

"Maria Lacerda de Moura ainda não se encontrou a si mesma".
 "Desconfio que Maria Lacerda não sabe exatamente o que quer . . ."
 "Pertence a algum partido? Qual é esse partido?"
 "Que deseja, afinal essa Senhora?"
 "Que reforma propõe essa publicista?"
 "Qual o seu programa?"

Essas e outras muitas objeções fazem os "criticos" de ataques sistematicos a tudo quanto escrevo.

E como tais perguntas e tais conceitos se multiplicam no meu caminho, respondo, de maneira geral, aos meus contendores, quiçá obscurecendo ainda mais a sua má vontade de compreensão ou a sua impotencia de chegar a outra harmonia diversa da sua harmonia.

Geralmente os que me agridem não me leram. Si me leram, não me quizeram compreender.

Certos agressores cometeram a ingenuidade de confessar não haver lido o livro atacado. Foi o titulo que os impressionou desagradavelmente. Outros voltam atrás, com coragem, e, confessando o engano, tornam-se meus amigos.

Todos me conhecem pelo que ouviram dizer . . . de mal . . .

Houve quem me visse com um facho acêso à frente da multidão que incendiou "Il Piccolo", descabelada, gritando como possessa, incitando aos estudantes e aos populares. E todos sabem que eu estava em Guararema, a 2 horas da Capital e que só vim a saber do ocorrido no dia seguinte, pelos jornais da tarde de 24 de Setembro.

Uns são inimigos sistematicos sem nunca me terem visto, sem conhecerem uma só página dos meus escritos.

Alguns me elogiam, si ouvem elogios dos presentes e me atacam agressivamente, si sou agredida . . . Alguns fogem, quando pressentem agressão, e, aparecem para colher os louros . . . E a maledicencia não falta.

E não ha meio termo: ou o entusiasmo incondicional ou a agressão incondicional. E a calunia.

Que me não encontrei a mim mesma? Quem é que já se encontrou a si mesmo, sob o Sól?

Quem poderá dizer: "eu sou o caminho, a verdade e a vida?"

As palavras de Cristo foram deturpadas pelos padres. Cristo deveria ter pronunciado esta verdade profunda: "Que cada qual siga o seu caminho, a sua verdade e a sua vida, tal como eu tenho o meu caminho, a minha verdade e a minha vida".

Quando eu me encontrar a mim mesma serei um Deus realizado. Só se encontraram a si mesmos por sobre a terra, os padres, os politicos profissionais, os pensadores de rebanho — tontos de vaidade, pesados

de orgulho, tropeços de presunção intelectual, dobrados ao peso dos dogmas e das afirmações categoricas, seguros de si mesmos, infalíveis e jactanciosos.

Só sabem exactamente o que querem — esses politicos, os "profit-teurs" da imprensa, os armamentistas, os comerciantes, os industriais, as mensagens dos páis da patria, os castens, os "gigolôs", os sacerdotes; a Igreja Catolico Romana, os imperialismos yankee, britannico e mussolinnesco, o Papa, Tacchi Venturi — o chefe dos jesuitas, as associações de "boxeurs", os militares, o "coronel", as embaixadas diplomaticas, Hitler, "L'Action Française" ...

Todas essas cousas e toda essa gente tem um programa definido, sistematicamente traçado e de realização prática, baseado no dinhelro, no poder ou na astúcia — para engodar aos papalvos, organizar, mobilizar o rebanho social para mais facilmente explora-lo, mandar, tyrannizar, roubar, assaltar, vencer, domar, ganhar, gosar, saquear, salvar ...

Todas essas cousas e toda essa gente tem um plano delineado no papel ou no "ring", sempre versus ...

Mensagens, programas, apostolados ingenuos ou maroteiros, reformadores, manifestos, cornucopias de esperanças, de liberalidades, promessas de felicidades e bem estar social — só sabem transbordar os partidos politicos ou religiosos, os demagogos, os oradores populares, os donos da humanidade escravizada: padres, aspirantes a reinos, imperios, republicas ou academias, os candidatos ás Constituintes ... as casas lotericas, as feticheiras e as cartomantes ...

Não é de agora que se exige de mim um programa ou a ingressão "corajosa" em um partido.

Que me defina! Que se o meu nome com determinado rotulo, afim de que possa ter "autoridade" ... Que carregue o peso de uma chapela e o auxilio indispensavel de duas muletas sociais. Que me batise finalmente. Preciso completar-me. Fazer parte de um partido é ter amigos e defensores incondicionais. É estar, docilmente, servilmente, domesticadamente ao lado de alguém. É ter valor, portanto, é ter "autoridade" ...

Desprezar as muletas e os partidos é ser atacado por todos, é ser "voz isolada", "voz unica", "irrefletida", "despercebida" do rebanho social acarneirado no redil da imbecilidade e da covardia.

O "individualista da vontade de harmonia" não faz programa nem para si nem para os outros.

Com relação à minha vida interior, sei o que desejo, sei o que quero.

Com relação à vida social, sou anti-social, nem sei, nem me interessa saber. Destaco os individuos do bloco social. Em relação à sociedade, sei o que não quero.

A minha etica repele os partidos, os programas, toda a moral social.

Não sou advogado, não sou politico, não me interessa a "população de cima" e nem a "população de baixo".

Observo, analiso, critico, exalto, não mando, não dirijo, não exijo, nem mesmo peço ou procuro persuadir, não me preocupo com as soluções para os problemas. As soluções ficam bem aos matematicos, aos sentimentos dos padres e das beatas, à profissão dos advogados e às mensagens prometedoras dos politicos, aos programas sectarios fóra dos quais não ha salvação e aos romances da gente honesta em que são castigados os vícios, em que é premiada a virtude ...

Não sou revolucionaria no sentido da revolução para uma organização social mais equitativa. Já tive, sim, essa ilusão.

Cheguei, porem, à convicção, ou aprendi a tempo que os homens, em nome do Amor e da Justiça, em nome da Solidariedade Humana, em nome da Fraternidade Universal, em nome da Liberdade, da Igualdade, em nome de Deus, em nome das Cruzadas Religiosas, em nome do idolo da Honra, em nome do Direito, da Patria, da Civilização se esmagam como animais ferozes. Pregando o advento da Paz, fazem as guerras.

Ora em torno de principios politicos, sob o comando dos reis, dos democratas ou dos padres, ora em torno das religiões, sob o comando dos padres, dos democratas e dos reis — aliados incondicionais de todos os tempos e de todas as patrias e de todas as nações, — as multidões se trucidam para obter o "bem estar social", afim de estabelecerem as formulas ... da Liberdade, do Amor e da Justiça, em sociedades idealizadas na santa Paz dos seus sonhos de obediencia servil ...

Convenço-me cada vez mais de que "o odio não mata o odio, o odio só morre com o Amor".

A violencia é mãe e filha da violencia. A guerra só traz a guerra e a revolução é a sementeira de outras revoluções.

Não-violência, mas "suprema-resistência" às forças negras do passado reacionario.

Não houvesse tanta covardia ...

Procuro a minha harmonia interior: é o unico programa que me cabe formular.

Mas, tão vasto é esse programa, tão profundo, tão complexo, tão alto, tão nobre, que deixa de se pontificar em um programa para se desdobrar pelo infinito e pela eternidade, além do tempo e para além do espaço.

MOUBA, Maria Lacerda de. *Amor e ... não vos multipliquéis*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932. p. 11-6.

Os esboços da vida/obra, ação/pensamento de Maria Lacerda de Moura podem ser retomados como imagens projetadas num espelho que não as fixa e que reflete, superpostas, outras imagens que passam por ele — as de diversas camadas de contemporâneos e as dos leitores em diferentes momentos.

Através da produção de uma jornalista e da repercussão de seus escritos, o recuperado são aspectos do processo de rebeldia a condições sociais privadas e públicas. Expostas em situações, reações e repercussões, algumas modalidades da rebeldia revelaram-se formas incipientes ou atuantes de transformação social. Afloraram, entre elas, modalidades de conformismo impostas e aceitas pelas instituições sociais inter-relacionadas, nas três primeiras décadas do século XX.

Procurou-se aliar três eixos — o estilístico, o temático e o das influências sofridas — para tentar compreender a atuação de Maria Lacerda.

A incursão pelo estilo foi iniciada pela verificação de um acentuado gosto pela palavra preciosa em detrimento da palavra precisa. As incoerências, os exageros e as deformações resultantes não só chegam a dificultar a transmissão do pensamento, como vêm criando obstáculos a uma sistematização de suas idéias. A análise dessas dificuldades de leitura, ordenação e compreensão do material levantado apontou para uma inesperada interferência da forma.

A obra explosiva e polêmica da educadora mantém um teor doutrinário e pretende, ora explícita, ora implicitamente, desmistificar vários níveis da realidade, para conduzir a um mundo melhor. Isso é feito sem comedimento, oscilando entre frases elaboradas e figurativas e um discurso substantivo, quase sempre em tom retórico, mais para ser dito que para ser lido. O tom de discurso dos artigos e conferências poucas vezes deixou de passar para os livros. A todos os respeito e em quaisquer circunstâncias, mesmo quando parece se dispersar em revelações pessoais, o teor é "engajado" e didático, empenhado na missão de que a autora se sente investida.

Esse didatismo conteve sempre uma paixão acentuada, que se exprime pela eloquência. O trabalho educativo nunca parte da sistematização do conhecimento, despojada de emoções, ou da apresentação compartimentada de paixões extintas. Antes preocupada com maneiras de transmitir o saber, depois com a transformação das maneiras de conhecer e, finalmente, ao recusar caminhos prefixados, a autora revela o amadurecimento das contradições dessa paixão, que nunca chegou a se extinguir, mesmo quando se encerrou em tentativas de conhecimento de si mesma, como comportamento exemplar.

O silêncio, que as formas de autoconhecimento e de individualismo acabaram impondo, configurou-se como um meio lento de autodestruição, dado que se processou sobre "uma voz feita para falar"¹. Esse silêncio ligou-se ao aprofundamento na teoria esotérica do conhecimento e às oscilações entre esta e as explicações materialistas, com que respondeu às situações vividas, captadas ou selecionadas.

Ao testemunhar os poderes latentes no indivíduo e sua força de resistência aos diversos níveis de controle e repressão social, Maria Lacerda expôs-se à rejeição social em diversos níveis, e em várias frentes. Preservou o seu eu, afastando-se da família e da

¹ MOREIRA LEITE, Miriam L., Maria Lacerda de Moura: imagem e reflexo.

cidade natal. A independência que desejou manter dentro das associações feministas, das instituições culturais dos grupos políticos das agremiações espiritualistas não foi compreendida. Quer nos agrupamentos de origem, quer nos de adoção, a tolerância à dissidência mostrou-se limitada. Os mecanismos de defesa dos agrupamentos que se sentiram ameaçados pela diferença e pela independência foram acionados contra os atos de rebeldia e, depois, contra a rebelde.

A repressão social que lhe foi infligida manifestou-se de diversas formas — no afastamento e na rejeição pessoal², na dificuldade crescente de obter locais para conferências e jornais para publicação e no silêncio progressivo que se abateu sobre sua obra e sua pessoa.

O silêncio, neste caso, sem deixar de ser uma opção pessoal, não resultou somente de uma sanção social. Desde 1919, quando escreveu "Não festejo o maximalismo como não festejo a guerra e acrescenta: — como não festejo as mentiras forjadas contra os maximalistas"³, fizera desabar sobre si sanções oficiais, que se concretizaram em 1935; sanções políticas, que atingiram todos os grupos de ativistas que não aderiram ao Partido Comunista, em 1922; sanções sociais, que vêm coibindo as discussões sobre a condição feminina e a moral sexual; sanções dos vencedores, que se encarregam de ignorar, deturpar e fazer esquecer a palavra e a história dos vencidos. Acrescenta-se que, por lidar simultaneamente com poderes e perigos com força e significação desiguais (ciência/ciências ocultas), Maria Lacerda destruiu as categorias e os parâmetros com que seus leitores poderiam compreendê-la. Ao incorporar indiscriminadamente o tempo retilíneo da História, que implica uma crença de progresso material e humano inerente à ciência, e o tempo cíclico do pensamento místico, conquistou uma dimensão onde o novo e o velho se ligam a tal ponto que se torna quase impossível discernir o começo de um e o fim de outro. Mas reduziu drasticamente a comunicação com os leitores. O aprofundamento do conteúdo transmitido para um público letrado, leigo e politizado bloqueava o sentido dos escritos para o público envolvido no pensamento místico e vice-versa.

² "Por mim, não se incomode, nem cogite mais disso: continuo a pensar de acordo com a minha consciência, estimulada, cada vez mais após as recusas dos meus contemporâneos. (...) me submeto gostosamente às consequências dessa teimosia anti-social." MOURA, Maria Lacerda de. Resposta a Cid Franco. *O Combate*, 15 jun. 1928. n. 4 737, p. 3.

³ *Renovação*, p. 231.

Composta de emoções fortes e desencadeadas, que se apresentam às vezes por estribilhos e outras por citações em cascata, a rebeldia de Maria Lacerda exprimiu-se através de um estilo panfletário, onde a ponderação e a busca da expressão precisa cedem lugar a construções sonoras, de efeito retórico e contundente. O vigor, a insistência e a eloquência exprimem a consciência política e o impulso da participação social. Lança manifestos, não se propõe a análises comedidas.

"(. . .) quando eu escrevo os meus panfletos e nas entrelinhas não veem a minha alma essencialmente feminina na maneira de sentir e de viver — batizam-me com todos os adjetivos capazes de mudar o meu sexo (. . .)" ⁴

A argumentação que utiliza é persuasiva, embora nem sempre seja convincente. A indignação expressa em superlativos e construções hiperbólicas não basta para definir e analisar o objeto da mensagem, ainda que deixe claro o seu engajamento e a recusa à alienação.

"Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no côncavo da mão ao invés de deixa-lo escoar-se pela penna." ⁵

O que perturba mais a comunicação de seus textos são as interferências dos tempos — o tempo presente está sempre interferindo nas idéias, mas os olhos postos no futuro (outro tempo com outras coisas e outros pensamentos) ignoram ou rejeitam freqüentemente o passado.

Outro recurso de sua argumentação, que, como a utilização dos tempos dos verbos, inclui o envolvimento do interlocutor, é a utilização de expressões e referências aos trabalhos de seus "mestres" (Sócrates, Epicteto, Cristo, Gandhi, Tolstoi, Romain Rolland, Francisco Ferrer e, principalmente, Han Ryner) como fatos e verdades de domínio público, de um universo solidário e comum.

Quando se volta contra a literatura burguesa, onde só vê a "do sorriso da sociedade", em que a palavra é utilizada para o mascaramento róseo, justifica o "estylô" de seus trabalhos "escritos ao correr da pena", contrapondo "os destinos de um povo" ao "apuro da linguagem".

⁴ *Amai e . . . não vos multipliqueis*, p. 206.

⁵ *Renovação*, p. 232.

Há casos em que as frases chegam a não se completar — os relances de pensamento são rápidos demais para a morosidade do registro. A par de orações com sujeito, verbo e predicado, ocorrem sujeitos ou predicados que se acumulam e passam a atuar menos pela coerência que pela superposição. Não tem sequer a preocupação de alinhar cronologicamente as informações. Mesmo em transcrições de artigos, em livros, as correções e alterações verificadas pouco traduzem de uma necessidade de aprimoramento da mensagem. Toda preocupação concentra-se na ênfase ou no impacto do "protesto contra a mentira legalizada e social".

"Creio na influencia decisiva da palavra vigorosa, do protesto energico, da revolta do verbo candente de indignação — arremessando dardos de fogo nas consciencias adormecidas sob a influencia ancestral, contra o peso herculeo do passado." ⁶

O transbordamento emocional do estilo panfletário não transparece apenas na adjetivação. Ao grau do adjetivo, muitas vezes adverbiado, acrescenta a força do substantivo adjetivado redundantemente. Os ecos danunzianos são também romanamente voluptuosos. Esses encadeamentos resultam, muitas vezes, da intromissão do circunstancial em elaborações enfáticas. Denunciando a cumplicidade de Gabriele D'Annunzio e Benito Mussolini, fala "nas fímbrias da sua roupagem caricatural cesariana", comentando "Até parece que ele sabe que 'seu cabelo não nega . . .'" num capítulo que termina assim: "D'Annunzio e Mussolini — é isso o fascismo" ⁷.

Não bastasse os títulos das principais publicações seria possível selecionar outros encadeamentos igualmente incisivos, como "o delírio erótico de crueldade", "histrião nietzchiano", "a mais admirável mentalidade máscula revolucionária", "interessantíssima policia de costumes", "perdida no caos da invasão dos novos bárbaros", "os incendiários das idéias — intelectuais, jornalistas e cientistas domesticados, os 'trapeiros do pensamento', vendidos à violência, ao sectarismo, à política, à moral cômoda do bezerro de ouro", "perdidos na incognita de um ponto de interrogação indecifrável e sinistro", "à policia e à glória acadêmica de uma sociedade corrompida, falsa, imoral", fala a "uma juventude lombrosiana", sobre "proxenetas do pensamento", "caftens da litera-

⁶ *A mulher é uma degenerada?*, p. 144.

⁷ *Clero e fascismo — horda de embrutecedores!*, p. 33-48.

tura", "Himalaias de infâmias" e "sacrifícios ciclôpicos" de "cadáveres insepultos de idéias mortas".

O estilo dessa "destruidora de dogmas" apresenta ainda outra característica: consta de palavras e expressões recorrentes, encontradas nos jornalistas de entreguerras, como "moraliteista", "geena", "ácrata", "tartufismo", "panacea", "deliquescencia", "diátese", "apóstata" e "hecatombes", entre outras, onde estão intercaladas expressões do universo místico, como "forças e verdades bio-cósmicas", "escalada", "fé", "a grande evolução interior", "arcãos", "sabedoria rosacruziana", "ondulação bio-cósmica da vida", "Grande Ideal", "Pensamento Supremo", "Harmonia", "Grandes Mistérios".

Das palavras recorrentes nos textos, a massa e o rebanho para designar a multidão e o povo, transmitem uma conotação negativa. Influenciada pelos trabalhos de psicologia social de Gustavo Le Bon, considerava a ignorância, o conformismo e o servilismo atributos das massas e das mulheres. Até 1929, quando se aproximou do caipira paulista de Guararema e avaliou em "sua dor de pária" "a bondade do estoico"⁸, referiu-se ao caboclo brasileiro nos termos elitistas dos intelectuais e literatos que denominava, por sua vez, de "a massa formidável dos ignorantes que constituem o mundo cultivado"⁹. Ainda que tenha visto a multidão como moldável, submissa, servil e covarde (como os fascistas), apontou os pontos negativos do "rebanho social acarneirado" e até dos "livre-pensadores de rebanhos", em oposição ao conformismo e consenso cultivado pela Igreja, entre as ovelhas do pastor, como indicou também as limitações da "massa humana acarneirada" que o Partido Comunista se vangloriava de ter organizado (V. Transmitir, transformar, transgredir).

Em 1935, escreveu que "as palavras nada exprimem porque são as mesmas na boca de toda gente"¹⁰. Contudo o livro didático de 1940¹¹ exprime, nos textos para leitura e nos exercícios de composição e análise léxica e sintática, um zelo profissional. A apresentação do texto de José Oiticica, "Estilo", confirma preocupações com a comunicação e a expressão diversa de um fluir

verbal incontrolável. Os demais textos indicam permanente interesse pela formação e pela auto-educação, revelando uma leitora atualizada e consciente das potencialidades da linguagem e de sua utilização adequada. O número surpreendente de exercícios, conquanto orientados para o desenvolvimento da percepção, com escolhas livres de alternativas ou de solução de problemas compõe um instrumento eficaz de ensino do idioma. Superara a contradição proposta em 1919:

*"Acho que muito devemos cuidar da lingua, da forma, do estylo, porem agora, não se trata de literatura e sim da civilização, da felicidade colectiva"*¹².

Alguns aspectos da forma utilizada nos escritos acompanham as oscilações parciais e globais do pensamento da escritora. Enquanto acreditou na ciência e em suas leis como fonte das verdades em benefício coletivo, seus artigos, livros e conferências, sempre com eloquência panfletária, conservaram um teor dissertativo, procurando apresentar um encadeamento lógico de idéias. O conflito entre a Igreja católica e a ciência (o livre exame e a procura da verdade) é mencionado diversas vezes e deixa clara uma valorização confiante na ciência.

Após 1926, sob inspiração crescente de Tolstói, Gandhi e Han Ryner, passa a denunciar os perigos da "ciência sem consciência", cujas descobertas acabam açambarcadas pelos interesses industriais, para suas conquistas bélicas. "Para dar tempo ao tempo, matam os desocupados. É uma solução..."¹³

Enquanto a natureza e suas leis passam a constituir a fonte da sabedoria, a ciência se torna a fonte da destruição, da civilização industrializada, necessitada de se ver livre dos 75 milhões de sem-trabalho (1935). Essa alteração de perspectiva diante da ciência, no interior da rebelião contra uma sociedade impura, alimenta um estado crônico de indignação. O encadeamento lógico ou psicológico dos primeiros textos pressupondo um universo comum de discurso com o público se altera à medida que se aproxima dos adeptos da suprema resistência. Os textos deixam de ser dissertações, para tomar a forma de parábolas, alegorias e preceitos, como muitos textos sagrados, que não pressupõem um interlocutor, mas a revelação transmitida a crentes. Os registros em artigos e

⁸ Santo Antonio. *O Combate*, 18 jun. 1929. n. 5070, p. 4.

⁹ *Civilização — tronco de escravos*, p. 197-8.

¹⁰ *Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital*, p. 211.

¹¹ *Português para os cursos comerciais*, p. 168-70.

¹² *Renovação*, p. 111.

¹³ *Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital*, p. 207-8.

livros da crítica e o silêncio com que a imprensa de grande e pequena tiragem¹⁴ passou a recebê-la, tornou-se mais amplo.

O teor e a forma da rebeldia contém aspectos de sua manifestação, que podem ser desdobrados ao se verificar aonde levam a infidelidade ou a fidelidade da rebelde, às condições e processos sociais contra que se insurge. A particularidade dessa rebeldia é não ter se fixado exclusivamente no domínio público ou no privado e ter exercido a liberdade de pensamento simultaneamente, de um lado, aos princípios da razão e da historicidade, e, de outro, às aspirações ao mistério da revelação de forças que não admitem questionamento.

A rebeldia, no caso de Maria Lacerda, significou a recusa da submissão sucessiva ou concomitante aos diferentes agrupamentos sociais — família, escola, cidade, classe social, partido político, Igreja e Estado — que proporcionam a seus membros um consenso, uma uniformidade de linguagem e um quadro de referências que os unifica. Essa uniformidade tranqüiliza os membros do grupo ao criar um discurso único, que passa a ser instrumento de integração, para explicação do real e regulamentação dos canais de ação. Como para cada um desses agrupamentos o modelo estabelecido afasta-se de maneira diversa da realidade, o trânsito entre um e outro modelo e entre o modelo social e a realidade tende a ser inviável.

Para os cultores da ordem ou do alinhamento dentro de cada uma dessas engrenagens sociais, as rupturas são consideradas intransponíveis. Não supõem, nem aceitam transfigurações da desordem, a unidade de condições heterogêneas, nem o sentido de transformações individuais ou coletivas — evolutivas ou revolucionárias. São tão fortes as pressões internas dos diversos grupos para manter coesos e obedientes os seus membros, que mal se têm avaliado, historicamente, as precárias condições de êxito oferecidas pela insurgência às constelações sociais. “A história ainda despoja os que tudo perderam e cumula ainda os que de tudo se apoderaram”¹⁵, embora seja possível considerá-la um processo cumulativo de rebeliões e revoluções.

Duas características da autodidata refletiram-se na rebeldia manifestada na vida/obra de Maria Lacerda de Moura: o isolamento e o ecletismo. Sempre se manteve (e foi mantida) isolada, dentro dos diferentes grupos de que proveio ou a que aderiu. Nem sequer encontrou espaço na geração das normalistas intelectuais das primeiras décadas do século XX. Decorrente também desse relativo isolamento, a pobreza, a falta de formação cultural do ambiente proporcionavam-lhe leituras múltiplas, mas ocasionais, e uma aglutinação de tendências, comum entre os intelectuais da Primeira República. A insurgência solitária ou minoritária contra a autoridade, pelo protesto contra a ordem imperante, alimentando “um sentido revolucionário como a matéria simples busca a forma”¹⁶, foi o caminho por que optou, lúcida e às cegas.

Na comunidade de Guararema (1928-37) propunha a deserção da sociedade como

“atitude serena, imperturbável e tenaz e persistente no campo das ideias e dos sonhos de liberdade, a atitude delineada no gesto magnífico do Mahatma Gandhi — esse formidável precursor do novo método de luta que as almas bem nascidas tem de empregar contra as forças negras do passado reaccionário.

*A “suprema resistência” ou não-violência ou não cooperação é o único e último caminho aberto para novos destinos humanos. É a “acção direta”, é uma acção e a mais potente como a mais nova das acções, no dizer de Romain Rolland. Não é a resignação passiva, é justamente a atitude do verdadeiro combate, é o combate contra as tyrannies interiores, e o combate das almas, a luta no campo mais alto das ideias e dos sentimentos humanos — que a humanidade atravessa a crise suprema de um passado fossilizado, de cadáveres insepultos e de uma possibilidade luminosa, debatendo-se no meio dos crimes e dos erros de lesa-felicidade de todo o género humano”*¹⁷,

pois

*“A violência revolucionária é inteiramente impotente para resolver a questão social. A questão social é precisamente a supressão de toda violência, de toda autoridade. Não se cura o alcoolico mudando a forma de seu copo” (O Pensamento de Tolstoi)”*¹⁸.

¹⁴ “(...) não é a primeira vez que me pedem entrevistas para não serem publicadas. São momentos de trabalho, por vezes solicitados insistentemente, como aconteceu, há pouco com o sr. . . ., e que desaparecem, quase sempre sem deixar vestígios. Desta feita, ficou-me a entrevista: poderia ter sido muito pior.” Carta aberta a Cid Franco. *O Combate*, 12 jun. 1928. n. 4 734, p. 3.

¹⁵ MERLEAU-PONTY, M., *Sinais*, p. 8.

¹⁶ CAVALHEIRO, Edgar, org. *Testamento de uma Geração*.

¹⁷ *De Amundsen a Del Prete*, p. 11, 49; *Han Ryner e o amor plural*, p. 284-6, respectivamente.

¹⁸ *Han Ryner e o amor plural*, p. 283.

Considera-se rebelde desde 1919, como livre-pensadora.

Em 1926 afirmou que

*"O remedio não é o suicídio, é a rebeldia, é o protesto consciente, é o exemplo perseverante da lucta pela vida, é a convicção de que outra moral virá substituir essa moral de escravos"*¹⁹.

Essa rebeldia reafirmou-se pela recusa crescente à convivência. Adiantou alternativas sociais às que lhe eram oferecidas, não cedendo

*"à comodidade e ao alívio intelectual que se sente ao fugir de um dilema trágico e penetrar num sistema fechado de crenças, que não deixa espaço para dúvidas ou vacilações; a atração da ordem militante dos santos e mártires modernos com seus rituais secretos e sua hierarquia apostólica, finalmente, o vínculo psicológico ou situações de transferência, que ocorrem quando os prosélitos da ordem atuam como guias espirituais do convertido em potencial"*²⁰.

A negação sublinhou a sua rebeldia, afirmada através da vida.

*"Não pertencer a nenhum partido, não pontificar nem servir em nenhuma grei, não exercer nenhum apostolado religioso, político ou social, não ruminar em nenhum rebanho academico ou moraliteista, não beber a água da vida de nenhuma seita filosófica ou escola científica, filológica ou estilizada, clássica ou moderna."*²¹

Pois se pergunta se a humanidade tem lucrado muito com esse instinto de obediência. Não são os rebeldes, os "indisciplinados" os fatores do progresso e de conquista social?

*"Não sou revolucionária no sentido da revolução para uma organização social mais equitativa. Já tive, sim, essa ilusão. Cheguei, porém, à convicção, ou aprendi a tempo que os homens, em nome do Amor e da Justiça, em nome da Solidariedade Humana, em nome da Fraternidade Universal, em nome da Liberdade, da Igualdade, em nome de Deus, em nome das Cruzadas Religiosas, em nome da Honra, em nome do Direito, da Patria, da Civilização se estraçalham como animais ferozes. Pregando o advento da Paz, fazem a guerra."*²²

"Negar como afirmar é erro lamentavel, é prova cabal de tendencia autoritaria e mandonismo."

*Nesse erro doloroso estão caindo os revolucionarios de todos os matizes avanguardistas."*²³

A recusa das verdades organizadas, no nível individual, do social ou do político ampliou-se cada vez mais, abrindo espaços crescentes à revelação dos mestres (Sócrates, Epicteto, Cristo através de Han Ryner) e à busca do autoconhecimento por meios místicos, nas ciências ocultas. As negações abrangem uma amplitude tal que pouco acaba sendo afirmado, e também sob a forma negativa:

"Abster-se de toda função pública de ordem administrativa, judiciaria, militar; não ser prefeito, juiz, policia, oficial, politico ou carrasco. Não aceitar funções que possam prejudicar a terceiros. Não ser banqueiro, intermediário em negócios, explorador de mulheres, advogado, explorador de operários. Não ser operário de fábrica de munições ou armas de guerra, não ser operário de jornaes clericas ou fascistas (difícil!...) Recusar ser instrumento de iniquidades. Sacrificar o corpo, se for preciso — do número de cousas indiferentes para o estoico — afim de não sacrificar a razão, a liberdade interior ou a consciência.

Não denunciar, não julgar, não reconhecer nenhum idolo — nem reacionario, nem revolucionario. Não matar. Resistencia ativa, ação direta, a nova tatica revolucionaria de suprema resistencia ao mal: a não-violencia.

Ai está um programa mínimo de não-cooperação. Quem o puder seguir... que heroísmo!

O governo de hoje tanto é um produto da organização social capitalista que estamos assistindo ao espetáculo deprimente do sabujismo do Estado, de joelhos ante a potência açambarcadora do Capital.

*Dai o imperialismo da libra e do dolar (1935). É ingenuidade, suprema ingenuidade, qualquer tentativa social — pela violencia, contra os imperialismos. Lá está a China martirizada pelo Japão. Se são os imperialismos economicos que fornecem o dinheiro e as armas para governos e rebeldes!"*²⁴

As afirmações da rebeldia aparecem mais em posições assumidas e na divulgação dos mestres (ou guias). A independência de pensamento que sempre exerceu não impediu que manifestasse uma aceitação integral e acrítica dos mestres, cuja divulgação levou-a a revelar algumas das verdades deles que aceitou como suas²⁵. Traduziu e escreveu uma introdução à *Apologia de Sócrates*. Epicteto

¹⁹ Ferrer, *o clero romano e a educação laica*, p. 60.

²⁰ Koestler, Arthur, *Autobiografia; el camino hacia Marx*. v. 2, p. 107.

²¹ Amai e... não vos multipliqueis, p. 45.

²² Ibid., p. 15.

²³ Ferrer, *o clero romano e a educação laica*, p. 60.

²⁴ Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital, p. 202-3.

²⁵ Incorpora-se aos apóstolos, levados a difundir a palavra dos mestres.

¹⁹ Religião do amor e da beleza, p. 158.

²⁰ KOESTLER, Arthur, *Autobiografia; el camino hacia Marx*. v. 2, p. 107.

²¹ Amai e... não vos multipliqueis, p. 45.

²² Ibid., p. 15.

lhe forneceu lemas e epígrafes estoicas; Cristo é considerado o maior e o único anarquista; Gandhi, a Grande Alma, é seu mentor. No nível de figuras exemplares, o educador espanhol Francisco Ferrer, criador da Escola Racionalista, e o escritor anarquista Han Ryner foram apoios, reveladores e meios para que ela se conhecesse e se exprimisse. E foi através de Pitágoras que transmitiu sua mensagem final.

Após anos de labor numa escola comercial do Rio de Janeiro e em estudos de astrologia, pronunciou na Fraternidade Rosa-Cruz Antiqua, aos 57 anos, a conferência *O silêncio*. Comentou Pitágoras como

"o maior sonhador da Fraternidade Universal e do verdadeiro comunismo de Cristo, em que tudo deve ser de todos e em que cada qual deve dar o máximo para o bem estar geral, sem a mais insignificante parcela de ambição pessoal ou de vaidades tolas e pretenciosas.

*É Pythagoras o chamado Filho do Silêncio, aquele que, no silêncio das suas meditações, descobriu que o triângulo é a base de todas as cousas no mundo divino e o fundamento do mundo das formas. Do triângulo e do quadrado, o grande Geometra descobriu os segredos da natureza inteira, os mistérios iniciativos, e foi dessa meditação silenciosa consigo mesmo que originou sua idéia de seguir para o Egito e buscar os Hierofantes para estudar os Grandes Mistérios. Queria a ciência como base de qualquer sociedade humana, para a compreensão dos mistérios divinos"*²⁰.

A rebeldia da jornalista e educadora, acentuada em suas conotações negativas, foi sempre destacada por seus opositores, tanto do governo e do clero, como dos agrupamentos fascistas, anarquistas e comunistas. Seu lado conservador e conformado raramente foi salientado. Sob diversos aspectos, exprimia aspirações comuns a extensas camadas urbanas nas décadas de 20 e 30. A crença na educação como meio de transformar a sociedade ligou-a aos anarquistas, como já a ligara anteriormente aos projetos nacionalistas dos Pioneiros da Educação (Sampaio Dória, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Carneiro Leão e Lourenço Filho).

Os combates ao autoritarismo que desencadeou se distinguiram pela reação ao abuso do poder, através da opção pela não-violência. Contudo seu projeto educacional não prescindia, antes estimulava a disciplina imposta e a autodisciplina dos educandos. Fez uma oposição frontal ao fascismo — que prega a violência —

²⁰ *O silêncio*, p. 24-5.

e ao dogmatismo dos regimes autoritários. Contudo, quando manifestou publicamente o repúdio ao filho adotivo, que se tornara integralista, deixou de lado a defesa da liberdade individual. O dogmatismo transparece também na dicotomização a que submeteu o mundo, denegrindo sem nuances os opositores (os *outros*), em função da valorização do *nós*, de que estava participando. Reproduziu, pois, em parte, as técnicas de propaganda tão desenvolvidas no entreguerras, na polarização dos campos políticos. Generalizava seus projetos políticos, depreendendo-os do encadeamento histórico, a fim de torná-los universais e permanentes.

A volta à terra como recusa à urbanização e ao capitalismo industrialista, por mais que tenha concretizado sua opção mais revolucionária, era um projeto bastante difundido nas décadas de 20 e 30. Os fazendeiros a apoiavam, e o próprio aparelho estatal, a que Maria Lacerda se opunha, apresentou propostas oficiais de formação de novas colônias agrícolas. As dificuldades de habitação em cidades médias e grandes e os desajustes da população rural que se encaminhava para elas estavam preocupando as autoridades, que viam na "volta ao campo" uma das soluções para reduzir o exército de desocupados ou subempregados que circulava pelas cidades.

Mas talvez seja possível afirmar que a maior contradição de Maria Lacerda tenha se expressado pela oposição sucessiva à liderança (na escola, na família, nas associações femininas), concomitante à manifestação de uma força missionária, que nunca a abandonou. A militância em que se empenhou, até quando se impôs o silêncio, revela diversos graus de autoritarismo, a que se opunha formal e decididamente. Mesmo quando sonhava com a harmonia universal e com o sorriso da dúvida, as polêmicas que desencadeou e os conflitos provocados exprimem um descompasso entre a agressividade de sua atuação como desmistificadora de dogmas e a paz entre os homens, pela fraternidade de *eus*, a que aspirava.

É possível supor que, além da adesão sucessiva a *nós* diferentes, Maria Lacerda não tenha conseguido uma integração num *nós* (afirmava-se individualista e anti-social). Já os *outros*, a que se opunha, sempre estiveram muito nítidos e integralizaram sucessivamente os aspectos negativos de diferentes instituições e sistemas, sem diversificações ou nuances.

O apoio à pequena propriedade está documentado pelos artigos de 1929, sobre a Crise do Café, e por sua participação na comunidade de Guararema. Contrapõe a pequena propriedade ao

capitalismo industrial, acrescentando a contraposição e caracterização do comércio como atividade improdutivo e a aspiração a trocas sem dinheiro. Os comunistas tacharam de confusa e reacionária essa concepção cristã que Maria Lacerda apresentou da propriedade e do trabalho, onde incluía o alarme com o capital financeiro e a previsão da guerra mundial, a partir de mecanismos do comércio internacional.

Patrícia Galvão, jornalista e militante, antes, do Partido Comunista e, depois, do Partido Socialista, fez, em 1931, uma referência a Maria Lacerda, ridicularizando com requintes literários o neomalthusianismo, em nome das soluções soviéticas para os problemas da moral e da sexualidade²⁷.

Em suas investidas contra os literatos, não se encontrou qualquer menção de Maria Lacerda aos modernistas. Embora a forma adotada em seus escritos se aproxime da dos pré-modernistas, partilha com os modernistas o gosto pelo sobressalto do leitor. Uma e outros apreciavam "épater le bourgeois", se bem que, nela, jamais apareça o sentido de humor com que os modernistas desenvolveram o gênero.

*

A vida e a obra de Maria Lacerda de Moura nos transmite, afinal, todo um conjunto de condições históricas e ideológicas de uma parte despossuída e negligenciada da população — a mulher de classe média de poucos recursos, que procura caminhos de sobrevivência e explicações lógicas ou ocultas tanto para sua integração como para a superação dessas condições. Essa negligência funciona também como elemento repressivo, da parte do poder político e da parte do saber reconhecido.

A busca de um mundo novo como espaço livre, onde reinaria a harmonia e a concórdia, afastado das contradições e injustiças do mundo capitalista, continua a ser feita, como o fizeram os fundadores e desertores das comunidades utópicas. Essa busca, realizada concretamente em Guararema por Maria Lacerda de Moura,

²⁷ "O batalhão 'João Pessoa' do feminismo ideológico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor actuar no proximo Congresso de Sexo."

GALVÃO, Patrícia [Pagu]. Maltus-Além. *A Mulher do Povo; O Homem do Povo*, 7 mar. 1931, n. 1. Apud CAMPOS, Augusto de. org., *Pagu: vida e obra*, p. 81.

tem prosseguimento com a busca do autoconhecimento como solução individual e mística.

Desde pelo menos 1516, quando Thomas Morus apontou que "a natureza, mão diligente, pôs o melhor ao nosso alcance — o ar, a água, a terra — enquanto ocultou profundamente o vão e o inútil", vêm nascendo e morrendo comunidades que pretendem reviver essa harmonia natural. Os fracassos sucessivos de comunidades, seitas ou fraternidades, que são absorvidas e deturpadas pela atração irresistível e poderosa do sistema capitalista ou exterminadas como incapazes de realizar a transformação global desejada, nunca impediram o seu renascimento ou galvanização em novos locais, sob novas modalidades. Afinal, a busca da Terra sem Males, entre os índios Guarani, pode também ser considerada como uma modalidade desse mesmo caminho, dos que estão marcados pela posição marginal no sistema amplo de poder para suportar uma condição social bloqueada e patética.

Em muitas das comunidades utópicas de que se tem notícia, a família burguesa e o casal monogâmico, mesmo nos casamentos temporários, foram contestados como o núcleo original dos egoísmos e das injustiças sociais. A condição feminina foi revista, procurando-se meios de romper o seu caráter de propriedade privada e de superar sua absorção pelos encargos da família, por uma participação comunitária em todos os encargos e na criação dos filhos de quem quer que fossem. Formas cooperativas e libertárias de comunidades resistiram, florescendo e definhando, mesmo depois do modelo bolchevista ter se arvorado em concretizador, em grande escala, da Utopia, reduzindo ainda mais o espaço das pequenas comunidades.

Ainda que o silêncio tenha relegado ao esquecimento o pensamento e a prática da rebeldia de Maria Lacerda de Moura, durante cinquenta anos, ainda que muitas de suas posições com referência à condição feminina no casamento e na família tenham sido datadas (por um período de práticas anticoncepcionais precárias e em que as ditaduras estimulavam o aumento da população, para aumentar seus contingentes bélicos), ela estabeleceu uma articulação, hoje retomada, entre os sistemas repressivos da mulher e da criança, nos pequenos grupos, e os sistemas mais amplos de poder político e econômico. Delineou, dessa forma, através da expressão múltipla e variada de formas de rebeldia, uma das posições que os movimentos feministas atuais recuperaram.

APÊNDICE

1 Registros biográficos

1.1 Autobiografia *

Nasci a 16 de maio de 1887, em Manhuassú, Minas Geraes. Aos 5 annos de idade fui para Barbacena (Minas Geraes), onde estudei as Primeiras letras em um collegio de Irmãs de Caridade. Durante os 4 annos em contacto com a religião catholico-romana, eu quiz ser irmã de caridade e sonhava todo aquele mysticismo dogmatico; entretanto era mais medo do inferno do que tendencia religiosa estreita. Lembro-me mesmo que nas minhas concentrações infantís, em torno das torturas do inferno, eu imaginava que, si lá fosse ter, immediatamente passaria para o lado dos demonios. Preferia, portanto, martyrisar a ser martyrisada...

Bello despertar espiritual!

Meu pae, anti-clerical, espirita convicto, quando sentiu, talvez, que essa educação teria influencia sobre nosso espirito, (meu e de minha irmã, mais moça do que eu), tirou-nos do collegio, onde tambem, apesar de minha pouca idade (dos 6 aos 10 annos) percebi o espirito de classe, de casta e a injustiça com que os catholicos estabelecem a differença economica e de dominismo entre os collegiaes e respectivas familias, no trato aos ricos, aos potentados, e, no desprezo e exploração para com os pobres, os humildes e os de cor. Foi uma das bellas experiencias de minha vida. E quem sabe a sabedoria com que meu pae agiu, confiante em si mesmo, para, com o exemplo, nos apontar rumo diverso? Não sei. Experiencia que eu não tentaria de modo algum.

Da religião catholico-romana passei a frequentar sessões espiritas! Li, conheci de perto o que é o espiritismo religioso de sessões e preces e mediumnismo, sob todos os aspectos.

O medo do inferno foi substituido pelo pavor dos "espiritos"! Criei-me apavorada, numa athmosphera de horror e crença.

Em breve, uma mistura de catholicismo e espiritismo baillava no meu espirito de criança.

Mas, predominava em tudo — o medo.

Com a puberdade, vieram tambem as manifestações estudadas em Freud, as quaes me assaltavam á noite em pesadelos em que tudo se confundia: inferno, demonios e despertar sexual. Acordava horrorizada com os meus "pecados"... E o systema nervoso ressentiu-se fortemente e o desequilibrio occasionado por tantas e tão continuas emoções e outras mais (que não vem ao caso narrar), devidas á educação tambem baseada no medo dos castigos severos e até mesmo castigos physicos, esse desequilibrio nervoso, além de diathese, de hereditariedade nervosa, accrescida com a vida sedentária de estudos livrescos, desde a mais tenra idade, provocou cedo a "surmenage" no meu temperamento vibrante, exaltado, refreado por uma timidez doentia que me isola de tudo e de todos.

Essa necessidade de expansão cercada pela educação, depois, subjugada pela deslealdade de companheiras e pelos castigos injustos na escola, e no lar, me ensinou, muito cedo, a viver dentro de mim mesma. Senti que ninguém me compreendia. Minha timidez era ridicularizada por todos, a proposito de tudo. Deu isso em resultado quasi a misanthropia. Dias inteiros eu passava, desde muito criança, sem dizer uma só palavra. Depois, quando me interpellavam, tinha difficuldade em me exprimir: cultivavam a minha timidez!

Que esforço, mais tarde, para lutar commigo mesma!

Estudei, depois, na Escola Normal de Barbacena, onde fui professora de Pedagogia e Hygiene. Meio estreitissimo. Professores na maioria catholicos, nem uma idéa. Disciplina de rebanho.

Casei-me por amor aos 17 annos de idade.

Em 1912 comecei a esboçar chroniquetas para um jornal local. Depois, apontamentos de Pedagogia para as minhas alumnas.

Em 1913 comecei a lucha de idéas com uma pessoa de minha familia! Precisava "mais moderação". "Que expressões são estas?" "Certas verdades não se dizem". "Mais cuidado". "Não fica bem". "Você vae mal..."

Que lucha interior e que lucha mantive com o "que poderão dizer?"

Em 1921 vim para São Paulo.

Um grupo de senhoras de Santos e São Paulo me veio procurar para fundar a "Federação Internacional Feminina". Dois annos de experiencias diárias me fizeram recuar "para todo sempre" de associações femininas. Hoje de quaesquer associações...

Já havia publicado "Em torno da Educação" (sic) (que horror! livro patriotico, exaltado, burguesissimo, cheio de preconceitos e dogmatismo. Não o reconheço mais.

Foi muito bem recebido pela critica, applaudidissimo (pudera!) Si era a defesa incondicional da sociedade vigente!) José Oiticica viu nelle algo que lhe interessava sob o ponto de vista de uma futura rebelde. Conheci-o através de larga correspondencia. Veio para mim

* Reproduzido de MOURA, Maria Lacerda de. Auto-biographia. *O Combate*, São Paulo, 3 ago. 1929. n. 5 110, p. 3.

com as mãos cheias de literatura revolucionaria. Sorvi tudo aquillo e muito mais e dei um salto na minha evolução. A familia alarmou-se. Novas luctas. Perdi o dogmatismo religioso espirita. Já era anti-clerical.

Mas, o materialismo anarchico revolucionario me não bastava. Chaos interior. Mais ou menos na mesma occasião (1918-1920), como eu conhecesse o general Raymundo Pinto Seidil através da "Liga Barbacense contra o Analphabetismo", para a qual dei muito de minha energia, e como esse grande e admiravel amigo visse em mim (illusão!) a actividade no campo de acção de Annie Besant, presentou-me com uma collecção de obras theosophicas. Li tudo, maravilhada.

Ao mesmo tempo os positivistas me mandaram do Rio, por intermedio da minha querida amiguinha Rosalia Teixeira Mendes, uma collecção de obras positivas e o grande Teixeira Mendes continuou a me fornecer leituras desse genero. E eu lia sem interrupções, offegante, enamorada do mundo novo "descoberto" pelo meu espirito, ávido de conhecimentos.

Rousseau me fez vibrar de enthusiasmo me fez chorar de commoção. Mas insatisfeita. Lucta interior, ruínas e escombros, porém, nem um pequenino alicerce...

Em 1920 tive o grande prazer de conhecer meu nobre amigo Angelo Guido e suas mãos e seu coração transbordavam de espiritualismo mais alto e amei profundamente a Schuré, Mabel Collins e Jinarajadasa. Senti tregua interior.

Logo após, uma lucta maior, muito mais séria me levou ao paroxismo da exaltação. Soffri.

Um salto na escalada da minha evolução, a angustia e o despertar da vida interior, a alegria de viver intensamente dentro de mim mesma. O que foi o período de minha vida intensa, desde 1919, quando publiquei "Renovação" até 1926, nunca ninguém poderá saber: só a minha vida interior poderia dizel-o e, hoje, sem o clarão e a intensidade do mundo projectado.

Quando parecia, a mim mesma, exausta de forças, sem fé religiosa, sem crença de espécie alguma, sem confiança no sonho revolucionário, fora já das sociedades a que havia pertencido, tendo mesmo me ausentado da Sociedade Theosophica, da "Co-maçonaria", de tudo quanto precisa de ritual e espirito religioso estreito, das associações femininas e masculinas, depois de haver publicado a revista "Renascença" durante algum tempo (que lucta!) depois do excesso de trabalho e excesso de emotividade, veio o periodo amargo de desalento e fraquesa physica e duvida e amortecimento.

A mim me veio a intuição de que era inutil todo esforço pro-sociedade.

Em que trabalhar?

Como evoluir?

Qual a solução para os problemas humanos?

Onde encontrar uma nesga de felicidade?

Como servir ao genero humano na sua evolução?

Onde está a verdade?

Como encontrar a paz interior?

Já havia publicado "A Mulher é uma degenerada".

E foi nesse periodo de desalento, no meio dos escombros de ruínas após o enterro de tantas illusões e de todas as esperanças que publiquei "Religião do Amor e da Belleza". É um livro cheio de contradicções. O primeiro capítulo choca-se com o segundo. Um grande amigo, estudante nesse tempo, Jurandyr Manfredini, em a imprensa de Curytiba, posto não tenha penetrado bem o fundo do meu pensamento e a minha sensibilidade, encontrou esse desequilibrio. Foi uma nova phase da minha evolução. Um dia hei de estudar, em auto-critica, essa phase e esse livro que é um grito de dor, o affirmar de novas possibilidades interiores para uma escalada mais alta. Logo depois de publicado o livro, acotovelei a tutela e o dominio de forças que me traziam acorrentada e respirei livremente mais uma etapa de vida. Quantos prejuizos, quantos preconceitos, quanta ideologia, quanta idéa erronea, sob a forma de arte, de belleza, de grandeza moral nos escriviza na razão e no coração!

"Religião do Amor e da Belleza" me trouxe além da exaltação dos adversários, outros amigos e outros sonhos. Entre a correspondencia de applausos a esse livro, um dia me veio uma carta admiravel de A. Néblind, e o poema da vida interior de Florian-Parmentier "La lumière de l'aveugle".

Fiquei encantada. Foi como um banho de luz por sobre o meu ser dilacerado. A. Néblind encontrou, no meu livro, algo de harmonioso com o poema do grande francez.

Melhor do que ninguém, vira a amargura das paginas de "Religião..." e mandou-me um raio macio de luz para aquecer o meu desespero. Em seguida me trouxe o coração incommensuravel de Han Ryner e a sua sabedoria profunda e poz na minha mesa de trabalho essa obra magnifficia de belleza ethica, a philosophia do sorriso da duvida e da musica do sonho.

E com Han Ryner me veio a calma. Han Ryner me trouxe o desejo maior de uma purificação interior bem mais alta.

Com Han Ryner me veio a solução desejada.

Só agora, parece, penetrei um dos segredos da Vida.

Só agora senti o problema humano.

É o subjectivismo, é o "individualismo da vontade de harmonia", é o "Conhece-te a ti mesmo para aprenderes a amar", é o individualismo neo-estoico de Han Ryner que me illuminou a consciencia e me deu a noção mais alta da liberdade ethica.

Fraternismo e subjectivismo, amor e sabedoria, Jesus e Epicteto! Conhecer-se, realizar-se — para aprender a amar.

E tenho o direito e o prazer de sonhar a minha metaphysica livre. E digo com Han Ryner: "O sim dogmatico e o não dogmatico estão

bem perto um do outro. Sem o sorriso da duvida e a musica do sonho, nenhuma liberaçãõ é completa! Nem affirmar, nem negar: — sonhar”.

Livre de escolas, livre de igrejas, livre de dogmas, livre de academias, livre de muletas, livre de prejuizos governamentais, religiosos e sociaes.

Tãõ anti-social quanto possivel.

Resta o conhecer-me para tentar a minha realizaçãõ. Um novo ponto de partida . . .

*

A meu pae devo multissimo do meu character. Venero a sua memoria como qualquer cousa de santo dentro de mim mesma. Era uma alma grande, incompativel com a vida social.

Minha mãe tem orgulho de sua filha, orgulho de mãe . . . solidaria com as minhas idéas, incondicionalmente, harmonizando-as materialmente com os prejuizos de sua educaçãõ, das tradições e da rotina . . .

Meu marido — meu maior amigo, o mais dedicado, o que mais soffreu e o que mais lucrou, subjetivamente, através do esforço da minha evoluçãõ.

Uma dupla tragedia interior e o sentido mais alto da vida — além dos preconceitos da familia de sangue ou da familia legal. Nobre confidente, mas, não apparece na minha vida intellectual. O “marido” da escriptora perde a sua individualidade. Aliás, todo “marido” . . . é uma instituicãõ completamente desmoralizadora. Até a “Tró-l-o-ló” classificou-o de “vira-lata”! . . .

Si o marido ordinario, o marido comum é o “cachorro vira-lata” — que sorte está reservada ao marido da escriptora, ao marido da poetisa ou da pianista?

Assim, meu marido, pelo seu nobre character, e eu, defendendo a minha dignidade de ser livre, talvez acabemos nos divorciando dessa comedia do casamento legal.

Para sermos amigos não precisamos o sello do Estado. O divorcio tanto me interessa como o casamento: dispenso a lei na minha vida affectiva. Não. Dispenso na minha vida, todas as leis escriptas. Mas casamo-nos quando não tinhamos idéas. Hoje, para o heroismo de procurar pensar e procurar harmonisar a vida do pensamento com a açãõ, para nos defendermos da sociedade legal, para que a gente conserve a sua dignidade de ser humano — é preciso ir contra a lei, protestando si ella nos acolhe nas suas malhas, antes da idade da razãõ.

É preciso aprender a desligar-se, cada vez mais, do rebanho social.

E meu marido terá o prazer e a independencia de deixar de ser apenas o “marido” — para ser considerado em si mesmo, como homem, uma criatura, um ser livre. Elle o quer e bem merece pela sua belleza interior.

E eu me desvencilharei das leis conjugaes que me reduzem à categoria de propriedade privada de um cidadão, que me rebaixam à

categoria de cousa, objecto, à situaçãõ deprimente de protegida e tutelada, sujeita à vontade e aos caprichos do “marido” e ao rigor das leis, como “esposa”.

Decididamente, temos que apellar para o divorcio — porque somos amigos e porque um sabe respeitar a dignidade humana do outro.

Marido, “cabeça do casal” . . . É ridicula a minha situaçãõ de “esposa perante a lei e a sociedade”, aceitando, com a acquiescencia do silencio ou do conformismo, uma posiçãõ deprimente para a minha consciencia de individualista. Nem eu me intitulo “cabeça” de cousa alguma, nem me sujeitaria ao papel de director espiritual ou director de consciencia ou “protector” para pensar pelos outros e nem a minha consciencia acceita a idéa de estar sob a direcçãõ de qualquer “cabeça”, governada ou protegida ou tutelada por uma “cabeça” que a lei me deu . . .

*

É isso auto-biographia? A minha biographia eu a vivo no silencio da vida interior.

Os factos exteriores nada importam: valem pelo despertar da consciencia, após uma das tragedias interiores.

E a belleza dessas tragedias muito intimas, no scenario dos abismos de luz e sombra da alma humana, está no silencio sobre em que se desenrolam dignamente, mudamente, iluminando o ser, na sua trajetoria pela Vida em busca de uma libertaçãõ cada vez mais alta, para uma escalada além do Tempo e para além do Espaço . . .

— Maria Lacerda

São Paulo, Desembro de 1928.

1.2 Profissãõ de fé *

Em um dos últimos discursos do chefe nacional integralista, Plinio Salgado, discursando contra a monstruosidade do projeto de lei de defesa nacional, mostrou-se confiante de que tal lei não poderá ser regulamentada ou nem mesmo passará em discussãõ, porque, filhos dos atuais dirigentes do país estão nas fileiras integralistas.

Cita por exemplo o filho do atual ministro da Marinha. E conta que Getulio Vargas, perguntando ao ministro e intelectual Ronald de Carvalho o que pensava do integralismo, o “príncipe” dos prosadores brasileiros respondeu, ao presidente da Republica, que, nada poderia dizer — porquanto o seu filho era integralista.

Isso afirma Plinio Salgado.

* Reproduzido de MOURA, M. L. de. Profissãõ de fé. *A Lanterna*, São Paulo, 9 fev. 1935. n. 388, p. 3.

Para não nos alongarmos, deixamos de lado o comentário em torno da resposta desse "príncipe", assim como inútil insistir em analisar a lógica e a força moral dos princípios que se defendem desse modo.

Queremos chegar apenas a uma conclusão: não temos culpa se o ministro Ronald de Carvalho, "príncipe" dos prosadores brasileiros, é político, portanto homem de idéias amorfas. Não sei como se arranjará se, amanhã, um outro filho seu entrasse para o partido comunista. E havemos de chegar muito breve a tais extremos.

Ainda não dissemos a última palavra: está enganado o Sr. Plínio Salgado se pensa explorar assim a todos os intelectuaes brasileiros.

Vejamos, por exemplo, o meu caso. Não sou político, não sou capitalista, não sou funcionário publico, não recebo dos cofres nacionais. Não vivo de nenhuma especie de prostituição. Sou pobre. Sou intelectual. Sou a fragilidade feminina cuja defesa eu focalizei na força moral do carater e da coragem de convicções. Chegamos ao ponto central da minha conclusão: criei uma criança, um sobrinho, eduquei-o ao meu lado, com o meu exemplo, em meio anticlerical, entre revolucionários autênticos — operários, intelectuais livres. Tomei-o aos quatro anos de idade, morou na minha casa, sem interrupção, durante 15 annos. Era meu filho. Chama-se Jair Lacerda Cruz Machado. Por motivos de saúde, saiu de São Paulo, em busca do seu clima natal.

Passou a residir na companhia de sua mãe. Entreguei-o apto a lutar pela vida, com oito preparatórios.

Passaram-se annos. Meia duzia, mais um pouco.

A sua attitude de algum tempo a esta parte me fez desconfiar que Jair entrara para as fileiras integralistas. Nada indaguei. Esperei que uma nesga de carater lhe fizesse me vir dizer alguma coisa — diante da minha attitude: talvez o intelectual brasileiro cuja coragem decisiva tenha enfrentado mais heroicamente, face a face, o fenomeno fascista, em ensaios consecutivos, inclusive no meu último livro "Clero e fascismo — horda de embrutecedores!"

Ha meia duzia de dias eu tive a confirmação: não só Jair é integralista como até já é tenente.

Pois bem: meu filho adotivo morreu.

Somos a ponte entre duas epochas. Não é mais possível nenhuma attitude ambigua.

Ele é soldado da Igreja, do Despotismo, do Terror, da Violencia pela Violencia.

Eu, de há muito, me alistei no exercito da Paz, e defendi, pela razão e pelo coração, a Liberdade — contra a Autoridade. Sou contra a Violencia. Mas, não admito nenhuma Ditadura. Não uso armas. E sou livre, porque a minha consciencia é livre. Nunca matarei. Prefiro morrer a matar.

Estou ao lado dos oprimidos. Os outros estão se aprestando para defender a Igreja, o Capital e o Estado despotico, a violencia e o terror.

Armas desiguaes . . . Lutas desiguaes.

Meu filho adotivo morreu. Si amanhã uma "expedição punitiva" vier em minha busca, Jair pode sossegadamente fazer parte do bando — não o reconhecerei no meio dos seus pares.

Não lhe tiro o direito de ser livre. Mas toda liberdade exclue o direito de oprimir o semelhante.

O fascista quer a liberdade para massacrar a liberdade do proximo.

É contra a tirania para se tornar tirano.

Pois bem: que cada qual se arme dentro da sua trincheira.

As minhas armas: a minha pena incorruptivel e força moral de meu character, incastoadado na minha fraqueza fisica de mulher.

Meu filho morreu. A minha consciencia continua livre.

1.3 Declaração *

"A escritora Maria Lacerda de Moura retira-se da Rosa Cruz"

Declaro que me retirei da Escola Inicial Rosa Cruz, de Ciências Ocultas, cujo instrutor é o Dr. Krumm-Heller e cuja sede se acha situada na Alemanha (Berlín — Heligense).

De ha muito eu esperava ter em mãos a documentação segura de que o Dr. Krumm-Heller pretendia fazer do nucleo Rosa Cruz do Brasil um centro de defesa do fascismo alemão. De posse, agora, dessa documentação declaro que não posso harmonizar os estudos de ciencias ocultas e o despertar das minhas energias internas com os interesses da reação nazista ou com a defesa da tirania de Hitler.

A documentação a que me refiro é uma carta do Dr. Krumm-Heller, cuja copia e tradução me foram entregues, depois de eu mesma ter verificado a autenticidade da assinatura — Huiracocha, Rosa Cruz — do Dr. Krumm-Heller.

São Paulo, Abril de 1935.

Maria Lacerda de Moura

1.4 Necrológio **

Um jornal do Rio de Janeiro, na seção de avisos funebres, publicou um convite que, com certeza, passou despercebido a muita gente. Foi o convite para o enterro da Sra. Maria Lacerda de Moura. Em outros jornais não encontramos nenhuma palavra a esse respeito, nem

* Reproduzido de MOURA, M. L. de. Declaração. *A Lanterna*, 18 maio 1935. n. 395, p. 1.

** Reproduzido de UMA escritora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1945. n. 23 165, Notícias Diversas, p. 6.

sequer as linhas habituais com que se registra o falecimento das pessoas mais modestas.

No entanto a Sra. Maria Lacerda de Moura deixou fortes vestígios da sua passagem pela terra. Nascida em Minas, formada pela Escola Normal, dedicou-se desde muito jovem ao magisterio e ás letras. Mas trazia na alma, cheia de idealismo e de desprendimento, toda a inquietação do seu tempo.

Dai, talvez, os obstáculos que encontrou na carreira, e que foram crescendo a cada passo, a ponto de lhe impedirem a conquista de um lugar de relevo no nosso mundo intelectual, lugar a que tinha direito.

Ainda estava na terra natal quando publicou o primeiro livro. Foi um grito tão forte, tão inesperado na defesa dos direitos da mulher, que o Brasil inteiro fixou nela olhos curiosos. Ao rumor do primeiro exito transferiu-se para o Rio de Janeiro e, depois, para S. Paulo. Aqui lutou heroicamente para viver. Publicou uma revista que, literariamente, alcançou exito, mas financeiramente lhe agravou as amarguras. Escreveu livros, folhetos, artigos de jornal. Fez conferencias. Traduziu obras de Han Ryner, um velho sonhador de Paris, e se fez apostolo da sua nobre filosofia. A sua obra contra o fascismo desde os primeiros dias, foi admiravel. No nosso meio, trouxe oposições, inquietações, tumultos.

Um dia, desgostosa da multidão, retirou-se para Guararema e lá viveu num rancho, a beira de uma estrada. Mais tarde, lá mesmo, não encontrou a paz que desejava e retirou-se para o Rio de Janeiro, fixando-se num daqueles suburbios que parecem a mil quilometros do mundo. Estudava, como sempre. É o seu estudo foi tão profundo que ela acabou por perder contato com os homens. Penetrou pela porta estreita da metafisica, libertou-se, alcançou climas tão altos e tão diferentes que quando ela falava os homens do quarteirão sorriam...

Ela esqueceu-se do mundo, e o mundo esqueceu-se dela. Ha bem uns dez anos que o seu nome não aparecia como antigamente, no alto de um livro ou de um folheto, ou mesmo numa coluna de jornal. Suas ultimas colaborações foram para o "Jornal do Commercio". Mas isso já faz muito tempo. Ninguem mais se lembra daqueles artigos, uns artigos de cultura que ela convertia em artigos de primeira necessidade.

A 20 do corrente, segundo o aviso publicado pela familia no "Correio da Manhã" do dia seguinte, ela, a sonhadora de outros tempos, fechou os olhos para o mundo. Nem sequer assistiu ao fim do nazismo, contra o qual tão valentemente combateu. Hoje deve repousar num recanto qualquer da hospitaleira terra carioca. Sua morte passou despercebida. Mas um dia, quando voltar a paz dos espiritos, quando se fizer o balanço da nossa época, seu nome será lembrado. A justiça é uma deusa velha, tão velha que anda devagar, arrastando os pés pesados como chumbo.

(Sem assinatura.)

2 Acervo documental

2.1 Documentação pessoal, apontamentos, cartas e registros

Apontamentos de D. Clarieta Lacerda Cesar (Barbacena, MG).

Apontamentos de Carlos Mario Lacerda da Cruz Machado (Barbacena, MG).

Apontamentos de Giuseppe Arturo de Bernardi, para seu trabalho a respeito da colônia de Guararema (São Paulo, SP).

Cartas do Dr. Attila da Cruz Machado (Rio de Janeiro, RJ, 1980).

Cartas de Giuseppe Arturo de Bernardi (São Paulo, SP, 1977).

Carta de D. Richet, Institut Français d'Histoire Sociale revelando a existência de cartas de Guararema no Acervo de É. Armand (Paris, 1977).

Carta de Rudolf de Jong, Instituut voor Sociale Geschiedenis, Amsterdam (Amsterdam, 1977).

Cartas de Achile Roosval (Guararema, SP, 1925-6).

Cartas de A. Néblind (Guararema, SP, s/d; Orleans, 1937-8).

Carta de Arturo Campagnoli (Guararema, SP, 1938).

Cartas de Jean Moura (Guararema, SP, 1926-7).

Cartas de Louis Uhr (Montereau, 1926, 1930).

Cartas de Maria Lacerda (Guararema, SP, 1929, 1932; Rio de Janeiro, RJ, 1938, 1943).

Cartas de Wladimir Muñoz (Montevideu, 1954).

Cartaz da conferencia de Maria Lacerda de Moura; Federação Operária Mineira (Juiz de Fora, 1920).

Registro de falecimento

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 21, 22 mar. 1945, p. 5.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 mar. 1945, p. 12.

Visita ao túmulo (Cemitério S. João Batista)

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 20 mar. 1946, p. 5.

2.2 Referências impressas à obra de Maria Lacerda de Moura

ago. 1918 — Uma escriptora mineira. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 51.

1 ago. 1918 — Publicações. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 4.

5 ago. 1918 — Maria Lacerda de Moura — Em torno da educação. *Jornal do Commercio*, São Paulo, p. 3.

set. 1918 — Em torno da educação. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 52.

- 31 jan. 1920 — O que se imprime e recebemos. *A Plebe*, São Paulo, p. 2.
- 6 fev. 1920 — Educação e ensino. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, p. 1.
- 22-25 fev. 1920 — OTICICA, J. Renovação. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, p. 1.
- dez. 1920 — Renovação. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 79.
- 13 abr. 1921 — PENTEADO, João. Atravez dos livros: "Renovação". *A Vanguarda*, São Paulo, p. 1.
- 28 jun., 6 jul. 1921 — GUIDO, Angelo. O problema da educação; libertemos as crianças!. *A Tribuna*, Santos, p. 2.
- 1 jul. 1921 — D. Maria Lacerda de Moura: a conferencia de hontem. *A Tribuna*, Santos, p. 1.
- 2, 21, 22 jul. 1921 — GUIDO, Angelo. O problema da educação; nem prêmios nem castigos. *A Tribuna*, Santos, p. 1, 2, 2, respectivamente.
- 5, 8 ago. 1921 — O problema da educação; a educação attrahente. *A Tribuna*, Santos, p. 2.
- set. 1921 — Os direitos da mulher. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 88.
- 29 nov. 1921 — Movimento Associativo — Federação Internacional Feminina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 2.
- 15 abr. 1922 — Federação Internacional Feminina. *A Plebe*, São Paulo, p. 4.
- maio 1922 — Federação Internacional Feminina. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 96.
- ago. 1922 — Vida feminina. *Revista Feminina*, São Paulo, n. 99.
- 23 set. 1922 — Conferência de MLM na União dos Trabalhadores Graphics. *A Plebe*, São Paulo, p. 3.
- 19 dez. 1922 — A mulher e a maçonaria. *A Plebe*, São Paulo, p. 4.
- 30 dez. 1922 — A fraternidade e a escola. *A Plebe*, São Paulo, p. 4.
- 1922 — CARNEIRO LEÃO, A. A educação da mulher e o seu papel de educadora. In: — *Os deveres das novas gerações brasileiras*. Rio de Janeiro, Soc. Ed. de Propaganda dos Paizes Americanos. p. 161-74.
- mar./abr. 1923 — Como nos receberam. *Renascença*, São Paulo.
- 22 mar. 1923 — Renascença. *O Internacional*, São Paulo, p. 1.
- abr. 1923 — RIBEIRO FILHO, Domingos. Veneno literário. *Renascença*, São Paulo.
- abr. 1923 — LUZ, Fábio. Bibliografia artística. MLM — A mulher é uma degenerada?. *Brasileira*, Rio de Janeiro.
- 1 maio 1923 — Renascença — Maria Lacerda. *Nosso Jornal*, Rio de Janeiro, p. 4.

- 4 ago. 1923 — União dos Artífices em Calçados. *A Plebe*, São Paulo, p. 2.
- 18 ago. 1923 — União dos Trabalhadores Graphics — conferência. *A Plebe*, São Paulo, p. 3.
- 4 set. 1923 — O festival de 25 de agosto. *A Plebe*, São Paulo, p. 2.
- 10, 27 out. 1923 — SILVA, Isabel. Ponderando... *A Plebe*, São Paulo, parte I, II, p. 2, 3, respectivamente.
- 1 nov. 1924 — A mulher é uma degenerada?. *O Internacional*, São Paulo, p. 1.
- 15 nov. 1924 — PALÁCIOS, Alfredo. A mulher é uma degenerada?. *O Internacional*, São Paulo, p. 1.
- 15 fev. 1925 — Petulância. *O Internacional*, São Paulo, p. 1.
- 28 jun. 1926 — Religião do amor e da beleza. *Jornal do Commercio*, São Paulo, p. 1.
- 10 jul. 1926 — Religião do amor e da beleza. *Jornal do Commercio*, São Paulo, p. 3.
- dez. 1927 — Enquete sobre a emancipação feminina. *A Vida Moderna*, São Paulo.
- 15 dez. 1927 — O voto feminino. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 19 dez. 1927 — Duas personalidades femininas. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 24 set. 1928 — BRANCO, Luiza P. C. Macacos ou tico-ticos?. *O Combate*, São Paulo, p. 5.
- 24 set. 1928 — O empastelamento de "Il Piccolo". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 4.
- 28 set. 1928 — MEIRA, Miguel. Nosso dever; à mocidade paulista. *O Combate*, São Paulo, p. 6.
- 2 out. 1928 — Significativa homenagem à escriptora MLM em Jahú. *O Combate*, São Paulo, p. 2.
- 8 out. 1928 — NÉBLIND, A. Tartufos! Não basta, não!. *O Combate*, São Paulo, p. 2.
- 12 out. 1928 — BRANCO, Brito. Defesa? Não; applausos. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 24 jan. 1929 — Anúncio de *De Amundsen a Del Prete*. *O Combate*, São Paulo, p. 2.
- 30 maio 1929 — Proletcultura; uma nesga de luz. *O Combate*, São Paulo, p. 4.
- 10 jul. 1929 — LACERDA, Maurício. Maria Lacerda de Moura na Argentina. *O Combate*, São Paulo, p. 6.
- 15 jul. 1929 — DE FLORES, Nina. Embajadora...? Si...!. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 16, 18 jul., 22 ago. 1929 — Maria Lacerda de Moura na Argentina. *O Combate*, São Paulo, p. 1, 4, 4, respectivamente.

- 20 jul. 1929 — Alguns fascistas quiseram provocar desordens. *O Combate*, São Paulo, p. 1.
- 1 ago. 1929 — URRUTIA, D. Godoy. Maria Lacerda é uma mulher culta e emancipada, inflamada embaixatriz intelectual. *O Combate*, São Paulo, p. 5.
- 29 ago. 1929 — MORTILLARO, Gaspar. D. Maria Lacerda de Moura. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 14 set. 1929 — Uma entrevista com Maria Lacerda de Moura. *O Combate*, São Paulo, p. 3.
- 1929 — BRITO, Cândida de. *Anthologia feminina*. 2. ed. Rio de Janeiro, Edição de "A dona de casa", 1929. p. 28-9.
- 27 jun. 1931 — Consagração de uma escriptora brasileira. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro.
- 1931 — PAGU [Patrícia Galvão]. Maltus Alem. *Mulher do Povo*, São Paulo, p. 81.
- 8 mar. 1934 — A conferência na Liga Anticlerical. *A Lanterna*, São Paulo, p. 3.
- 19 abr. 1934 — Nossa estante: "Han Ryner e o amor plural". *A Lanterna*, São Paulo, p. 3.
- 5 fev. 1935 — MLM — Clero e fascismo — horda de embruteceadores!. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, p. 5.
- 15 jun. 1935 — Segundo aniversário da Liga Anticlerical de Campinas. *A Lanterna*, São Paulo, p. 1.
- 3 ago. 1935 — Anúncio de Clero e fascismo — horda de embruteceadores!. *A Plebe*, São Paulo, p. 2.
- 19 set. 1935 — Crítica e doutrina: "Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital". *A Plebe*, p. 4.
- 28 set. 1935 — Maria Lacerda de Moura e seu último livro. *A Plebe*, São Paulo, p. 4.
- 12 out. 1935 — CATALO, Pedro. Os pontos nos ii; ainda o último livro de D. Maria Lacerda de Moura. *A Plebe*, São Paulo, p. 3.
- 12 out. 1935 — SALGUEIRO, Osvaldo. Com o "camarada" A. N. *A Plebe*, São Paulo, p. 2.
- 1939 — GUASTINI, Mário. Uma pensadora. In: —, *Na caravana da vida*. Rio de Janeiro, Pongetti. p. 215-22.
- 1942 — MELO, Aníbal Vaz de. *O evangelho à luz da astrologia*; as origens astronômicas do cristianismo. Sem notas tipogr. p. 31-42.
- 29 mar. 1945 — Notícias diversas: uma escritora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 6.
- 3 abr. 1945 — SALGUEIRO, Osvaldo. Faleceu a escritora MLM. *A Noite*. São Paulo, p. 3.
- 9 dez. 1945 — Maria Lacerda de Moura. *A Tribuna*, Santos.
- 1953 — MUNOZ, Wladimir. Maria Lacerda de Moura. *Cahiers des Amis de Han Ryner*, 30:3-6, 3.º trimestre.

- 1956 — TAQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre, E. Thurmans. 5 v.
- 1958 — SCHMIDT, Afonso. Maria Lacerda de Moura. In: —. *Bom tempo*. São Paulo, Brasiliense. p. 362-8.
- 1970 — OTTICICA, José. Ação direta; antologia dos melhores artigos publicados na imprensa brasileira — meio século de pregação libertária. Sel., introd. e notas de Roberto das Neves. Rio de Janeiro, Germinal, p. 28, 31-3, 87-90.
- 1972 — RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social — 1913-1922*. Rio de Janeiro, Laemmert. p. 284, 291.
- 1973 — DULLES, John W. Foster. *Anarchists and communists in Brazil — 1900-1935*. Austin, Univ. of Texas. Trad. portuguesa da Nova Fronteira, 1977.
- 1976 — PEREIRA, Maura de Senna. A nova mulher. In: —. *Nós e o mundo*. Rio de Janeiro, Liv. S. José. p. 57-8.
- 1978 — BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*; memórias. Pref. de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo, Alfa-Omega. v. I, p. 264-5.
- 29 jul. 1979 — DIAS, Giocondo. O PCB encara a democracia — O homem da segurança só fala no Comitê Central. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 3.
- 1979 — DE DECCA, Edgar Salvatori. *Dimensões históricas do insucesso político*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP. p. 249. Publicada pela Brasiliense sob o título *1930: o silêncio dos vencidos*.
- 1979 — MOREIRA ALVES, Branca Maria. *Feminismo. Mulher brasileira*; bibliografia anotada. São Paulo, Brasiliense/Fund. Carlos Chagas. p. 209-70.
- 1979 — MOREIRA LEITE, Miriam L. Quem foi Maria Lacerda de Moura?. *Educação & Sociedade*, Campinas, 2:5-24, jan.
- 1979 — RODRIGUES, Edgar. *Novos rumos*; história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil — 1922-1946. Rio de Janeiro, Mundo Livre. p. 49-52, 385-6.
- 22 jun. 1980 — DACANAL, José Hildebrando. Revolução de 30 define país industrial e urbano. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 148.
- 1980 — BOSI, Eclea. *Memória de velhos*. São Paulo, TAQ Ed. Depoimento de D. Lavinia.
- 1980 — BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel*; a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP. Mimeo.
- 1980 — JOFFILY, José. *Anayde Beirez*; paixão e morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro, CBAG Ed. p. 86.
- 1980 — RODRIGUES, Edgar. *Socialismo: uma visão alfabética*. Rio de Janeiro, Porta Aberta. p. 37, 200-1.

- 1981 — HAFNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas — 1850-1937*. São Paulo, Brasiliense. p. 102 et seq.
- 1981 — MOREIRA LEITE, Miriam L. *Contribuição pacifista de uma feminista brasileira — 1927-1935*. Apresentado no VI Encontro da ANPOCS. Nova Friburgo, RJ, out. 1982.
- mar.-abr. 1982 — Eu, Maria Lacerda de Moura... *Mulherio*, n. 6.
- 1983 — MOREIRA LEITE, Miriam L. Maria Lacerda de Moura: imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmem, coord. *Mulher, mulheres*. São Paulo, Fund. Carlos Chagas/Cortez & Moraes.

2.3 Cronologia de Maria Lacerda de Moura

Idade	Ano	Ocorrência	Local
	1887	Nascimento: Fazenda Monte Alverne	Manhuaçu, MG
4	1891	Mudança para a cidade — Cartório de Órfãos	Barbacena, MG
5	1892	Curso primário: Externato de freiras do Asilo de Órfãos e aulas particulares	Barbacena, MG
12	1899	Matrícula na Escola Normal Municipal	Barbacena, MG
16	1904	Formatura como professora	Barbacena, MG
18	1905	Casamento com Carlos Ferreira de Moura	Barbacena, MG
21	1908	Professora de trabalhos e diretora do Pedagogium	Barbacena, MG
25	1912	Começa a mandar crônicas para o jornal local Adoção de Carminda e Jair (dos 3 aos 15 anos) Construção de Vila D. Viçoso e de um Lactário Criação da Liga contra o Analfabetismo	Barbacena, MG
26	1913	Luta de idéias com pessoa da família	
31	1918	Publica <i>Em torno da educação</i>	Barbacena, MG
31	1918	Correspondência com José Oiticica e Gafão Coutinho	Barbacena, MG
32	1919	Publica <i>Renovação</i>	Barbacena, MG

Idade	Ano	Ocorrência	Local
33	1920	Primeira conferência fora de Barbacena	Juiz de Fora, MG
34	1921	Segunda conferência fora de Barbacena	Santos, SP
34	1921	Mudança para São Paulo; encontro com Angelo Guido	São Paulo, SP
34/6		Federação Internacional Feminina	Santos e São Paulo, SP
35	1922	Conferência no Festival dos Trabalhadores Gráficos	São Paulo, SP
35	1922	Exoneração da Federação Internacional Feminina	São Paulo, SP
36	1923	Festival de <i>A Plebe</i> Conferência no Instituto Histórico e Geográfico e no Centro Espiritualista e Filosófico	São Paulo, SP
36	1923	Publicação de <i>Renascença</i> (3 números)	São Paulo, SP
36	1923	Conferência no Centro Internacional	Santos, SP
37	1924	Conferência no Salão Lyra (1.º de maio)	São Paulo, SP
37	1924	Conferência no Salão Itália Fausta	São Paulo, SP
37	1924	Lançamento de <i>A mulher é uma degenerada?</i>	São Paulo, SP
39	1926	Publicação de <i>Religião do amor e da beleza</i> Encontro com Han Ryner e A. Néblind	São Paulo, SP
40	1927	Cura do estrabismo	São Paulo, SP
41	1928	Luta contra o fascismo a partir de <i>O Combate</i> Mudança para o retiro (chácara D. Maria Lacerda)	São Paulo, SP Guararema, SP
42	1929	Conferências para a Internacional do Magistério Americano Encontro com Luís Carlos Prestes no "Alcântara"	Buenos Aires Rosário Rio de Janeiro, RJ
44	1931	Publica <i>Civilização — tronco de escravos</i>	Rio de Janeiro, RJ

Idade	Ano	Ocorrência	Local
45	1932	Conferência no Sindicato de Condutores de Veículos, Vila Matias	Santos, SP
45	1932	Publica <i>Amai e... não vos multipliqueis</i>	Rio de Janeiro, RJ
46	1933	Conferência pacifista pró- <i>A Plebe</i>	São Paulo, SP
46	1933	Publica <i>Serviço militar obrigatório para a mulher? — Recusome! Denúncio!</i>	São Paulo, SP
47	1934	Conferência pela Liga Anticlerical	Campinas, SP
47	1934	Conferência antifascista	Sorocaba, SP
47	1934	Publica <i>Clero e fascismo — horda de embrutecedores e Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital</i>	São Paulo, SP
		Tratamento de saúde	Rio de Janeiro, RJ
48	1935	Rompimento com a Rosa Cruz	Guararema, SP
		Antiintegralismo — profissão de fé	São Paulo, SP
		Comité Feminino contra a Guerra	São Paulo, SP
50	1937	Fuga à repressão do Estado Novo	Barbacena, MG
51	1938	Refúgio no espiritualismo e trabalho no ensino comercial	Rio de Janeiro, RJ
51	1938	Mudanças de Copacabana para Tijuca e Ilha do Governador	Rio de Janeiro, RJ
56	1943	Volta a Barbacena, quando a mãe morre	Barbacena, MG
57	1944	Última conferência, na Rosa Cruz	Rio de Janeiro, RJ
58	1945	Morte na Rua Mem de Sá, 215/1905, Ed. União	Rio de Janeiro, RJ
58	1945	Enterro no Cemitério de S. João Batista	Rio de Janeiro, RJ

2.4 Depoimentos (Escritos, impressos, gravados e captados)

Dulce Helena Pessoa Ramos (São Paulo, SP)
 Eduardo Maffei (São Paulo, SP)
 Jovina Alvares Pessoa (São Paulo, SP)
 Lígia Correia Dias de Moraes (São Paulo, SP)
 Paulo Emílio Salles Gomes (São Paulo, SP)

Attila da Cruz Machado (Rio de Janeiro, RJ)
 Duval Ernani de Paula (Rio de Janeiro, RJ)

Elice Munerato (Rio de Janeiro, RJ)
 Maura Senha Pereira (Rio de Janeiro, RJ)
 Octavio Brandão (Rio de Janeiro, RJ)

Albina Moreira Lima (Barbacena, MG)
 Alfredina Renault de Lima e Costa (Barbacena, MG)
 Anita Coutinho (Barbacena, MG)
 Carlos Mário Lacerda da Cruz Machado (Barbacena, MG)
 Graciema S. G. Bertolotti (Barbacena, MG)
 Heraldo Marelím Viana (Barbacena, MG)
 Hideuzuita Guimarães (Barbacena, MG)
 Joaquim L. dos Santos Neto (Barbacena, MG)
 José Bonifácio Lafayette de Andrada (Barbacena, MG)
 Joseline Santos (Barbacena, MG)
 Maria Natalina de Castro Carvalho Dias (Barbacena, MG)

Eliane Schmaltz Ferreira (Uberlândia, MG)

Alba Campagnoli (Guararema, SP)
 Alberto da Venda (Guararema, SP)
 Armando de Paula (Guararema, SP)
 Brasília Freire Martins (Guararema, SP)
 Hepatia Marques de Carvalho (Guararema, SP)
 Magnolia Hart (Guararema, SP)
 Marcelino Gerbásio (Guararema, SP)
 Nicota do Zizinho Marcondes Flores (Guararema, SP)

Cassiano Nunes (Santos, SP)
 Marcos dos Santos (Santos, SP)
 Nair de Lacerda (Santos, SP)

Diva Kaastrup (Porto Alegre, RS)

Wladimir Muñoz (Montevideu)

2.5 Autores mais citados

Albana, Marguerite	Castro, Tito Lívio de
Armand, Émile	Cristo
Barbusse, Henri	D'Annunzio, Gabriel

Drysdale, George
Einstein, Albert
Ellis, Havelock
Epitecto
Ferrer, Francisco
France, Anatole
Freud, Sigmund
Gandhi, Mahatma
Ibsen, Hendrik
Ingenieros, José
Key, Ellen
Kollontai, Alexandra
Malatesta, Erico

2.6 Temário

Amor
Anarquismo
Anticlericalismo
Antifascismo
Autoritarismo

Calúnias
Caridade
Casamento
Ciência
Civilização
Clero
Comunismo
Crise moderna

Deseducação
Desocupados

Educação
— feminina
— moderna
— sexual

Emancipação feminina
Estado capitalista
Estoicismo
Explorados

Família
Fascismo
Feminismo
Fidelidade

Governo
Guerra

Idealismo
Ideologias
Individualismo
Intelectuais

Leis
Liberdade
Literatura

Materialismo
Maternidade
Monogamia

Nacionalismo
Naturismo
Neutralidade

Objeção de consciência

Malthus, Thomas Robert
Marañon, Gregorio
Mariani, M.
Marinetti, Filippo Tommaso
Nietzsche, F.
Papini, Giovanni
Pirandello, Luigi
Platão
Rolland, Romain
Ryner, Han
Schmidt, Afonso
Sócrates
Tolstoi, Leão

Pacifismo
Pedagogia
Poligamia
Proletcultura
Prostituição
Psicanálise

Racismo
Rebeldia
Religião
Resistência
Revolta
Revolução

Sexos
Silêncio
Sistema capitalista
Solidariedade
Superstição

Trabalho manual

Utopia

Vegetalismo
Violência
Voto

2.7 Relação de periódicos consultados

2.7.1 Jornais

A Lanterna, São Paulo, 1933-5
A Noite, 1945
A Plebe, São Paulo, 1919-20, 1927, 1935
A Tribuna, Santos, 1921, 1945
A Vanguarda, Rio de Janeiro, 1921
Cidade de Barbacena, Barbacena, 1937-9
Diário de S. Paulo, São Paulo, 1929, 1937
Jornal de Debates, Rio de Janeiro, 1951
Jornal do Commercio, São Paulo, 1918-26
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1938-46
Nossa Voz, São Paulo, 1933
Nosso Jornal, Rio de Janeiro, 1923
O Combate, São Paulo, 1927-9
O Corymbo, Porto Alegre, 1921-2
O Debate, Rio de Janeiro, 1917
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1919, 1921
O Grito Operário, São Paulo, 1920
O Internacional, São Paulo, 1921-9
O Nacionalista, Barbacena, 1937-9
Voz Cosmopolita, Rio de Janeiro, 1924
Voz do Povo, Rio de Janeiro, 1920

2.7.2 Revistas

A Palavra, São Paulo, 1925
A Vida Moderna, São Paulo, 1924-7
Clarté (Revista de Ciências Sociais), Rio de Janeiro, 1921
Fon-Fon, Rio de Janeiro, 1920, 1923, 1925
Luzes Femininas, Rio de Janeiro, 1934
Movimento Comunista, São Paulo, 1923
O Malho, Rio de Janeiro, 1927-9
Renascença, São Paulo, 1923
Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1923, 1929
Revista da Semana, Rio de Janeiro, 1928-30
Revista Feminina, São Paulo, 1918-25

2.8 Bibliotecas particulares

Os livros e textos de conferências de Maria Lacerda de Moura foram comprados no comércio de livros usados ou emprestados por:

Attila da Cruz Machado (Rio de Janeiro, RJ)
 Brazilina Grant Marzano (Guararema, SP)
 Carlos Mario L. da Cruz Machado (Barbacena, MG)
 Diva Kaastrup (Porto Alegre, RS)
 Dulce Mattos (São Paulo, SP)
 Ecléa Bosi (Cotia, SP)
 Edgar Carone (Bofete, SP)
 Giuseppe Arturo de Bernardi (São Paulo, SP)
 Jaelson Bitran Trindade (São Paulo, SP)
 Joseline Santos (Barbacena, MG)
 José Paulo Paes (São Paulo, SP)
 Jovina Alvares Pessoa (São Paulo, SP)
 Maria Lucia de Barros Mott (Ribeirão Preto, SP)
 Maria Tereza Vargas (São Paulo, SP)
 Marina Correa Vaz (São Paulo, SP)
 Nair de Lacerda (Santo André, SP)
 Paulo Emilio Saines Gomes (São Paulo, SP)
 Paulo Sérgio Pinheiro (São Paulo, SP)

2.9 Bibliotecas e arquivos públicos

Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo, SP
 Arquivo Edgar Leuenroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP
 Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, RJ
 Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
 Biblioteca do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, SP
 Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, RJ
 Biblioteca Municipal Mario de Andrade, São Paulo, SP
 Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ
 Bibliothèque Nationale, Paris
 Institut Français d'Histoire Sociale, Paris
 Redação de *Cidade de Barbacena*, Barbacena, MG
 Setor de Documentação, Dept.º de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

BIBLIOGRAFIA

(Livros e artigos citados)

- ABENSOEUR, Leon. *La femme et le féminisme avant la Révolution*. Paris, Ernest Leroux, 1923.
- ALCANTARA MACHADO, A. *Cavaquinho e saxofone*; solos, 1926-1935. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1940.
- ALVES, Branca Moreira. *Feminismo. Mulher brasileira*; bibliografia anotada. São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 209-70.
- . *Ideologia e feminismo*; a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980.
- ARMAND, E. *Ce que nous entendons par "liberté de l'amour"*. Orleans, Supplément à l'en dehors, s/d.
- . *Milieux de vie en commun et "colonies"*. Paris, l'en dehors, s/d.
- BASTIDE, Roger. *O negro na imprensa e na literatura*. São Paulo, ECA/USP, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Discursos interrompidos*. Pról. trad. e notas de Jesus aguirre. Madrid, Taurus Ediciones, 1973. v. I.
- BESSE, Susan K. *Freedom and bondage: the impact of capitalism on women in São Paulo — 1917-1937*. New Haven, Yale University, 1983. mimeo.
- BLAY, Eva Alterman. *As prefeitas*; a participação política da mulher no Brasil. Rio de Janeiro, 1981.
- BOSCOLO, J. Carlos. *Proletcultura. O Combate*, São Paulo, ano XV, 21 maio 1929, n. 5 046, I. *Sociologia*, p. 27; 22 maio 1929, n. 5 047, II. *Arte*, p. 6; 23 maio 1929, n. 5 048, III. *História*, p. 4; 24 maio 1929, n. 5 049, IV. *História moral*, p. 4; 25 maio 1929, n. 5 050, V. *Ditadura*, p. 8; 27 maio 1929, n. 5 051, VI. *Educação*, p. 4; 28 maio 1929, n. 5 052, VII. *Ensino de ódio-ensino de amor*, p. 5; 29 maio 1929, n. 5 053, VIII. *Soldadinhos de chumbo*, p. 4; 30 maio 1929, n. 5 054, IX. *Uma nesga de luz...*, p. 4.
- BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*; memórias. São Paulo, Alfa-Omega, 1978. v. I.
- BURTONI, Dulcília. *Mulher de papel*; a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Tese de doutoramento de teoria literária e literatura comparada. São Paulo, FFLCH/USP, 1980; publicada pela Loyola, 1981.

- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Catolicismo e família no Brasil contemporâneo. *Estudos Cebrap 12*. São Paulo, Edições Cebrap, abr.-maio-jun. 1975, p. 151-60.
- . *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAMPOS, Augusto de, org. *Pagu: vida e obra*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1977.
- CARNEIRO LEÃO, A. *São Paulo em 1920*. Rio de Janeiro, Anuario Americano, 1920.
- . *Os deveres das novas gerações brasileiras*. Rio de Janeiro, Soc. Ed. de Propaganda dos Paizes Americanos, s.d.
- . *Planejar e agir*. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1942.
- CARR, E. H. *Estudios sobre la revolución*. Trad. Eugenio Gallego. Madrid, Alianza, 1970.
- . *Vinte anos de crise — 1919-1939*. Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília, Ed. Univ. de Brasília, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. Barbacena: a família, a política e uma hipótese. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, (20):125-93, jan. 1966.
- CASTRO, Tito Lívio de. *A mulher e a sociogenia*. Obra póstuma. Dir. Manoel da Costa Paes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, [1887].
- CAVALHEIRO, Edgard, org. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1944. 282 p.
- CERRUTI, Isabel. A moral nos lares. *A Plebe*, São Paulo, 20 nov. 1920. n. 50, p. 3.
- COMPÊNDIO de civilidade para uso das famílias e dos institutos educativos. 6. ed. São Paulo, Salesiana, 1926. (Coleção P.S.S.)
- COSTA, Ana Maria da. *A educação em S. Paulo na República Velha*. Tese de mestrado. São Paulo, Fac. Educação, 1980.
- CRESCENTI, Maria Thereza Caiuby. A profissionalização da religiosa. Apud CADERNOS DO CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS. A mulher na sociedade brasileira, (8):4-31, out. 1975. Número especial.
- DE DECCA, Edgar. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DIAS, Giocondo. O PCB encara a democracia — O homem da segurança só fala no Comitê Central. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1979. p. 3. Especial.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque; rev. técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. A Igreja e as classes populares em Minas na década de vinte. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, 49 :71-98, jul. 1979.

- ENTRALGO, Pedro Lain. *Teoría y realidad del otro*. Madrid, Revista de Occidente, 1961. 2 v.
- FAURÉ, Sebastien. *L'encyclopédie anarchiste*. Paris, Oeuvre Internationale des Éditions Anarchistes, s/d. 4 v.
- FERNANDES, Florestan. *As "tracinhas" do Bom Retiro*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1947. Separata da *Revista do Arquivo*, 113.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil — 1890-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia Anotada*; mulher brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1979-81. 2 v.
- GOUVEIA, A. J. Milhares de normalistas e milhões de analfabetos. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 9 (17):114-40, maio-ago. 1961.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular*; pulsações políticas do desejo. Sel. pref. e trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- HÄHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas — 1850-1937*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- . *Feminism, women's rights and the suffrage movement in Brazil (1850-1932)*. *Latin American Research Review*, 15 (1):65-111, 1981.
- HALL, Michael M. & PINHEIRO, Paulo Sérgio. The Clarte group in Brazil. *Mouvement Social*, (111):217-34, avr.-juin., 1980.
- IGLESIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- KANNER, S. Barbara. The women of England in a century of social change — 1815-1914; a select bibliography. In: VICINUS, Martha, ed., *Suffer and be still: women in the victorian age*. Bloomington, Indiana University Press, 1972. p. 172-206. Id., *ibid.*, in: VICINUS, Martha, ed. *A widening sphere: changing roles of victorian women*. Bloomington, Indiana University Press, 1977. p. 199-270.
- KDESTLER, Arthur. *Autobiografia*; el camino hacia Marx. Madrid, Alianza, 1974. v. 2.
- KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. Trad. Galeão Coutinho. São Paulo, Ed. Guaira, s/d.
- KRADOR, Aileen. *The ideas of the woman suffrage movement — 1890-1920*. New York, Doubleday, 1971.
- LEGOUVÉ, Ernesto. *História moral das mulheres*. Trad. João Vieira. Porto, Eugénio Chardrou, 1876.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*; ensaio de sociologia regional brasileira. Rio de Janeiro, Agir, 1944.
- MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Urupês (outros contos e coisas)*. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1945. (Edição Ônibus, org. e pref. por Artur Neves.)
- LOURENÇO FILHO, M. B. As mulheres no magistério. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 dez. 1921. n. 15 666, p. 2.
- LOVE, Joseph L. *São Paulo in the Brazilian Federation — 1889-1937*. California, Stanford University Press, 1980. Trad. p/ o port. sob o título *A locomotiva*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

- LUIZETTO, Flavio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX*. Primeira Jornada Científica da Universidade Federal de São Carlos. nov. 1981. 22 p.
- MACHADO, Roberto et alii. *Danação da norma; medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- . Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, 1979. p. IX-XXV.
- MACHADO DE ASSIS, J. J. Cherchez la femme. In: —. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Aguilar (15 ago. 1881). p. 1 016-7. v. III.
- MAFFEI, Eduardo. Gigi Damiani e outros. *Temas de Ciências Humanas*, 5. São Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979. p. 93-124.
- MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Trad. Fernando Gil. Lisboa, Minotauro, 1962.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Em torno da educação*. São Paulo, Teixeira, 1918.
- . *Renovação*. Belo Horizonte, Typ. Athene, 1919.
- . *A mulher brasileira e o problema trabalhista*. Juiz de Fora, 1920.
- . O problema da educação. *A Tribuna*, Santos, 12 set. 1921. p. 5.
- . *A fraternidade e a escola*. São Paulo, União de Trabalhadores Graphics, 1922.
- . *A mulher e a maçonaria*. São Paulo, Typ. Globo, 1922.
- . *Renascença*, São Paulo, fev.-jun. 1923.
- . *A mulher é uma degenerada?* São Paulo, Typ. Paulista, 1924.
- . *Lições de pedagogia*. São Paulo, Typ. Paulista, 1925.
- . *Religião do amor e da beleza*. São Paulo, Typ. Condor, 1926.
- . Resposta da escritora Maria Lacerda de Moura em "Enquête d'A Vida Moderna". *A Vida Moderna*. (527) 31 dez. 1927.
- . Guerra à guerra. *O Combate*, 20 dez. 1928. n. 4 895, p. 3.
- . *De Amundsen a Del Prete*. São Paulo, Secção de Obras d'O Combate, 1928.
- . Leoncio Correia versus Mme. Chrysanthème. *O Combate*, 12 abr. 1928. n. 4 686, p. 3.
- . Santo Antonio. *O Combate*, 18 jun. 1929. n. 5 070, p. 4.
- . Auto-Biographia. *O Combate*, 3 ago. 1929. n. 5 110, p. 3.
- . A última palavra do General Prestes. *O Combate*, 30 ago. 1929. n. 5 133, p. 1.
- . Mais um dia a bordo. *O Combate*, 18 jul. 1929. n. 5 096, p. 4.
- . Embaixatriz! — Não. *O Combate*, 18 set. 1929. n. 5 149, p. 3.
- . Conservadores ou revolucionários? *O Combate*, 20 set. 1929. n. 5 151, p. 3; 28 set. 1929, n. 5 158, p. 3.
- . O individualismo neo-estoico de Han Ryner. *Feira Literária*, São Paulo, 11:59, nov. 1929.
- . A crise do café. *O Combate*, 12 nov. 1929, n. 5 195, p. 3; 18 nov. 1929, n. 5 199, p. 3; 20 nov. 1929, n. 5 201, p. 3; 9 dez. 1929, n. 5 217, p. 3; 11 dez. 1929, n. 5 218, p. 3.

- . *Civilização — tronco de escravos*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1931.
- . *Clero e Estado*. Rio de Janeiro, Liga Anticlerical, 1931.
- . *Amal... e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1932.
- . *Ferrer, o clero romano e a educação laica*. São Paulo, Editorial Paulista, 1934.
- . *Serviço militar obrigatório para a mulher? — Recuso-me! Denúncia!* São Paulo, A Sementeira, 1933.
- . *Han Ryner e o amor plural*. São Paulo, Unitas, 1933.
- . Guerra à guerra! *A Lanterna*, 2 nov. 1935. n. 402, p. 4.
- . *Clero e fascismo — horda de embruteceadores*. São Paulo, Editorial Paulista, s/d. 212 p.
- . *Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital*. São Paulo, Editorial Paulista, s/d. 227 p.
- . Profissão de fé. *A Lanterna*, 9 fev. 1935. n. 388, p. 3.
- MOREIRA LEITE, Miriam L. Maria Lacerda de Moura: imagem e reflexo. In: BARROSO, Carmen, coord. *Mulher, mulheres*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Cortez & Moraes, 1983.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- NÉBLIND, A. Maria Lacerda de Moura e o seu último livro. *A Plebe*, nova fase, 28 set. 1935. ano III, n. 98, p. 4.
- NOVICOW, J. *A emancipação da mulher*. 2. ed. Lisboa, Arthaud, Bertrand, s/d.
- NUNES, Sílvia Alexim. Medicina social e regulação do corpo feminino. In: FUNDAÇÃO FORD/FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, Pesquisas financiadas pelo 2.º Concurso de Pesquisas sobre Mulher. 1980-1.
- OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político; retórica ou ação pela linguagem*. São Paulo, Kairós, 1979.
- PEIXOTO, Afrânio. *A educação da mulher*. São Paulo, Nacional, 1936.
- PEIXOTO, Anamaria Casassanta. *A reforma educacional Francisco Campos; governo presidente Antônio Carlos*. Dissertação complementar de mestrado em educação. Belo Horizonte, UFMG, 1981. mimeo.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras; presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910*. São Paulo, Martins, s/d.
- PEREIRA, Maura de Senna. *Nós e o mundo*. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1976.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil — 1889-1930; o movimento operário*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979. v. I.
- . *A classe operária no Brasil — 1889-1930; condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo, Brasiliense/Funcamp, 1981. v. II.

- PRANDI, José Reginaldo. Catolicismo e família: transformação de uma ideologia. *CADERNOS CEBRAP*, São Paulo, (21), 1975.
- READ, Herbert. *The meaning of Art*. Middlesex, Penguin Books, 1956.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de masas del fascismo*. Trad. Roberto Bein. Barcelona, Bruguera, 1980.
- RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social — 1913-1922*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1972.
- . *Novos rumos: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil — 1922-1946*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, s/d.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado; crítica ao populismo católico*. São Paulo, Kairós, 1979.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes; mito e realidade*. São Paulo, Quatro Artes, 1969.
- SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. Porto, Tavares Martins, 1946. (Coleção Ortodoxia, 1.)
- SALGUEIRO, Osvaldo. Crítica e doutrina: "Fascismo — filho dilecto da Igreja e do capital". *A Plebe*, nova fase, 19 set. 1935. n. 97, p. 4.
- SCHLESINGER, Rudolf, ed. *The family in the USSR; documents and readings*. London, Routledge & Kegan, 1949.
- SCHMIDT, Afonso. Maria Lacerda de Moura. *Bom Tempo*. São Paulo, Brasiliense, 1958.
- SILVA, Isabel. Ponderando... *A Plebe*, 27 set. 1923, n. 221, p. 3, parte I; 10 out. 1923, n. 222, p. 2, parte II.
- SILVA, Marcos A. da. *Humor e política na imprensa — os olhos de Zé Povo (Fon-Fon: 1907-1910)*. Tese de mestrado. São Paulo, USP, 1981.
- SINGER, Paul I. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana; análise da evolução econômica de São Paulo*, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1968.
- TANURI, Leonor Maria. *O ensino normal no Estado de São Paulo — 1890-1930*. São Paulo, Faculdade de Educação — Estudos e Documentos, 1979.
- TEIXEIRA, Amélia Rosa Sá Barretto & RIBEIRO, Ana Clara Torres. *A habitação no movimento operário*. Texto apresentado na XXXII Reunião Anual da SBPC. Rio de Janeiro, 1980.
- . *Cultura e organização popular*. Texto apresentado na XXXII Reunião Anual da SBPC. Rio de Janeiro, 1980.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1936.
- TEIXEIRA MENDES, R. *A preeminência social e moral da mulher*, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva. Conferência pronunciada a 27 nov. 1908. Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, Igreja Positivista do Brasil.
- VARGAS, Maria Thereza, coord. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

- VERGUEIRO, Laura. O lazer e diversão em São Paulo — o entreguerras. *O Caderno de São Paulo*. São Paulo, Rhodia, 1979.
- WELTER, Barbara. The cult of the true womanhood — 1820-1860. In: GORDON, Michael, ed. *The American family in social history perspective*. 2. ed. New York, St Martin's Press, 1978. p. 313-33.
- WIRTH, John. *Minas Gerais in the Brazilian Federation — 1889-1937*. Stanford, Stanford University Press, 1977.
- XAVIER, Livio. Maria Lacerda de Moura — "Clero e fascismo — horda de embrutecedores". *Diário de S. Paulo*, 5 fev. 1935. n. 211, Livros Novos, p. 5.
- ZETKIN, Clara. *La cuestión femenina y la lucha contra el reformismo*. Trad. Angela Martínez Castells. Barcelona, Anagrama, 1976.